IX FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE:
dificuldades da Psicanálise

ANAIS

Elaine Azevedo
(Organizadora)

Elaine Azevedo
(Organizadora)

ANAIS DO IX FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE: DIFICULDADES DA PSICANÁLISE

Divinópolis (MG)
2020

IX Fórum Mineiro de Psicanálise: dificuldades da Psicanálise
8 e 9 de julho de 2017 – Colégio Loyola – Belo Horizonte (MG)

Contato: **www.forummineirodepsicanalise.com/forum9**

***

Comissão organizadora do *e-book*
Gisele Salem – Parlêtre: Psicanálise, Pesquisa e Transmissão
Juliana Marçal – Faculdade Pitágoras
Júlio Eduardo de Castro – UFSJ
Elaine Azevedo – UEMG Divinópolis
Jailson Salvador da Silva – Litoral Psicanalítico: Pesquisa e Transmissão
Flávia Parizi – Litoral Psicanalítico: Pesquisa e Transmissão
Heloísa Mamede Silva Gonzaga – Escola Freudiana BH/Iepsi

Organização geral Elaine Azevedo
Capa Diêgo Garcia
Fotografia da capa Alexandra Martins
Projeto gráfico Diêgo Garcia e Elvis Gomes
Revisão geral Elaine Azevedo e Elvis Gomes
Diagramação Elvis Gomes
Suporte técnico Assessoria de Comunicação – UEMG Divinópolis
Apoio Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Unidade Divinópolis

Ficha catalográfica

F745a Fórum Mineiro de Psicanálise (9. : 2020 : Divinópolis, MG)
Anais do IX Fórum Mineiro de Psicanálise [recurso eletrônico]: dificuldades da Psicanálise / Elaine Azevedo (organizadora). – Divinópolis : [s.n.], 2020.
319 p. : il.

Disponível em:
https://www.forummineirodepsicanalise/forum9/

ISBN: 9788554937638

1. Psicanálise. 2. Práxis. 3. Psicologia clínica. I. Fórum Mineiro de Psicanálise. II. Azevedo, Elaine. III. Título.

CDD 616.8917
CDU 616.891.7

(Elaborada pela bibliotecária Lorena J. Melo Mendonça – CRB-6/3161)

Sumário

APRESENTAÇÃO 4

PROGRAMAÇÃO 5

NOTA 11

ANAIS DO IX FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE 12

RESUMOS EXPANDIDOS DOS TRABALHOS DO X FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE 248

Apresentação

Há cem anos, Freud escreveu o texto "Uma dificuldade no caminho da Psicanálise" (1917), no qual apontou as resistências à prática analítica. O modelo discursivo da época tornava rígidas essas resistências, que eram regidas pelo preconceito, por uma não aceitação das ideias e pelos conceitos trazidos à luz pela Psicanálise, tais como o inconsciente e o sexual.

Com a Psicanálise, veio o terceiro golpe narcísico na civilização – o psicológico –, em que ela desassossega: "O eu não é senhor de sua própria casa".

O deslocamento da certeza científica de que o homem era dono consciente de si para outra cena que se apresenta nos atos falhos, nos esquecimentos, nos sonhos e nos sintomas fere, profundamente, o amor próprio do homem. Sustentando o conflito pulsional consciente/inconsciente e seus efeitos, a Psicanálise persiste em seu caminho.

Diante disso, o propósito do IX Fórum Mineiro de Psicanálise é um convite para refletirmos sobre as dificuldades da e na Psicanálise e como elas se apresentam 100 anos depois.

O IX Fórum Mineiro de Psicanálise teve a organização geral de Eduardo Lucas Andrade.

***

Programação

8/7/2017 (SÁBADO)

8h às 8h40 – CREDENCIAMENTO
8h40 às 9h – ABERTURA
9h às 10h30 – PLENÁRIA – SEXUAL – Maria Rita Kehl e Paulo Roberto Ceccarelli
10h30 às 11h – CAFÉ MINEIRO
11h às 12h30 – MESAS SIMULTÂNEAS DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

Mesa A – Mediador: Eduardo Lucas Andrade
Marcus Vinícius Silva – Dificuldades em biografar Freud: das primeiras biografias às atuais
Gilson Iannini – Política, capitalismo e ciência na América Latina: breve comentário sobre trechos inéditos de Freud
Pedro Heliodoro Tavares – O impossível da análise e o impossível da tradução: interpretar e transferir

Mesa B – Mediadora: Rita Leite
Suzana Márcia Dumont Braga – O vil e o sublime
Sonia Leão Henriques – Pierre Rivière e o *kakon* nosso de cada dia
Humberto de Lima Rocha* – Direito, razão e inconsciente: interlocução do Direito e da Psicanálise no vetor do Código Civil brasileiro
(Fabrício Veiga Costa)

Mesa C – Mediador: Alexandre Aparecido dos Santos
Júlio Eduardo de Castro – Os operadores éticos da Psicanálise: o desejo, o ato, o discurso e o saber do analista
Flávio Martins de Souza Mendes – Notas sobre a produção textual de Lacan entre 1931 e 1953
Miriam Tachibana* – Um grupo para outro grupo: relato da experiência de ensino e transmissão da Psicanálise
(Bruna Alves Schievano, Carolina Antônia Goulart de Paula e Thaís Cardoso Beggo)

Mesa D – Mediadora: Maria Luíza Bassi
Luísa Miranda Maia Braun – A Psicanálise no hospital geral
Cláudia Pedrosa Soares – Do pó à luz
Elaine Azevedo* – Da pressa à urgência do sujeito
(Juliana Marçal)

Mesa E – Mediadora: Maria Aparecida O. Nascimento
Sílvio Memento Machado – O que pode o psicanalista diante dos equívocos de um neurocientista?
Wanderley Carvalho – Pode a Psicanálise ser uma ciência?
Marcelo Fonseca Gomes de Souza – Ciência e Psicanálise: da objetividade à objetalidade

12h30 às 14h – ALMOÇO
14h às 15h30 – PLENÁRIA – ÉPOCA, ESPAÇO E TEMPO – Caterina Koltai e Rainer Melo
15h30 às 15h45 – TRILHAMENTO (TEMPO PARA CIRCULAR ENTRE SALAS E BANHEIRO)
15h45 às 16h45 – MESAS SIMULTÂNEAS DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

Mesa F – Mediadora: Marisa Cunha
Pablo Bismarck – Histeria e feminino: o tornar-se
Clícia Marina Magalhães Pereira – A atualidade do diagnóstico de histeria
Liliane Barbosa – A trama complexa entre a Psicanálise e os movimentos feministas

Mesa G – Mediadora: Ângela Rocha
Ana Maria Fabrino Favato – Dificuldades da Psicanálise
Daniela Gontijo de Souza – Adolescência e a subjetividade da nossa época, uma reflexão para a práxis
Roberto Lopes Mendonça – Dificuldades no reconhecimento do analista

Mesa H – Mediadora: Sheherazade Paes de Abreu
Maria Luíza Bassi – Conectados em rede: onde fica o sujeito?
Margarete A. Domingues – "Novas dificuldades" que perpassam a clínica psicanalítica: atendimento *on-line*
Alexandre Aparecido dos Santos* – No horizonte da época: Psicanálise na terra virtual
(Eduardo Lucas Andrade)

Mesa I – Mediadora: Viviane Gambogi
Anna Maria Soares de Brito* – Adolescência e institucionalização: os rastros fugidios do sujeito
(Alexandre Simões, Cláudia Ferreira Melo Rodrigues e Taynara Silva Carvalho)
Gabrielle Lúcio Silva – A Psicanálise nas instituições
Ana Carolina Reis Silva – Oitiva de crianças: há mesmo depoimento sem dano?

Mesa J – Mediadora: Elga Rocha Silva
Ana Luíza Mota SantAnna – O binômio miséria-falência da promessa do desencadeamento da esquizofrenia de *Estamira*
Gesianni Amaral Gonçalves – Da letra ao acontecimento de corpo: a direção do tratamento no corpo inscrito pelo real
Dordania Resende – Deserto conflagrado: desafios e possibilidades no manejo da transferência na psicose. Uma experiência como estagiária terapêutica em STR (Serviço de Residência Terapêutica)

16h45 às 17h15 – CAFÉ MINEIRO
17h15 às 18h30 – PLENÁRIA – CLÍNICA – Joaquim Lavarini e Marcos Medeiros

9/7/2017 (DOMINGO)

8h às 8h30 – RECEPÇÃO
8h30 às 10h – PLENÁRIA – ENSINO E TRANSMISSÃO – Cassandra França e Cláudia Leite
10h às 10h30 – CAFÉ MINEIRO
10h30 às 12h – MESAS SIMULTÂNEAS DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

Mesa K – Mediadora: Daniela Gontijo
Taynara Silva Carvalho* – Impasse na intervenção entre a mãe e o filho adulto com deficiência intelectual e/ou múltipla: enfoque psicanalítico
(Camila França Silva, Cláudia Ferreira Melo Rodrigues e Ricardo Luiz Alves Pimenta)
Alexandra de Oliveira Martins – A intervenção do psicanalista na clínica com "bebês cirúrgicos"

Andressa Ferreira* – Psicanálise e cuidados paliativos: (h)á relação?
(Anna Maria Soares de Brito, Débora Cristina Costa e Elaine Azevedo)

Mesa L – Mediador: Fernando Genaro
Bruno Rodrigues Leite – A ex-tranha população em situação de rua: o lembrete intermitente da perda
Bianca Ferreira Rodrigues* – Esfinge a ser decifrada: o discurso sobre a mulher em um grupo de conversação numa instituição prisional baseada no método APAC
(Fuad Kyrillos Neto)
Juliana Marçal* – Laços familiares e utilidade social da Psicanálise: desafios no atendimento a familiares e idosos em situação de violência
(Elaine Azevedo e Lucas Xavier)

Mesa M – Mediadora: Marília Pires Botelho
Vinícius Moreira Lima* – A Psicanálise no debate entre o gênero e a sexuação
(Ângela Maria Resende Vorcaro)
Roberval de Sousa Ignácio – Perversão: uma presença no desejo humano
Jénnefer Lorem de Oliveira Ramos* – Neurose e perversão: uma parceria sintomática nas relações amorosas
(Valter Rodrigues Alberto)

Mesa N – Mediadora: Cristina Moura
Yáskara Sotero N. Veado – A escrita poética de São João da Cruz: um efeito de real
Geovane Sousa Melo Júnior* – Moisés e a história como evento traumático
(Kenia Maria de Almeida Pereira)
Ida Amaral – Uma forma de objeto a que se chama voz

Mesa O – Mediadora: Tereza Ramos
Ricardo Luiz Alves Pimenta – Apontamentos de Freud a Lacan sobre a transferência. Condição e condução perante a época, o tempo e o espaço
Sueli R. Burgarelli – Mediação, aposta no diálogo e utopia da comunicação: algumas contribuições psicanalíticas
Janilton Gabriel de Souza – Demandas: entre sujeito de direito e desejo

Mesa P – Mediador: Weverton Duarte Araújo
Aline Vilarinho Montezi – Psicoterapia breve e consultas terapêuticas: a questão do tempo no trabalho clínico

José Sávio Theodoro de Oliveira – Intervenções sobre o sintoma e o desejo do analista: considerações
Alessandra Pereira Ribeiro – A contratransferência na perspectiva freudiana

12h às 13h30 – ALMOÇO
13h30 às 15h – MESAS SIMULTÂNEAS DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

Mesa Q – Mediadora: Regina Macêna
Lucas Fernandes Loureiro – O impossível da sexualidade no mundo contemporâneo
Dircilene Alves de Oliveira* – Desdobrável: a mulher entre a sexualidade e tabu
(Cláudia Aparecida de Oliveira Leite)
Maria Aparecida Oliveira do Nascimento – O inconsciente ainda... se escreve ou do inconsciente ao real do corpo

Mesa R – Mediadora: Yáskara Sotero
Daniella Salgado Caldeira Gomes – Caso Ariel (uma síntese)
Marcelo Fonseca* – Uma análise do filme *A garota dinamarquesa* sob o viés da Psicanálise
(Nayara Santos Oliveira e Shirley Maria Medina)
Luís Henrique Graff* – Tempo, ato analítico e a outra imagem
(Simone Zanon Moschen)

Mesa S – Mediadora: Ida Amaral
Cláudia Moreira – Verdade histórica e desmentido: o real da escrita em Freud
Maria Jacinta Freire de Freitas Xavier* – O que há na língua chinesa que nos orienta quanto à leitura da letra?
(Luciane de Conti)
Geovane Sousa Melo Junior* – O manifesto antropofágico e a Psicanálise
(Eduardo Lucas Andrade)

Mesa T – Mediador: Ricardo Pimenta
Valter Rodrigues Alberto* – Interlocuções entre Freud e Nietzsche: compulsão à repetição e o eterno retorno
(Jénnefer Lorem de Oliveira Ramos)

Fernando Genaro – Contribuições de Winnicott para a clínica contemporânea
Magali Milene Silva – Falência do pai e contemporaneidade: diferentes dimensões da questão

Mesa U – Mediadora: Marcilena Toledo
Amanda Maria Marques Pimenta – Luta por reconhecimento e sofrimento psíquico: considerações de Axel Honneth acerca do adoecimento na contemporaneidade
Thayane Bastos Moura Dias – Dificuldade e interesse da Psicanálise: o campo da assistência social
Marisa G. Cunha Martins – A função do mais-um no cartel

15h às 15h30 – CAFÉ MINEIRO
15h30 às 17h – PLENÁRIA – INTERLOCUÇÕES – Dominique Fingermann e Bárbara Guatimosim
17h – ENCERRAMENTO

* Apresentadores das comunicações.

***

Nota

Este *e-book* tem por objetivo documentar as comunicações orais do IX Fórum Mineiro de Psicanálise. No entanto, alguns trabalhos apresentados no evento não foram localizados e outros não possuem as referências, devido à dificuldade em encontrar tais informações no momento da publicação. Assim, optamos por publicá-los da forma como foram localizados, não sendo possível contemplar aqui todos os trabalhos apresentados. Lamentamos este fato e esperamos que este *e-book* contribua, assim como o fórum, para a divulgação da Psicanálise em Minas Gerais.

Comissão Organizadora do *e-book*

Anais do IX Fórum Mineiro de Psicanálise

MESA A – Mediador: Eduardo Lucas Andrade

Dificuldades em biografar Freud: das primeiras biografias às atuais

Marcus Vinícius Silva

Desde o início, os autores que se esforçaram para construir biografias de Freud se depararam com desafios e problemas, porém isso não parece ter inibido muitos deles, já que o número de biografias escritas sobre o fundador da Psicanálise provavelmente atinge a casa das centenas. Biografar Freud é uma tarefa complexa, e aqueles que pretenderam realizá-la ao longo dos anos tentaram expor de modo mais ou menos claro quais foram suas intenções, quais os impasses enfrentados e quais tipos de soluções encontraram.

Tentaremos, nesta breve comunicação, seguir os passos de alguns deles. Para isso, tomaremos como fonte três trabalhos, distribuídos entre 1924 e 2016, de autores de diferentes nacionalidades e formações. Como analisar as obras em sua totalidade exigiria mais tempo do que temos disponível, tentaremos manter o foco na parte inicial de cada livro, nos prefácios ou prólogos, em que o autor apresenta as questões e as justificativas de sua pesquisa.

A primeira biografia de Freud que analisaremos foi escrita em 1923 e traduzida para o inglês no ano seguinte: *Sigmund Freud – His personality, his teaching and his school*, de autoria de Fritz Wittels. Wittels, que havia participado da Sociedade Psicanalítica de Viena até 1910, quando foi afastado, decide escrever essa obra com Freud ainda vivo. No início de seu livro, declara que, apesar disso, "nos anos de 1905 a 1910 meu relacionamento com esse grande homem era suficientemente íntimo para justificar minha escrita de sua biografia" (WITTELS, 1924). E completa: "Meu distanciamento de Freud desde 1910, meu desapego de sua individualidade ofuscante talvez seja uma vantagem. Discípulos acríticos ele tem mais que o suficiente, eu gostaria de ser uma testemunha crítica" (WITTELS, 1924).

A questão que surge para Wittels é, principalmente, o grau de objetividade que ele conseguiria alcançar em seu relato. A maior parte do que ele narra provém de fatos que ele próprio testemunhou; aquilo que ele próprio não observou é complementado pelo relato de outras pessoas. Não é um livro que se baseia em larga documentação dos

fatos, até porque tal documentação não estava acessível naquele período. Freud, que ainda contava com 63 anos de idade nessa ocasião, leu a cópia que lhe fora enviada e respondeu com alguns comentários ao autor. Apesar de crítico com relação a toda essa empreitada, tece alguns elogios ao esforço de Wittels. Entretanto, alerta: "Sua distância pessoal em relação a mim, que o sr. avalia como pura vantagem, tem também grandes desvantagens. O sr. sabe pouco sobre seu objeto, e por isso não pode evitar o risco de tratá-lo grosseiramente" (FREUD, 1923, p. 344). Ele ainda aponta que Wittels possivelmente atribui a ele características que não possui, e que isso resulta num retrato por vezes idealizado, mas que no fim das contas parece contraditório.

Wittels, portanto, parece encurralado por duas grandes dificuldades: acesso a pouco material, o que o obrigava a fazer muitas suposições baseado em informações parciais, e sua relação complexa com Freud, que de algum modo comprometia a objetividade de sua abordagem, apesar de ele próprio acreditar no contrário.

Outra referência marcante é a biografia escrita por Ernest Jones, publicada em três volumes ao longo da década de 1950 (o primeiro em 1953, o segundo em 1955 e o terceiro em 1957). "Essa não pretende ser uma biografia popular de Freud: muitas já foram escritas, contendo sérias distorções e inverdades" (JONES, 1953, p. xi). Assim Jones inicia sua apresentação, para destacar, em seguida, que os objetivos do livro são narrar os principais fatos da vida de Freud, mas também estabelecer relações entre as experiências de sua vida e o desenvolvimento de sua obra.

Segundo Jones, a família de Freud sempre respeitou o desejo dele por privacidade e não pretendia apoiar um projeto desse tipo, mas pessoas de má-fé já se davam ao trabalho de distorcer passagens de seus textos: "Notícias de estórias falsas inventadas por pessoas que nunca o haviam conhecido, estórias que gradualmente se acumulavam formando uma lenda mentirosa" (JONES, 1953, p. xi). Assim, Jones conseguiu angariar o apoio da família para retificar a situação.

Jones também discute a tarefa complexa que é escrever uma biografia de alguém como Freud. De acordo com ele, o volume de dados era tão grande, que ele só pôde apresentar uma seleção do material. Ele afirma que apenas se sentiu compelido a aceitar a tarefa por ser o único sobrevivente do círculo mais íntimo de Freud, de quem foi amigo por 40 anos. Ele aponta como credenciais o fato de ter tido uma formação semelhante à de Freud, além de ser o único estrangeiro naquele círculo, o que deu a ele "uma oportunidade para algum grau de

objetividade maior que dos outros" (JONES, 1953, p. xiii). E completa: "Minha propensão a adoração de heróis tinha sido resolvida antes mesmo de tê-lo encontrado" (JONES, 1953, p. xiii).

De fato, Jones foi o primeiro autor a ter realmente de se preocupar com o excesso de material, o que desloca o problema em certa medida. A questão não era simplesmente saber se ele era capaz de fornecer interpretações isentas ou produzir especulações exageradas. O problema agora diria respeito à seleção que ele fez desse material. Como ninguém tinha acesso às mesmas fontes no período, não havia qualquer maneira de descobrir o que ele havia deixado de fora. O verdadeiro problema de Jones talvez não fosse o de ser ou não suficientemente objetivo, mas como sê-lo, quando sua produção era acompanhada de perto pelos herdeiros da família, especialmente Anna Freud. Olhando por esse viés, Jones tinha de combater não apenas suas próprias forças internas que poderiam produzir distorções, mas a pressão da família por um Freud aceitável, passível de ser mostrado ao público, e que pudesse fazer frente aos ataques que ele vinha sofrendo.

Uma historiadora que decide escrever uma biografia de Freud é Elisabeth Roudinesco. Ela expressa abertamente o fato de que o pesquisador atual "vê-se confrontado com um excesso de arquivos e, consequentemente, com uma pluralidade infinita de interpretações" (ROUDINESCO, 2016, p. 9). Suas razões para escrever esse livro são curiosamente muito semelhantes às apresentadas por Jones:

> Após décadas de panegíricos, hostilidades, trabalhos eruditos, interpretações inovadoras e declarações injustas [...] é grande a dificuldade de saber quem era realmente Freud, de tal forma o acúmulo de comentários, fantasias, lendas e rumores terminou por encobrir o que foi o destino paradoxal desse pensador na sua época e em nosso tempo. (ROUDINESCO, 2016, p. 10-11)

Ela insiste na ideia de que, com a abertura dos arquivos quase em sua totalidade, era agora possível acessar a vida de Freud de um modo nunca antes realizado, e com isso desfazer algumas interpretações equivocadas ou fantasiosas. De toda forma, sua narrativa se afasta muito pouco das anteriores, e parece planejada, principalmente para seu público francês, que a autora parece considerar como tendo pouco interesse e conhecimento sobre Freud e seu lugar na história.

Notamos, portanto, que as principais dificuldades enfrentadas pelos biógrafos de Freud dizem respeito ao acesso a documentos, à

objetividade e à aplicabilidade da Psicanálise como método ao relatar a vida de Freud. No primeiro dos casos, a situação dos primeiros biógrafos era dramática: não se tinha quase nenhum material à disposição e era preciso recorrer quase exclusivamente a relatos de testemunhas, nem sempre confiáveis. A questão da objetividade permeia todas as obras. Se inicialmente era difícil manter uma distância, já que os primeiros biógrafos eram discípulos ou ex-discípulos, envolvidos em relações complexas com seu objeto, é difícil saber se nossa distância de Freud tornou mais fácil esse trabalho. Vemos, claramente, que mesmo autores atuais frequentemente apresentam um Freud altamente idealizado. Parece que essa questão se atualiza em cada nova geração. Por último, a dificuldade que surge da possibilidade de aplicar a Psicanálise a Freud. Aqui temos um problema metodológico que divide opiniões. Se é inegável que é possível dar algum tratamento analítico a material semelhante (o próprio Freud recorreu a essa estratégia em mais de uma ocasião), é difícil saber até onde o material disponível nos autoriza a ir. É preciso prosseguir com cuidado extremo, e talvez seja interessante lembrar a recomendação que Freud faz a Wittels em 1923: "O que parece verdadeiro nem sempre é verdade" (FREUD, 1924/1996, p. 321).

***

Política, capitalismo e ciência na América Latina – Breve comentário sobre alguns trechos inéditos de Freud

Gilson Iannini

Muito se fala das dificuldades em traduzir Freud. Pouco se fala dos desafios inerentes à edição de sua obra. O texto que se segue pretende analisar um caso paradigmático. Trata-se dos manuscritos inéditos de "A questão da análise leiga", que poucos editores cuidaram de integrar às edições de Freud. Eles tocam diretamente nas relações entre Psicanálise e ciência, de um lado, e destas com a política e o capitalismo.

Este texto, construído em forma de diálogo, constitui talvez um dos mais importantes escritos técnicos freudianos após a reformulação da doutrina das pulsões e da teoria do aparelho psíquico, no início da década de 1920. Trata-se, contudo, de um texto de intervenção, um

documento vivo sobre como Freud respondia ao contexto político de seu tempo.

Sua motivação mais imediata remonta a um processo que acusava Theodor Reik (1888-1969), membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, de "charlatanismo", na medida em que este exercia a Psicanálise sem ser diplomado em Medicina. A discussão acerca da análise leiga, isto é, a análise exercida por não médicos, remonta a pelo menos dois anos antes. Conforme carta a Abraham de novembro de 1924, o fisiologista Arnold Durig, que era membro do Conselho Superior de Saúde da cidade de Viena, havia solicitado a Freud um parecer acerca da prática da análise por "leigos". A despeito de sua interlocução com Durig – que muito provavelmente inspirou a "pessoa imparcial" do diálogo –, o município de Viena proibiria Reik de exercer a Psicanálise, em resolução datada de 24 de fevereiro de 1925. Logo em seguida, Freud escreveria também a Julius Tandler, outro conselheiro, pedindo que ele reconsiderasse a decisão.

Freud redige seu artigo no verão de 1926. Um ano depois, escreve o "Posfácio", com o intuito de concluir uma acalorada discussão acerca do tema, que teve lugar no X Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em Innsbruck e que contou com as colaborações dos mais renomados psicanalistas à época.

O contexto era efervescente. Na primavera de 1925, um paciente psicótico norte-americano, Newton Murphy, que também era médico, procura Freud para uma análise, mas é encaminhado justamente a Reik. Pouco depois, Murphy entra com uma queixa contra Reik. Por seu turno, Stekel, dissidente do movimento analítico, orquestrara uma campanha contra a análise leiga, interpelando a Sociedade Psicanalítica de Viena. Aos praticantes de Psicanálise da Policlínica de Viena foi exigido o diploma médico. Entre julho e setembro de 1926, a imprensa vienense repercutiu esse debate, dedicando manchetes e artigos, particularmente na *Neue Freie Presse*. No domingo, 18 de julho de 1926, Freud publica um artigo defendendo Reik, acrescentando que outro exemplo de sucesso analítico de um praticante não médico era o de sua própria filha, Anna Freud. O processo contra Reik só seria concluído, favoravelmente a ele, em maio de 1927.

A repercussão desse escrito foi imediata e dividiu a comunidade psicanalítica internacional. Tornou-se um marco acerca da questão da formação do analista. Alguns nomes importantes, como Jones, Sadger e Deutsch, advogaram contra a posição de Freud e insistiram na necessidade da formação médica do psicanalista. A questão foi particularmente

dramática nos Estados Unidos, onde a formação médica foi unanimemente exigida, culminando com a expulsão dos analistas não médicos em Nova York. O "Posfácio" (1927) escrito por Freud é veemente. Jones e Eitingon suprimiram, com o aval de Freud, três páginas de texto, especialmente acres em relação à assimilação norte-americana da Psicanálise. A íntegra do texto foi restituída apenas em 1993, mas não consta nas traduções brasileiras das Obras Completas. Mesmo em língua alemã, a íntegra do texto só foi publicada numa edição avulsa da editora Fischer, ainda não incorporada nas Gesammelte Werke.

Além disso, há outro manuscrito inédito de Freud, intitulado "*Postscriptum*" (1935). Esse texto, assim como algumas notas de rodapé, foi escrito por Freud para uma nova edição norte-americana preparada por Norton, um editor nova-iorquino que, infelizmente, abandonou o projeto. Todo esse material inédito foi descoberto por Ilse Grubrich-Simitis.

Do trecho excluído do "Posfácio" de 1927 destaca-se um profundo sentimento antiamericano, direcionado basicamente aos desafios da prática analítica naquele solo. O texto de Freud é duro e carregado de afeto. A pergunta geral de Freud pode ser formulada mais ou menos assim: "Por que, justamente da América, viria o grande número de análises leigas prejudicais?" (FREUD, 2017).[1]

Freud destaca, com justeza, diversos fatores. O primeiro deles seria a indesejável transferência de valores importantes na vida política, mas descabidos na prática científica: basicamente isso traduz-se em dois aspectos: primeiro como temor da opinião pública[2] e segundo como o ecletismo teórico. Freud estranha esse

> comportamento de círculos científicos que, por exemplo, manifestam igual interesse por todas as variantes de teorias autoproclamadas psicanalíticas e com isso visam afirmar sua "cabeça aberta". O cético europeu não pode reprimir a suspeita de que o interesse em todos os casos não possa ser tão

[1] Todas as citações são extraídas de FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017 (no prelo). A numeração das páginas ainda não está disponível.

[2] " ... o temor à autoridade dos americanos, sua tendência a exercer a independência pessoal nos poucos âmbitos ainda não considerados como estabelecidos, por uma pressão implacável da *public opinion* [*sic*]. O mesmo traço americano, transferido da vida política para o empreendimento científico" (FREUD, 2017).

> profundo e que por trás de tal imparcialidade esconda-se muito desprazer e incapacidade de julgamento. (FREUD, 2017, grifo do autor)

Note-se que Freud recorre ao inglês sempre que pretende alfinetar a atitude dos americanos: é a *public opinion*, *openmindedness*, etc.

Não contente em criticar a dinâmica da prática científica, contaminada por valores do democratismo, Freud aborda, também, valores culturais, criticando, por exemplo, as instituições educacionais americanas[3], mas, principalmente, a cultura do "recorde": "Os americanos nunca têm tempo. Por certo, *time is money*, mas não se pode entender por que ele [tempo] precisa ser convertido em dinheiro com tanta pressa" (FREUD, 2017, grifo do autor). A temporalidade do inconsciente não se submete à temporalidade do capitalismo americano: "Os decursos entre consciente e inconsciente têm suas próprias condições temporais, que não condizem bem com as exigências americanas" (FREUD, 2017). Além disso, no que tange à formação, escreve Freud:

> Não é possível transformar no intervalo de três ou quatro meses em um analista eficiente alguém que até então não tinha qualquer entendimento sobre análise, e menos ainda seria possível conduzir o neurótico às mudanças que deveriam lhe restituir as capacidades perdidas de trabalhar e fruir [*verlorene Arbeits- und Genußfähigkeiten*]. (FREUD, 2017, grifo do autor)

Na mesma linha, Freud conclui com uma hipótese acerca das consequências psíquicas do capitalismo americano que tornam difícil a assimilação da Psicanálise: "Ouso agora apontar para um outro fator, sem o qual não se pode entender a situação americana. O Supereu americano parece em muito diminuir a sua severidade em relação ao Eu quando se trata do interesse pelo lucro" (FREUD, 2017).

No "Posfácio" inédito de 1935, Freud comenta acerca da recepção de seu escrito e conclui:

> O ensaio que se originou deste parecer não teve um destino amigável. É um dos poucos entre meus escritos que não obteve uma segunda edição em

[3] "... é indiscutível que o nível de formação geral, bem como o de capacidade de assimilação intelectual, mesmo em pessoas que visitaram um College americano, é bem mais baixo que o de um europeu" (FREUD, 2017).

> alemão, que raramente foi traduzido e que praticamente nunca é citado. Acredito que este tratamento foi injusto. O escrito é bom e merece o juízo de reconhecimento (...). Mas novamente empreendi a luta contra o preconceito, censurei duramente a conduta da corporação médica, da qual eu mesmo faço parte há mais de cinquenta anos, e isso não pode – ao menos de imediato – ter tido consequência distinta dessa. (FREUD, 2017)

Referências

ASSOUN, Paul-Laurent. *Dictionnaire des œuvres psychanalytiques*. Paris: PUF, 2009.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

GRUBRICH-SIMITIS, I. *Zurück zu Freuds Texten*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1993. (Trad. bras. de: *De volta aos textos de Freud*. Trad. de: Inês Lohbauer. Rio de Janeiro: Imago, 1995).

HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J. (ed.). *Œuvres complètes de Freud*. Paris: PUF, 1988-2016. (Notices, notes et variantes de Alain Rauzy).

STRACHEY, J. Apparatus. In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. Translated from the german under the General Editorship of James Strachey. Londres, 1956-1974.

TAVARES, Pedro Heliodoro. *Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

***

O impossível da análise e o impossível da tradução: interpretar e transferir[4]

Pedro Heliodoro Tavares

Professor de Germanística (USP). Doutor em Psicanálise e Psicopatologia (Université Paris VII) e em Teoria Literária (UFSC).

Realizou pós-doutorado em Estudos da Tradução (ZfL – Berlim – 2016-2017 e

[4] Trabalho visando a compor a mesa "Traduzir, formar, biografar: entre o incompleto e o impossível", com Gilson Iannini e Marcus Vinicius Silva.

PGET-UFSC 2010-2011), investigando as traduções da obra de Sigmund Freud. É autor dos livros *Freud & Schnitzler* (Annablume, 2007), *Versões de Freud* (7Letras, 2011) e *Fausto e a Psicanálise* (Annablume, 2012).

Em "Análise finita e infinita", Sigmund Freud apresenta o "psicanalisar", seu fazer clínico, junto com outros dois ofícios, governar e educar, como algo da ordem do impossível, por sempre alcançarem somente sucessos parciais ou insatisfatórios. A essas tarefas ditas impossíveis, acrescentamos a tradução.

Derrida é quem nos lembra, em seu *Des tours de Babel*, o *double bind* imposto à tradução: "necessária" e "impossível". Jogando-se com a homofonia, obtêm-se do título desse escrito "das torres" (*des tours*) e o "desvio" (*détour*). Eis aí algo que nos mostra já a primeira grande impossibilidade da tradução, preservar as ambiguidades provocadas pelo som ou pela forma. No "transporte" da tradução sempre algo se "desvia", sai dos trilhos. Algo *de-lira*, no sentido original do traçado feito pelo sulco do arado formador da "lira", monte de terra revolvida ao seu lado. Entretanto, nesse trilho sulcado pelo arado, os desvios delirantes da tradução são muitas vezes o que há de mais fecundo; ali que se lançam as sementes e algo pode florescer.

A tradução conforme Mounin (1963) é, muitas vezes, a condição para que o texto e a escrita se completem. Ela é sempre uma reescrita e a escrita, como nos lembra Vilém Flusser, tem em si o gesto violento do "entalhe". Como vemos com Götert (2010) no *Write* inglês está o que no alemão derivou para o *ritzen*: "arranhar" a partir do proto-germanico *writanan*: rasgar, rachar. Já o latino *scribere*, o nosso "escrever", ou o alemão *schreiben*, remontam ao riscar com o objeto perfurocortante, o *stilus*, com o qual o atravessador de fronteiras linguísticas clandestinamente atravessa os detectores de armas e outros perigos potenciais. Nessa trilha, porém, o *graphein* grego, o "grafar" e o "gravar" portugueses, são parentes do *graben* alemão: escavar para enterrar um corpo, sendo o substantivo *Grabe*, a cova; *Begräbnis*, o enterro. O tradutor-escritor que completa o texto traduzido, coautor-complementador, pode ser o trabalhador da terra que, ao escavá-la com sua reescrita, tanto faz as vezes de "agricultor" quanto a de "coveiro".

As escavações da terra aparecem na obra de Freud, por sua vez, como o ofício do arqueólogo, mostrando as camadas da história, *die Schichten der Geschichte* (FLUSSER, 2010), aparentemente mortificadas, mas que pulsam no inconsciente descrito em "O mal-estar na cultura" (FREUD, 1930) em comparação com a cidade de Roma, na

qual coexistem as épocas nas edificações dos tempos dos Césares, da *Republica*, do Renascimento e da atualidade. A temporalidade inexiste no inconsciente, fazendo coexistirem os mortos com os vivos, o passado com o presente e o futuro. Numa análise, o que está aparentemente morto e enterrado ganha vida ao ser trazido à superfície do discurso.

Se *metaphores* (metáfora) é a palavra que lemos escrita nos caminhões de mudança da Grécia moderna (DEUTSCHER, 2005), porque é sempre de um "transporte" que nelas se trata, passemos da metáfora da "terra" para a das "águas" ao tratarmos dos impossíveis fazeres tradutório e analítico. Pensamos na travessia de Caronte entre os mundos dos vivos e o mundo dos mortos. O rio infernal, aliás, é o que aparece na epígrafe da obra fundamental de Freud (1900). Ali, sem traduzi-lo, na obra que funda a psicanálise com remissões comparativas desta prática ao fazer tradutório: *Flectere si nequo superos, Acheronta movebo*. No inconsciente freudiano, feito rio do submundo, os tempos confluem. Confluem nele também as moções de amor e de ódio, o negado e o afirmado.

Lembremos que Freud caracteriza a Psicanálise como um *Seelenbehandlung*, tratamento da *Seele*, da alma que na língua alemã está relacionada às águas dos lagos (*der See*) ou mares (*die See*). De acordo com Grebe, a palavra derivaria de *See*, significando *Seele*, *zum See gehörend*, quer dizer, "pertencente ao mar". Shakespeare faz assim a desesperada Ofélia diante de o impossível se afogar nas águas da loucura. Os loucos eram excluídos da terra firme, embarcando na nave dos insensatos de Sebastian Brant. Eis aqui uma fundamental amostra do intraduzível quando se quer fazer a *Seele*, instância aquífera, equivaler à alma-*anima* ou à *psyche*, *spiritus*, instâncias aéreas por excelência.

Dos desvios das águas, como a régua mergulhada no copo, geradora da refração desviante, a travessia tradutória sempre está submetida aos empuxos deslocadores das águas pelas quais atravessa. Vários autores, aliás, sobretudo Herder, já abordaram os curiosos verbos über*setzen* e *über*setzen. Com a tônica colocada sobre o verbo *setzen*, temos o verbo não separável über*setzen*, denotando "traduzir", ao passo que, com a tônica no prefixo, *über*setzen, forma-se o verbo separável que designa "transportar para o outro lado", como no ofício de Caronte.

Na língua alemã, aliás, a noção da "tradução" como se tratando de um "transporte" fica patente pela recorrente sinonímia empregada entre *übersetzen* (traduzir) e *übertragen* (transferir). Não raro, ao procurar pelo tradutor de um livro em sua ficha catalográfica, o leitor encontra a informação *ins deutsche übertragen von...*, significando "traduzido

para o alemão por...". Na Psicanálise, porém, o substantivo *Übertragung*, referente a esse verbo, ocupa um lugar de destaque, justamente como o principal conceito clínico de Freud: a "transferência". Para ele, o psicanalista que poderia achar que na compreensão da teoria psicanalítica haveria as maiores dificuldades, este se deparará no manejo da transferência com o grande desafio e o confronto com a ordem do impossível.

Em Psicanálise, a transferência foi identificada pelo mecanismo de um endereçamento ao analista como se este estivesse na posição de outra pessoa. Afetos e expectativas são assim transportados, transferidos do psiquismo inconsciente do analisante quando se endereça ao sujeito do suposto saber, função atribuída ao analista. À transferência, o que possibilita a análise, soma-se a resistência, o que no extremo a impossibilita. O analista deveria, portanto, estar atendo ao que aparece como *versetzt*, deslocado, aparentemente fora do lugar. Para o analisante, haveria a ilusão de estar falando a mesma língua do analista. A Psicanálise mostra, aliás, que nunca falamos a mesma língua estando sempre submetidos ao mal-entendido, ao equívoco.

Falamos da terra e das águas, mas poderíamos novamente com Vilém Flusser pensar a tradução, como um salto sobre o abismo sem chão (FLUSSER, 1992), um salto nos ares, de um solo para o outro. Flusser pondera, em seu *Língua e realidade* (1963), o quanto nosso Eu é produzido nos limites de escopo que a nossa língua nos impõe. Para esse homem "sem chão", como se caracterizou em sua autobiografia (*Bodenlos*), a tradução poderia ser um gesto em grande escala libertador das amarras que as condições de certa língua impõe ao nosso psiquismo e a nossa apreensão da realidade.

Na Psicanálise, vem, afinal, a alusão imaginária derradeira ao quarto elemento de composição, paradoxalmente também de decomposição: o "fogo". O fogo é o *pharmakon* da transferência. Quando Freud alude, ao dito de Hipócrates: "as doenças que os remédios não curam, o ferro cura; as que o ferro não pode curar, o fogo cura; e aquelas que o fogo não pode curar devem ser consideradas 'inteiramente incuráveis'" (FREUD, 1915[1914], p. 221, grifo do autor). O amor de transferência é o *pathos* que pode encaminhar o tratamento. O fogo ameaçador, que a tudo pode destruir, é a única condição de tratamento. Já na tradução revive-se o mito da fênix, quando o texto entregue à fogueira da decomposição das palavras da língua que o geraram deve renascer de suas cinzas em outras carnes, ossos e penas, ou outros sons, estruturas e acepções.

Na análise e na tradução, o necessário jogo das metáforas é, no limite, a grande ameaça. Lembramos aqui o equívoco presente na *Aufgabe* benjaminiana (BENJAMIN, 1923): "tarefa-renúncia". Evidenciar o que escapa à produção de sentido e onde se deve cessar o jogo substitutivo pode aparecer na intradução, nos cortes mudos das intervenções analíticas, nas rupturas com as leis de aglutinação e separações dos sons em uma escanção. Na tradução, por seu turno, mais do que tornar doméstico o que é estranho, o sucesso pode também se dar no evidenciar o estranhamento a partir dos elementos domésticos.

***

Mesa B – Mediadora: Rita Leite

O vil e o sublime

Suzana Márcia Dumont Braga
Psicanalista da EFBH/Iepsi. Doutora em Letras pela PUC Minas.

Dos céus, pelo mundo, até o inferno.
Goethe (citado por Freud)

Durante os estudos do cartel o Sujeito na justiça, percorremos um caminho rico e tortuoso. Demos início ao estudo com o caso de Pierre Rivière, o jovem, tido como portador de deficiência mental, que escreve um memorial explicando, em 40 páginas bem redigidas, sua história e por que e como teria degolado a mãe, a irmã e o irmão. O relato do crime teria sido tão enigmático no que diz respeito à saúde mental do jovem que, pela primeira vez, a justiça teria recorrido à psiquiatria para decidir sobre o destino de Rivière nos idos de 1836. "O duplo gesto de Rivière – um crime extraordinário acompanhado de um discurso não menos extraordinário – é um testemunho, pelas respostas teóricas que suscitou do nascimento da medicina psiquiátrica e da utilização de seus conceitos na justiça" (contracapa do livro). Intrigado com o caso, quase 150 anos depois, Michel Foucault retoma-o e convida vários intelectuais franceses a refletirem sobre esse acontecimento. A conclusão de Foucault é de que Rivière teria se tornado um autor, com toda a força que o filósofo dá a este conceito. E seu crime e suas memórias deveriam ser tomados em conjunto, uma vez que uma não existiria sem o outro.

Se as relações entre psiquiatria e justiça foram inauguradas neste caso, elas continuam a gerar questões que nos convidam ao trabalho. O que se constata é que a justiça demanda do psicanalista algo absolutamente diverso do que ele tem a oferecer: se não nos cabe julgar ou tomar a verdade factual como definidora do destino de um sujeito, o que pensar da interface Psicanálise e Direito?

Freud vai se ocupar do tema da violência e da lei em *Por que a guerra?* (1932), uma carta dirigida a Albert Einstein. Ele afirma que a violência entre os humanos é mais sutil daquela existente entre os animais, e fica claro no texto que Freud não acredita na lei como sendo apta para controlar eficazmente a violência e que esta, sendo da ordem do pulsional, traz consigo uma dimensão de gozo. Mostra ainda que a guerra constitui um momento em que a violência é aprovada pelo Outro. Ou seja, a violência pode ser legitimada pelo laço social e muitas vezes, acrescento, depende do ponto de vista e da conveniência de quem as cria.

Também é interessante lembrar outro texto em Freud que trata do tema num âmbito diferente. Em *Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo* (1925), ele discorre sobre a importância de o sujeito se responsabilizar pelo conteúdo violento de seus sonhos, como qualquer outra produção do inconsciente. Afirma que em todos nós, particularmente nos grandes defensores da moral e dos bons costumes, moram impulsos assassinos. Freud termina este texto de maneira desafiadora: "Se alguém ficar insatisfeito com isso e gostar de ser melhor do que foi criado, deixem-no ver como se pode atingir na vida algo mais que hipocrisia e inibição" (p. 166-167).

Miller (2008), ao comentar o livro *A quem o assassino mata?*, de Tendlarz e Garcia, se lembra de que somos constituídos de honra e horror, tal como Freud já afirmara em seu segundo ensaio sobre as teorias da sexualidade. A divulgação dos crimes pela mídia e a grande repercussão que trazem mostram que o criminoso realiza nossos desejos recalcados. O imoral está em nosso ser e "o criminoso realiza um desejo presente em cada um de nós". Seria no conflito entre a lei e o gozo que nossa humanidade se tece. Daí o título de seu texto: *Nada mais humano que o crime*. Essa é mais uma das incômodas notícias que a psicanálise traz. Vale lembrar que também só o homem é capaz de bordejar o sublime. Vivemos nesse paradoxo.

Retomo aqui mais algumas considerações feitas no texto. Miller fala em defesa de um direito inspirado na psicanálise que levasse em conta a distinção entre o verdadeiro e o real, à medida que o verdadeiro

nunca consegue recobrir o real. O que é tido como verdade é apenas uma função temporal e de perspectiva. Pois a verdade tem buracos; o Real, quando trata de dizer-se, mente. O sujeito constitui uma descontinuidade na causalidade objetiva; nunca se pode recompor a causalidade objetiva de um ato subjetivo. Assim, a decisão jurídica tem em seu centro uma decisão sem fundamento, *ex nihilo*, algo de criacionismo e insensatez (MILLER, 2008).

A título de ilustração, quero citar o filme *Doze homens e uma sentença* (1957), dirigido por Sidney Lumet e que foi discutido num dos encontros da Roda de prosa. A trama consiste numa reunião de 12 jurados que deveriam decidir se um jovem porto-riquenho, acusado de matar o pai, seria ou não culpado. A reunião deles só terminaria quando uma decisão unânime tivesse sido tomada. Caso fosse julgado culpado, o jovem seria condenado à morte e, se fosse considerado não culpado, seria libertado. No início da reunião, todas as provas indicavam que o rapaz teria cometido o assassinato. Mas um dos componentes do júri diz que gostaria de saber mais, que a história parecia extremamente bem construída, o que daria margem à dúvida; por ser evidente por demais. No decorrer da discussão, os jurados vão revelando suas faces, seus conflitos, seus preconceitos, seus pecados. E, enquanto as versões se relativizam, vai ficando claro o quanto não se davam conta da responsabilidade que se faz presente no ato de julgar, assim como projetavam seus preconceitos e conflitos pessoais no suposto assassino.

O filme pode ser tomado como uma mostração das afirmações de Miller quanto à inconsistência do verdadeiro, ou seja, que a verdade é apenas um *semblant*. Lembro-me também da fala de Eder Fernandes Santana, numa das atividades promovidas pela interlocução da nossa escola. Ele trabalha no Tribunal de Justiça e vai à procura da psicanálise para pensar a questão dos julgamentos. O objeto de sua pesquisa de doutorado é o adolescente e o ato infracional. Sua pergunta é: "Seria o Direito capaz de escutar?" Enfatiza o sem lugar do sujeito adolescente e a impossibilidade de o jovem infrator dar testemunho de seus atos.

Este cartel foi montado a partir da demanda de uma de nós, que, por trabalhar com jovens que cumprem medidas educativas, vive em seu dia a dia este mal-estar. Em todo o transcurso de nosso estudo, confesso que esse impasse, particularmente nas atuais condições em que vivemos, tem me soado como uma tarefa de Dom Quixote. Entretanto, são essas causas impossíveis que fazem com que a Psicanálise

avance. Ora, se o vil e o sublime têm a mesma origem, seria no encontro contingente do jovem infrator com o analista, numa escuta do impossível, que algo do horror poderia tocar o sublime? Ou isso seria apenas um delírio quixotesco?

Referências

FOUCAULT, Michel (coord.). *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. 7. ed. São Paulo: Edições Graal, 2003.
FREUD, Sigmund. *Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo*. 1925. V. XIX, p. 137-152
FREUD, Sigmund. *Por que a guerra?* 1932. V. XXII, p. 237-259.
MILLER, Jacques-Alain. *Nada mais humano que o crime*. 2008. Texto disponibilizado pela internet.

***

Pierre Rivière e o *kakon* nosso de cada dia

Sonia Leão Henriques

> Até que viesse uma justiça um pouco mais doida... Uma justiça que não se esqueça de que nós todos somos perigosos, e que na hora em que o justiceiro mata, ele não está mais nos protegendo nem querendo eliminar um criminoso, ele está cometendo o seu crime particular, um longamente guardado. Na hora de matar um criminoso – nesse instante está sendo morto um inocente. Não, não é que eu queira o sublime, nem as coisas que foram se tornando palavras que me fazem dormir tranquila, mistura de perdão, de caridade vaga, nós que nos refugiamos no abstrato.

Esse trecho que aqui inscrevo é extraído do conto "Mineirinho", de Clarice Lispector. Ela fala de um assassino perigoso que já matara demais e que foi assassinado com 13 tiros. E de uma coisa pura e cheia de desamparo no personagem, um grão de vida pisado que se transforma em algo ameaçador, essa alguma coisa do "assassino em mim, o desespero em nós".

Kakon, no texto lacaniano, é o inimigo interior, o objeto golpeado no exterior, e o que há de mais íntimo em um ser falante, aquilo que se

tenta exterminar através de um ato homicida como mecanismo liberador. É o mal como um objeto real na relação especular, o gozo invasor que se confunde com o outro semelhante. A Caixa de Pandora...

Lacan, nos *Escritos*, ao dizer das reações agressivas na psicose, em "A agressividade em Psicanálise", aponta para "esse 'kakon' obscuro, a que o paranoide refere sua discordância de qualquer contato vital" (LACAN, 1998, grifo do autor). Ele recorre a Melaine Klein, trazendo à baila "o extremo arcaísmo da subjetivação de um 'kakon', situando como original a formação primária do supereu". Assim, *kakon* é comparado ao objeto mau de Klein, percursor do supereu. Para Lacan, o "inimigo exterior", no caso "Aimmé", é o que representa ela mesma e revela sua misteriosa liberação homicida.

Creio que podemos pensar também numa articulação com a *orpha* firencziana, modalidade trazida pelo psicanalista, ao relatar o "caso de esquizofrenia progressiva" (R.N.) no seu *Diário clínico*. Ferenczi afirma que "a enormidade do sofrimento, o desamparo, a ausência de esperança de qualquer ajuda exterior impelem para a morte; mas, após a perda ou abandono do pensamento consciente, instintos vitais organizadores 'orpha' são despertados, trazendo a loucura ao invés da morte" (FERENCZI, 1990, grifo do autor) *Orpha*, fragmento derivado do mito Orpheu, é, para seu inventor, semelhante a um anjo da guarda, cuja ação se dá em dissociação profunda, trazida de época bastante primitiva e que pode ser despertada por um choque. O autor considera como recurso para trabalhar, nesse e em outros casos tão traumáticos, sobretudo a confiabilidade no *setting* analítico.

Há algum tempo, deparei-me com o livro *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Pierre, em suas memórias, confessa o crime e relata os motivos que o levaram ao ato. Filho mais velho de uma família numerosa, ele escreve sobre a vida que os pais tiveram juntos mesmo antes do casamento e de seu nascimento. Trata-se de um crime ocorrido em 3 de junho de 1835, em Aunay, na França, e que gerou discussões entre os grandes nomes da psiquiatria francesa da época a respeito da aplicação da pena máxima ao jovem autor do crime hediondo. O reconhecimento de sua insanidade mental gerava dúvidas. O criminoso teve a pena de morte comutada em prisão perpétua devido ao diagnóstico de alienação mental, em conclusão não unânime. Durante o cumprimento da pena, Rivière suicidou-se na prisão, por enforcamento. Enquanto preso, já se considerava um morto, e seu dossiê demonstra responsabilidade e desejo de punição.

Sob a coordenação de Michel Foucault, o livro traz conteúdo do

momento histórico das relações entre a psiquiatria e a justiça penal, com base nos *Annales d'higiène publique et medecini légale*, de 1836. Com foco no caso Rivière, Foucault põe em questão o que tanto teria chamado a atenção do corpo médico. Seria o desconcerto do saber psiquiátrico? Estupefato ante a beleza do manuscrito feito na prisão por Pierre Rivière, a pedido do juiz, Foucault leva adiante um trabalho primoroso sobre o acontecimento.

No memorial, Rivière relata o sofrimento do pai, infringido pela mãe desde o início da relação deles, e a forma como Pierre foi afetado pelo modo de funcionamento familiar, numa clara sequência até o ato criminoso. Salvar o pai era sua causa. Vindo de alguém considerado "idiota" pela comunidade, o texto é provocante e surpreendente. Ato e escrita misturam-se como um gesto único, o memorial como elemento do crime, ambos pertencentes à mesma natureza. O escritor coloca gesto e palavra em um discurso investido de saber, em que surge como autor do crime e do texto numa escrita-ato em que "... a infâmia toca a eternidade" (FOUCAULT, 1977). O memorial é claro e preciso, demonstrando anseio de alcançar glória e imortalidade, ao sacrificar sua vida pela felicidade do pai – ele tinha a intenção de cometer o crime e suicidar-se em seguida. A aversão pelas mulheres e pelas fêmeas animais é contundente, ao lado do horror pelo incesto e do temor de que um "fluido invisível" o colocasse em contato carnal com elas.

Segundo Foucault (1977), "Pierre Rivière foi sujeito desse memorial num duplo sentido: ele é aquele que se lembra, que se lembra de tudo impiedosamente; e ele é aquele cuja memória chama o crime, horrível e glorioso".

É incontestável que se Rivière, a princípio, apresenta-se como um maníaco religioso idiota, pretendendo atribuir o crime a uma ordem recebida de Deus, com sua escrita passe a colocar médicos e juízes ante o indecidível universal da loucura em decorrência de um saber fissurado e incerto.

O que representaria a escrita desse criminoso? Um dossiê que atravessa o tempo e nos faz refletir sobre sua posição como sujeito? O que ou a quem um assassino mata? Que jogo seria esse, um jogo de uma posição lírica de um sujeito assassino? De um caminho traçado que se inicia antes mesmo de um nascimento?

Para Freud, somos todos "criminosos mascarados", responsáveis pelos nossos próprios sonhos. Com efeito, em sua resposta à carta de Albert Einstein, ao ser demandado sobre a guerra, responde que o instinto de destruição, quando dirigido aos objetos externos, alivia os

organismos presos, servindo a própria vida e destruindo a do outro semelhante, num impulso que está mais próximo da Natureza do que a nossa resistência.

Lacan, por sua vez, também aponta para o incontestável caráter da animalidade no homem, sendo que a própria crueldade implica a humanidade. O Isso também implica em outras escolhas fatais, além do ato criminoso, como casamento, profissão, etc., mas no crime são vistas como "figuras do destino". No entanto, é preciso nos atermos à ilusão narcísica que tece sua teia no que já vem medido e pesado desde o berço, "nas incomensuráveis balanças da Discórdia e do Amor" (LACAN, 1998).

O crime desmascara algo da natureza humana que tentamos esconder a qualquer preço. Somos todos suspeitos. Resta-nos o reconhecimento da própria falta, pois "... de nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis". Se reconhecedor da falta, ao criminoso é possível significar a sanção que lhe é aplicada em decorrência do ato, situando a causa logicamente, através da verdade inconsciente, constituída por buracos. Há que se chegar ao veredito através do autor falante e não só dos fatos ocorridos. A decisão jurídica é constituída por relatos de fatos do passado, em busca de uma verdade que não é a do sujeito.

No grande sertão de Rosa, a condição humana é descrita com beleza num texto vivo que fala de amor, morte e julgamento. Vale lembrar: "Quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado. Mas, para o escriturado da vida, o julgar dispensa, carece" (ROSA, 1988).

A Psicanálise, segundo Lacan, tem uma função privilegiada ao buscar uma verdade mais justa, ou seja, "a do recurso do sujeito a sujeito, que inscreve nossos deveres na ordem da fraternidade eterna: sua regra é também a regra de toda ação permitida a nós" (LACAN, 1998).

Que haja possíveis encontros entre o avesso e o direito, no sentido de se "desvendar" a Justiça. Ou estaremos todos fazendo o trabalho de Sísifo!!???

Referências

FERENCZI, Sándor. *Diário clínico*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1990.

FOUCAULT, Michael. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XXII.
LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
LISPECTOR, Clarice. Conto "Mineirinho". Google.
ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

***

Direito, razão e inconsciente: interlocuções do Direito e da Psicanálise no vetor do Código Civil brasileiro

Humberto de Lima Rocha
Acadêmico do curso de Direito da Faculdade Divinópolis (Faced). Estagiário de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Conselheiro do Conselho Municipal de Assistência Social da cidade de Arcos (MG). Discente pesquisador da Faculdade Divinópolis (Faced). Ênfase nos estudos em Direito de Família, Infância e Juventude, Direitos Humanos e Direito Constitucional, atuando em pesquisas nos seguintes temas: Identidade de Gênero, Heteronormatividade, Direito de Família e Políticas Públicas.

Fabrício Veiga Costa
Professor orientador. Pós-doutor em Educação pela UFMG. Doutor e mestre em Direito Processual pela PUC Minas. Especialização em Direito Processual, Direito de Família e Direito Educacional pela PUC Minas. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor universitário e pesquisador.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo a realização de uma reflexão no campo jurídico, da razão e do inconsciente, sob a ótica do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud, no vetor do Código Civil brasileiro.

Quando se fala da interdisciplinaridade entre o Direito e a Psicanálise, geralmente o que se vem em mente é a "influência" do inconsciente, no campo das Ciências Penais e Criminais, entretanto, a contramão dessas ideias, o presente texto, vem discutir, por meio de uma

interlocução jus psicanalítica, as dificuldades, possibilidades e influências da Psicanálise em um contexto cível, uma vez que é nesse ramo do Direito em que são tratadas as normas que regerão toda a vida do indivíduo, desde o seu nascimento até a sua morte, e posterior sucessão de seus bens.

Direito e Psicanálise

Quando se trata de tema tão peculiar e particular como o Direito Civil, e em especial o Direito de Família, tem-se uma gama de conceitos e indagações, visto que se trata de um direito advindo de uma moralidade dogmática, com forte vínculo à proteção patrimonial.

Diz Maria Berenice Dias, ao citar João Baptista Villela, que,

> na feliz expressão de João Baptista Villela, a teoria e a prática das instituições de família dependem, em última análise, da competência em dar e receber amor. A família continua mais empenhada do que nunca em ser feliz. A manutenção da família visa, sobretudo, buscar a felicidade. Não é mais obrigatório manter a família – ela só sobrevive quando ela vale a pena. É um desafio. (DIAS, 2011, p. 44)

Quando analisado o teor das normas e leis que regem o ordenamento jurídico, a melhor interpretação a ser feita é a que segue Sônia Altoé, em sua obra *Sujeito do Direito, sujeito do desejo: Direito e Psicanálise*, ao tratar do advento da Lei nº 8.069/90 e que nos preleciona que

> essas questões nos levam a refletir sobre como se constrói o ser humano, o sujeito, o sujeito de direitos, o cidadão capaz de viver dentro de leis sociais estabelecidas numa determinada cultura para que possa haver organização social e possamos viver em sociedade. Esta reflexão, na atualidade, nos remete necessariamente à teoria psicanalítica, que afirma que o ser humano é sujeito de desejo. E sendo o termo "sujeito de direitos" o que norteia o novo texto de lei, não podemos ignorar que o sujeito de que estamos falando está referido a direitos. (ALTOÉ *et al.*, 1999, grifo da autora)

Sendo os indivíduos sujeitos, dotados de direitos, deveres e desejos, é possível que se tenha um amplo e efetivo alcance desse desejo, por meio do auxílio prestado pela Psicanálise.

Freud nos traz, em seu texto "Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)", de 1914, que

> o analista abandona a tentativa de colocar em foco um momento ou problema específicos. Contenta-se em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente, e emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente.

Deste modo, tem-se que a Psicanálise é um método que se utiliza da técnica da associação livre e que, pela via do fenômeno transferencial, interpreta e intervém sobre as repetições do sujeito, na tentativa de este encontrar um novo jeito de fazer com que "isso" que repete e que não cessa de não se inscrever, elaborando e construindo um significado novo a partir do material destacado pelo imperativo da repetição.

Uma vez que, por meio da técnica psicanalítica, o analista deixa de tentar colocar em foco um momento ou problema específicos, apresentados pelo paciente, passando a fazer uso da interpretação em busca da identificação de resistências, tornando-as conscientes ao mesmo, é possível que se alcance a efetiva satisfação buscada no aparato jurisdicional, que, na grande maioria das vezes, em função da atuação única e ativista do Judiciário, alcança-se apenas uma satisfação momentânea, resultando no surgimento de novas demandas.

Quando analisada a eminente conjuntura do Sistema Judiciário brasileiro, que tem transformado o afeto em moeda, por meio da judicialização das relações sociais e familiares, bem como a necessidade da existência de um Código Civil para que sejam regidas as relações pessoais e privadas, tem-se que, de algum modo, poderá, sim, a Psicanálise contribuir para com o suprimento das lacunas afetivas dos jurisdicionados na sociedade contemporânea, visto que, por meio do tratamento psicanalítico, é possível dar espaço para que o indivíduo reconheça e descubra a real forma de preencher as suas lacunas efetivas, pois é notório que a simples transformação do afeto em pecúnia pelo Judiciário não faz com que esse cumpra com o seu dever previsto no inciso XXV do art. 5º da Carta da República, qual seja o efetivo cumprimento à garantia constitucional do acesso à Justiça e a efetividade da tutela jurisdicional.

Direito, razão e desejo

Ainda no século XVIII, Rousseau já afirmava que a liberdade natural do homem, seu bem-estar e sua segurança seriam preservados através do contrato social. Hoje, em pleno século XXI, vivemos em uma sociedade em que as relações sociais regem-se por meio da imposição de normas e leis que ditam desde a conduta até as relações socioafetivas do indivíduo.

Neste sentido, Freud, em seu texto "O mal-estar na civilização", apresenta a ideia de que a cultura produz um certo mal-estar nos indivíduos nela inseridos, uma vez que existe uma certa incompatibilidade de ideias entre os indivíduos formadores da sociedade em função das exigências individuais da pulsão e os interesses da civilização. Desse modo, para o bem social, deverá o indivíduo se sacrificar, abstendo-se da satisfação funcional, para que a civilização possa se desenvolver e alcançar o seu fim coletivo.

Tem-se que a Psicanálise não defende a ideia da possibilidade de o indivíduo fazer o que quiser, por meio da prática subversiva de seus atos, mas, sim, a constituição e exteriorização de um sujeito do desejo, sendo este desejo o que o divide e o torna singular, possibilitando a sua atuação em um sistema ético e universal.

Uma vez que a razão pode ser vista como a orientadora da vida na contemporaneidade, de modo que as ciências jurídicas tenham uma escuta racional do desejo do sujeito, a adequação de tal situação à escuta psicanalítica, que vê esse desejo do sujeito como sendo um *modus operandi* de existir daquele próprio, pode se dar por meio do ajuste desse contrato social, visado a uma menor interferência estatal no âmbito das relações intersubjetivas.

Conclusão

Pode-se dizer que a Psicanálise e o Direito, em especial o Direito Civil, são ciências que dialogam, ou, pelo menos, deveriam dialogar, em razão de terem o sujeito como objeto comum, buscando, cada uma delas, dentro de seu campo de atuação, respectivamente, explicitar; controlar e reconhecer o desejo desse indivíduo, de modo que se possa ter uma sociedade contemporânea plural e democrática, cujas expressões conscientes e inconscientes sejam devidamente contempladas com ampla tutela jurisdicional.

Referências

ALTOÉ, Sônia *et al. Sujeito do Direito, sujeito do desejo: Direito e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999. 153 p.
DIAS, Maria Berenice. *Manual de Direito das famílias*. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. 688 p.
FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. V. 21. 326 p.

***

Mesa C – Mediador: Alexandre Aparecido dos Santos

Os operadores éticos da Psicanálise: o desejo, o ato, o discurso e o saber do analista

Júlio Eduardo de Castro

Por que Lacan atribui essas quatro expressões ao analista e quando ele o faz? E por que elas surgiam sempre que Lacan fazia referência direta ou indireta ao campo da ética da psicanálise e a seu agente, o analista? Isso me levou a estabelecê-las como os operadores éticos do analista[5]. Chamá-las e agrupá-las assim, sob um único e mesmo designador, foi um achado que não fez cessar a ânsia de pesquisar, no ensino de Lacan, os momentos de seus aparecimentos e, ainda, o contexto em que surgiram. Para tal, foi necessário rastrear os usos e os empregos feitos por Lacan dessas quatro expressões, considerando aí a dimensão ética, dimensão em que se encontram os princípios e o fundamento de tudo aquilo que se designa transmissão em/da psicanálise. No conjunto, entendemos essas expressões como referências

[5] O conceito de operador é aqui usado segundo o seu emprego em análise matemática – ou seja, como símbolo de uma operação que se efetua sobre uma variável ou sobre uma função – no caso, a presença real do analista como suporte de a – e não segundo o seu uso em cibernética, na qual é usualmente empregado para se referir às comunicações e ao sistema de controle das máquinas, uso esse que se reduz ao registro do Simbólico. Por isso, nossa concepção de operador (ainda mais quando acompanhado do complemento ético do analista) é – justo por pressupor como necessária a função de semblante de a ($a \longrightarrow \$$) – muito mais ampla que a acepção cibernética.

lacanianas ao modo como o analista exerce/opera a ética da psicanálise ao fazer existir o inconsciente em situação clínica, ou seja, as entendemos como facetas de um mesmo efeito: a produção de um analista. Elas são, portanto, efeitos de um processo analítico e, como tais, determinam a posição ética do analista, quer em situação de tratamento ou qualquer outra: de ensino, de pesquisa, de extensão ou institucional. Sendo efeitos de uma psicanálise levada a seu último termo, tornam-se os operadores éticos do analista feitos presentes nessas mesmas situações. Este foi o postulado da pesquisa realizada.

O problema de pesquisa que me acossou foi assim formulado: em que momentos, como e por que essas expressões surgem e se firmam como coordenadas éticas da psicanálise no ensino de Lacan? A resposta elementar: porque elas qualificam aquilo que se transmite na psicanálise em intensão. Postulamos, então, que a transmissão da psicanálise se realiza na dimensão ética – e somente por meio das intervenções/atos de seu agente, o analista. Como observamos, se a ética é da psicanálise, seu operador, contudo, é o analista. É ele, por meio de seus atos (do início ao fim de uma análise), aquele que, na situação analítica e calcado na política da faltaa-ser, aponta ao analisante a existência do objeto a e, desse modo, a impropriedade de qualquer saber totalizante acerca de si mesmo. Colocar-se como semblante do objeto a – inicialmente suportando ser tomado como sujeito suposto saber e, ao final, ser tomado como dejeto/resto do processo – é, portanto, a sua função, principalmente ao agir como operador da ética do desejo ou ética do bem-dizer a partir do sintoma e da transferência.

Destaco aqui que a entrada no discurso analítico por meio do discurso histérico somente se realiza se o analista deixa o analisante a desejar, recusando-se, assim, a entrar em qualquer jogo motivado pelos ideais do Outro. Suportar a falta inerente à condição do objeto a, ou seja, daquilo que o próprio analista experimentou na sua própria análise, é o que ele tenta transmitir na condução do tratamento, jamais do sujeito. Quando buscamos os empregos dessas quatro expressões, verificamos que Lacan aí sempre alude ao objeto a como o elemento de sua álgebra (topológica e discursiva) indispensável à abordagem do Real e, por decorrência, à dimensão ético-clínica da psicanálise. Daí a conclusão de que toda a perspectiva ética presente no ensino de Lacan encontrou no objeto a um modo de dar consistência lógica ao registro do Real. De modo que essas quatro expressões somente ganham compatibilidade lógica com o Real por meio do objeto a, tomado inicialmente como resíduo da constituição do sujeito.

A ausência de essência desse objeto se mostrou ainda coerente à própria política do analista, a política da falta-a-ser.

No ensino de Lacan, encontramos ainda outras expressões correlatas: o lugar do analista e o estilo do analista. Curiosamente, ambas surgem na etapa inicial de seu ensino, instante em que ainda não dispunha sequer do desejo do analista (que aparece pela primeira vez em 1959-1960). O lugar do analista é referenciado esparsamente nos primeiros seminários e escritos, e sempre usado em sentido lato. Também a transmissão de um estilo se refere ao início de seu ensino, sendo igualmente usada no sentido lato. Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama um estilo (LACAN, 1957/1998).

Portanto, a transmissão em/da psicanálise é concomitante à direção dada ao tratamento, ou seja, o analista a promove em função do modo como se engaja/implica na direção da cura, principalmente por meio da transferência. E se o estilo é uma marca singular de inscrição real de um sujeito no campo da cultura, nos perguntamos: como ele se faz presente na situação analítica? Seguramente, o estilo do analista – ou seja, o que foi a sua experiência de destituição subjetiva – toma parte do tratamento ao fazer existir aí, singularmente, o inconsciente. O estilo de cada analista é um modo próprio, singular, inventado por cada sujeito e em cada análise, de lidar com o que restou de seu sintoma, dele fazendo função de letra. Principalmente ao superar a impotência do gozo do UM (como produção subjetiva de uma análise) de ser verificado pelo saber no lugar da verdade (S2•⟵ S1), transformando-a, assim, em impossibilidade.

À transmissão de um estilo, correlaciona-se o surgimento, no final de análise, de um desejo inédito: o desejo do analista. E esse desejo, segundo Lacan, vem sempre acompanhado de entusiasmo, justo porque a causa aí, no desejo e discurso do analista, é potencializada (como letra a posta no lugar-poder), ou seja, colocada em posição de desejo (a ⟶ $). Certamente a transmissão de um estilo depende inicialmente de uma dose considerável de trabalho sobre/a partir do sintoma-mensagem, ou seja, pressupõe o trabalho de leitura das formações do inconsciente. Entretanto, essa transmissão pressupõe ainda mais o esvaziamento da vertente do sentido, que, como nos lembra Lacan (1956-1957/1998), é sempre metafórico, ou seja, subordinado ao Nome-do-Pai. O sentido é, portanto, calcado na metáfora paterna,

metáfora da qual depende a decifração das ambiguidades, equivocidades e enigmaticidades sustentadas na máxima de que "o inconsciente se estrutura como uma linguagem". E, como o sentido é sempre metafórico – resultado da substituição de um significante por outro –, sua busca e movimento tendem ao infinito, tanto quanto a cadeia significante e o saber inconsciente.

Se a psicanálise em intensão necessita dessa experiência de leitura do inconsciente – por parte de um sujeito e a partir de uma questão colocada por seu sintoma –, todavia, ela não é suficiente para a sua formação como analista. Um mais-além na formação do analista – marcado pela invenção de um estilo que parta da posição agenciada pelo objeto a – deve ser considerado na psicanálise em intensão. E assim Lacan tentou neutralizar o risco de a formação do analista se ver reduzida a essa dimensão do sentido, ou seja, tornar-se mero jogo de palavras sem efeitos sobre o sujeito, tornando, assim, o analisante prisioneiro do gozo do sentido, do "saber que engana a ignorância", em vez de dela extrair consequências quanto àquele.

Portanto, em Lacan, é o objeto a que responde pelo estilo, justo por sua função de ser o suporte, localizado entre a verdade e o saber. O estilo surge ainda do entrechoque de alíngua com a língua (como código social). E é nesse paradoxo que Lacan localiza o estilo: entre a inconsistência do Outro, demonstrada pelo atravessamento da fantasia fundamental, e a consistência lógica do objeto a; entre os recursos-padrão (estilísticos) disponibilizados pelo Outro e pelo que lhe falta [S(Ⱥ)]. Por conseguinte, um estilo transmissível em psicanálise é tanto dependente do Outro, que não mais existe (porque já escrito como não-todo), como, por isso mesmo, não demanda o seu reconhecimento nem tampouco a sua autorização. O estilo é, então, composto graças ao Outro e mesmo apesar dele. E é por esse último aspecto que um estilo se constrói sem fazer apelo exclusivo aos recursos do Outro ou à herança paterna.

Referências

CASTRO, Júlio Eduardo. *Psicanálise: ética, discurso e ensino*. 2. ed. rev. Curitiba: Appris, 2016.

LACAN, Jacques. *O seminário 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (Obra original publicada em 1959-1960.)

LACAN, Jacques. *O seminário 15: o ato psicanalítico*. Versão anônima, n.d. (Obra original publicada em 1967-1968.)

LACAN, Jacques. *O seminário 16: de um Outro ao outro*. Versão anônima, n.d. (Obra original publicada em 1968-1969.)
LACAN, Jacques. *O seminário 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Obra original publicada em 1969-1970.)
LACAN, Jacques. *O seminário 18: de um discurso que não seria do semblante*. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife (publicação para circulação interna), n.d. (Obra original publicada em 1971.)
LACAN, Jacques. O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Obra original publicada em 1967.)
LACAN, Jacques. O ato analítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Obra original publicada em 1969.)
LACAN, Jacques. Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Obra original publicada em 1970.)
LACAN, Jacques. *O saber do psicanalista* (1971-1972). Versão anônima, 1981.
LAURENT, Éric (org.). *Lacan y los discursos*. Buenos Aires: Manantial, 1992.
MILLER, Jacques-Alain. No hay clínica sin ética. In: *Matemas I*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1987.
MILLER, Jacques-Alain; LAURENT, Éric. O Outro que não existe e seus comitês de ética. In: *La Cause Freudienne, Revue de Psychanalyse*, publication de L'École de la Cause Freudienne – ACF, n. 35, février, 1997.

***

Notas sobre a produção textual de Lacan entre 1931 e 1953

Flávio Martins de Souza Mendes
Reside na cidade de Vitória (ES). É graduado em Psicologia pela Univix – Faculdade Brasileira e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Participa da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória (ES). Atua em consultório como psicólogo psicanalista, com ações nos campos da Psicanálise, da Psicologia da Saúde e da interface Psicanálise e Saúde.

O ensino e a transmissão da Psicanálise são assuntos que me interessam bastante por pelo menos dois motivos: eu ter sido professor de psicanálise em instituição universitária e me perguntar sobre o que se transmite quando se visa ao ensino da psicanálise; meu percurso

no campo, vivenciando e praticando a análise e participando de Escola de Formação.

Assim, tomo como importantes algumas perguntas sobre formação e transmissão: O que é um percurso? O que se transmite? A que serve o conhecimento teórico? Qual saber importa? Esta última questão fez-me lembrar de Bastos (2008, p. 16), ao dizer que o saber que importa é o "[...] do traço distintivo que cada um porta, o saber do traço unário". Compreendo, então, que a análise pessoal tem um lugar fundamental, pois a partir dela o traço pode ser destacado e, ainda, que também o percurso tem seu lugar, por marcar o traço que se reconhece no estilo.

Recentemente construí um curso sobre a produção textual de Lacan entre 1931 e 1953, período anterior aos seminários, material que me interessou por mostrar a singularidade do percurso de Lacan e que penso servir para refletirmos sobre nossos percursos. Preparando o curso, identifiquei alguns aspectos referentes ao envolvimento de Lacan com a psicanálise, seus posicionamentos e teorizações. Visando a torná-los dialogáveis, transformei-los em notas:

1) Sobre o RSI: Lacan começou construindo a relação entre Imaginário e Real, numa leitura fenomenológica, falando da técnica, que visaria a apreender a imagem do real, e da constituição psíquica, com o estádio do espelho. No "Para-além" (LACAN, 1935/1998a, p. 89), p. ex., ele diz que a ação da psicanálise "deve ser essencialmente definida como um duplo movimento pelo qual a imagem, a princípio difusa e fragmentada, é regressivamente assimilada ao real, para ser progressivamente desassimilada do real, isto é, restaurada sua realidade própria". Neste texto e em "Formulações" (LACAN, 1946/1998c), ele aponta para a importância da linguagem na experiência analítica, teorizando-a com a influência de Heidegger. A linguagem ganhou estatuto de Simbólico após contato com Lévi-Strauss, final dos anos 1940, aparecendo, assim, em "Agressividade" (LACAN, 1948/1998d), "I Congresso" (LACAN, 1950/2003c), "Estádio" (LACAN, 1949/1998e), "Intervenção" (LACAN, 1951a/1998f), "Criminologia" (LACAN, 1951b/1998g) e "Função e campo" (LACAN, 1953/1998h).

2) Sobre a Verdade: Lacan já se interessava pela questão da Verdade desde o "Para-além" (LACAN, 1936/1998a), dizendo que o cientista letrado, "por ignorar o quanto sua verdade é relativa às muralhas de sua torre, mutila o que do real lhe é dado apreender" (LACAN, 1936/1998a, p. 83), e valorizando a posição de Freud, que se submete

ao real, reconhecendo o testemunho do sujeito. Em "Formulações" (LACAN, 1946/1998c), associa a Verdade ao ser do homem, conquistada pelo uso da palavra; em "Criminologia" (LACAN, 1951a/1998g), diz que ela é revelação em movimento realizado no diálogo; em "I Congresso" (LACAN, 1950/2003c), diz que a psicanálise deve ser vista a partir da questão da Verdade, movimento do discurso; em "Intervenção" (1951a/1998f), expõe que a psicanálise gira em torno da verdade, nome ideal que o discurso introduz na realidade; em "Função e campo" (LACAN, 1953/1998h), indica que ela se revela na fala presente, e a psicanálise constitui sua emergência no real.

3) Sobre a Psicanálise como Psicologia Concreta: Lacan foi influenciado pela obra de Politzer[6] (ROUDINESCO, 2008), parecendo se apropriar dos conceitos psicanalíticos com correspondência concreta: se interessou pelo supereu e pelo ideal do eu, da tese (LACAN, 2011) em diante; redefiniu o desejo como ciclo de comportamento (LACAN, 2011) e a libido como símbolo de um processo (LACAN, 1936/1998a; 2011); diferenciou o ego entre eu/*moi*, sede das ilusões (LACAN, 1946/1998c) e [eu]/*je*, sujeito do conhecimento (LACAN, 1945/1998b); se interessou pelo termo "imagem/imago", propondo-o como objeto da psicologia (LACAN, 1936/1998a); utilizou o termo "complexo" para abarcar o que constitui as imagens (LACAN, 1936/1998a; 1938/2003a); colocou a "imago" e o "complexo" como significativos à psicanálise, "embora a doutrina o exprima [o efeito dos complexos] na noção, inerte e impensável, de inconsciente" (LACAN, 1946/1998c, p. 183); usou os termos "modalidade/modo" para falar do registro imaginário (LACAN, 1946/1998c; 1998d); falou do Isso e do [eu]-ideal somente após 1949, influenciado pelas teorias estruturais (LACAN, 1949/1998e; LACAN, 1998g); citou o termo "concreto" falando da psicanálise e/ou dos conceitos em todos os textos de 1936-1953, exceto em "Tempo lógico" (LACAN, 1945/1998b), "Número 13" (LACAN, 1945-1946/2003b) e "Intervenção" (LACAN, 1951a/1998f).

4) Sobre a busca de uma nova teorização da experiência analítica: Em seus textos e em suas biografias (MARINI, 1990; ROUDINESCO, 2008), identifica-se que Lacan aproximou-se da psicanálise a partir de referenciais externos. Entendo que seu envolvimento tinha por base suas inclinações pessoais, as teorias psicanalíticas, sua experiência com a análise (LACAN, 1936/1998a; 1948/1998d; 1951a/1998f; 1951b/1998g;

---

[6] POLITZER, Georges. *Crítica aos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. São Paulo: Unimep, 1998.

1953/1998h), a proposta da psicologia concreta e o contato com a vanguarda artística e intelectual da época. O projeto de construir um campo novo já existia na tese (LACAN, 2011) e manifesta-se em todo o percurso, propiciando pensar que Lacan buscava referenciais para traduzir a experiência da análise, à sua maneira singular. Em "I Congresso" (LACAN, 1950/2003c, p. 133, grifo meu), p. ex., ele diz: "Recorramos, pois, para compreender nossa experiência, aos conceitos que nela se formaram [...] e, se tivermos que buscar apoio noutra ciência, que seja na linguística".

5) Sobre as críticas à Psicanálise: Ao longo dos textos de 1932-1953, é possível constatar uma posição dupla de Lacan, tomando a psicanálise como objeto de apreciação e de crítica, passível de reconhecer, p. ex.: no uso que ele fez da psicanálise e na justificativa para correção dos conceitos de libido e instinto (LACAN, 2011); nas críticas ao texto "Totem e tabu", de Freud, com leituras sociológicas e pela inversão de causa entre tabu e crime (LACAN, 1946/1998c; 1951b/1998g); no incômodo com o "serralho psicanalítico" (LACAN, 1946/1998c); e ao falar do engano de Freud em associar o "eu" ao sistema percepção-consciência (LACAN, 1946/1998c; 1948/1998d; 1953/1998h; 1938/2003a).

Identifiquei esses aspectos estudando a produção textual de Lacan em um período específico, ciente de que ele continuou, por quase 30 anos, impedindo fechamentos de sentido. Entretanto, os aspectos propiciam pensar alguns traços da pessoa de Lacan e levantar questões: Não seria esse movimento insistente de construir um projeto, de manter uma posição crítica e de buscar uma nova teorização, aspecto crucial para cada analista pensar o seu percurso pessoal? Esse movimento é diferente do traçado por Freud na construção da psicanálise? Por fim, esse movimento não seria um traço fundante da psicanálise e fundamental para os psicanalistas? Deixo as questões para o diálogo com os pares.

Referências

BASTOS, Ruth Ferreira. Que saber movimenta a formação e a faz permanente na escola? Que audácia vigora na transmissão em psicanálise? In: Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória. *As formações do analista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 15-22.

LACAN, Jacques. Para além do "princípio de realidade". In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a, p. 77-95. (Obra original publicada em 1936.)

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b, p. 197-213. (Obra original publicada em 1945.)
LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998c, p. 152-196. (Obra original publicada em 1946.)
LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998d, p. 104-126. (Obra original publicada em 1948.)
LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998e, p. 96-103. (Obra original publicada em 1949.)
LACAN, Jacques. Intervenção sobre a transferência. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998f, p. 214-228. (Obra original publicada em 1951a.)
LACAN, Jacques. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998g, p. 127-151. (Obra original publicada em 1951b.)
LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998h, p. 238-324. (Obra original publicada em 1953.)
LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a, p. 29-90. (Obra original publicada em 1938.)
LACAN, Jacques. O número treze e a forma lógica da suspeita. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b, p. 91-105. (Obra original publicada em 1945-1946.)
LACAN, Jacques. Intervenção no I Congresso Mundial de Psiquiatria. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003c, p. 132-138. (Obra original publicada em 1950.)
LACAN, Jacques. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2011.
MARINI, Marcelle. *Lacan: a trajetória do seu ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
PORGE, Érik. *Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, hoje*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.
ROUDINESCO, Elizabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

***

Um grupo para outro grupo: relato de uma experiência de ensino e de transmissão da Psicanálise

Miriam Tachibana
Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Pós-doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP. Doutora em Psicologia, Ciência e Profissão, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas e pela Université Charles de Gaulle de Lille 3, com bolsas do CNPq e da Capes, respectivamente. Mestre em Psicologia clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, com bolsa Capes. Psicóloga pela PUC-Campinas.

Bruna Alves Schievano
Estudante do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Carolina Antônia Goulart de Paula
Estudante do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Thaís Cardoso Beggo
Estudante do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Em 1919, o fundador da Psicanálise questionou-se sobre quais seriam as vias possíveis de ensino e de transmissão de seu legado, indagando-se sobre a (im)possibilidade da inserção da Psicanálise nas universidades (FREUD, 1919/1969). Podemos considerar que essa dúvida permanece sendo muito atual (ROMERA e ALVAREGA, 2010).

Notamos que, de um lado, há uma vertente de psicanalistas que pontua que a educação psicanalítica, nessa perspectiva, dar-se-ia exclusivamente através das instituições psicanalíticas, seguindo o tripé constituído por corpo teórico, análise didática e supervisão dos casos clínicos atendidos (SARAIVA e NUNES, 2007; PINHEIRO e DARRIBA, 2010). De outro lado, notamos uma vertente de psicanalistas que defende a possibilidade do ensino da Psicanálise nas universidades, compreendendo que, apesar de os cursos de Psicologia não exigirem análise pessoal de seus graduandos, apresentam recursos para desenvolver a postura clínica, aos moldes da Psicanálise, junto aos estudantes (ROSA, 2001). Dentre eles, Sei e Paiva (2011), por exemplo, discorrem que uma das formas é a de ofertar um espaço de supervisão que

cumpriria a função de *holding*, aos alunos, no sentido de favorecer neles a adoção de uma postura emocionalmente madura.

Souza (2001) ressalta que o que se observa é que, de todo modo, as universidades vêm formando cada vez mais psicólogos que se dizem psicanalistas, que apenas frequentam, de modo não sistemático, os seminários abertos das instituições psicanalíticas. O mesmo autor propõe que, uma vez que a Psicanálise está cada vez mais inserida nas universidades, caberia desenvolver estratégias para que professores e alunos tivessem mais convivência, nos serviços de atendimento, visando à transmissão do saber fazer do analista, e não simplesmente a reflexão sobre o método e os conceitos psicanalíticos.

Essa proposição de Souza (2001) torna-se ainda mais desejável quando nos deparamos com dados, na literatura científica, de que, a despeito da Psicologia Clínica, em especial a com ênfase em Psicanálise, ser a mais "desejada" entre eles (MEIRA e NUNES, 2005), frequentemente, os alunos vivenciam profundo mal-estar emocional em seus primeiros atendimentos clínicos (RIBEIRO, TACHIBANA e AIELLO-VAISBERG, 2008).

A partir desses dados, desenvolvemos um enquadre, no contexto de estágio básico em Psicologia Clínica da Universidade Federal de Uberlândia, que objetivamos apresentar no presente trabalho, aos moldes de um relato de experiência.

Vale ressaltar que, nos cursos de Psicologia, enquanto o estágio profissionalizante é desenvolvido nos últimos períodos da graduação, contando com a intervenção exclusiva do aluno, supervisionado por um docente *a posteriori*, o estágio básico é desenvolvido na metade da graduação e constitui-se essencialmente de observações, por parte do aluno, da intervenção de um profissional de Psicologia, que, depois, são discutidas em supervisão com o docente responsável por aquele estagiário-observador. Vemos, desse modo, que, enquanto no primeiro estágio existe o objetivo de fazer com que o aluno intervenha, de forma supervisionada, no segundo estágio, persiste a ideia de que ele apenas observe. Tentando minimizar essa distância que existe entre um estagiário que se encontra no meio da graduação, que figuraria como mero espectador da atuação clínica de um profissional, e um estagiário já no fim da graduação, de quem se esperaria a sofisticada capacidade clínica de manejar, "sozinho", demandas variadas por parte dos pacientes da clínica-escola, realizamos, no segundo semestre de 2016, um estágio básico num enquadre de ensino alternativo, em que: 1) ao invés de os alunos observarem um profissional de Psicologia,

para em seguida serem supervisionados pela figura docente, o profissional cujas intervenções clínicas eram observadas era a própria docente[7] responsável pela supervisão deles; e 2) ao invés de os alunos apenas observarem passivamente as intervenções da docente, responsável pelo caso clínico e pelo processo de aprendizagem deles, já realizavam intervenções.

Deste modo, nesse enquadre do estágio básico, havia um duplo objetivo: 1) ofertar um acolhimento, constituído de sete sessões, a grupos familiares que haviam solicitado atendimento psicológico na clínica-escola da universidade em questão e que se encontravam na fila de espera para atendimento; e 2) ofertar a possibilidade de estudantes de Psicologia, que se encontram ainda no 5º período do curso, intervirem clinicamente, desde a perspectiva psicanalítica, junto a um docente, responsável por eles e pelo caso clínico.

Nesse estágio básico, os 12 alunos que compunham o grupo de estagiários foram organizados em trios, de modo que cada trio de alunos ficou responsável pelo acompanhamento, junto à docente, do processo de acolhimento clínico de um grupo familiar. Embora tenhamos, desse modo, acompanhado quatro grupos familiares, no presente trabalho, elegemos discorrer sobre o processo de acolhimento de um grupo familiar composto por uma mulher idosa, sua filha e suas duas netas, que havia buscado auxílio psicológico por questões relativas à dependência química e suspeita de abuso sexual[8].

Pôde-se perceber que esse enquadre teria beneficiado não apenas o grupo familiar, que teria tido condições de olhar profiundamente para questões que tão violentamente destruíam as expectativas de cada um daqueles membros familiares de que seriam capazes de constituir uma família idealizada, como, também, o trio de alunas envolvidas nesse caso clínico. Se, num primeiro momento, o trio de estagiárias hesitava em realizar intervenções clínicas, assumindo uma postura essencialmente observadora, aos poucos, todas elas foram se sentindo suficientemente seguras, justamente por estarem acompanhadas da docente responsável pelo manejo clínico daquele grupo familiar e pelo processo de aprendizagem delas, para "ousar" realizar intervenções, desde assinalamentos até a proposição de atividades lúdicas. Em uma das supervisões clínicas desse caso, o grupo, constituído pela

---

[7] A docente responsável era Miriam Tachibana.

[8] O trio de alunos que acompanhou esse caso clínico foi composto por Bruna Alves Schievano, Carolina Antônia Goulart de Paula e Thaís Cardoso Beggo.

docente e pelas três alunas, pôde inclusive dar-se conta de que, contratrasnferencialmente, estava reproduzindo a dinâmica daquela família acompanhada, com cada uma delas mais identificada positivamente com um dos integrantes familiares, vale dizer, com a avó, que tinha de cuidar das netas por causa da filha usuária de drogas, ou com a filha, que, justamente por conta da relação adoecida com a própria mãe, fazia uso de drogas e deixava as próprias filhas "de lado".

Ao final desse processo de acolhimento, notamos que não apenas os integrantes daquele grupo familiar tinham estreitado as suas relações, como, também, o grupo constituído pelas alunas e pela docente havia igualmente se fortalecido, vindo a constituir-se não mais como um grupo de alunas observadoras de uma profissional gabaritada, mas, sim, como um grupo em que, por mais que houvesse ali uma figura docente e mais responsável que as demais, compartilhava igualmente de uma postura clínica interventiva.

Consideramos, desse modo, que, talvez, uma das estratégias possíveis para darmos conta da complexa tarefa de ensinar a Psicanálise aos nossos alunos de Psicologia seria não apenas a realização de supervisões clínicas após eles terem atendido "sozinhos" seus pacientes, quando já se encontram no final da graduação, mas, também, a realização de atendimentos, conjuntamente aos seus docentes, já no meio da graduação, no contexto de estágio básico. Tratar-se-ia, de acordo com a nossa experiência, não apenas de uma forma de favorecer a adoção neles de uma postura clínica psicanalítica (respeitando a singularidade de cada um deles, evidentemente, para que esse processo não se traduza em meras atitudes imitativas, como bem pontuam Meira e Nunes (2005), mas, também, de constituir, junto aos estudantes universitários, um enquadre protetor de ensino que influenciaria diretamente na qualidade de cuidado ofertado aos pacientes acompanhados por eles.

Referências

FREUD, Sigmund. Deve a psicanálise ser ensinada na universidade? In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (v. 17, p. 217-219). (Obra original publicada em 1919.)

MEIRA, Claudia Hyala Mansilha Grupe; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de Psicologia. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 339-343, 2005.

PINHEIRO, Nadja Nara Barbosa; DARRIBA, Vinícius Anciães. A clínica psicanalítica na universidade: reflexões a partir do trabalho de supervisão. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 45-55, 2010.
RIBEIRO, Diana Pancini de Sá Antunes; TACHIBANA, Miriam; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. A experiência emocional do estudante de Psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, Canoas, n. 28, p. 135-145, 2008.
ROMERA, Maria Lúcia Castilho; ALVARENGA, Cérise. O ensino da psicanálise na universidade: do legado de um impossível à invenção de possibilidades. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 43, n. 79, p. 187-199, 2010.
ROSA, Miriam Debieux. Psicanálise na universidade: considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de Psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 189-199, 2001.
SARAIVA, Lisiane Alvim; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 12, n. 3, p. 259-268, 2007.
SEI, Maíra Bonafé; PAIVA, Maria Lúcia de Souza Campos. Grupo de supervisão em Psicologia e a função de *holding* do supervisor. *Psicologia, Ensino & Formação*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 9-20, 2011.
SOUZA, Octávio. Psicanálise e universidade: ensino. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 177-188, 2001.

***

Mesa D – Mediadora: Maria Luíza Bassi

A Psicanálise no hospital geral

Luisa Miranda Maia Braun
Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Psicóloga no Hospital Biocor Instituto. Professora de Psicologia no curso técnico de Enfermagem – Escola de Enfermagem Dr. Mario Vrandecic. Pós-graduanda no curso Saúde Mental: Política, Clínica e Práxis da PUC Minas.

A dialética teoria/prática perpassa todo o trabalho possível daquele que lança mão do referencial teórico psicanalítico, assim como muitas outras produções de conhecimento e suas aplicações. Ainda

que o início da construção do pensamento psicanalítico tenha se dado no ambiente hospitalar, com Freud no Hospital de Viena, Charcot na Saletriére e, posteriormente, Lacan em Sant Anne[9], o uso do referencial teórico da psicanálise nos hospitais gerais ainda faz questão como prática clínica.

A interseção entre a prática clínica da psicanálise e a atuação do psicólogo no hospital levanta discussões devido ao contexto em que esses trabalhos se inserem. O psicólogo hospitalar que, através da psicanálise, pensa sua prática se depara em um espaço onde o paradigma científico, protocolos e *guidelines* determinam a condução do tratamento dos pacientes hospitalizados.

No hospital, a emergência evidente é a do corpo. Há algum descompasso orgânico que necessita de cuidados rapidamente para a manutenção de um equilíbrio fundamental, sendo este o foco principal em quase toda a assistência prestada. Sob efeito de medicações para dor, antibióticos, dieta, sonda, cuidados da medicina, enfermagem e fisioterapia, aparentemente o paciente não apresenta demanda de quaisquer outros cuidados.

Todo cuidado necessário é antecipado ao paciente que se encontra hospitalizado. Mudanças de decúbito de tempos em tempos, fisioterapia e medicações. O paciente não precisa se movimentar, pois há uma equipe especializada para esta função. Em alguns casos, há um aparelho que faz função do ato de respirar. Nem tampouco precisa se alimentar, pois há dieta que através da sonda o nutre. Em detrimento de elementos supridos prontamente pela equipe, o psicólogo aposta que ali há um sujeito para além das necessidades basais. Ainda que o corpo adoecido ocupe um lugar privilegiado dentro do hospital, sabe-se, se baseando na concepção psicanalítica do sujeito como sujeito pulsional[10], ou seja, limítrofe entre o somático e o psíquico, que algo emerge nesta interseção: uma possibilidade, além da necessidade, de escutar este sujeito que habita o paciente.

Os critérios ideológicos de organização, ordem e automatismos devem ser analisados a partir da dimensão dos discursos, a qual denuncia que escapa ao saber médico a possibilidade de simbolizar, a

---

[9] DUNKER, Christian. Prefácio. In: MORETTO, Maria Lívia Tourinho. *O que pode um analista no hospital*? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

[10] Conceito presente na obra freudiana: FREUD, Sigmund. A pulsão e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Obra original publicada em 1915.)

despeito de todo esforço de padronização e descrição, a experiência subjetiva. Ademais, a práxis da psicanálise aponta que nos consultórios, nos centros de saúde, nos corredores e na rua e que, para além do sujeito da necessidade, muito bem amparado dentro do hospital, há um outro sujeito, o sujeito do inconsciente, e é este que, independentemente do local, pode emergir.

A partir da formalização freudiana de Inconsciente e o seu determinismo no psiquismo, a experiência do adoecimento ultrapassa o compêndio ideal da programação científica, e é onde esse discurso vacila que abre espaço para aparecer o particular, o sujeito. A psicanálise, então, é convocada a atuar neste contexto em que o que escapa à ciência deflagra um impasse naqueles que ali trabalham.

Ocupar, como seus colegas profissionais, um lugar de saber é uma convocação sedutora. O convite ao psicólogo, tanto feito pela equipe quanto pelo paciente, legitima seu trabalho no ambiente hospitalar, porém essa demanda é uma demanda de alívio do sofrimento e não uma demanda de análise. O pedido é que se solucione o problema ao responder com seu saber sobre o sofrimento humano, decantando, assim, a angústia.

Essa angústia inerente ao pedido do paciente/equipe pode ser aliviada em um primeiro momento através da fala – recurso simbólico que faz borda ao Real. Neste momento, a angústia deve ser acolhida e considerada um elemento importante de baliza, mas atender essa demanda não soluciona a questão. Moretto (2002) diz:

> O tratamento analítico vai para além do desaparecimento dos sintomas originais apresentados pelo paciente ao analista no momento do primeiro encontro. O tratamento analítico, como já dissemos, centra-se no sintoma que é (re)produzido ali mesmo, na própria relação entre paciente e analista. Isto porque ele difere nitidamente de um tratamento tipo médico, em que a cura se dá pelo desaparecimento dos sintomas.

Ao contrário do tratamento médico, como apontado por Moretto (2002), o objetivo da psicanálise não é a cura, uma vez que não há como curar o sujeito de sua divisão primordial. O que a psicanálise visa é ao saber. Ao psicanalista não fazer parceria com o sintoma que o paciente lhe apresenta, abre-se espaço para um saber único emergir, saber do inconsciente, em que a relação com corpo, recoberto por um discurso pragmático, pode ter um novo significado.

A equação edípica inscreve o sujeito na ordem simbólica através de uma subtração. O resto desta conta é o Inconsciente, que, através do recalque, instala a falta como inerente à condição humana. O sujeito "é colocado numa posição dolorosa, e essa dor é nada menos que a dor de existir como ser falante. Ele fica dependente desse grande Outro, e todo o seu movimento é em busca de um reconhecimento desse Outro para que ele se mantenha vivo" (MORETTO, 2002).

A ciência ocupa o lugar deste Outro que reconheceu seu pedido, produzindo respostas rápidas para um alívio momentâneo dessa dor. Não obstante é o hospital a instituição paradigmática da atualidade, onde encontramos a promessa de uma resposta para o sofrimento. Decat (2016), em seu artigo "Um lugar para o sujeito a partir de diferentes práticas discursivas", mostra que "a psicanálise extramuros ou em extensão diz respeito a uma abordagem que considera o sujeito atravessado pelos fenômenos sociais e políticos e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico".

Estar no hospital é saber fazer com o paradigma epistemológico da atualidade. Como diz Laurent (1999), "o analista, mais que um lugar vazio, é o que ajuda a civilização a respeitar a articulação entre normas e particularidades individuais." É este o movimento necessário, o fio condutor do trabalho do psicanalista, proporcionar a articulação entre o saber científico e o saber do inconsciente.

Referências

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. *O caso Schereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. p. 109-101. (Obra original publicada em 1911-1913.)

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. p. 137-139. (Obra original publicada em 1915.)

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 12, p. 147-59. (Obra original publicada em 1912.)

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 12, p. 189-203. (Obra original publicada em 1914.)

FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: FREUD, Sigmund. *O caso Schereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. p. 137-139. (Obra original publicada em 1913.)
KAMERS, Michele; MARCON, Heloisa Helena; MORETTO, Maria Lívia Tourinho. *Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde*. São Paulo: Editora Escuta, 2016.
LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 869-92. (Obra original publicada em 1966.)
LAURENT, Éric. O analista cidadão. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 13, p. 12-19, 1999.
MORETTO, Maria Lívia Tourinho. *O que pode um analista no hospital?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

***

Do pó à luz

Cláudia Pedrosa Soares

> O real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
> (ROSA, 1986, p. 52)

"Não tenho medo da morte" (*sic*), conta-nos um jovem, dois dias antes de falecer. 'Só não estou ainda preparado para ser só uma lembrança para alguns e pó para outros"' (*sic*).

Quando um sujeito, internado há várias semanas em um hospital geral, gravemente enfermo, dirige essas frases a um analista, o que, desse endereçamento, podemos alinhavar, para pensarmos sobre a função desse profissional em um contexto hospitalar?

Sabemos que o psicanalista nada tem de objetivo, protocolado e consistente a oferecer, o que o difere dos outros profissionais desse meio. Sabemos, também, que, para se exercer essa função, não é necessário caminhar pelo conhecimento científico e adquirir diversos diplomas acadêmicos, o que, também, o diferencia. A construção de um analista passa pela experiência de sua própria morte no divã. Podemos pensar, ainda, que os efeitos do encontro com um analista não

se encaixam nas estatísticas e nos padrões pré-determinados de conduções e condições que a comunidade científica e administrativa exige em um hospital geral. Além disso, ninguém se interna em unidades hospitalares com o intuito de conversar com um psicanalista.

Assim, podemos nos apressar e dizer que o psicanalista é aquele que se oferece sem nada nas mãos, nos centros de internação, para ler o que a dor do outro ainda insiste em não se inscrever. Sim, é aí, onde a ciência estanca, que a psicanálise abre um campo em movimento; é nesse lugar de impossibilidade, onde a medicina silencia, que a psicanálise dá voz ao obscuro.

Para a Psicanálise, a transposição daquilo que não se pensa à fala é da ordem do ato, é um acontecimento, às vezes efeito da urgência em dizer-se e, quase sempre, tem a ver com um momento sem devir. No discurso do sujeito, não se almeja exprimi-lo, mas causá-lo; não se busca entendê-lo, mas escutá-lo; não interessa apreendê-lo, mas lê-lo nas entrelinhas do dito.

Sigmund Freud assinala que os sonhos são restos diurnos, significantes esvaziados de significações, letras a serem lidas como rébus, e não a partir do sentido que as imagens evocam (FREUD, 1901/1976, p. 332-342). Lacan (1957) sublinha que o inconsciente se estrutura como uma linguagem e que a palavra falada sofre uma espécie de sobreimpressão simbólica de restos significantes inomináveis, letras carregadas de afeto. Nessa via, podemos pensar que os elementos simbólicos estruturais que compõem a fala – os fonemas, os morfemas, as letras – ao serem combinados entre si, constituem um sistema de caracteres tipográficos equivalentes às impressões deixadas sobre o papel. A escuta analítica, então, equivaleria a um tipo específico de leitura que exigiria do analista debruçar-se para além daquilo que se diz e lançar seu corpo sobre os excessos irrepresentáveis que a palavra parasita.

Podemos pensar que promover o escrito, o rébus, em relação às outras considerações do campo da linguagem e destacar a leitura em relação à escuta direciona a prática do psicanalista para aquilo que ainda resta em se inscrever, pois ainda vive; e para a circulação daquilo que excede e insiste em não se inscrever, pois ainda pulsa.

Sim, um corpo moribundo, despedaçado pelas tecnologias avançadas, ainda escreve. O encontro entre o psicanalista e alguém acamado é provocado, mas o campo clínico que acolhe o pulsar da vida e causa o desejo de se inscrever é um acontecimento. Muitas vezes, esse momento é a única chance que o sujeito tem de recontar sua história,

ou até mesmo de contá-la pela primeira vez. Contando-se, ele se registra e se eterniza no mundo do vivo, redimensiona a lógica daquilo que se denomina tempo e articula-a à existência humana, revendo prioridades e revivendo laços sociais. Sim, laços onde, para alguns, seremos pó, e para outros, luz.

No dia em que esse jovem disse as frases acima ao analista, ele estava visivelmente morrendo. Os médicos já não tinham mais o que fazer. A família parecia já estar velando seu corpo. A fala era lenta e baixa. O analista insistiu. Ele, então, recontou sua história, de forma sintetizada, mas intensa; sublinhou encontros, remarcou afetos e se realinhavou no contexto familiar. No dia seguinte, ele parecia ressuscitado dos mortos. Com os olhos vivos, contou ao analista que a mãe lhe dizia que ele era muito iluminado e que essa luz era o bem mais precioso que ele deixaria aos familiares. No outro dia, ele faleceu.

Diante da morte ou da iminência dessa, a perda é a única certeza que se tem. Uma das perdas mais avassaladoras é a imagem que o sujeito constrói de si e sobre si mesmo através do olhar do outro. Geralmente, os tratamentos das doenças graves são agressivos e mutiladores. Frente a essa perda não tem simulação nem adornos; o estilhaçamento narcísico é brutal. O confronto com o outro, na maioria dos casos, é devastador.

Como nos fizemos girar em torno da fantasia cuja satisfação buscamos em nossos próximos (LACAN, 1960-1961/1992, p. 44), a iminência da morte do outro, também, toca-nos em pontos obscuros da estrutura, quebrando o imaginário e dilacerando o curso do simbólico. Perder-nos no outro exige-nos trabalho para reinventarmos certo sentido de viver. A dor que irrompe do real é o afeto que temos que nos a ver para nos reaver enquanto sujeitos desejantes.

Em 15 de outubro de 1960, falecia Alfred Lacan, pai de Jacques Lacan. Nessa data, esse psicanalista, já com os seus 60 anos e apesar da dor da perda, se pôs ao trabalho e, novamente, se lançou na sua causa: a escrita do real. A experiência de perda no real e as questões levantadas sobre os problemas do amor (ao pai?) convocou, um mês e meio após a morte de seu pai, Jacques Lacan, a ministrar o seminário sobre a transferência, articulando-a ao tema do amor, assim como nos ensinou Freud. No entanto, Lacan ousou um pouco mais, e ensinou-nos que, quando o véu da fantasia, que recobre a posição mortífera do objeto amado e o malogro do outro enquanto ser desejante, cai, algo ainda sustenta o sujeito no ponto da estrutura: o amor.

Lembremos que, nesse seminário, o termo "objeto a" ainda não

tinha sido circunscrito, o que aconteceria dois anos mais tarde. Sim, nesse momento de seu ensino é o amor que se manifesta e se revela, diante da morte, no real. Sim, é o amor que sustenta o fracasso e que suporta aquilo que se deixa estar sempre em falta nos encontros.

Não se trata, logicamente, aqui, daquele amor trágico, fruto das identificações e idealizações entre os amantes. Não se trata daquele amor louco que converte a contingência do encontro à realização de uma possibilidade, que transforma a possibilidade desse encontro em necessidade; e a necessidade em certeza.

Nas primeiras páginas do seminário da transferência, encontramos certa confissão de Lacan sobre sua dor e o que da queda do véu insiste em lhe dizer:

> [...] Será que nunca lhe chamou a atenção que num dado momento, naquilo que vocês deram aos que lhes são mais próximos, alguma coisa faltou? E não apenas alguma coisa faltou, mas algo que os deixa, a esses ditos mais próximos, irremediavelmente em falta por vocês? (LACAN, 1960-1961/1992, p. 44)

Nessa mesma lição, Lacan aponta para certo malogro do outro enquanto ser desejante e ensina-nos que a morte nos faz escutar a ressonância daquilo que, em nós, está eternamente perdido. Em suas palavras:

> Este ser, de quem vocês podem se lembrar de súbito por um acidente qualquer, cuja morte é realmente o que nos faz escutar de mais longe a sua ressonância, este ser verdadeiro, na medida em que o evocam, já se distancia, já está eternamente perdido. Ora, este ser, ainda assim, é aquele mesmo a que tentam reunir-se pelos caminhos de seu desejo. Só que este ser é o de vocês [...] por não tê-lo querido, é que vocês também meio que o perderam. Mas, pelo menos, aqui vocês estão no nível de sua falta, e seu fracasso mede isto com exatidão. (LACAN, 1960-1961/1992, p. 44)

Na lição de 7 de dezembro de 1960, Lacan se pergunta sobre o que faltou "àquele que já está longe demais para que possamos corrigir nossa falha?". E ele responde: "Justamente, sua qualidade de objeto" (LACAN, 1960-1961/1992, p. 58).

O desejo pelo objeto amado é movimentado pelo amor. Esse

movimento, Lacan o aproximaria, de forma imajada, ao mito da mão que se estenderia para atrair a rosa que se abriu. O amor é aquilo que emergiria, no instante em que, dessa flor, também, se estendesse uma outra mão que viria ao encontro da primeira e a deteria, fixa, na plenitude aberta da rosa. Assim a mão desejosa de alcançar o objeto amado, de subido, alcançaria a função de um para além do amado, o seu ser desejante.

Essa estrutura imajada, que se relaciona com o inexplicável do real, não é de simetria e de retorno. A mão que surge da abertura da flor é um acontecimento. E o que Lacan quer sublinhar não é a posse de um objeto; ao contrário, "não é o que se passa dali para além, é o que se passa ali", é o decaimento do objeto da demanda de amor e a emergência à realidade do desejo.

No entanto, o que se passa ali é o consentimento do sujeito em se deixar afetar pelo decaimento do objeto da demanda. Só que ele perde também. Perde seus excessos neuróticos, seu ritmo acostumado, suas representações modeladas pelo outro, as certezas imaginárias projetadas no futuro e, logicamente, a fantasia de que a noite amanhecerá. Ele, também, corre riscos. Riscos de apostar que, saindo de sua curva, ele poderá ou não encontrar outra esquina; de se lançar num outro ritmo e encontrar ou não um outro compasso; de se jogar na construção de diversos "eus" que poderão lhe ser ou não confortáveis.

Atravessar o túnel da morte exige coragem, paciência e fé. Coragem para suportar as incertezas dos modelos eficazes da medicina e sustentar a fragilidade e a vulnerabilidade diante de algo tão doloroso que é a certeza de sermos pó ou somente lembranças ao outro. Paciência para aguardarmos, em silêncio, a contingência de um possível enlace, uma grafia desenhada pela mão do não saber, que enode, com o fio da generosidade, a destruição de um caminho construído pela fantasia de um futuro. E a fé de saber transformar em luz aquilo que deixamos se perder na passagem de uma língua à outra.

O analista, em um contexto hospitalar, é testemunho dessa travessia. Ele é a presença que permite enlaçarmos "morte e vida Severina" e que nos autoriza ao pó retornarmos, pois nada mais somos do que "poalha de luz e em seres luminosos haveremos de nos tornar" (EL, p. 12).

Referências

ALLOUCH, Jean. *O amor Lacan.* Trad. de: Procópio Pompeu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 332-342. (ESB, IV.) (Obra original publicada em 1901.)
LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 493-533. (Obra original publicada em 1957.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 08: a transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

***

Da pressa à urgência do sujeito

Elaine Azevedo
Psicóloga, psicanalista, mestre em Psicologia pela UFSJ, docente dos cursos de Psicologia da UEMG Divinópolis e Faced Divinópolis e coordenadora do Serviço de Psicologia do Hospital São João de Deus, em Divinópolis.

Juliana Marçal
Psicanalista, docente do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras Divinópolis, mestre em Psicologia pela UFSJ. Experiência e pesquisas nas áreas de Psicanálise em instituições, urgência subjetiva, subjetividade e saúde.

O espaço do hospital nos mostra uma questão de que há muito tempo a Psicanálise se ocupa: quando lidamos com corpos, não lidamos apenas com a dimensão biológica. Observa-se que a prática médica não impede que o sujeito apareça. Este se apresenta mediante suas queixas e demandas, fazendo exceção ao universal da ciência. A clínica é a experiência da tensão entre o singular do caso e o geral da teoria. Nesse momento, a teoria da medicina se apaga ao deparar-se com a especificidade de cada caso que coloca à prova o saber médico. A clínica obriga o médico a confrontar-se com o que se encontra em questão na demanda do paciente, não sendo possível operar sobre o corpo, excluindo a dimensão do que é subjetivo, principalmente na urgência. A demanda dirigida ao médico ultrapassa a demanda de cuidados da mesma forma que o tratamento de um corpo doente não se reduz ao orgânico e à dimensão da necessidade. Demanda, aqui, deve

ser tomada em seu sentido psicanalítico, reconhecendo que, quando alguém pede algo, não se trata exatamente do que quer.

Diante do encontro desvelado com o real do corpo, sem as amarrações simbólicas e imaginárias, passamos da urgência de um corpo adoecido por sua ferida para uma urgência subjetiva, um sujeito adoecido em sua palavra. A temporalidade na urgência médica é vivida de forma diferente pela equipe e pelo sujeito que procura o hospital. A pressa da medicina é de tratar o mal-estar do organismo em um curto espaço de tempo, porém o tempo do sujeito é diferente e introduz outra urgência que, a partir da Psicanálise, podemos denominar urgência subjetiva. A passagem da urgência para a urgência subjetiva não se produz SEM A OFERTA DA PALAVRA. Na urgência, há um curto-circuito entre o instante de ver o acontecimento e tempo de compreender esse acontecimento; utilizamos aqui o "tempo lógico", tal como define Lacan (1945/1998). Acompanhamos as contrações das etapas do tempo lógico no hospital diante da urgência que se antecipa e da possibilidade de morte. Podemos inferir que o sujeito frente à urgência do que se apresenta como uma pedra no caminho, um real impossível de simbolizar, se precipita diante do tempo do fim.

No seminário *O osso de uma análise*, Miller (1998) nos mostra que há uma pedra, obstáculo no caminho de uma análise, mas nos aponta também que esta pedra só se mostra como obstáculo porque o sujeito se pôs a caminhar. Miller toma o poema de Carlos Drummond de Andrade para pensar nesta pedra que não se encontra em qualquer lugar, mas no meio do caminho do sujeito. Tal passagem remete ao caso de um sujeito diante de seu caminho de pedras. A paciente repetia sempre de maneira imperativa que precisava ser "atendida". Toda semana ia ao ambulatório do hospital com a mesma queixa: "Não estou me sentindo bem, algo não me deixa melhorar". O médico aferia sua pressão, monitorava a glicemia, verificava a temperatura sempre. Num atendimento, chegou a fazer exames elaborados, mas o mal-estar no corpo era o que a vivificava, a mantinha ali queixosa, mas viva. Toda semana estava lá com seu sintoma, fazendo valer a partir dele um ato repetitivo que lhe instaurava na condição de sujeito.

Após algumas semanas, a analista foi chamada para avaliá-la. Numa sala improvisada, a paciente descreve "seu caminho de pedras": morava sozinha havia alguns anos, após ter ficado viúva, e seu filho, "o Único", trabalhava muito e não dispunha de tempo para ela. No entanto, o filho sempre a buscava quando ela ia ao ambulatório: "É ele que vem me buscar ao final da tarde quando o doutor me dá alta". Ele

a levava para casa, lhe fazia uma sopa e assistiam à TV juntos. Quando a analista aponta a repetição, ela se põe a falar de seu mal-estar subjetivo e agenda com a analista sua volta ao hospital, agora, para "tratar das feridas na alma".

Nos diz Miller: se a linguagem servisse apenas para exprimir uma significação, bastaria dizer uma só vez: "No meio do caminho tinha uma pedra. (...). O autor eleva a pedra ao nível de um obstáculo fundamental, o obstáculo que impede que o sujeito prossiga o caminho que decidiu percorrer" (MILLER, 1998, p. 28). É a partir da fala que o ser falante constrói seu caminho, se deparando, assim, com as pedras não porque foram colocadas, mas por ser este o caminho escolhido por ele. "É pelo caminho que a pedra existe, mas é também pela pedra que existe o caminho". Miller continua: "Digamos que – essa pedra – é o que Lacan chama de objeto pequeno *a*, um objeto suplementar em relação à ordem regulada pelo significante. Pequeno *a* é a pedra que existe em todo caminho da fala" (MILLER, 1998, p. 35, grifo do autor).

No hospital, as pedras marcam o caminho do sujeito de forma avassaladora, e é com este material rochoso que se depara também o analista. É preciso abrir um espaço para a palavra neste caminho singular percorrido por cada sujeito para que este possa continuar falante. A Psicanálise não tem como objetivo "libertar" o sujeito, mas produzir um sujeito que não é "ser" senão por falar.

Diante da urgência subjetiva no hospital, o que temos é um obstáculo à fala. Os sujeitos em angústia na urgência nos mostram que recursos simbólicos e imaginários estão obstruídos, impossibilitando uma saída. O que se apresenta é um vazio, um obstáculo no percurso da cadeia significante. Algo se rompe, desestabilizando o sujeito no tempo. O analista no hospital pode ser instado a colocar o sujeito a trabalho, possibilitando emergir um enigma subjetivo para além do ato médico e da presença da doença, em que algo retorna após ter sido ejetado para fora do campo da medicina. No hospital, a emergência do mal-estar subjetivo não precisa de convite. Há algo do sujeito que não cessa de se apresentar, pois onde está presente a linguagem estão presentes também seus efeitos. Diante da falta de tempo na urgência, para que o sujeito possa compreender algo de seu sofrimento, é importante que se introduza um outro tempo, uma pausa na pressa. É propor um tempo para a palavra.

Vimos, assim, que a tentativa de reduzir o ser humano à sua dimensão biológica está fadada ao fracasso. O corpo não se reduz à carne e pode ser modificado pela história das pessoas, que é carregada de

palavras. A grande contribuição da Psicanálise foi ter apontado para o fato de que o vivente ultrapassa as leis do organismo e as palavras produzem efeitos sobre o corpo. No hospital, vemos o mal-estar que se localiza no corpo, denunciando um mal-estar subjetivo. Algumas vezes, não é nem mesmo a cura o que o paciente espera, mas quem sabe ser mantido na condição de doente, ou esta condição ser ratificada, como vimos no fragmento clínico. Neste sentido, por mais que a equipe busque se manter no registro da tecnologia, que tente ater-se a um rim, a um pulmão, ou a um coração, não pode deixar de ver em algum momento retornar o sujeito. Como nos apresenta Freud (1914/1996), metaforizando Busch, na dor de dente o sujeito está inteiramente no orifício do molar. Ele aparece e insiste em mostrar seu caminho de pedras.

Referências

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1914).
LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Obra original publicada em 1945).
MILLER, Jacques-Alain. *O osso de uma análise*. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e no II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia: Biblioteca Agente, 1998.

***

Mesa E – Mediadora: Maria Aparecida O. Nascimento

O que pode o psicanalista diante dos equívocos de um neurocientista?

Sílvio Memento Machado
Psicólogo e psicanalista. Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas) e Faculdade de Direito de Varginha (Fadiva).

A questão que se coloca aqui e da qual eu gostaria de falar brevemente trata-se de uma certa expectativa, a meu ver fantasiosa e

sem quaisquer vantagens para o ser humano, de que vamos esgotar, através do estudo do cérebro, tudo o que se teria a dizer sobre a condição humana: a aposta de que desvendaremos a subjetividade pelo estudo dos neurônios. A psicanálise é o único discurso na cultura que faz contraponto com qualquer tentativa – proveniente do campo religioso ou científico – de se dizer a última palavra sobre a condição humana. Tanto a religião quanto a ciência – ou o amor – almejam elidir e apagar a dimensão da falta que nos constitui porque a tomam como um defeito, enquanto a psicanálise vê nessa impossibilidade de completude exatamente a potência do homem, aquilo que o faz capaz de criar as condições da sua existência, de desejar, de se humanizar.

Numa entrevista de junho de 2016, a um grande veículo de comunicação, um prestigiado neurocientista ousou dizer que as descobertas no seu campo de estudo não detectaram uma localização para o inconsciente no cérebro e que, portanto, a psicanálise seria coisa do passado, de um tempo em que o estudo desse órgão era muito rudimentar. Causa estranheza que alguém que se apresenta com um currículo extenso na área das neurociências cometa um erro tão grosseiro de supor que haveria uma localização cerebral para o inconsciente, coisa que o próprio Freud descartou logo no início da sua teorização. E, claro, junto com essa aposta de que o estudo do cérebro vai dizer tudo sobre a subjetividade, como se esta fosse redutível a um feixe de neurônios, vem a famosa dobradinha tão proclamada também pela psiquiatria biológica: medicação mais terapias que enfocam o comportamento e o seu adestramento.

Na época, Elizabeth Rodrigues de Almeida – psicanalista vinculada à Escola Brasileira de Psicanálise (EBP/São Paulo) – e eu escrevemos uma carta-resposta à entrevista do neurocientista que, no entanto, não chegou a ser veiculada pelo meio de comunicação. Apesar do tempo transcorrido e de outros psicanalistas já terem se posicionado a respeito da referida entrevista e outras do gênero, acredito que nossa carta ainda é atual. Portanto, a transcrevo na sequência. Ela representa bem a nossa posição, e penso que também a dos psicanalistas de um modo geral, diante dessa onda neurobiológica que, como já disse, quer apagar a dimensão subjetiva da condição humana ou reduzi-la a um mero processo biológico.

"Estudos de neurociência superaram a Psicanálise": este é o título em destaque na entrevista do sr. Ivan Izquierdo.

Somos psicanalistas e em nada nos ofendem as opiniões do sr. Izquierdo. Apenas lamentamos tanta desinformação, tanta leviandade,

tanta carência de fundamentação. Essa afirmação citada acima é equivocada. Além disso, é um desserviço à população e coloca em xeque a ciência, especialmente a neurociência, na qual acreditamos que muitas pessoas trabalham seriamente.

Sabemos que o sofrimento psíquico existe e que, desde Freud, muita água rolou. Infelizmente, águas nem sempre limpas. O sr. Izquierdo quase se aproxima dos primórdios freudianos ao falar em sinapses, em plasticidade.

Dizemos dos primórdios porque Freud, formado pelas disciplinas neurológicas, anátomo-fisiológicas e clínicas, iniciou sua elaboração utilizando os recursos de que dispunha naquele momento; instante inaugural também para a neurologia, diga-se de passagem. Muitas vezes, os termos que Freud utilizou precisam ser entendidos como metáforas e não referidos a objetos concretos. Há que se destacar, ainda, que a teorização freudiana sobre o funcionamento psíquico foi se modificando ao longo de sua extensa obra e sendo revisitada pelo próprio autor em diversos momentos, ganhando novas elaborações à medida que Freud avançava no exercício da clínica e dialogava com outras referências que não só a ciência médica. Freud inaugura uma forma de conceber o homem absolutamente inédita e constrói um novo campo de conhecimento e de intervenção sobre a subjetividade, impensado até então, o que sr. Izquierdo parece desconhecer completamente.

Nós poderíamos pontuar cada afirmação do texto da entrevista e mostrar a fragilidade deles, a simplificação que elas comportam. A afirmação de que "é possível evitar que uma memória se expresse" é contradita na sequência. Ele mesmo afirma que "não existe técnica para escolher lembranças e então apagá-las". Afirma, ainda, que "quando se fala em apagamento de memórias é pirotecnia".

Toda teoria envelhece, o sr. Izquierdo tem razão. Acontece que a psicanálise, nascida com Freud, vem, desde então, sendo retomada, relida, justamente por não ter sido superada. Evidenciamos aqui o trabalho de Jacques Lacan e seu imenso labor com a obra freudiana. E o trabalho silencioso ou público de cada analista que pratica a psicanálise, desde então, é enorme e talvez o Sr. Izquierdo não saiba disso. Talvez desconheça o quanto os analistas trabalham na clínica com pessoas que os procuram não apenas "porque gostam de fazer análise", mas por conta do sofrimento psíquico e das possibilidades que a psicanálise efetivamente oferece. Trabalham também com uma produção de conhecimento rigorosa, exigente e séria. Talvez ele desconheça o esforço realizado por nós, que nos debruçamos sobre os impasses

clínicos cotidianamente, não por uma falha da psicanálise, mas, sim, por uma ética que nos rege, por uma busca pela compreensão da singularidade e da complexidade psíquicas.

Não nos seduzimos com a ridícula simplificação das terapias voltadas exclusivamente para a modelação de comportamentos. Não acreditamos em ilusões rápidas e promessas milagrosas. O sr. Izquierdo se pergunta onde fica o inconsciente. Será que acredita que nós, psicanalistas, achamos que existe "um lugar" cerebral para o inconsciente? O fato de ser um cientista não o exime de apresentar manifestações inconscientes. Ele não sonha? Porventura não tem sintomas? Sabemos que, com muita medicação, isso pode ser evitado, mas também com graves efeitos colaterais.

A questão do inconsciente não é uma questão de crença. A questão não é que a psicanálise "não faz mal". A questão é que ela, além de não ser inócua, produz efeitos profundos na vida de uma pessoa e, muitas vezes, permite salvar suas vidas.

Término da nossa carta.

Como psicanalistas, sustentamos uma posição contrária àquela da maioria dos discursos que, visando à des-responsabilização dos sujeitos, o tomam como objeto de manipulação. Ainda que muitos queiram essa condição, pois os poupam de se perguntar sobre a própria participação naquilo do qual se queixam, sabemos que isto tem levado a um incremento cada vez maior do mal-estar subjetivo na cultura que vai, então, buscar sempre outras vias de expressão. O mal-estar persiste, exigindo, mais do que uma camuflagem, se fazer ouvir. Não por acaso a escuta é o principal instrumento do psicanalista, único, talvez, a se interessar pela análise desse mal-estar e não apenas pelo seu apaziguamento.

Esclarecimento: Este texto é parte de um outro artigo, que tem como título "A concepção de aparelho psíquico na psicanálise e os equívocos de um neurocientista" e que não pode ser tratado aqui, na sua íntegra, em função do tempo disponível para apresentação.

Referências

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1895.)

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1900-1901.)
FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1905.)
FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo; uma introdução. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1914.)
FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1915.)
FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 15. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1915-1917.)
FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1917.)
FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1920.)
FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1923.)
IZQUIERDO, Ivan. Estudos de neurociências superaram a psicanálise. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 18 jun. 2016. Entrevista concedida a Juliana Cunha.
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Obra original publicada em 1954-1955.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. (Obra original publicada em 1957-1958.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 21: os não tolos erram*. Inédito. (Obra original publicada em 1973-1974.)

***

Pode a Psicanálise ser uma ciência?

Wanderley Carvalho

Parece-nos que uma das dificuldades da psicanálise na contemporaneidade é a de sua legitimação epistemológica em um dos principais ambientes de sua difusão: a universidade. Cada vez mais impedida de publicar seus trabalhos em revistas indexadas de psicologia, recebendo críticas mais "e" menos veladas, dos psicólogos de orientação neurocientífica dentro da academia, e vendo reduzir-se o número de disciplinas que oferece nas grades curriculares dos cursos de graduação (em especial nas instituições particulares de ensino superior), a psicanálise que sempre sofreu ataques, ainda resiste. Mas até quando? Acreditamos que uma política de continuidade da psicanálise deve incluir uma discussão sobre sua cientificidade. O que foi feito do desejo de Freud de ver reconhecido o caráter científico de sua criação? Por que os psicanalistas se referem à "ciência" como se ela fosse um (e apenas Um) Outro criticável, oponível e, às vezes, ameaçador? Com que ideia de ciência estamos lidando? Existe apenas um modelo de ciência?

Quando pesquisamos os diversos conceitos de ciência existentes, encontramos ora autores que trabalham com uma ideia única e cristalizada sobre as ciências, ora outros que adotam uma postura mais crítica e que afirmam sua pluralidade. Por exemplo, diante das pretensões dos neopositivistas que pretenderam uma "ciência da ciência", um padrão, uma linguagem que superasse discordâncias, Chizotti observa: "Não se pode acreditar que a ciência seja um padrão uno e único, fixo e imutável para todos os cientistas" (CHIZOTTI, 2010, p. 24).

Aqui exporemos brevemente os critérios sobre o que é uma ciência autêntica propostos por um filósofo do século XX, polêmico por suas opções políticas, mas irrecusavelmente inovador e influenciador dos rumos do pensamento ocidental, desde sua época. Martin Heidegger (1889-1976) ofereceu, nos anos de 1928 e 1929, um curso em Freiburg no qual discutiu o papel da filosofia e da ciência Moderna. É desse curso que iremos elencar oito características do fazer científico apontadas pelo filósofo e veremos se elas são adequadas, de algum modo, ao fazer da psicanálise.

Primeira característica: praticar as ciências é investigar. "A ciência só existe em meio à paixão do perguntar, em meio ao entusiasmo do descobrir, em meio à inexorabilidadde da prestação de contas crítica,

da demonstração e da fundamentação" (HEIDEGGER, 2009, p. 15). Podemos dizer que em psicanálise indagamos o paciente sobre seus sintomas porque queremos chegar à verdade do seu sinthoma[11]. Para isto somos críticos com nós mesmos (ou fazemos ou teremos feito nossa análise pessoal, ou não poderemos analisar outrem) e procuramos nos fundamentar nos autores que elegemos (Freud, inevitavelmente, e Lacan ou Klein ou Bion ou Laplanche ou outros – conforme a orientação teórica que cada um escolhe). Também fora do consultório muitos praticantes da psicanálise (o analista-cidadão) perguntam e pesquisam sobre as questões sociais: o sofrimento psíquico tratado em âmbitos coletivos, a criminalidade, o psiquismo dos menores infratores, a subjetividades nas práticas médico-hospitalares, a literatura ficcional e seus impactos, etc.

Segunda característica: as ciências são práticas e elas dependem de aparatos técnicos, mais ou menos sofisticados (livros também são um aparato técnico, diz o filósofo[12]). A psicanálise tem também seus "aparatos técnicos" surpreendentemente simples: o consultório, o divã, a cadeira do analista e seus livros.

Terceira: as ciências são conexões de proposições verdadeiras. Elas orientam-se por enunciados, proposições e conceitos determinados em conjunto. A conexão de proposições é determinada pelo fato de elas se fundamentarem reciprocamente. Se como o atesta Husserl, diz Heidegger, há uma unidade da conexão de fundamentação de proposições verdadeiras, o que se coloca em questão é o próprio conceito basilar de verdade, como verdade proposicional.

Na psicanálise, trabalhamos com conexões de proposições teóricas (extraídas da prática clínica) e com as proposições vindas do próprio analisando, as quais são elaboradas pelo par analista-analisando. Em ambas as vertentes, as conexões de proposições são investigadas quanto ao mesmo conceito basilar de verdade. Buscamos as verdades "no" relato dos sintomas dos quais o paciente se queixa. Se como observa o filósofo, há uma ambiguidade que rege a relação predicado-sujeito de toda proposição, parafraseando-o, diremos que tal

---

[11] O sinthoma é o modo como cada um enoda inconscientemente em sua vida, em seu modo singular de viver, o seu próprio desejo e o próprio gozo. É disso que Lacan trata em seu *Seminário 23* (LACAN, 1975-1976/2007).

[12] "(...) a ciência existe onde há institutos nos quais, com a ajuda do aparato técnico, são realizadas investigações. No fundo (...) todas as ciências necessitam de instrumentos técnicos – mesmo que sejam apenas livros. A ciência está impressa em livros" (HEIDEGGER, 2009, p. 44).

ambiguidade disfarça a riqueza polissêmica de toda estrutura proposicional: "Uma vez que a estrutura proposicional é mais rica, o ponto de partida dessa conformação é plurissignificativo" (HEIDEGGER, 2009, p. 67). Numa análise, para encontrarmos com o paciente alguma verdade, muitas vezes precisamos fazer a escansão das proposições que ele traz, a fim de que ele se espante com as conexões que faz e pelas quais se des-orienta no mundo, ou para que ele encontre conexões sintagmáticas verdadeiras e esquecidas e, ainda, para que crie novas conexões que o vivifiquem.

Quarta característica deduzida por Heidegger: as ciências estabelecem um tipo de verdade, mas, embora as ciências transformem as verdades pré-científicas, as verdades que as próprias ciências produzem não são as únicas possíveis nem são melhores que outras. O psicanalista sabe que as verdades descobertas ao longo do processo de um paciente não são as únicas possíveis nem são melhores que outras verdades trazidas pelo trabalho analítico. Dito de outro modo, todo elemento trazido à análise, advindo de qualquer que seja o campo vivencial do paciente (familiar, profissional, político, religioso, artístico, etc.), é elemento passível de fazer surgir verdades pela psicanálise, mas não deve ser "reduzido à teoria" psicanalítica.

Quinta: todo procedimento científico é uma interpretação. "O essencial de um experimento científico não é a observação, mas a interpretação daquilo que foi observado, daquilo que se dá aqui" (HEIDEGGER, 2009, p. 202). É óbvio dizer para profissionais da área psi (mas não tão óbvio para outros públicos) que a interpretação psicanalítica é "instrumento-chave" do que acontece no consultório, ou seja, que ela é fundamental para o tratamento dos sintomas os quais (parafraseando o poeta Drummond) são como um anjo torto, desses que vivem nas sombras, tentando realizar um desejo oculto.

A sexta característica das ciências, identificada por Heidegger, é de que toda ciência deve se autodelimitar ou perderá sua autenticidade caso não o faça. Na psicanálise, é clara a posição de escutar e intervir sobre o desejo e o gozo do sujeito, e apenas isto. Se uma paciente em tratamento nos fala que cura sua solidão na experiência de arrebatamento que vivencia quando assiste repetidamente a um filme no qual se sente alçada aos braços do ator que encena um herói ("Eu viajo! Eu realmente mergulho naquilo e sinto meu corpo todo tremendo de vontade e prazer"), ou se um outro nos fala que tem recorrido a todo tipo de religião para melhorar de seus sintomas fóbicos, delimitaremos nossa escuta ao que, dos dispositivos "cinema-em-casa" e "religião", trazem

algo dos sujeitos. Mais importante que a religião consultada e o dispositivo de arte popular usado é o modo como aqueles sujeitos se ligaram inconscientemente a tais dispositivos e ao que seus elementos significaram para eles analisandos. A que homem/homens da história amorosa daquela mulher remetem a imagem do ator que encena o herói? Que função tem para aquele homem, em sua economia, sua dinâmica e sua tópica psíquicas, o pastor evangélico e o padre católico a quem ele foi pedir conselhos? Não menosprezamos qualquer experiência nem as elaborações que o paciente faz das experiências que tem com outros elementos de sua existência, mas já que ele os trouxe à análise teremos algo a dizer sobre aquilo. E apenas algo delimitado, pertinente ao que temos descoberto com ele sobre o "funcionamento" de seu aparelho psíquico.

Sétima característica: o conhecimento científico é conhecimento do ente, não do ser. E conhecimento de apenas um âmbito do ente, não de sua totalidade. Na psicanálise, somos ainda mais específicos: faz-se ciência não só de um ente particular, o humano, mas de cada ente humano que nos procura e que hoje atendemos. Ele tem um nome e uma história próprios, e ele tem também uma singularidade que desconhece (desconhecemos) e que o movimenta: seu sinthoma. Dizer que uma psicanálise é ciência do singular é dizer que, com ela, uma verdade absolutamente inédita (verdade sobre o sinthoma) emerge sob a forma de significantes que o traduzem parcialmente. O sinthoma passa a existir, no sentido de "aparecer".

Finalmente, e considerando a oitava característica proposta por Heidegger, segundo a qual o desvelamento praticado por uma ciência segue lado a lado com o velamento (no sentido de velamento do ser), afirmaremos que uma análise, ao fazer aparecer algo do ser de um ser-aí (pois ser sempre se dá no ser-aí – no caso, um analisando), inevitavelmente ela deixa velados outros pontos "de" ser daquele ser-aí (aqui, a expressão "pontos de ser" significa, simplesmente, "modos de ser de um ser-aí"). Porque nenhuma análise e nenhum procedimento científico alcançam "todos" os pontos daquilo com que trabalha. Nessa direção, convocamos a afirmação de outro filósofo, Alain Badiou, quando ele escreve que uma análise é inacabável porque o grupo-sujeito, grupo singular que surge numa análise, é um grupo infinito[13]. Sempre haverá outros "pontos" a serem tratados, já que, terminada uma análise, o

[13] "(...) um grupo-sujeito é infinito. Talvez até seja próprio de um sujeito, as diferentes maneiras que há de ser idêntico a si serem em número infinito. Daí que a análise seja inacabável enquanto tal" (BADIOU, 1999, p. 173).

paciente viverá novas situações que apresentarão, para ele, enigmas sobre seus outros modos de ser (causas, então, de possíveis novas análises). Diremos, então, que uma análise apresenta localmente, portanto, de forma finita, uma verdade que, por definição, é infinita. Verdade parcial acerca do analisando porque meio-dita, impossível de ser dita por inteiro.

No instante do processo psicanalítico, em que emerge uma singularidade do analisando (para em seguida desaparecer, deixando apenas um rastro que cairá no campo das veridicidades, ou seja, do saber estabelecido), aquele instante singular do processo e a instância sujeito-singular terão mostrado um ponto de verdade. Dispomos a ideia de singular em duas linhas que em algum momento se encontrarão: uma que é a do indivíduo em análise, trazendo, para esta, suas particularidades e sua singularidade ainda inconsciente; e outra linha, a do próprio processo psicanalítico, do qual o analista é condutor e testemunha.

Referências

BADIOU, Alain. *Breve tratado de ontologia transitória*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
CHIZOTTI, Antônio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 3. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2009.
LACAN. Jacques. *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Obra original publicada em 1975-1976.)

***

Ciência e Psicanálise: da objetividade à objetalidade

Marcelo Fonseca Gomes de Souza
Doutor em Psicologia pela UFMG e profesda Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e da Faculdade Divinópolis (Faced).

Introdução

O presente trabalho objetiva introduzir uma pequena discussão, sob a ótica lacaniana, a respeito da forma disjunta com a qual a

ciência e a psicanálise refletem acerca da natureza da causalidade. Com este intuito, iremos opor dois diferentes termos, a "objetividade" e a "objetalidade". O primeiro, "apenas para reunir estas oposições em formulações rápidas", pode ser definido como "o termo supremo do pensamento científico ocidental, correlato de uma razão pura que, no final das contas, traduz-se (...) num formalismo lógico". O segundo, por sua vez – promovido especificamente para cernir a natureza do objeto "a" –, "é o correlato de um *pathos* de corte" (LACAN, 2005, p. 236-237, grifo do autor).

Breve reflexão sobre a causalidade

No interior do discurso da ciência, a causalidade pode ser reduzida a um conjunto de princípios formais, estabelecidos de acordo com o isolamento de leis constantes, responsáveis por estruturar a forma como os fenômenos aparecem e se coordenam. Os enunciados científicos, quase sempre bem-sucedidos no que propõem, estabelecem uma "sintaxe do real, que permite explicar como algo acontece segundo as leis regulares de sua produção" (TEIXEIRA, 1999, p. 30).

No horizonte de determinação da ciência, nada impede que o homem seja objeto de uma completa desmontagem. Os avanços técnicos introduzidos pela engenharia permitem, hoje, um perscrutamento detalhado do corpo. Além de ser possível isolar as partículas mais elementares que o compõem, é exequível, por meio do emprego de exames de imagens cada vez mais acurados, a investigação, em tempo real, do dinamismo do funcionamento de seus órgãos e sistemas. Essa tecnologia tanto autoriza a decifração e a consequente manipulação do código genético quanto admite a observação e a intervenção sobre a fisiologia e o comportamento. O homem passa, portanto, a poder ser representado à maneira de um autômato.

A oposição entre objetividade e objetalidade não indica, entretanto, somente o confronto com estas tentativas de submissão do psíquico ao orgânico. Lacan considerava que a inserção do homem no domínio da lei simbólica produziu uma ruptura nada trivial entre os planos da natureza e da cultura. Ele assinalava que, desde então, o campo das produções humanas passou a estar sobre o império autônomo do sistema simbólico.

O estruturalismo, sensível a este corte, surgiu como uma corrente de pensamento que, aderida ao ideal da ciência, estendia os métodos sistemáticos derivados das ciências da natureza às produções da cultura.

Dentre os objetos destas últimas, incluía-se o próprio pensamento do homem. O resultado mais notável ao qual chegou foi a construção de um formalismo lógico rigoroso, que, como tal, reduzia a ampla diversidade das produções humanas ao domínio circunscrito e regular de um conjunto relativamente simplificado de leis. A seu modo, o estruturalismo reconstituía a "estética transcendental", destinando, no entanto, às leis *a priori* da estrutura, o lugar que outrora, em Kant, era conferido ao sujeito.

Lacan serviu-se desta ciência para produzir sua releitura dos textos de Freud. O estruturalismo forneceu-lhe as ferramentas para a formalização do inconsciente, garantindo que, sob este termo, algo de qualificável, de acessível e de objetivável pudesse ser extraído. Entretanto, a proposição do contraponto entre a objetividade e a objetalidade surgiu, da constatação da evidência de um ponto de vacilação que interferia nesta ordem regular, apontando para a necessidade do reconhecimento de uma causa que se mantinha insubmissa à combinatória pura e simples dos significantes.

Lacan propõe que, no nível do pensamento inconsciente, é possível demarcar a existência de uma hiância entre a causa e a lei. A não conformidade de uma à outra é a indicação de que nem toda experiência do homem pode ser redutível aos processos de simbolização. Em Lacan, isso que se apresenta como obstáculo à totalização simbólica tem um nome preciso: trata-se do real, a ser entendido como algo "negativo, anticonceitual e indeterminado". É exatamente no lugar desta "causa real" que o objeto "a" é inserido.

Objetividade e objetalidade: antinomias

A antinomia entre a "objetividade" e a "objetalidade" pode, aqui, ser retomada a partir do discernimento referente ao modo como a ciência e a psicanálise operam com certas relações, tais como: (a) a "causa" e a "lei"; (b) o "saber e a verdade"; e (c) o "real" e o "simbólico".

(a) Em primeiro lugar, o objeto "a" indica a presença de uma lacuna entre a causa e a lei. Por um lado, ele é um pedaço que se desprende do corpo devido à intervenção do Outro, tornando-se, por isso, estranho às leis da biologia. Por outro lado, ele é a sobra da operação mortificante do significante sobre as vicissitudes do corpo pulsional que, todavia, permanece estrangeiro ao campo de determinação da lei simbólica. O estatuto da causa é, para a psicanálise, duplamente problemático, haja vista que o objeto que é seu suporte é determinado por

um duplo não pertencimento: trata-se de um fragmento do corpo erógeno que não se submete às leis da natureza; e de um resíduo da relação entre o sujeito e o Outro, que se mantém êxtimo às leis da linguagem.

(b) Em segundo lugar, o objeto "a" demarca um limite do saber diante da verdade. Para a ciência, a verdade pode ser reduzida à "causa formal". A possibilidade de matematização da natureza, ou seja, a subordinação do empírico à pura forma, é definida como sua propriedade mais característica. Uma fórmula matemática aponta para a existência de uma verdade contida inteiramente no plano do enunciado. Ela condensa um saber que pretende ser universalmente válido, integralmente transmissível e blindado contra todo tipo de mal-entendido. A psicanálise, por sua vez, interessa-se pela verdade na dimensão da "causa material", o que quer dizer que ela se ocupa com os efeitos que o significante produz na realidade subjetiva. Essa operação engendra, por um lado, um sujeito que, submetido à lógica da castração, constitui-se como uma "falta-a-ser". Por outro lado, isso não é tudo, uma vez que "o sujeito não é de ponta a ponta produzido pelo simbólico". O "próprio simbólico é barrado, fundado por um vazio de referencialidade, por um impasse do real. Há um ponto de real no coração do simbólico" (IANNINI, 2012, p. 233). Precisamente aí, que, a partir do recurso à noção de objeto "a", Lacan articula a verdade a uma causa irredutível ao saber.

(c) Em terceiro lugar, enfim, o objeto "a" indica a irredutibilidade do real ao simbólico. O desejo da ciência é produzir uma formalização sem restos do seu objeto. Para conduzir-se em direção a este ponto ideal, ela opera uma elisão completa do sujeito de sua experiência; o mesmo sujeito que, de acordo com Lacan, ela foi responsável por introduzir no mundo. A ciência tende, em suma, a excluir de seu campo de determinação a referência à dimensão particular do sujeito desejante.

O advento da psicanálise, por sua vez, está estreitamente relacionado com o retorno a esta dimensão do sujeito que a ciência forcluiu. A centralidade que a psicanálise confere a ele deve, entretanto, ser distanciada de qualquer tipo de miragem que uma perspectiva subjetivista pode trazer para o seu campo. O sujeito da psicanálise não coincide com qualquer ideia de sujeito psicológico autônomo; ele está bem longe de ser considerado como uma instância autoidêntica ou de ser remetido a um pressuposto ontológico que estabeleça os predicados imanentes à sua natureza.

A teoria do objeto "a" tem, nesse sentido, um valor operatório bastante relevante. Por um lado, ela reforça o que já era indicado pela

teoria do significante, a saber: que o sujeito não é causa de si mesmo, dado que aquilo que o define é estrangeiro ao seu próprio domínio; por outro lado, sustenta a ideia de que a "causa real", que se mostra irredutível tanto ao imaginário quanto à trama simbólica, leva à necessidade do reconhecimento da existência de uma "experiência produtiva de indeterminação", que se dá como um elemento inextricável da vida subjetiva e do qual a ciência nada quer saber. À ideia de uma pretensa intencionalidade, que daria lugar a um saber de ordem puramente hermenêutica, Lacan vai opor justo o que diz respeito ao objeto.

Referências

COSTA-MOURA, Fernanda; COSTA-MOURA, Renta. Objeto "a": ética e estrutura. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 2, p. 225-242, 2011.
IANNINI, Gilson. *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. 374p.
KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 287p.
LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 869-892.
LACAN, Jaques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Trad. de: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 366p.
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. 269p.
TEIXEIRA, Antônio. *O* topos *ético da psicanálise*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 216p.

***

Mesa F – Mediadora: Marisa Cunha

Histeria e feminino: o tornar-se

Pablo Bismarck

Psicólogo. Psicanalista. Mestrando em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida. Membro do Corpo Freudiano de Psicanálise – Núcleo Barra Mansa.

A histeria, como o próprio nome indica, uma vez que *hystero* em grego significa útero, tem sua origem no campo do feminino nos

primórdios da medicina. As histéricas abriram as portas da psicanálise para Freud, e sua obra possui um caráter evolutivo no qual a clínica complementa a teoria e vice-versa. Em seu texto "Sexualidade feminina" (1931), Freud propõe que a etiologia da histeria estaria relacionada com a fase de ligação com a mãe. O conceito de feminino em Freud fica muito ligado ao conceito de "pré-edipiano", visto que Freud afirma existir uma relação forte entre feminilidade e vida pulsional. Serge André, em seu livro *O que quer uma mulher?* (2011), trabalha a questão do Édipo feminino e também o desenvolvimento da feminilidade para Freud a partir da inveja do pênis e relata: "Pois a problemática feminina, ele vai constatá-lo cada vez mais claramente, não é, no fundo, outra coisa senão o retorno inelutável da relação antiga com a mãe" (ANDRÉ, 2011, p. 211).

Colette Soler, em seu livro *O que Lacan dizia das mulheres*, afirma que houve um certo abandono pela psiquiatria em relação a histérica, porém isso não pode, afirma ela, ser usado como desculpa pelos psicanalistas para que se reconheça a histeria em toda a parte, confundindo-a com a feminilidade. De acordo com ela, ocorre, com frequência, um erro grave de uma aposta constante de que toda neurótica que adentra o consultório já é tida como uma possível histérica. Soler, assim como Lacan, propõe que isso é um erro, pois a histeria é uma coisa precisa e se presta comumente a confusão com a feminilidade, porém se faz necessária a distinção dessas duas coisas.

O sujeito histérico, militante do ter, caracteriza-se em suas relações, principalmente nas parecerias amorosas, tendo uma estratégia de subtração em relação ao outro. "É que identificar-se com o desejo, que é o caso da histérica, impede a identificação com o objeto de gozo" (SOLER, 2005, p. 51). Soler, ao trabalhar o posicionamento histérico, reflete que o sujeito histérico consome a falta, sendo um sujeito com um caráter particular que se recusa a qualquer gozo. Consumir a falta trata-se de um determinado gozo, mas não de um gozo vivo, visto que deixar o gozo insatisfeito é uma das particularidades do posicionamento histérico. A posição histérica e a posição-mulher possuem uma fronteira que necessita ser delimitada, de acordo com Soler. Enquanto a histérica, ao deixar insatisfeito o gozo do Outro, quer um mais-ser, a mulher quer gozar. Para ela, do lado mulher se encontraria uma referência ao gozo (um mais), enquanto do lado da histeria estaria a referência ao desejo (um menos). No lado da mulher, um querer gozar, enquanto do lado da histérica, um querer ser. Joël Dor, em seu livro *Estruturas e clínica psicanalítica* (1997), trabalha a posição

estereotipada e fantasmática da histérica, afirmando que se posicionar como sendo o falo do outro é sempre estar em uma posição de recusa a aceitar o encontro com a falta.

A demanda histérica pode ter um viés de questionamento da feminilidade, como, por exemplo, a questão histérica que gira em torno do que André (2011) caracteriza como ponto de umbigo, que é o falo encontrado pela histérica em seu pai, normalmente impotente como no caso Dora. O pai da histérica é um pai impotente, um pai que não pode, simbolicamente, lhe dar como apoio algo que possa afirmar sua identidade feminina. A histérica se interessa pelo sintoma do outro, o que faz diretamente com que ela não possa consentir em ser sintoma. Soler nos afirma que uma das possíveis confusões envolvendo histeria e feminilidade é no sentido de que a feminilidade acaba implicando a relação com o Outro, acabando por realizar-se como sintoma. Já o posicionamento histérico também passa pela relação com o Outro, mas, diferentemente da feminilidade, não consente em realizar-se como sintoma.

O caso Dora é conceituado por Freud como uma *petite hystérie* e tem como componentes principais dois casais formando um quarteto. Lacan, no *Seminário 4*, ao trabalhar o caso Dora, determina a importância do Sr. K. para ela, todavia a relação libidinal que ela estabelece com a Sra. K. é de uma ordem completamente diferente. Em seu texto sobre o caso Dora e a Jovem Homossexual, ele afirma: "A histérica é alguém cujo objeto é homossexual: a histérica aborda este objeto homossexual por identificação com alguém do outro sexo" (LACAN, 1956-1957/1995, p. 141).

A Sra. K. não é apenas importante pois está investida narcisicamente, mas porque é nela que se encontra toda a questão de Dora. O caso Dora pode ser trabalhado de diversas maneiras, porém aqui se propõe o viés da problemática acerca do feminino, da contemplação da Madona Sistina à Sra. K. O objeto de amor de Dora é a Sra. K. e seu objeto de identificação é o Sr. K. Dora interroga-se, seja através da Sra. K. ou então à contemplação a Madonna, sobre o enigma do feminino. A posição histérica diferencia-se da posição feminina, pois a histérica recusa-se a se pôr no lugar de objeto causa de desejo, almejando ser o objeto do desejo em questão, encarnando o falo.

O arrebatamento de Dora frente à pintura da Madona denuncia a especulação daquela frente à questão "O que é ser mulher?". A pintura da Madona Sistina, também chamada de La Madonna di San Sisto, foi pintada por Rafael Sanzio e demonstra a figura feminina envolvida em

mantos e pisando sobre nuvens, o que corrobora a indagação sobre o enigma que envolve a questão do feminino. Serge André caracteriza a histérica como sendo a porta-estandarte do falo, envolvida em exigências, que este lhe dê o que ele fracassa em dar, um signo em relação a sua feminilidade.

Nas fórmulas da sexuação, produzidas em 1972 e presentes em seu *Seminário 20 (mais, ainda)*, Lacan propõe o Édipo, ligando-o à lógica da castração e tirando-o apenas do caráter de mito. Dizer que A mulher não existe é dizer que não há um significante que dê conta do feminino. A lógica da castração não regula e dá conta do campo do gozo como um todo. Há uma parte que permanece fora do registro do simbólico enquanto real. Se A mulher não existe, "as mulheres existem" no registro do civil, como afirma Soler (2005). Registro civil este que as considera mulheres, levando em consideração a anatomia e, justamente por não existir, que se pode falar mais sobre o que é ser mulher. A posição feminina, para Lacan, caracteriza-se em torno do indecidível, que não remete o sujeito a uma condição de existência possível, mas, sim, a uma vacilação entre o possível e o impossível. Não se trata de uma incompletude, algo que falta, mas, sim, de uma abertura. A mulher da psicanálise aproxima-se da mulher de Simone de Beauvoir, um eterno tornar-se, tratando-se de uma invenção única e singular de cada uma delas. "O não-todo, negação subversiva do quantificador universal operada por Lacan, é a indeterminação de um limite, que faz das mulheres um conjunto aberto" (POLLO, 2003, p. 89).

Referências

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

DOR, Joël. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1997.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2. (Obra original publicada em 1893-1895.)

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22. (Obra original publicada em 1933[1932].)

FREUD, Sigmund. Fragmentos da análise de um caso de histeria. In:

FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7. (Obra original publicada em 1905[1901].)
FREUD, Sigmund. Histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1. (Obra original publicada em 1888.)
FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21. (Obra original publicada em 1931.)
LACAN, Jacques. A significação do falo. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1958.)
LACAN, Jacques. *Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Obra original publicada em 1956-1957.)
LACAN, Jacques. *Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Obra original publicada em 1972-1973.)
POLLO, Vera. *Mulheres histéricas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
TRILLAT, Etienne. *História da histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.

***

A atualidade do diagnóstico de histeria

Clícia Marina Magalhães Pereira
Psicóloga, psicanalista. Trabalhou no Instituto Raul Soares, no Hospital da PMMG e em creche num aglomerado de Belo Horizonte. Mestrado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise/UERJ. Fez cursos no CPMG e, principalmente, no Campo Lacaniano (Rio de Janeiro e Belo Horizonte). Membro do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte. No momento, ministra oficinas/seminários em Formações Clínicas do Campo Lacaniano de Belo Horizonte. Vários artigos publicados.

Vejamos um pouco da história de Freud. Na juventude, Freud sente necessidade de compreender alguma coisa dos enigmas do mundo. Entra para a faculdade de Medicina e se dedica a pesquisas, inicialmente no campo da Zoologia e da Química, pois a prática médica

não desperta o seu interesse. Em seguida, vai para o laboratório de Brücke e se põe a estudar tecidos nervosos dos animais inferiores. Se a tarefa de pesquisa o interessa, outro aspecto da ciência, a entediante exatidão, não estava em sua natureza. Durante a graduação, assiste ainda às aulas de Filosofia de Brentano, não obrigatórias. Posteriormente, tendo em vista razões pecuniárias – estava apaixonado, desejando se casar –, é orientado a estudar as doenças nervosas e iniciar a prática médica, pois como pesquisador não obtinha seu sustento.

Todavia, não havia, em Viena, especialistas em neurologia. "À distância, brilhava o grande nome de Charcot" (FREUD, 1925/1976). Faz o plano de ir lá. Por outro lado, continuava, nos anos seguintes, a saber tudo sobre as doenças orgânicas do sistema nervoso. Sobre as neuroses, nada compreendia, mas já se colocava questões. Em 1885, consegue uma bolsa de estudos, em função do inestimável testemunho de Brücke, e vai a Paris. Torna-se aluno na Salpêtrière, como um dos numerosos alunos estrangeiros, por cinco meses.

Esta experiência com Charcot é fundamental para Freud transferir-se da neuropatologia para a psicopatologia. Foi a personalidade de Charcot que marcou Freud, como ele comenta em uma carta para sua noiva. Dono de uma personalidade fascinante, com um toque de gênio, suas aulas eram inesquecíveis. Sente-se profundamente abalado em suas metas e opiniões.

Até Charcot, a apreensão da histeria era feita com base em sinais negativos de doença orgânica e em múltiplos preconceitos – irritação da genitália, inespecificidade, simulação, questões de gênero. Charcot, a partir de então, descreve-a à exaustão tanto em mulheres quanto em homens e até em crianças.

Vejamos, agora, um pouco da história de Charcot. Ele estuda medicina em Paris. Em 1862, torna-se médico no Hospice La Salpêtrière – enorme hospital de mulheres, casos crônicos, mas que, mais adiante, sob a influência de Charcot, passa também a atender homens em ambulatório. Homem de grande influência, a partir de 1882 aparelham o seu serviço, colocando à sua disposição laboratório de fotografia, exame oftalmológico, otorrinológico e até um museu de patologia com moldes em gesso de paralisias, contraturas, etc. Ele fotografava, media, examinava, estudava milimetricamente os espasmos, paralisias, contraturas.

Inicialmente, Charcot havia constituído o seu campo de estudo na neurologia, em que se mantém até 1870, ficando conhecido na França e no exterior. Mas, "em meio a toda a desconsolação das paralisias, espasmos e convulsões" (FREUD, 1893/1976), a grande maioria não

era constituída de quadros orgânicos. Em 1870, considera concluídos seus estudos sobre a neurologia e passa a dedicar-se à neurose, em especial à histeria. Descreve e classifica os fenômenos e propõe um tipo para a histeria, a "grande histeria", baseado no que seria hoje chamado pela medicina de "pseudocrise". Como num teatro, ele apresenta os pacientes semanalmente, hipnotizando-os e expondo os seus ataques, contraturas e paralisias diante da plateia de médicos e artistas e do público em geral. Ele produzia e retirava os fenômenos diante da audiência. Às vezes, um, outras vezes, mais de um paciente de uma vez, comparando-os. Assim, qualquer uma que fosse a base neurológica desconhecida, os sintomas podiam ser abolidos pelo emprego de apenas ideias.

Freud compara Charcot a Pinel, pois considera que ele trouxe um estatuto de dignidade às histéricas, consideradas como "doentes detestáveis", frase atribuída a Griesinger – fundador da psiquiatria alemã – por Ilza Veith (QUINET, 2005). Charcot confere autenticidade aos sintomas, pois, naquela época, nenhum médico respeitável se dispunha a trabalhar com a histeria. Segundo Freud (1910/1976), os histéricos são privados da simpatia dos médicos.

Charcot descreve a histeria traumática. Casos em que o paciente sofre um traumatismo no corpo e passa a apresentar paralisias e/ou anestesias. Exemplifica com um caso de uma mãe que dá um tapa num filho e fica com a mão paralisada, ou de um cocheiro que cai do alto de sua carruagem e seu ombro escora a queda. Após dois ou três dias, passa a apresentar uma paralisia completa do membro superior, sem justificativa orgânica. Vale ressaltar que, posteriormente, Freud compara o trauma psíquico (o acontecimento patogênico), que ele encontra subjacente à histeria, com o trauma físico de Charcot (FREUD, 1910/1976). O que importa é o susto, a emoção.

Charcot descreve inúmeros casos de histeria masculina em homens vigorosos, ferroviários, não afeminados. Ademais, foi o grupo da Salpêtrière, principalmente, que estabeleceu que a histeria sempre existiu na história, ao encontrá-la nas epidemias de possessão demoníaca medievais, nas biografias dos santos e em seus êxtases. E, ainda, o grupo de Charcot fez uma extensa pesquisa na história das curas milagrosas para concluir que se trata do mesmo fenômeno, fatos que continuamos encontrando na atualidade nas igrejas. Além disso, Charcot observa que as histéricas, desde aquela época, muitas vezes, chegavam às mesas de cirurgia, como na contemporaneidade. A retirada de um ponto histerógeno não cura a histeria.

Contudo, Charcot só objetivava descrever os fenômenos. Não atentava para a etiologia nem para a terapêutica. Considerava que a causa está na herança, mas ela conta com agentes provocadores (as grandes perturbações morais, os traumatismos, as intoxicações e ainda a miséria com toda sua dureza e crueldade). De forma alguma, postulou a causalidade psíquica para os sintomas. Para ele, não há lesão anatômica neurológica, mas há uma lesão dinâmica, funcional, que um dia será encontrada. Quem vai afirmar a origem psíquica é Freud.

Se Freud levou adiante e superou os ensinamentos do mestre, como aconselha Aristóteles, dois dos discípulos de Charcot, Babinski e Pierre Janet, retomaram o preconceito. Babinski denigre-a, dizendo que onde há uma emoção sincera não há lugar para a histeria, criando o termo pitiatismo (cura pela persuasão), o vulgo "piti". E Janet, por sua vez, define a histeria como "uma forma de alteração degenerativa do sistema nervoso, que se manifesta pela fraqueza congênita do poder de síntese psíquica" (FREUD, 1910/1976). São precursores das neurociências, da psicologia comportamental, da neurolinguística. Para concluir, vale lembrar que retomamos o tema neste fórum porque, em 1994, retiraram a terminologia neurose histérica da CID-10 e DSM-4. Trata-se de um retrocesso ao século XIX, contemporâneo dos ideais da hereditariedade/degenerescência (leia-se: taras, racismo, eugenia) e a substituíram por uma série de transtornos.

Referências

CHARCOT, Jean-Martin. *Grande histeria*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Rios Ambiciosos, 2003.

FREUD, Sigmund. Prefácio à tradução das conferências sobre as doenças do sistema nervoso, de Charcot (1886). In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Prefácio e notas de rodapé à tradução de *leçons du mardi* (1892-1894). In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obra original publicada em 1892-1894.)

FREUD, Sigmund. Charcot (1893). In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obra original publicada em 1910.)

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obra original publicada em 1914.)

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obra original publicada em 1925.)
JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, n.d.
QUINET, Antonio. *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

***

A trama complexa entre a Psicanálise e os movimentos feministas

Liliane Barbosa
Doutoranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ). Possui mestrado profissional pela UVA-RJ e é especialista em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Possui graduação em Psicologia, também pela mesma instituição.

Quando falamos em feminino e feminismo, o nome de Simone de Beauvoir vem imediatamente à nossa cabeça. Em seu célebre livro *O segundo sexo*, podemos ler, logo no início, a afirmação de que "ninguém nasce mulher, torna-se" (BEAUVOIR, 1949/1980, p. 9). Nesta mesma direção, Freud (1932-1933/2006) já havia afirmado que a feminilidade é um devir, o resultado de um trajeto possível e sinuoso, mas não necessário. Ele postulara que, somente a partir do encontro com a castração e da subsequente entrada da menina no complexo Édipo, refúgio que ela encontra no pai, inicia-se verdadeiramente seu percurso rumo à posição feminina.

Até hoje, alguns movimentos feministas consideram Freud um inimigo. Os que o consideram assim acham que a psicanálise fala sobre as mulheres como seres inferiores que não atingem a feminilidade, exceto quando se tornam mães e esposas. Outro ponto frequente de crítica à Psicanálise tem por base a afirmação de que ela representa a burguesia e o modo patriarcal de família, englobando tudo isso no próprio sujeito chamado Sigmund Freud (MITCHELL, 1974/1979). Tal sentença seria correta devido à banalização da teoria freudiana. Baseando-me em uma perspectiva histórica e atual, procurarei demonstrar que uma rejeição da psicanálise seria fatal para o feminismo.

Em primeiro lugar, posso seguramente dizer que a psicanálise não prescreve a favor de uma sociedade patriarcal. O que ela propõe é analisar uma sociedade patriarcal e, à medida que busco apreender e refutar a opressão da mulher, não podemos simplesmente ignorar a importância da psicanálise. As feministas que criticam Freud confundem suas teorias com as de outros psicanalistas que são contrários às posições freudianas. A psicanálise trata da realidade material das ideias em determinado momento da história da civilização. Quando falamos em "inveja do pênis" dentro da teoria psicanalítica, não estamos falando de um órgão anatômico, mas da ideia de que há uma marca oriunda da predominância fálica na sociedade e também nas mulheres. Esta funciona como uma lei – a lei da mais-valia fálica – que impõe formas de convivência dos seres falantes. É com isto que a sociedade se importa, com o que foi introjetado em nosso inconsciente e como cada um de nós incorpora os imperativos que nos chegam de fora.

A interlocução entre o feminismo e a psicanálise, ambos originados no final do século XIX, traz atualmente provas da intimidade entre eles. Em primeiro lugar, o feminismo originou-se na Europa pós-sufragista (entendido como manutenção e maiores direitos às mulheres, bem como maior liberdade sexual a elas). Os que defendiam a psicanálise e o feminismo transitavam entre estes dois campos de modo bastante expressivo. Isso não significa que é preciso falar sobre uma concordância ou propriamente a uma discordância dessas áreas do saber.

Por isso, lanço mão neste trabalho de uma exploração mais política da teoria freudiana, questionando a pergunta que me trouxe aqui: em que Freud teria contribuído para as questões sobre o feminino e o feminismo?

Se há ainda um caminho a ser percorrido quanto às questões que dizem respeito ao feminino, podemos, no entanto, encontrar uma compreensão parcial graças à psicanálise, uma vez que ela demonstra a existência de um gozo feminino que escapa à linguagem. As ideias freudianas sobre a feminilidade e a sexualidade feminina só poderão ser absorvidas se forem referidas aos dois eixos teóricos fundamentais da psicanálise: o do inconsciente, ou seja, das leis que governam o seu funcionamento, e o da sexualidade humana, na qual confluem simultaneamente pulsões de vida e de destruição. Através da contextualização destas proposições de base é que se terá o sentido freudiano sobre as diferenças entre o homem e a mulher. As duras críticas a Freud são direcionadas a problemas específicos. No entanto, há uma

resistência à estrutura intelectual da psicanálise. Embora os maiores críticos da obra freudiana reconheçam a descoberta do inconsciente e da sexualidade infantil, paradoxalmente, o mesmo não se pode dizer da primeira geração de psicanalistas dissidentes. Apesar de saber que é possível ter um conhecimento subjetivo do nosso psiquismo, é somente diante de suas manifestações fortuitas que podemos reconhecê-lo.

A sexualidade feminina é teorizada por Freud a partir dos efeitos da análise de pacientes histéricas que "historicizavam" o que os seus sintomas inconscientes expressavam. Por isso, em alguns textos, se pode ler que, para a mulher, o bebê é um substituto do pênis no inconsciente. Ele, então, passou a querer saber o que se encontrava mais além da visualização do fenômeno físico do sintoma. Além disso, a psicanálise trata variados aspectos da pulsão, como o recalcamento de sua expressão psíquica e suas irrupções em forma de exigências, desejos e fantasias. Estas interagem com o inconsciente, pré-consciente e consciente. O desejo, a fantasia e o inconsciente estão ausentes da realidade social das críticas das feministas em geral, por exemplo. Sendo assim, tais críticas são mais pré-freudianas do que antifreudianas, como observa Mitchell (1974/1979). Portanto, é necessário insistir que a psicanálise trata de mecanismos diferentes dos que são tratados pela filosofia, o existencialismo e outras terapias.

No decorrer dos últimos 30 anos, os movimentos gay e feminista migraram para o interior das universidades, em particular nos Estados Unidos. Ali nascem a *queer theory* e a *gender theory*, de que Judith Butler é certamente uma de suas mais conhecidas representantes. Em 1985-1986, ela dirige o seminário "Gênero, identidade e desejo", simultaneamente na Wesleyan University e em Yale. Em 1990, publica o livro intitulado *Gender trouble*.

Disposta a observar "o modo como as fábulas de gênero estabelecem e fazem circular sua denominação errônea dos fatos naturais", Butler (1990/2008, p. 12) parte da questão que ela própria nomeia de especulativa: descobrir se a política feminista poderia funcionar sem um "sujeito" na categoria de mulheres, isto é, sem a suposição de que o termo "mulheres" denote uma identidade comum. Com um discurso fortemente crítico à psicanálise, seu primeiro alvo foi e, ao que tudo indica, permanece sendo a desconstrução do pretenso "mistério do feminino" – tal como Freud o designou, que lhe parece decorrente do falocentrismo e da assim chamada "heterossexualidade compulsória" da teoria psicanalítica.

A Psicanálise pode concordar parcialmente com a lógica de desnaturalização do corpo humano que Butler preconiza, uma vez que as fórmulas quânticas da sexuação elaboradas por Lacan deixam claro que o "dizer-se" homem ou mulher na relação com o parceiro – conforme se trate do gozo todo fálico ou do gozo não-todo fálico – não acompanha sempre, nem inteiramente, o trilhamento biológico. Mas a psicanálise não subscreve a sobreposição falocentrismo/falocracia, como asseveram as feministas que estudamos. Entre outros motivos, porque a psicanálise, como declara Freud em sua última e XXXV Conferência Introdutória à Psicanálise, não propõe qualquer visão de mundo.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980. v. I. (Obra original publicada em 1949.)
BUTLER, Judith. *Gender trouble. Feminism and subversion of identity*. Nova York: Routledge, 2008. 236p. (Obra original publicada em 1990.)
FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXI. (Obra original publicada em 1932-1933.)
FREUD, Sigmund. XXXV Conferência Introdutória à Psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXII. (Obra original publicada em 1932-1936.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 160p. (Obra original publicada em 1972-1973.)
MITCHELL, Juliet. *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais, 1979. 453p. (Obra original publicada em 1974.)

***

Mesa G – Mediadora: Ângela Rocha

Dificuldades da Psicanálise

Ana Maria Fabrino Favato
Psicanalista. Membro da ATO – Escola de Psicanálise.

Na Viena de 1955, Lacan faz uma exposição, em sua conferência intitulada "A coisa freudiana", da reviravolta que propõe no seu

retorno a Freud. Estar em Viena é importante para marcar, naquele momento, um espaço delimitado por seu discurso. Argumenta que a mensagem freudiana encontrou ressonâncias que logo foram abafadas pelo primeiro conflito mundial. Sua propagação recomeçou com a imensa dilaceração humana, seguida pelo segundo conflito mundial. Assim, foi no modo aterrador da guerra, em suas batidas, que nos chegou a voz de Freud, junto, não por acaso, com a perseguição de seus seguidores.

O ruído de Freud encontrou seu limite nos confins do mundo, mas não perdeu seu sentido. Ao encarar a cultura americana, foi preciso, aos psicanalistas emigrantes, apagar os princípios da doutrina psicanalítica e os estigmas de sua origem. A conjuntura lá era forte demais e a oportunidade sedutora demais para que não se cedesse a essa tentação oferecida.

A célebre frase de Freud, proferida em 1909 ao avistar Nova York – "eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste" –, perturbadora e tão repetida no meio psicanalítico, funciona como um adágio para o que representa a psicanálise em qualquer cultura e, principalmente, a americana. Naquela época, havia ampla divulgação da psicanálise na Europa, que tem seu primeiro congresso em 1908 e momento de profícua relação de Freud com Jung.

Para o que representa a agitação que invade a *polis* como uma epidemia, o dito de Freud, segundo Lacan, é-lhe devolvido como sanção (LACAN, 1955/1988), que retorna com ele a Viena como uma cilada tomada ao pé da letra, pois a psicanálise provoca, na Europa do entreguerras, muito "tumulto", dissensões e discussões. Se algo da ordem de uma punição se passou, cabe a nós, analistas, nos responsabilizarmos, completa Lacan, visto que a Europa apagou de sua preocupação, do seu estilo e da sua memória aqueles que dela saíram e recalcou suas lembranças desagradáveis. Houve um esquecimento, e esse foi o motivo do retorno a Freud. Um retorno que não é do recalcado, senão da adesão ao dito de Freud para extrair o efeito de verdade de sua mensagem e demonstrar o que a psicanálise não é, ela não é a peste.

A psicanálise transmite o enigma, não a peste; ela mais incomoda do que infecciona. Aliás, até quando o psicanalista é inábil ou silvestre, causa mais dano à causa analítica do que aos pacientes individualmente, nos diz Freud (1910). Portanto, o sentido da volta a Freud que Lacan evidencia busca apurar o sentido de Freud naquilo que ele traz da descoberta do poder da verdade em nós e em nossa carne. Ela é

uma grande aventura sobre o que é o sujeito, esse sujeito do desejo tão apagado pelo discurso científico e capitalista.

Há resistências em considerar a causa do sujeito sustentada na verdade inconsciente. Quando Freud diz *Wo es war, sol ich werden* que Lacan (1966/1998) traduz por "Lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir", o imperativo dessa frase nos pressiona a assumir nossa própria causalidade e mostra um sujeito que desconhece sua verdade, mas fala dela sem o saber. Há algo que fala em nós que nos faz falar. Esse é, essencialmente, o mote freudiano ao abordar uma dificuldade diante da psicanálise, uma dificuldade mais emocional que intelectual por provocar um sentimento de estranheza nos indivíduos, uma vez que a psicanálise nos ensina que o "eu não é senhor em sua própria casa" (FREUD, 1917/1969, p. 178). Há, portanto, um sujeito que não é o "eu" perceptível da consciência. Diferentemente de outras ciências ou filósofos que indicaram a existência do inconsciente, a psicanálise, como diz Freud, nos força a tomar uma posição ante a esse problema.

Lacan faz um retorno cuidadoso à letra de Freud, mas esse último também retoma, quando em vez, seus próprios postulados para recuperar ou resgatar seu sentido. É assim que, em 1938, já exilado, e um ano antes de sua morte, apresenta algumas lições elementares de psicanálise, na tentativa de reforço de algo do conceito basilar que dá início às suas descobertas: o inconsciente. Afirma que muito dos conteúdos da psicanálise ofende os sentimentos das pessoas; quase igual afeto perturbador produz suas hipóteses – que podem ser encaradas como premissas (*Voraussetzungen*)[14] ou como resultado do trabalho de pesquisa –, sujeitas a parecerem muito estranhas às modalidades comuns de pensamento e contradizer de maneira radical certas opiniões correntes (FREUD, 1938/1969). Freud ressalta aqui o quanto suas hipóteses podem ser consideradas moralmente ofensivas. E conclui: não há saída para isso; o trabalho de apresentação dessas hipóteses tem que ser feito.

O retorno é o recurso que Freud usa em 1938; também não o retorno ao recalcado como nos ressalta Lacan, mas, sim, o retorno a sua própria letra. Ainda sob o efeito da busca de sua origem judaica, sob o forte impacto da perseguição e da guerra eminente, Freud vivia naquele ano, em termos físicos e pessoais, a mais desalentadora de suas

[14] Na edição alemã, aparece *Moralbesetzungen* – investimentos morais.

experiências. A vida chegava ao fim, a doença lhe consumia e a psicanálise, embora bastante difundida e reconhecida, estava banida da Europa nazista. Para a identidade nacional alemã, a psicanálise representava uma injúria, não só por ser uma ciência judaica, mas por conceber ideias liberais, revolucionárias, democráticas e humanistas. A queima de livros que Freud já havia presenciado na Alemanha em 1933, inclusive a queima de seus livros, foi o rompimento total para o que era considerado antes de tudo não alemão. Queimou-se a palavra, num ato de irreverência e completa supressão de adversários e inimigos. Mas Freud avançou com sua letra sempre no reforço de suas concepções até o limite de sua vida.

Não há dúvidas na dificuldade da tarefa empreendida por Freud, que confessou não ter ilusões e ver poucas perspectivas da psicanálise se tornar apreciada ou popular. Em seu texto, eminentemente clínico e dirigido aos analistas, "As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica" (FREUD, 1910a/1969a), lido em 1910, no segundo congresso realizado em Nuremberg, fala de dois estágios da clínica pelo qual passam todos os iniciantes: o "entusiasmo" pelo aumento dos êxitos terapêuticos e a "depressão" pelas dificuldades que impedem os esforços na cura. Sabiamente, Freud ressalta que, independentemente do preparo do psicanalista, de maneira nenhuma se esgotam os recursos terapêuticos na luta contra as neuroses, ou seja, é um trabalho de persistência e permanente.

Para Freud, o apoio para minimizar as dificuldades e melhorar as perspectivas terapêuticas virá de três direções. Primeiro, do "progresso interno" advindo da construção do saber psicanalítico, da práxis analítica ou técnica, como ele diz, e da análise pessoal. É o campo da aplicação da psicanálise à clínica; da psicanálise em intensão. Nesse sentido, nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas. Nele podemos ver a importância da formação do desejo de analista, uma contribuição de Lacan importante para a transmissão da psicanálise. A partir desse progresso interno, Freud via o alcance da psicanálise a um campo vasto da medicina ou da saúde mental. Muito se trabalhou na construção da doutrina e da práxis psicanalítica; dificuldades e dissensões se deram e muitos desvios aconteceram na clínica e nas análises didáticas.

O segundo apoio virá do "aumento de autoridade", ou seja, do reconhecimento social da psicanalise e do psicanalista. Podemos dizer que é o campo da extensão, no qual a psicanálise se faz presente no laço social. Freud argumenta que poderia parecer difícil esse

reconhecimento acontecer: "Porque destruímos ilusões, somos acusados de comprometer os ideais" (FREUD, 1910a/1969a, p. 132). Nesse sentido, a sociedade será sempre resistente aos esforços da psicanálise, não tendo pressa em lhe conferir autoridade. Todavia, Freud acredita que algo do dizer do psicanalista pode ser escutado no laço social. Basta sermos pacientes e capazes de esperar. Ele escreve: "As mais ásperas verdades, finalmente, são ouvidas e reconhecidas, depois que os interesses que se feriram e as emoções que se instigaram tiveram exaurido a própria fúria" (FREUD, 1910a/1969a, p. 133). A psicanálise é um discurso, como dirá Lacan, avesso ao Discurso do Mestre e da Ciência. Podemos pensar que Freud sabia da dificuldade da psicanálise na sua relação com outros discursos e conhecia o problema em fazê-la circular na cultura sem provocar tanta resistência ou efeitos de sugestão universalizantes como os que ocorrem na hipnose. As instituições psicanalíticas de antes e de agora atestam isso. É onde podem entrar a política da psicanálise e seus efeitos desviantes, como o uso ideológico de conceitos, exercícios de poder e estratégias de segregação.

O último reforço virá da "eficiência geral" ou "efeitos do trabalho analítico", concluindo que o sucesso que a análise alcança com o sujeito tem repercussões igualmente no coletivo. Por força, portando, do desejo de analista, do Discurso Analítico e do ato analítico, o dever ético da psicanálise e do psicanalista conjugam de forma moebiana a psicanálise em intensão e extensão, o individual e o coletivo, a análise e o laço social, a clínica e a escola. Claro que, se a psicanálise é uma ética e é um discurso, ela está comprometida com o sujeito do inconsciente e, quando Freud diferencia a psicanálise de outras formas de pensar o inconsciente, sustenta que ela nos força a tomar uma posição quanto a isso, não nos permitindo nem ceder nem nos furtar ao enigma do desejo.

Referências

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. (Obra original publicada em 1910a.)

FREUD, Sigmund. Psicanálise silvestre. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. (Obra original publicada em 1910b.)

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obra original publicada em 1917.)

FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obra original publicada em 1918.)
FREUD, Sigmund. Resistências à psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obra original publicada em 1924.)
FREUD, Sigmund. Algumas lições elementares de psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *ESB*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obra original publicada em 1938.)
LACAN, Jacques. A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1955.)
LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1966.)
ROUDINESCO, Elisabeth. *Em defesa da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise*? Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

***

Adolescência e a subjetividade da nossa época, uma reflexão para a práxis

Daniela Gontijo de Souza
Graduada em Psicologia, especialista em Psicologia da Educação pela PUC Minas, psicanalista e membro do Parlêtre Divinópolis.

Quando pensei em escrever para o Fórum, fiquei às voltas com várias questões que me inquietam no que diz respeito ao sujeito, ou melhor dizendo, ao ser falante, ao *parlêtre* – neologismo trazido por Lacan em 1967 por acreditar que o conceito do inconsciente de Freud já não mais atendia à experiência analítica na qual, na contemporaneidade, o corpo participa.

Partindo do ponto de vista de que o Fórum é lugar de se tratar e quiçá propor coisas novas, escolhi falar das mudanças sociais, suas influências na construção subjetiva dos jovens de hoje e convidar a uma reflexão da nossa práxis. Ainda que não pretendendo construir algo novo, é sempre importante estarmos atentos à subjetividade da nossa época.

Acredito não ser possível falar da subjetividade, hoje, sem nos referirmos ao mundo digital, o qual, já legitimado por uma geração, vem "formatando" as maneiras de se relacionar de todos nós.

É sabido por todos que, desde a globalização, grandes mudanças ocorreram no cenário social, econômico e cultural. Mudanças que trazem significantes importantes. Le Breton (2017) considera que os adolescentes de hoje cresceram na trivialidade do uso das redes e dos dispositivos móveis. Essas tecnologias modelam as suas identidades e a sua relação com o mundo.

Antes de expor sobre as mudanças que o mundo digital tem trazido para a vida dos adolescentes, farei uma breve explanação da trajetória psicossocial desse período do desenvolvimento tão peculiar.

Freud, em seu texto "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), não faz uso dos termos "juventude" e "adolescência". Ele se refere à puberdade para dizer dessa etapa do desenvolvimento. Ele vai dizer que, com o advento da puberdade, introduzem-se as mudanças que levarão a vida sexual infantil à sua configuração definitiva normal. Para ele, a pulsão sexual, que era autoerótica e com características polimorfas, encontra, agora, um objeto sexual.

O sujeito, ao sair da infância, viverá um encontro malsucedido. Alberti (1996) aponta que o adolescente se depara com o real do sexo, o que por definição é algo que escapa a uma simbolização possível, deixando o sujeito – em linguagem do senso comum – sem palavras. É possível verificar também na peça *O despertar da primavera*, de 1891, escrita pelo alemão Frank Wedekind, em que os jovens representam em cena a angústia desse encontro malsucedido; eles não conseguem nomear esses impasses que o encontro com o outro traz.

Esse encontro com o outro na adolescência é carregado de significações advindas da infância, representações que foram marcadas pelas escolhas objetais infantis. Freud (1905/2016) dizia que a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta. Mas a escolha do objeto é realizada primeiramente na imaginação, e a vida sexual do adolescente não tem outra opção, praticamente, senão entregar-se à fantasia, ou seja, a ideias não destinadas à concretização.

As sociedades primitivas faziam uso de rituais, muitas vezes chamados de "ritos de passagens", nos quais se propunham atos carregados de simbolismos, na tentativa de demarcar algo do indizível de todas as transformações biopsicológicas pelas quais passa o adolescente. Os ritos proporcionavam um reconhecimento social ao adolescente. Era uma marca que passava pelo corpo, tornando-o responsável

por si perante o Outro e possibilitando, assim, uma construção subjetiva baseada na alteridade, na qual o sujeito se via em condições de se separar do Outro (infantil) e transitar pelas suas identificações em outro universo de demanda.

Nos dias de hoje, vivemos uma escassez desse recurso cultural, o que coloca o púbere em um grande impasse, pois o simbólico, que dava conta de todo o questionamento do sujeito, agora não consegue dar conta desse real com tanta eficiência, fazendo com que os adolescentes questionem o simbólico e/ou decidam não se haver com ele.

Le Breton (2017) diz que, na sociedade atual, não existem ritos ideias norteadores na cultura que facilitem essa delicada transição da infância à fase adulta. Assim é o próprio púbere, que inscreve marcas sobre seu corpo numa tentativa de simbolizar essa passagem. O rito é solitário e não é reconhecido socialmente.

Outro grande pilar dessa transição de fases do desenvolvimento é a família. Ela contribuía muito na construção simbólica e, assim, se mantinha como referência no processo de diferenciação, que é importante na construção da identidade, em que o sujeito precisa fazer um corte, se separar do Outro para se constituir com autonomia. Barthes (1977/2013) vai dizer que há uma idade em que se ensina o que se sabe, mas vem em seguida outra idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento do imprevisível.

A família também sofreu muitas transformações e não mais ocupa um lugar de estrutura maior. Para Le Breton (2016), ela se articula doravante mais numa relação de proximidade entre seus membros do que numa relação simbólica, distinguido as posições de pais e filhos. "Ela é precária, inconstante e reformulada permanentemente".

Neste contexto, é visto que o que seria um arcabouço de simbolismo para o adolescente está também em "crise" como ele. Vemos que há uma pulverização das marcas simbólicas, deixando o adolescente cada vez mais sozinho nesta caminhada. Não há marcas ou "ritos" na sociedade que os adolescentes possam se servir para se despedirem da infância, e cada vez mais eles se impõem a provas individuais na tentativa de demarcar esse impasse, que é poder transitar na vida adulta.

O mundo digital vem ocupando o lugar deixado vazio pelas estruturas sociais. O encontro com o outro tem sido adiado, uma vez que a tela substitui essa relação, mascarando um encontro com o real. Cada vez menos os jovens têm que se haver como o desejo do outro, ou seja, cada vez mais eles estão em uma posição de inércia à demanda, tornando-se, assim, cada vez menos desejantes.

A relação com o saber sofreu uma grande mudança. O acesso ilimitado aos dispositivos digitais propicia um excesso de informações e conhecimentos, sem precisar passar pela suposição de saber do outro. Ao resistir ou recuar a relação com o saber (outro), os adolescentes se tornam cada vez mais reféns destes dispositivos e, por meio deles, buscam ser reconhecidos. Esta busca é falha no que concerne ao simbolismo e estimula o jovem ao ato. Segundo Lacan (1948/1998), quando o encontro com outro demonstra um impasse que não se resolve pelo dispositivo simbólico, a tensão agressiva vai imperar.

Salum (2016) adverte que, conectados aos aparelhos tecnológicos, os jovens, hoje, conseguem abrir muitas portas de conhecimento presentes no mundo, assim como se inserem socialmente, por um lado. De outra parte, é inegável que a prevalência dos objetos e adesão maciça a eles também pode demonstrar uma desinserção do Outro social.

Imergidos neste mundo digital, ocorre a prevalência da pulsão escópica – satisfação em ver e ser visto. Lacan, em 1964, diz que o olhar é esse objeto perdido, e repentinamente reencontrado, na conflagração da vergonha, pela introdução do outro. Ele diz ainda que o que o *voyeur* procura e acha é apenas a sombra e irá fantasiar com isto, ou seja, não é o falo, e sim a ausência dele, o que trará nuances das representações simbólicas de cada um. Do exibicionismo, ainda em 1964, Lacan completa que o que é visado pelo sujeito é o que realiza no outro. A visada verdadeira do desejo é o outro (...) não é apenas a vítima que está envolvida no exibicionismo, é a vítima enquanto referida a algum outro que olha.

Esta citação diz muito do movimento pulsional que comanda a ralação do outro com os dispositivos digitais. A marca do outro (família, social) é um importante norteador para que haja um ciclo completo da pulsão escópica, ressaltando que o "ciclo completo" nada tem a ver com satisfação pulsional completa e sabido que as satisfações pulsionais são sempre parciais. O ciclo diz de um movimento autoerótico e caminha para uma posição narcísica. Lembrando que, em 1914, em seu texto "Introdução ao narcisismo", Freud vai dizer que o narcisismo é o retorno ao real da infância.

O mundo virtual proporciona ao sujeito o querer olhar-se e o dar-se a ver em uma dimensão de completude, como se fosse possível substituir com a imagem e o trauma aquilo que faz furo, aquilo que se refere ao indizível. A vida virtual oferece um cenário que contribui para uma economia na produção de fantasias nas quais cada vez menos se faz uso da fala, ou seja, cada vez menos se discursa sobre o

trauma. As relações se dão no âmbito de identificações alienantes, e a subjetividade passa a ser construída em um contexto de relações cada vez mais horizontais, o que provoca um esvaziamento da alteridade.

O mundo real é fonte de frustração, privação e castração e o virtual, na tentativa de burlar estes registros, está em conformidade com as fantasias de um encontro perfeito como o objeto, com a promessa de um encontro não malsucedido. Mas o que ocorre nada mais é do que um desastroso encontro com o real, pois este está cada vez mais desvestido de simbolismo. O discurso dá a possibilidade de fazer uma modificação no sofrimento, tornando-o mais suportável ou operando de forma que faça com que o sujeito se ligue a uma nova cadeia de significantes e que lhe proporcione novas possibilidades.

A experiência da fala faz com que ocorra uma mudança no sofrimento. A subjetividade da nossa época sofre transformações que marcam uma geração, pois cada vez mais ela está sendo silenciada. A fala tem sido substituída pelo silêncio, e este se apresenta como uma nova forma de expressar o trauma. A dificuldade de fazer laço se faz presente. Há uma resistência a esse significante-laço que diz de expectativa que serão atingidas ou não; os laços sociais sofrem mutações.

Essa nova formatação das relações nos convoca a um desafio no que confere à clínica e ao manejo clínico, pois, quando o suposto saber é questionado, acende-se uma luz que nos indica que algo novo é preciso ser feito. Como Lacan reestrutura a ideia de inconsciente de Freud, dizendo que o inconsciente é estruturado pela linguagem, em uma cultura na qual a linguagem tem sido reduzida ou modificada, há de se questionar o que se modifica no inconsciente.

Assim como disse no início, sem pretensão de trazer conceitos novos, cumpro a proposta de trazer questionamentos para uma nova construção na nossa práxis.

Referências

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2013. (Obra original publicada em 1977.)

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obra original publicada em 1905.)

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1914.)

LACAN, Jacques. Agressividade em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1948.)
LACAN, Jacques. *O seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008. (Obra original publicada em 1964.)
LE BRETON, David. *Adolescência e a comunicação – Juventude e cultura, diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artezãs, 2016.
LE BRETON, David. *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017.
SALUM, Maria José Gontijo. Juventude, saber e gozo no impasse com a sexualidade. *Revista Curinga*, Belo Horizonte, n. 42, jul./dez. 2016.

***

Dificuldades no reconhecimento do analista

Roberto Lopes Mendonça
Graduado em Psicologia (UEMG), graduando em Filosofia (UFLA), especialista em Saúde Mental (PUC Minas), especialista em Toxicomanias (UFSJ), mestre em Psicologia – Estudos Psicanalíticos (UFSJ), doutorando em Psicologia – Estudos Psicanalíticos (UFMG) e professor do curso de Psicologia (graduação e pós-graduação *lato sensu*) da UEMG Unidade Divinópolis.

O que nos garante que, ao procurarmos um psicanalista, nós realmente possamos encontrar um? A placa sobre a porta do consultório? Uma lista de telefones de um convênio qualquer? Um cartão deixado na recepção de uma clínica? Nada disso nos dá sequer uma mínima referência de quem encontraremos ao adentrar sua sala, nem mesmo ter uma mínima noção de que tipo de condução do tratamento poderemos obter.

Longe de buscar algo como a regulamentação da profissão do psicanalista, proposta pelo Projeto de Lei nº 3.944, apresentado pelo deputado Éber Silva, do Rio de Janeiro, em dezembro de 2000, pensamos que algo deveria minimamente elucidar para o público em geral quem é aquele que se intitula psicanalista. Algo deveria minimamente barrar aqueles que se autointitulam psicanalistas sem sequer passar por uma formação dentre as várias psicanálises conhecidas (freudiana, lacaniana, kleiniana, etc.), assim como aqueles que criam escolas de psicanálise que oferecem até carteirinhas de psicanalistas baseados no CBO (Catálogo Brasileiro de Ocupações) sob o código 2515-50.

Não é disto que se trata quando falamos em ser psicanalista. Mas o que nos daria alguma garantia de que o psicanalista que eu procurei realmente é um psicanalista? Essa questão passa por dois pontos: a formação e a regulamentação. Para discutirmos o primeiro, a formação, supomos três eixos, todos pensados a partir das construções lacanianas, que conduzirão nossa discussão: o aforismo lacaniano de que o analista só se autoriza de si mesmo; a teorização lacaniana dos discursos; e o par ensino/transmissão.

Primeiro o aforismo. Há que se pensar no aforismo no original: *"L'analyste ne s'autorise que de lui-meme"* (LACAN, 1973/2001), ou, em nossa tradução brasileira: "O analista só se autoriza de si mesmo" (LACAN, 1973/2003). Há que se pensar com cuidado, como diz a nota de rodapé do tradutor brasileiro, que, ao utilizar a preposição de em vez de para, Lacan reduz a possibilidade de uma autoautorização, uma autorização por si mesmo. É que a formação do analista requer o reconhecimento dos pares, requer laço social; caso contrário, seria delirante. Brinco com a fórmula lacaniana da sexuação, na qual o pai primevo da horda (*Urvater der Horde*) é transformado em matema: ∝x□x existe um que não está submetido à ordem fálica. Digo que brinco pois assim nomeio Freud, o pai primevo da horda dos analistas: ∝x∞x – existe um que não está submetido à ordem psicanalítica. Apenas a Freud, pai criador, foi permitida a excentricidade de se autorizar por si mesmo, ainda que ele se autorizasse apenas de si mesmo.

Como dito, a formação requer o reconhecimento dos pares, e Freud, como o Urvater, não poderia ter um par que o reconhecesse. Ele, sim, reconheceu posteriormente seus pares. Enquanto criador da psicanálise, Freud é o único que, parafraseando o dizer bíblico, poderia dizer "Eu sou aquele que sou", sem referência a nada ou ninguém, só a si mesmo. Nós, os filhos desse pai morto que agora devoramos na forma de textos buscando sua força, somos todos submetidos à ordem psicanalítica, supondo, pois, a igualdade entre todos os irmãos.

É nesse sentido que buscamos, então, o laço com os demais, laço que é feito pelo discurso, que nos singulariza, mas paradoxalmente nos torna iguais. Não partimos do princípio do prazer, característico do Inconsciente, este formalizado por Lacan como uma cadeia significante (S1 – S2) suportado pelo fantasma (∃ & a), pois é justamente ao fazermos a travessia do fantasma, mudando duplamente de posição (de baixo para cima e da esquerda para a direita), que podemos encontrar o analista em seu discurso, puro resto (a) ao qual um sujeito (∃) se dirige para falar de suas mazelas, buscando produzir um novo

significante mestre (S1) que o reja. Nesse papel de resto, somos suportados pelo saber (S2) que adquirimos em nossa formação, saber este que se situa no lugar da verdade, mas não qualquer verdade.

Basta lembrarmos que, ao compararmos os lugares dos discursos lacanianos com o quadrado lógico de Apuleio, uma de suas fontes de inspiração, vemos que o lugar da verdade proposto por Lacan é o lugar da afirmativa particular, e não o da afirmativa universal. É aqui que o par ensino/transmissão se coloca. Ensino da psicanálise podemos encontrar em diversos cursos de graduação e pós-graduação, assim como nos cursos de formação de analistas das diversas escolas, mas apenas o saber não nos autoriza como analistas. É necessária a transmissão. E a transmissão é obtida nas supervisões (transmissão da técnica psicanalítica) e na análise pessoal (transmissão da experiência do Inconsciente).

Com esse tripé, sim, podemos suportar ser o objeto para outro, um sujeito, suportados, sim, por um saber, mas não um saber absoluto. Apenas um saber que nos autoriza de nós mesmos, de nosso desejo, de nosso próprio percurso dentro de nossa formação. A instituição do passe formaliza o reconhecimento pelos pares, impedindo o reconhecimento por si mesmo. Reconhecimento pelos pares, autorização de si mesmo, supõe laço social, supõe caminho pelos discursos. Reconhecimento por si mesmo supõe afastamento dos pares, saída dos discursos, tal qual o psicótico, que ainda que esteja na linguagem, não está no discurso.

Por isso, a forma delirante daqueles que se autorizam por si mesmos, lembrando a etimologia da palavra delírio (*lirare* – fazer sulcos, trilhas; *delirare* – sair dos sulcos, trilhas). Mas o que distinguiria os irmãos da horda psicanalítica dos farsantes? O que distinguiria a psicanálise verdadeira da falsa? O que distinguiria uma escola verdadeira de uma falsa? Há que se pensar em algo que permita tal distinção. Há que se pensar em algo que regulamente de alguma forma a psicanálise no Brasil, escapando aos diversos grupos religiosos que "formam" analistas em um ano, escapando dos recém-formados em Psicologia que se autorizam analistas por si mesmos. Não se trata de criar um novo comitê dos sete anéis, mas de pensar e discutir maneiras de nos precavermos, dentro do que é possível, daqueles que se autorizam por si mesmos, diminuindo, assim, enormemente a visão distorcida que grande parte da população tem de um analista, principalmente a visão daqueles que só conhecem pseudoanalistas.

Referências

FARIA, Ernesto (org.). *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Obra original publicada em 1969-1970.)
LACAN, Jacques. Note italienne. In: LACAN, Jacques. *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001. p. 307-311. (Obra original publicada em 1973.)
LACAN, Jacques. Nota italiana. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 311-315. (Obra original publicada em 1973.)

***

Mesa H – Mediadora: Sheherazade Paes de Abreu

"Novas dificuldades" que perpassam a clínica psicanalítica: atendimento *on-line*

Margarete A. Domingues
Psicanalista, mestre em Psicologia pela UFU e membro da Clínica Freudiana de Uberlândia.

A internet provocou grandes mudanças, revolucionando diversos campos, e o nosso campo de trabalho também tem sido afetado significativamente. O uso do espaço virtual para atendimento clínico parece ser uma tendência global, com uma proliferação de ofertas para análise via internet e criação de grupos de "analistas" em redes sociais. A página "Divã no Face" indica que o atendimento *on-line* funciona como atendimento presencial; há uma exposição de facilidades, quanto ao tempo, valores, etc. A www.luzz.com.br anuncia: tenha um psicanalista fixo de segunda a sexta e desabafe por apenas 369 reais por mês. Diante dessa multiplicidade de ofertas, interessei-me em fazer uma discussão sobre o tema, visto estar atualmente atendendo uma pessoa, utilizando o Skype.

Aceitei essa demanda em função de esta pessoa ter se analisado comigo um longo tempo. Posteriormente, mudou-se para o exterior. No retorno para o Brasil, fez análise lacaniana num grande centro e, ao

retornar para sua cidade de origem, continuou a análise pelo Skype, até o momento em que considerou ter chegado a um fim. Nesse ínterim, me adicionou no Facebook e, certo dia, enviou mensagem *inbox*, solicitando atendimento por Skype com suas justificativas sobre o pedido. Lembrava detalhes de algumas de minhas pontuações que, para ela, foram norteadoras, denotando permanência do laço transferencial. Expliquei que não havia pensado em fazer um trabalho analítico utilizando o recurso da internet, mas considerava inviável se não alternasse com sua presença em algumas sessões. Ao fazer essa proposição, eu já indicara que a presença viva do analista se faz imprescindível num tratamento analítico. Decidi iniciar a experiência.

Na primeira entrevista, utilizamos imagem e som e, a partir daí, ela desligou a câmera. Fiz o mesmo, considerando que somente com som poderíamos simular um "divã". No entanto, está claro, para mim, que a presença do analista, atrás do divã, garante a presença com seu corpo, pela voz, pelo olhar, etc.

Ainda que o trabalho esteja sendo possível, tenho me indagado sobre essa modalidade de atendimento. Acredito que o trabalho analítico tem uma especificidade e que a presença e o corpo do analista são fundamentais para que o sujeito, ao final de uma análise, possa fazer um atravessamento de sua fantasia fundamental, bem como o que fazer com seu sinthome, que é o singular de cada um. Para tanto, procurei alguns argumentos na teoria, bem como uma reflexão sobre a clínica nos convocar a constantes reinvenções.

Lacan (1998/1958) apresenta o analista como quem porta um estilo, pois é a ele que o sujeito fala livremente, implicando escrever um espaço onde exista lugar para que o analisante coloque aí algo de seu. Ouvir e escutar o que permanece de indizível nas entrelinhas, ou entre palavras, é função do analista.

Rennó Lima (2013) assinala que a presença do analista é uma presença na qual está implicada uma perda pura. A presença do analista se faz a partir do "desejo do analista", este desejo que é um vazio a ser sustentado como causa, que pode se apresentar com seu silêncio, mas garantindo presença com seu corpo.

O psicanalista Marcus André Vieira (2009) afirma que a presença do Outro analista se apresenta, em uma análise, como objeto. Enquanto o sujeito está em todo e em nenhum lugar, o objeto está sempre no mesmo lugar.

Alberti (2000, p. 51) assinala:

> Se a clínica pode se definir como encontro de corpos, Jacques Lacan subverte as coordenadas dessa conjuntura construindo a questão da presença na sessão analítica. O corpo não basta para fazer presença, mas, sem o corpo, não há presença do analista. Muito cedo em seu ensino, Lacan evoca o sentimento da presença que, às vezes, se apodera do sujeito na sessão analítica. No ponto mais sensível e significativo da transferência, o analisante faz ali a experiência da atualização da pessoa do analista...

Segundo Lise (2013, n.p.),

> a presença do analista é um dos aspectos fundamentais para o encontro psicanalítico. A transferência, condição para a consecução de um tratamento, passa pela sustentação na presença, no corpo do analista do que esse encontro provoca. Como ficaria essa dimensão nos tratamentos virtuais?

E os sujeitos que buscam o atendimento *on-line*? Como localizá-los?

Estamos vivendo o tempo da pressa. Sobre isso considero muito interessante uma resposta de Colette Soler a Kehl, numa entrevista realizada em 2008. Kehl questionou se os tempos do sujeito sofrem os efeitos da aceleração contemporânea do tempo social. Soler traduziu a pergunta como se o inconsciente do sujeito apressado fosse também apressado. Pontuou que o inconsciente não conhece o tempo. Ele tem todo o tempo, não para nunca. Portanto, não é o inconsciente que se impacienta, mas o sujeito que quer resolver suas coisas às pressas. O sujeito, quando entra no consultório do psicanalista, entra com aquilo que Lacan chamou de a "subjetividade da época", corolário do "mal-estar na civilização" em Freud. Ele quer que se ande rápido, sem muito custo e que seja rentável.

Laurent (2017, p. 4-5, grifo do autor) é claro em dizer que

> o que se quer hoje é "mais": é necessário ir mais rápido, trabalhar mais, ganhar mais, correr mais, ter mais sexo, mais amor, é preciso ter não importa o que, desde que seja mais. Isso é o capitalismo generalizado, todo mundo é empreendedor de si mesmo. Ser empreendedor de si mesmo e tudo maximizar é um comportamento adicto perigoso.

Parece-me que esse enxame de ofertas para atendimento que se intitulam psicanalíticos obedece a essa lógica do sujeito na atualidade, apressada e adicta. Os "objetos a" são elevados ao zênite social. Nessa lógica de mercado do consumismo generalizado não se pode perder tempo. Vocifera o imperativo: goze! A qualquer preço. As ofertas que estão disponíveis no catálogo da internet trazem essa marca de gozo, e as pessoas que desconhecem o rigor do trabalho analítico possivelmente serão seduzidas, pois farão "análise sem precisar trabalhar", já que nem mesmo precisarão sair do "conforto" de suas casas, "gastando muito pouco". "Ou nada"?

Parto da premissa de que a psicanálise se diferencia dessa lógica. A experiência da psicanálise é uma experiência de atravessamento do fetichismo do mercado. É uma possibilidade de descobrir que esse fetiche industrial não porta mais do que falsas promessas de felicidade. A posição do analista não é a de se colocar como objeto causa de desejo? Sustentar o discurso do analista? E o tempo do sujeito é o tempo lógico.

Laurent (2017, p. 2-3) apresenta uma bela definição:

> A psicanálise é uma aventura pessoal, deve ser vista como uma história de amor. As histórias de amor não duram para sempre, mas duram por um tempo. Há pessoas que têm histórias de amor rápidas e múltiplas. Nesse sentido, é também necessário existir um tratamento rápido e múltiplo. Há, em contrapartida, as aventuras mais longas, nas quais o objetivo é mudar o estado das coisas no interior de si mesmo. Assim é a psicanálise: a cura como aventura pessoal, e também um tratamento.

Sendo assim, quando o laço transferencial já se consolidou em atendimento presencial anterior, será que num atendimento *on-line* se poderia manter algo do corpo vivo do analista, do genuíno amor de transferência, para o seguimento da análise?

Recorrendo novamente às contribuições de Lise (2013, n.p., grifo da autora),

> a responsabilidade por sustentar a prática analítica é do analista que, emprestando consequência ao seu desejo, empenha sua escuta, sua voz, seu corpo e sua presença e convoca o analisando a não recuar frente ao seu desejo... A prática lacaniana é sem

standarts, mas não sem princípios. O virtual se confirma como um espaço de inter-relações e o atendimento clínico online é uma nova realidade. Caberá a cada psicanalista, no caso a caso, na singularidade de cada atendimento, decidir em que condições pode se dar o tratamento, se guiando pela ética da psicanálise.

Diante desses argumentos teóricos, parece-me que, garantindo alguns critérios, tais como laço transferencial estabelecido, continuidade de análise iniciada, encontros presenciais alternados, há possibilidade de se utilizar do recurso virtual para o tratamento analítico. Ou não?

Referências

ALBERTI, Cristiane. Presença do analista. Não sem o corpo... In: *A sessão analítica: dos riscos éticos da clínica.* Textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. de: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Obra original publicada em 1958.)

LAURENT, Éric. Os efeitos da psicanálise no tecido da civilização. *Opção Lacaniana*, n. 22, ano 8, mar. 2017.

LISE, Liége. Psicanálise a distância. *Boletim do IPLA*, 20 fev. 2013.

RENNÓ LIMA, Celso. *Como agir com seu ser: sobre o desejo do analista (II)*. 2013. Disponível em: <http://clinicalacaniana.blogspot.com.br>. Acesso em: 26 mar. 2017.

SOLER, Colette. O sujeito, o inconsciente e o tempo. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 185-194, jan./jun. 2009.

VIEIRA, Marcus André. *Curso livre do ICP-RJ*. Realizado no primeiro semestre de 2009, na Seção-Rio da Escola Brasileira de Psicanálise. Transcrição e pesquisa inicial de referências: Leandro Reis.

***

No horizonte da época: Psicanálise na terra virtual

Alexandre Aparecido dos Santos
Psicólogo e membro do Fatias de Análise.

Eduardo Lucas Andrade
Psicanalista, membro do Fatias de Análise, psicólogo e autor do livro *Psicanálise e educação*.

Não é mais algo de outro mundo dizer que se apaixonou por alguém que mora no extremo sul do Paquistão, ou que seu melhor amigo é uma interface de interação com inteligência artificial. Cada vez mais estas e outras muitas variações entre homem e máquina vêm deixando as telas e páginas da ficção para se tornar parte ativa da realidade. Os amigos imaginários das crianças ganharam corpos e vidas compartilhadas. Não se trata de delírio, mas de novas possibilidades. Afinal, "torna-se um louco, alguém que, na maioria das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real seu delírio" (FREUD, 1930/1974).

As realidades virtuais estão aí e não adianta tentar ignorá-las, pois elas já estão intrinsicamente ligadas à ideia de progresso humano, e é neste contexto que temos um novo posicionamento dos sujeitos frente ao que é real, ou seja, aquilo que atravessa e limita o homem em sua existência e tudo o que é oriundo desta. De fato, como nos alerta Ferenczi em carta a Freud,

> é preciso substituirmos de tempos em tempos nossa relação epistolar por uma relação pessoal, senão perderemos facilmente o contato com a realidade e deixaremos de corresponder com uma pessoa realmente vivente para correspondermos com alguém que nós arranjamos em nossa imaginação, segundo o nosso bom prazer. (FREUD e FERENCZI, 1908-1914/1992)

O real confronta e imprime ao ser Homem um princípio de movimentação regido por uma busca incessante de prazeres e satisfações, negando o fim inevitável e qualquer outro fazer que cause um desprazer ou frustração. É neste contexto de "tudo quero" "de poder" que as ferramentas ofertadas *on-line* irão proporcionar um caminho "fácil",

amortecido ao real e mais fácil de fugir do punitivo, sendo assim mais virtual e permissivo, recriando a percepção da interação com os objetos sexuais *pari passu* que com as relações com o outro. Na internet, nas conexões das psicopatologias da vida cotidiana, #somostodosescritorescriativos em que cada um "faz o mesmo que uma criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação entre o mesmo e a realidade" (FREUD, 1908/1976). Aqui temos o risco do vício.

> Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. (FREUD, 1908/1976)

Nas chamadas redes sociais, é permitido quase tudo. Pode-se criar um ou vários perfis que melhor se encaixem no padrão de cada local virtual com que cada sujeito interage. Nestes perfis, o sujeito pode ser do modo que quiser, colocando, muitas vezes, elementos idealizados de ser, sem que haja qualquer julgamento por parte do outro, que repete o mesmo do outro lado da tela. São *links* de gozo em que todos falam ao mundo e poucos escutam. Na *timeline*, por exemplo, o mundo circula em torno de si. Pelas frustrações, surgem as máscaras e fotos sorrindo em momentos contrários. Fotos antigas de lugares bons e animados em dias de tédio. E por aí vai, Narcisos afogando-se nas telas brilhantes.

Esta nova forma de se relacionar com o outro virtualmente afasta o sujeito do contato com frustrações e, consequentemente, do contato com os sentimentos de culpa. Basta qualquer indício de que haja opiniões contrárias nas relações estabelecidas para afastá-las com um simples clique, entre as opções aceitar ou não, bloquear contato ou remover contato. O sujeito, assim, constrói para si um mundo real virtual, no qual seleciona o que quer ver e o que não quer ver, amando aquilo que curte, que lhe remete prazer, e odiando o que ameaça estas satisfações, montando todo um esquema relacional que o desvincula do mundo externo, ao passo que transforma esse mundo virtualmente

narcísico em seu novo modelo existencial. Narciso é destrutivo, vive de belezas, ao passo que no êxito fracassa.

Ceccarelli (2009) aponta que o homem se utiliza da formação dos laços sociais para se haver com este desamparo narcísico quando diz:

> Frente à angústia, buscamos alento nas construções imaginárias simbólicas: os laços sociais que o mundo externo nos oferece faz parte destas construções. Nesta perspectiva, os laços sociais que construímos para lidar com desamparo psíquico variam segundo a cultura e o contexto histórico.

Neste novo mundo criado e recriado à sua imagem e semelhança, é possível participar de grupos que gostam das mesmas coisas, que odeiam as mesmas coisas ou que procuram as mesmas coisas, minando as possibilidades de uma vivência real nos ensimesmamentos da vida. Há inúmeros casos em que um número crescente de pessoas que diz se relacionar melhor nas redes sociais do que no local onde trabalha, ou ainda encontrar relacionamentos frustrados pelo motivo que um dos parceiros encontrou quem sempre desejou na internet. Quantas e quantas pessoas são capazes de ficarem horas ou até mesmo dias navegando na internet, interagindo com diversas pessoas *on-line* e, quando têm de se posicionar frente a um outro, real, não conseguem dizer uma só palavra? O que acontece? Como fica o sujeito nestas novas configurações? E as análises virtuais, *on-line*?

Referências

CECCARELLI, Paulo Roberto. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 33-41, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 abr. 2017.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. 1. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Obras Incompletas de Sigmund Freud.) (Obra original publicada em 1915.)

FREUD, Sigmund. *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: *ESB*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 151. (Obra original publicada em 1908.)

FREUD, Sigmund; FERENCZI, Sándor. *Correspondance: 1908-1914*.

Tradução francesa pelo grupo do Coq-Héron, Calmann-Lévy, Paris, 1992.

***

Mesa I – Mediadora: Viviane Gambogi

Adolescência e institucionalização: os rastros fugidios do sujeito

Alexandre Simões
Psicanalista, doutor em Filosofia (UFMG), pela linha de pesquisa Filosofia e Teoria Psicanalítica. Docente da UEMG e da Faced – Divinópolis. Coordenador do grupo de pesquisa PESC – Plataforma de Estudo e Pesquisa sobre a subjetividade na Contemporaneidade.

Anna Maria Soares de Brito
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis/Faced. Membro do grupo de estudo em Psicanálise – NEP-Faced. Integrante do Grupo de Estudos do Luto e Morte.

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues
Psicóloga clínica. Psicanalista. Especialista em Educação, Juventude e Cidadania. Especialista em Gerontologia Social. Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais. Docente no curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis/Faced.

Taynara Silva Carvalho
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis/Faced. Integrante do Projeto de pesquisa e extensão Envelhecimento e Psicanálise: envelhe-ser sob a perspectiva da psicanálise freudiana e lacaniana. Membro do grupo de estudos em Psicanálise – NEP/Faced.

Introdução

Este artigo refere-se a projeto derivado do estágio supervisionado em Psicologia, desenvolvido na Instituição GEEC – Grupo Educação, Ética e Cidadania, sediada na cidade de Divinópolis (MG). A instituição desenvolve, sem fins lucrativos, programas e projetos com foco diverso em áreas como geração de emprego e renda, socioassistenciais,

ensino profissionalizante, cultura, meio ambiente, inclusão digital, defesa de direitos, entre outras. Estas iniciativas visam a prevenir situações de risco pessoal e social, fomentar o desenvolvimento de potencialidades e da cultura, fortalecer os vínculos familiares e comunitários, preservar o meio ambiente, elevar a qualidade de vida, etc. Dentro da instituição GEEC, há um programa de atividades destinadas às crianças e aos adolescentes que se encontram em situação de acolhimento na Comunidade Servos da Cruz, que atende, hoje, crianças e adolescentes com idade entre zero e 18 anos. O presente artigo faz referência ao trabalho realizado com os adolescentes, que se encontram hoje em acolhimento institucional, com idade entre 12 e 17 anos, todos do sexo masculino.

Trabalhando com o conceito da associação livre, Freud, em "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" (1912/1996), vem nos dizer sobre a regra fundamental da psicanálise à associação livre, em que o paciente é convocado a falar tudo o que ocorre em sua mente e é colocado na posição de ser falante. A arte pode ser considerada uma via facilitadora para o desencadeamento da associação livre, visto que a fala gira em torno, não somente do discurso, mas também da linguagem não verbal, como o desenho, a escrita e a expressão corporal. O objetivo deste trabalho foi proporcionar ao adolescente, por meio da arte, condições de elaboração subjetiva, dinamismo, responsabilidade e autonomia, incentivando a produção artística. A fim de promover um espaço para que pudessem ganhar voz, eles foram convidados a falar e se expressar da forma mais singular. Assim, foi possível ter acesso às manifestações inconscientes dos adolescentes participantes do grupo.

Uma breve contextualização

A adolescência é um momento conturbado de constantes transformações, marcada pela cultura, e tem a função de fazer o elo entre a vida infantil e a vida adulta. Nesse momento, o jovem se depara com a atualização de suas questões vividas na infância. Conforme aponta Alberti (2010, p. 26), "Freud teoriza que a puberdade implica o encontro com o sexo, ou seja, algo inesperado, que pode ser bom e/ou ruim, mas que necessariamente provoca angústia porque sempre traz a marca o encontro com o real". O encontro com o real do sexo, com o real do corpo, o encontro com o objeto de desejo. Para além dos processos biológicos da puberdade, há também os processos psíquicos, que trazem

a esse novo jovem um mundo novo, cheio de possibilidades e demandas até então não vivenciadas, que vão exigir desses adolescentes novos recursos e elaborações. Essas questões se tornam mais difíceis quando não se tem apoio e orientação de um núcleo familiar que ofereça recursos simbólicos para elaboração de um ideal do Eu. Isso fica mais evidente nas crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, pois, além das questões próprias da adolescência, eles precisam lidar com a falta e a ausência da figura parental, elegendo alguém para ocupar esse lugar do Outro, além de construir um novo modelo de família que se difere do modelo citado.

A arte pode ser utilizada como um recurso de ordem terapêutica, possibilitando um acesso a tais manifestações e proporcionando ao jovem dizer através do não dito. Dessa forma, se expressar através da linguagem artística é a maneira mais sutil de os adolescentes dizer-nos de suas questões mais intimas. "A mediação através da arte apresenta algumas vantagens, tal como a expressão mais direta do universo emocional, o que pode facilitar o contato com suas questões, o uso da arte como meio de expressão da subjetividade" (REIS, 2014, p. 144). Compreendida como uma das mais importantes atividades humanas ligadas às manifestações de comunicação, a arte pode ser realizada por meio das mais diversas formas de linguagens. Segundo Reis (2014, p. 148), "o saber artístico se constitui como mediação no processo de autoconhecimento e de (re)significação do sujeito acerca de si próprio e de sua relação com o mundo". A arte usada como um recurso terapêutico pode proporcionar um contato individual com o mundo inconsciente, uma forma de sublimação das tensões recalcadas e acumuladas.

Considerações finais

A partir do que foi descrito, pode-se compreender que o processo de vivência da adolescência em jovens que passam por esse período em uma Instituição de (a)colhimento tem suas particularidades, podendo ser descritas pelo menos três: 1) A representação do Outro: ao se analisar a história familiar, é percebido o modo como esses jovens são falados pela família antes mesmo de seu nascimento. São crianças que já nascem carregando os afetos sintomáticos dos próprios pais. Muitas vezes, não representam o desejo de seus pais biológicos. A Instituição ocupa o lugar de amor e de lei, fazendo ela própria a função materna e paterna. 2) A reedição do Complexo de Édipo: Freud (1914/

1996, p. 94) diz que "os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção, isto é, no primeiro caso, sua mãe, ou quem quer que a substitua" no (A)Colhimento, escrito nessa grafia para melhor expressar os diversos sentidos que este significante pode ter – há acolhimento, negando o acolhimento e o colher da subjetividade –, caso, então, a criança, no caso o menino, entre no Édipo via castração, se identificando com a figura paterna e tendo como objeto de amor a figura materna. Ao passar pelo Édipo na adolescência dentro de uma Instituição de (A)colhimento, o jovem percebe que esse seu objeto de amor não mais existe. Além de eleger um novo objeto de amor, tem de lidar com a falta, com a perda desse objeto primeiro. 3) O significante "Abrigar": o adolescente se vê, então, inscrito no discurso da Instituição, que é o Outro, que é a figura de amor materna. Se inscreve e responde a esse discurso, que é marcado pelo significante abrigar, que pode ser desmembrado em há-briga, que demonstra claramente o conflito interno desses adolescentes, sendo a Instituição esse lugar de briga, de desordem, o lugar que os afastou de seus laços familiares. Contudo, é sabido que a Instituição de (A)colhimento prioriza pelo menor dano a vida de crianças e adolescentes, que se encontravam na convivência familiar em uma situação de vulnerabilidade, podendo ser física ou simbólica. Prezam pelo bem-estar e saúde desses jovens, mas o que não se pode desconsiderar é que há um sujeito em cada um desses adolescentes, há um sujeito que não pode ser institucionalizado nem ser colocado em uma posição de assujeitamento com o apagamento de seus desejos. A eles, deve ser permitido falar e se expressar cada um da sua forma mais singular.

Referências

ALBERTI, S. *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2010.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996. p. 123-133. (Obra original publicada em 1912.)

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996. p. 77-108. (Obra original publicada em 1914.)

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 142-157, mar. 2014.

***

A Psicanálise nas instituições

Gabrielle Lúcio Silva
Graduada em Psicologia em 2009, mestranda em Psicanálise, Sociedade e Saúde na Universidade Veiga de Almeida, com estudos voltados para a Inibição do Saber e a Debilidade Mental. Atualmente, trabalha como psicóloga clínica em consultório particular, prestando orientação psicológica a escolas de ensino regular, e atua na Associação Pestalozzi, de Presidente Kennedy (ES).

Este estudo se baseia em sete anos de experiência como psicanalista atuante em uma organização não governamental (ONG), sem fins lucrativos, para pessoas que possuem debilidade mental, autismo, síndromes genéticas, má formação congênita, entre outras patologias.

Existe um misto de interesse e resistência da sociedade no que diz respeito ao conhecimento sobre a debilidade mental, associado aos sentimentos de vergonha, culpa, piedade, inocência, entre outros, para com a pessoa com a devida patologia. Este movimento demonstra um apego exagerado às pequenas diferenças, assim como a manifestação da hostilidade de determinados sujeitos para lidar com aquilo que é diferente, mas, ao mesmo tempo, semelhante. Freud nomeia este fenômeno de narcisismo da pequena diferença. Em "Psicologia das massas e análise do eu" (1921/1996), por exemplo, Freud se remete a uma parábola de Schopenhauer para tratar do tema.

Em outros termos, a função dos espinhos é a de impossibilitar a fusão entre um porco-espinho e outro. Metaforicamente, o frio impossibilita a integração do sujeito com a massa, pois cada um está só no mundo, embora, em contrapartida, Freud afirme que essa é também uma impossibilidade.

> (...) O uso que Freud faz da parábola é para falar do modo como os seres humanos em geral se comportam afetivamente entre si e, principalmente, para descrever essa impossibilidade de uma aproximação muito íntima do outro. Ou seja, a ênfase

> freudiana recai sobre o segundo mal, o espinho (*idem*, p. 20-21).

É importante ressaltar que a sociedade, de modo geral, percebe pessoas com debilidade mental, portadoras de algum tipo de deficiência, autistas ou acometidas por síndromes como indivíduos inúteis para a cultura, de tal modo que estes sujeitos são repudiados, segregados e insultados – muitas vezes, de forma mascarada, no sentido "politicamente correto" –, com a finalidade de não se deparar com o real sintoma da questão. O sujeito inibido tende a ser o "bode expiatório" da massa, pois, embora não tenha responsabilidade direta, é punido por ser como se é; logo, a culpa recai somente sobre o sujeito. A questão é: pode a psicanálise intervir nestas questões?

Em nossa abordagem, entendemos o bode expiatório como sendo o olhar da massa, da população, mas vale ressaltar que o sujeito deseja o desejo do Outro, deseja ser o objeto perdido, logo tende a se apresentar também como bode expiatório. Consideramos, aqui, que não há motivos para rechaçar a subjetividade deste sujeito, ainda que radicado nas malhas da massa social.

No ponto de nossa investigação, traz à luz questões referentes a uma escola dotada de um local de atendimento pedagógico e clínico, onde o sujeito atendido é visto, por grande parte da equipe, como sendo incapaz e inofensivo, além de ser considerado incompetente para administrar sua própria vida, tendo em vista sua patologia.

Uma questão muito pertinente é a chegada do atendido para ser inserido nesta instituição. Ocorrem a uniformização e o corte padronizado dos cabelos (os próprios funcionários são responsáveis pelos cortes de forma única, garantido menos trabalho e mais praticidade na tarefa). No momento das refeições, utilizam-se apenas colheres. Para acompanhar e tratar os pacientes, há uma perspectiva de regras e punições. Todo esse conjunto de adequações e alterações na rotina, na aparência, no ambiente, imprime nos pacientes sensações de angústia, pois estes acabam por perder sua identidade como sujeito, sua singularidade, à medida que são forçados a se igualar aos demais. A este fenômeno, Goffman denominou de "mortificação do eu".

Esta desfiguração pessoal também acomete o profissional que se encontra em atuação, por exemplo, ao uso do jaleco branco como item obrigatório da indumentária. Todos sabem que médicos e enfermeiros necessitam utilizar esta vestimenta, inclusive para a sua própria proteção contra as enfermidades no local de trabalho. No entanto,

em se tratando de outras profissões, deve-se perguntar: qual é a necessidade do uso do jaleco? Ou ainda: qual é o sentido do jaleco?

Quando o atendido chega na instituição e percebe o acolhimento dela, sente-se confortável até o momento em que nota que os outros pacientes possuem limitações equivalentes ou mais graves que as suas próprias. Quando ocorre a primeira entrevista e o futuro paciente percebe que será tratado naquele local, muitas vezes, age com revolta e desespero e rebela-se com a pessoa que o levou, como se todos estivessem agindo contra ele.

É importante ressaltar também a utilização de preceitos de cunho religioso que dominam estas associações e que acabam por promover rituais obrigatórios de preces e orações, com horários previamente estipulados, que devem ser cumpridos por todos os pacientes atendidos.

Nestas associações, o profissional já recebe pelo serviço prestado, mas o importante é considerar que este movimento de pagamento acontece entre o presidente da instituição e o funcionário. Em momento algum, há o envolvimento do paciente neste processo em virtude do modelo institucional de políticas adotado. Ou seja, o paciente entende que este serviço é gratuito, e novamente uma pergunta: qual é o investimento dele neste trabalho?

Em uma última discussão, falemos a respeito da manutenção do paciente na instituição ainda quando este se posiciona afirmando seu desinteresse. Se não houver atendidos, não há instituição. Desta forma, quanto mais atendidos, mais verbas destinadas. Esta postura cria a exigência de manter o atendido na instituição, o que significa que "o cliente sempre tem razão". Este posicionamento interfere diretamente no trabalho executado com o atendido, pois não se pode contrariar o paciente e, principalmente, sua família.

Essa servidão moral alienadora de que Goffman nos fala, na verdade, é uma análise que constitui um momento único, no qual o sujeito pode expor, discorrer sobre este assunto tão angustiante. Nesse sentido, muitas perguntas são suscitadas para o sujeito que se encontra detido em uma instituição desta envergadura, como, por exemplo, "não sou doido, nem estou doente, estudo e vou ao médico, então por que eu estou aqui?". Assim, podemos perceber que esta questão configura um "limbo" para o atendido, um lugar indefinido, com uma finalidade incerta, que pode afastá-lo do amadurecimento e da elaboração sobre si.

Se estas instituições podem se apresentar como "limbos", de que forma pode haver análise? É a partir do debate a respeito desta

(im)possibilidade da introdução da psicanálise nas instituições que é preciso reafirmar a necessidade de uma reavaliação institucional, em que o atendido tem de ser privilegiado.

***

Oitiva de crianças: há mesmo depoimento sem dano?

Ana Carolina Reis Silva
Graduanda do curso de Psicologia pelo Centro Universitário de Lavras (Unilavras) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) (2017/2018).

O objetivo dessa comunicação de trabalho é expor argumentos favoráveis e contrários ao Depoimento Sem Dano (DSD), numa breve retomada da literatura da área. Esse trabalho é parte de uma pesquisa de iniciação científica, realizada com apoio da Fapemig e que tem como objetivo caracterizar como foram realizadas as oitivas das crianças nos processos de crimes sexuais nos últimos cinco anos, numa cidade no Sul de Minas, através da análise documental dos boletins de ocorrência. Visa, ainda, a questionar a proposta do DSD à luz da psicanálise.

De acordo com Conte (2008), o depoimento sem dano consiste na escuta especializada de infantes que sofreram algum tipo de abuso sexual. A oitiva é realizada em uma sala própria, de acordo com a faixa etária da criança ou do adolescente. A sala é monitorada por câmeras, e a entrevista é transmitida no local de audiência. Neste método, o juiz dirige as perguntas para o profissional e não para a vítima, e este analisará se a pergunta pode ou não ser reproduzida e de que maneira isso será feito. Estes cuidados são para que a criança não tenha contato direto com o réu e para que ela tenha o direito de ser ouvida adequadamente.

Uma pergunta que tem causado polêmica nesse novo método de escuta refere-se ao papel do psicólogo. Este estaria lá como profissional que preza pelo bem-estar e pela saúde psíquica do indivíduo ou como um meio de conseguir provas contra o abusador? Na maioria dos casos de abuso sexual, quando não há provas que possam ser dadas através de exames, a única testemunha é a vítima, e seu discurso é a única prova. Do ponto de vista da psicanálise, cabe ainda perguntar se

há mesmo depoimento sem dano e a que essa demanda de revelação do abuso atende.

Conte (2008) discute se é coerente solicitar a fala da criança a respeito de algo, que para ela é da ordem traumática, usando como critério uma verdade objetiva, deixando de lado a vivência subjetiva. Nessa discussão do depoimento sem dano à luz da psicanálise, duas questões são fundamentais: obrigar a criança a dizer a verdade, quando a fala dela pode levar o abusador à prisão – abusador que, muitas vezes, é próximo da criança, do meio familiar e até mesmo o próprio pai – e colocar a criança numa situação em que não a permite recalcar aquela situação que, muitas vezes, ela não consegue elaborar, exigindo uma fala na qual ela assume a dimensão do fato.

Se o tempo de elaboração da criança não for respeitado, pode haver uma revitimização, na qual ela é induzida a uma fala daquilo que ainda precisa ser recalcado, aquilo que ainda não pode ser dito, que precisa ser escondido. Na psicanálise, há uma separação entre a realidade factual e a realidade psíquica. Freud destaca que, quanto mais insuportável é a realidade factual, mais o sujeito tende a se afastar dela. Para uma criança abusada, essa realidade factual é tão insuportável que ela tende a recusá-la, e isso é uma forma de defesa para essa grande carga de excitação que ainda não possui representação. Então, tendo isso em vista, é coerente insistir no relato objetivo da criança, induzindo-a a uma fala que pode reatualizar o dano psíquico? Qual é o preço que ela paga por revelar aquilo que ainda não pode ser revelado?

O tema "Depoimento sem dano" tem gerado muita polêmica e discussão dentro da classe dos psicólogos e dos operadores do Direito. A divergência de opiniões é grande, e a quantidade de argumentos é significativa, tanto a favor quanto contra o DSD. As questões envolvem desde a diminuição da impunidade até a ética do profissional de Psicologia. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) também expõe sua posição a respeito do DSD e qual é o papel do psicólogo nesta técnica.

Segundo Lima (2012), o CFP tem se posicionado contra a atuação do psicólogo como inquiridor no DSD. Alega que não se pode induzir a criança a testemunhar algo que ainda não foi elaborado psiquicamente por ela, algo que ainda precisa ser mantido em silêncio. O CFP enxerga o papel do psicólogo como facilitador, que auxilia a criança em sua reformulação psíquica, e esta ajuda deve ser feita em um ambiente acolhedor, como uma sala terapêutica, mas nunca em uma inquirição.

Abaixo, são listados os principais argumentos a favor da realização do DSD, tendo como base a bibliografia consultada.

Caso não haja provas materiais, o testemunho do infante, na maioria dos casos, é a única prova existente. Segundo Brito e Pereira (2012), no contexto do abuso sexual, este tipo de crime costuma ser praticado às escondidas, sem a presença de outra testemunha. Na ausência de vestígios físicos, o testemunho da criança ou do adolescente é essencial.

De acordo com Brito e Pereira (2012), o que acontece muito nos tribunais é o longo prazo entre o fato e a escuta da criança. Isto pode influenciar no testemunho, pois o infante pode não se recordar com clareza do que de fato ocorreu, além do que, quanto maior este prazo, maior o dano causado ao infante.

Segundo Brito e Pereira (2012), a veracidade do discurso infantil e a ausência de intenção de acusar injustamente o réu, devido à inocência da ofendida, deve ser motivo para dar credibilidade a sua fala.

Mesmo se usando do argumento de que, na maioria das vezes, a vítima é a única testemunha, segundo Brito e Pereira (2012), ainda que haja laudos médicos que provem de fato o abuso, o depoimento da criança permanece primordial e de suma importância. Em casos nos quais se tinha como prova o laudo médico, este foi apresentado apenas ao final do processo, levando, primeiramente, o depoimento da ofendida como prova principal. Ainda que o réu, em mais de um momento, assuma o crime, o depoimento do infante é solicitado e tomado como fundamental.

> Como se vê, não há nada que retire a credibilidade do depoimento da vítima, o qual está em consonância com as declarações prestadas pelo acusado na delegacia, com o laudo de avaliação psicológica e estudo social e com o exame áudio-gráfico da gravação feita pelo ofendido. (BRITO e PEREIRA, 2012, p. 289)

Justificativas contra o DSD

Abaixo constam alguns argumentos contra o DSD. São argumentos de psicólogos e operadores do Direito que foram levantados durante a revisão bibliográfica.

Segundo Brito, Ayres e Amendola (2006) *apud* Brito e Pereira (2012), quando o depoimento da criança passa a ter poder como única prova durante o processo, aquela passa a ter responsabilidade ou

capacidade jurídica. Em muitos casos, o réu é acuado apenas pelo testemunho da vítima. Além do que, muitas vezes, a criança passa do direito de ser ouvida para a obrigação de testemunhar, sem saber que tem o direito de não fazê-lo. Esta escuta não deve se afastar dos direitos da vítima e da sua proteção, o que acaba por acontecer em algumas situações em nome do combate à impunidade.

O argumento do DSD é a respeito do direito da criança de ser ouvida. De acordo com Mathis *apud* Brito e Pereira (2012), o direito de ser ouvida consiste também em não querer responder a algum questionamento, ou dizer que não sabe, o que não é bem aceito em geral. O que se tem é mais o direito da criança de falar, não de ser ouvida.

Tendo em vista que em muitos casos o acusado é membro da família, não se pode deixar de lado o fato de a criança gostar do réu e, ao mesmo tempo, não querer que o abuso persista. Isto pode fazer com que a vítima tenha receio do futuro do réu.

De acordo com Brito e Pereira (2012), é muitas vezes desconsiderado o fato de a vítima estar em outra fase daquela em que houve o delito, e não se leva em conta que, tendo passado um longo período, a criança possa ter assumido o discurso de outras pessoas, o que poderia alterar e prejudicar a veracidade dos fatos.

O discurso narrado pela criança pode ser uma verdade para ela, mas tem de existir um cuidado em tomar esta verdade como prova de um fato. Mesmo que não haja intuito da criança de indevidamente culpar o réu, a verdade dela e a veracidade do fato se separam durante o caminho por vários fatores internos e externos, seja sua forma de reestruturação psíquica, a incorporação do discurso de pessoas das quais depende, etc.

Os questionamentos citados serão explorados durante a pesquisa com a intenção de desenvolvê-los. A pesquisa se encontra em fase inicial, tendo começado em fevereiro deste ano. Entretanto, o levantamento bibliográfico já realizado e aponta questionamentos que precisam ser escutados em discussões sobre o assunto para que se possa construir uma proposta realmente ética de escuta dessas crianças.

Referências

CONTE, Bárbara de Souza. Depoimento sem dado: a escuta da Psicanálise ou a escuta do direito? *Psico*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 219-223, abr./jun. 2008.

LIMA, Silvana Nicodemos de Andrade. *Entre a prova e a proteção;*

entre a escuta e a inquirição: a Psicologia no debate sobre o Depoimento sem Dano (DSD). 2012. 127 f. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
BRITO, Leila Maria Torraca de; PEREIRA, Joyce Barros. Depoimento de crianças: um divisor de águas nos processos judiciais? *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 17, n. 2, p. 285-293, maio/ago. 2012.

***

Mesa J – Mediadora: Elga Rocha Silva

Da letra ao acontecimento de corpo: a direção do tratamento no corpo inscrito pelo real

Gesianni Amaral Gonçalves
Doutoranda na área de concentração de Estudos Psicanalíticos, na linha de pesquisa Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura pela UFMG, e mestre em Psicologia pela PUC Minas. Docente da UEMG Unidade Divinópolis e da Faced Divinópolis. Possui experiência em ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Psicanálise e Saúde Mental. Campo de pesquisa atual: sexuação, feminino, sintomas, corporeidade e condução do tratamento.

Em 1961, Lacan sublinha a letra como "suporte do significante" e indica a importância de sua função na definição do inconsciente. Em *A carta roubada* (1956), localiza suas primeiras elaborações no sentido literal do termo *lettre* (missiva/elemento tipográfico): "Era alguma coisa que nós podíamos considerar como determinante até na estrutura psíquica do sujeito" (1998/1956, p. 89). Ele explora a homofonia de *letter* (transmissão de uma mensagem) e *litter* (lixo, destino concernente à sua materialidade), indicando certa polissemia do termo. Lacan está interessado em ilustrar a verdade que brota do pensamento freudiano: "A ordem simbólica que é constituinte para o sujeito (...) a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante" (1956/1998, p. 14). A letra tem seu papel ampliado para atingir a instauração do inconsciente, do sistema simbólico, do significante e do surgimento do sujeito. Lacan sublinha o valor das metáforas e metonímias, salientando que o mecanismo da metáfora determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significante enigmático do

trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual, passa a centelha que fixa num sintoma – "metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação, inacessível ao sujeito consciente em que ele pode se resolver" (LACAN, 1957/1998, p. 522).

Destacamos a tomada da carne pelo significante com o intuito de desenvolver nossas elaborações sobre a função da letra, o acontecimento de corpo e o feminino. Temas que norteiam nossa pesquisa, cujo objetivo é compreender quais problemáticas específicas ao feminino são reveladas pelo corpo e suas expressões sintomáticas marcadas por um retorno do real no corpo e pela fixidez de gozo. Questionamos se fazer sintoma pela via do corpo seria uma forma de manifestação do gozo suplementar. Demarcamos a instância da letra na obra de Lacan, com vistas a ampliar o desenvolvimento acerca do que essa noção pode abarcar sobre o feminino e o acontecimento de corpo. A partir das considerações de Freud sobre a noção da escrita na "Interpretação dos sonhos", Lacan (1957/1998, p. 498) apresenta algumas definições para letra: "Designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem". O Seminário IX deixa clara a orientação teórico-clínica de Lacan quanto à primazia do significante sobre o sujeito, que é moldado segundo a determinação simbólica. Interpretamos que aquilo que Lacan começou a chamar de letra ainda nos anos 1950 refere-se ao significante tomado fora da cadeia. A letra seria o significante tendendo a se separar do conjunto significante, ou seja, algo do significante que se isola, podendo se fixar no corpo, no sintoma, na marca do gozo, na inscrição na pele.

É importante destacar que não é possível, na teoria de Lacan, estabelecermos uma evolução linear e unívoca da noção de letra e sua articulação com o significante, uma vez que a letra possui diversas acepções em sua teoria. Problematizamos a relação entre letra e significante, objetivando potencializar a direção do tratamento analítico nos casos clínicos em que a escrita no corpo se distingue da dimensão significante, apontando para a escrita do real, tal como consideramos ocorrer nos sintomas que acontecem no corpo. Muito nos interessa a noção de letra como litoral entre saber e gozo, posto que separa dois domínios que não têm nada em comum. Lacan (1961-1962/2003, p. 28), ao apresentar a noção de litoral, chama a atenção para diferenciação entre duas instâncias distintas: "A escritura, a letra, estão no real, o significante no simbólico". Saber e gozo, corpo e psíquico, real e simbólico e mar e terra se distinguem em razão de serem feitos de

materiais diferentes (ALBERTI, 2011, p. 11). Por isso, a importância da diferenciação entre litoral e fronteira, esta última separando dois territórios que são da mesma natureza e o litoral que descortina uma descontinuidade radical.

Compreendendo a letra como o significante descolado de qualquer significado, como litoral entre saber e gozo, podemos supor que algo é inscrito no psiquismo do ser falante, por intermédio da linguagem do Outro, em um momento tão primitivo que não teria representação psíquica, mas que se inscreve, marcando e produzindo efeitos. Dentre os ensinamentos deixados por Freud e Lacan a respeito do corpo, destacamos o fato de que o corpo é uma questão que se introduz na psicanálise pelo sintoma. A respeito do corpo ele diz: "É preciso sustentar que o homem tem um corpo, isto é, que fala com seu corpo, ou, em outras palavras, que é falasser por natureza" (LACAN, 1979/2003, p. 567). Destacamos a importância do sintoma e da noção de corpo presentes desde o começo da psicanálise até o término do ensino de Lacan, quando ele define o sintoma como um acontecimento de corpo, referindo-se ao escritor James Joyce (1882-1941) no texto publicado em 1979, "Joyce, o sintoma". Como sugere o autor: "Deixemos o sintoma no que ele é: um evento corporal, ligado a que: a gente o tem, a gente tem ares de, a gente areja a partir do, a gente o tem" (LACAN, 1979/2003, p. 565).

Compreendemos, com Laurent (2016), que o acontecimento de corpo diz respeito a um sintoma que se escreve em silêncio, diferente de uma comunicação, de uma mensagem, contudo, escrito. Trata-se de um deslocamento da concepção de sintoma: "O sintoma, que na concepção freudiana é fundamentalmente histérico e ligado ao sentido, transforma-se, então, em sinthoma, fora de sentido" (LAURENT, 2016, p. 43). Miller *apud* Laurent (2016) localiza o acontecimento de corpo devido à ruptura com o sentido, que se opõe ao sintoma como advento de significações, efeito de substituição entre dois significantes. Por um lado, temos o sintoma que pode parecer opaco, tal como o sonho ou o ato falho podem ser, mas é suposto que a análise o torna levemente iluminado, ou seja, que um significado do discurso do Outro poderia traduzir tanto a eclosão quanto a resolução do sintoma. Por outro lado, o gozo que exclui o sentido é muito próximo da experiência quando a análise se prolonga com a impotência da interpretação, como se a própria interpretação liberasse a repetição de um gozo sobre o qual ela não mais opera pela via da decifração. A esse respeito, Lacan (1979/2003, p. 566) diz: "Sou suficientemente mestre de lalíngua

(...) por atestar o gozo próprio do sintoma. Gozo opaco por excluir o sentido".

Soler (2012), ao abordar a dissidência do sintoma, também sinaliza para uma divisão do inconsciente na obra de Lacan, pontuando que o sintoma vem dos primeiros encontros, e que já era a tese de Freud em "Inibição, sintoma e angústia", quando ele afirma que o sintoma vem para o sujeito da angústia produzida pelo encontro traumático e surpreendente com uma emergência de gozo inesperada que pode ser vista, ou ouvida, ou sentida. Para ela, essa emergência do gozo refere-se a um acontecimento de corpo. Deste modo, as contingências dos encontros traumáticos de Freud são acrescidas à contingência do dizer primeiro também traumática, produzindo um acontecimento de corpo. Para Laurent (2016), o último ensino de Lacan apresenta o trauma do corpo afetado por uma língua anterior à linguagem: "lalíngua", sendo que o que está em jogo é situar como a fala impacta o corpo. O sintoma como acontecimento de corpo não se inscreve em um indivíduo solitário ou individualista. Ele advém em um corpo tomado pela linguagem, ou seja, no laço social. A noção de letra em articulação com o sintoma parece ganhar relevância no momento final do seu ensino, quando Lacan se dedica à leitura de Joyce e ao estudo do sinthoma, que é tomado em sua consistência de gozo, letra de gozo, fechado sobre ele mesmo e ligando-se ao corpo como acontecimento.

Analisando a função da dor, na lição XI do Seminário IX, o psicanalista discorre sobre sua relação com o corpo, o desejo e o objeto. Noções de fundamental importância para a pesquisa que objetiva a compreensão dos sintomas que afetam o corpo, quase sempre, causando muita dor e sofrimento aos pacientes e convocando os analistas a não recuar diante das dificuldades clínicas com que a psicanálise se depara e da formalização de um saber teórico que possa nortear o fazer clínico, este que suscita questionamentos sobre como engendrar o deslocamento do campo do gozo ao campo da palavra.

Referências

ALBERTI, Sonia. Psicanálise e corpo, em pesquisa. In: RAMIREZ, Heloisa Helena Aragão e; ASSADI, Tatiana Carvalho; DUNKER, Christian Ingo Lenz (orgs.). *A pele como litoral. Fenômeno psicossomático e psicanálise*. São Paulo: AnnaBlume, 2011.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador do Eu. In:

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1949.)
LACAN, Jacques. O seminário sobre *A carta roubada*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Obra original publicada 1956.)
LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1957.)
LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1998. (Obra original publicada em 1960.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro IX: a identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação para circulação interna, out. 2003, 5. (Obra original publicada em 1961-1962.)
LACAN, Jacques. Joyce, o sintoma. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Obra original publicada em 1979.)
LACET, Cristine. Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. *Estilos da Clínica*, v. VIII, n. 14, p. 50-59, 2003.
LAURENT, Éric. *O avesso da biopolítica. Uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
RITVO, Juan. O conceito de letra na obra de Lacan. In: *A prática da letra*. Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana, 2000.
SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

***

Mesa K – Mediadora: Daniela Gontijo

Impasse na intervenção entre a mãe e o filho adulto com deficiência intelectual e/ou múltipla: enfoque psicanalítico

Camila França Silva
Discente do 5° período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced). Integrante do projeto de pesquisa e extensão "Envelhecimento e Psicanálise: envelhe-ser sob a perspectiva da psicanálise freudiana e lacaniana". Membro do Grupo de Pesquisa NEP: Núcleo de Estudos Psicanalíticos – Divinópolis (MG).

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues
Psicóloga clínica. Psicanalista. Especialista em Educação, Juventude e Cidadania. Especialista em Gerontologia Social. Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais. Docente no curso de Psicologia e coordenadora do projeto de pesquisa e extensão "Envelhecimento e Psicanálise" – Faculdade Divinópolis (Faced).

Ricardo Luiz Alves Pimenta
Psicólogo. Psicanalista. Especialista em Saúde Mental. Mestrando em Psicologia – Processos Psicossociais/Estudos Psicanalíticos – PUC Minas. Membro fundador do Grupo de Estudos em Psicanálise – Itaúna (MG) (fundado em janeiro de 2013). Professor no curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis/Faced. Coordenador do projeto de pesquisa e extensão "Envelhecimento e Psicanálise" e do Grupo de Pesquisa NEP: Núcleo de Estudos Psicanalíticos, da Faculdade Divinópolis (Faced).

Taynara Silva Carvalho
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced). Integrante do projeto de pesquisa e extensão "Envelhecimento e Psicanálise: envelhe-ser sob a perspectiva da psicanálise freudiana e lacaniana". Membro do Grupo de Pesquisa NEP: Núcleo de Estudos Psicanalítico – Divinópolis (MG).

Introdução

A presente comunicação faz referência sobre as possibilidades e as dificuldades no trabalho junto às pessoas adultas com deficiência intelectual e/ou múltipla e suas mães, sob o enfoque psicanalítico. Foi realizado durante o ano de 2016, por meio do projeto de pesquisa e extensão "Envelhecimento e Psicanálise: envelhe-ser sob a perspectiva da psicanálise freudiana e lacaniana", da Faculdade Divinópolis (Faced).

Nesses atendimentos, esbarrou-se em um impasse: como intervir na relação entre a mãe e o filho adulto com deficiência intelectual e/ou múltipla? Percebeu-se que, nessas relações, a pessoa com deficiência responde, na grande maioria das vezes, somente ao desejo da mãe, apresentando um apagamento dos seus próprios desejos. A partir da escuta e da abertura para a fala (por meio da realização de oficinas, rodas de conversa e atendimentos individuais), foi possível desenvolver um trabalho em que algo do sujeito pudesse aparecer.

A relação entre a mãe e o filho com deficiência

De acordo com Falkenbach e Rosa (2009), o nascimento de uma criança com deficiência pode mudar a expectativa de uma família, pois não se trata apenas do luto destinado a uma criança desejada e idealizada, mas, sim, a vivência de uma angústia, que se personifica diante de uma contingência: o filho com deficiência.

Com o nascimento do bebê, o filho real vai gradativamente substituindo o filho imaginário, como aponta Marques (1995) em seu texto *O filho sonhado e o filho real*. A imagem fantasmática do filho se sobrepõe à imagem real daquele. O filho ganha consistência, ganha corpo e perde o seu estatuto de sonho da mãe. Marques (1995) acrescenta que o filho representa para a mãe uma reedição de sua própria infância. O filho com deficiência é como se fosse o seu retrato exposto, escancarando uma imagem já esquecida, revelando algo de familiarmente estranho e abrindo uma ferida narcísica.

Pode-se considerar que, nessa relação entre a mãe e o filho com deficiência, há um desencontro. Vorcaro e Lucero (2011) dizem que o nascimento de uma criança com deficiência faz com que a mãe objetive sua falta na criança. O filho se inscreve no discurso faltoso da mãe, como aquele que nunca irá completá-la, incapaz de fazer-se desejado, por justamente não corresponder a toda teia fantasmática da mãe. O filho com deficiência muito se distancia do imaginário da mãe e muito se aproxima da experiência real de um filho.

Brauer (1998) acredita que se cria um vínculo deficiente entre o filho com deficiência e a mãe, que se perpetua durante toda a fase de desenvolvimento da criança até a fase adulta. Dessa forma, há uma "atemporalidade" nessas relações, em que, na maioria das vezes, o filho adulto é tratado como criança, insistindo o "trato infantil". Acrescenta ainda que há uma relação de gozo entre a mãe e a criança que não permite que a criança, mesmo já adulta, se desloque desse lugar de objeto para tornar-se filho: o gozo da mãe é de ter um sujeito assujeitado.

Fazer este deslocamento exige muito, uma vez que ele se encontra colado ao discurso do Outro. Para Manhozo (2010), o sujeito tende a colar a forma como é recebido ao lugar que lhe é designado no fantasma do Outro, e, nesse caso, o filho com deficiência se fixa nesse significante primeiro (S_1) "deficiência", e sua construção estrutural enquanto sujeito se apresenta como efeito a essa identificação nesse significante. O sujeito se solidifica nessa relação com o significante a

ele designado pela mãe, "o meu filho deficiente", colando-se a ele, arriscando severamente a não representar para mais nenhum outro significante e alienando-se ao significante da mãe.

Alienação separação

Lacan, no Seminário XI (1964), diz que o sujeito se constitui no campo do Outro e que "o Outro é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se no sujeito" (LACAN, 1964/2008, p. 200). A característica do sujeito do inconsciente é estar sob o significante que desenvolve suas redes, suas cadeias e sua história. Há um significante primeiro, o significante mestre, que se apresenta pela nomeação da mãe, o S_1 e que a criança responde a ele.

Tendo em vista que o significante é o que representa um sujeito para outro significante, pode-se pensar que, quando o sujeito se fixa ao significante do Outro, há uma relação de alienação. Lacan (1964/2008, p. 205) postula que a primeira operação essencial em que se funda o sujeito é a alienação. E conclui:

> O sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito para outro significante, no qual o outro significante tem por efeito a afânise do sujeito. (LACAN, 1964/2008, p. 213)

O sujeito se aliena ao significante unário, para constituir-se enquanto sujeito, porém não deve manter-se fixado a ele, pois essa solidificação, no par $S_1 - S_2$, que Lacan chamou de holófrase, não permite que o sujeito signifique outros significantes, não deslizando uma cadeia metonímica, provocando o seu apagamento.

E, para isso, Lacan (1964/2008) diz que a segunda operação que determina a circularidade da relação do sujeito com o Outro é a separação. Pela separação, o sujeito acha o ponto fraco do canal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. A separação é o descolamento ao significante unário, possibilitando que entre o $S_1 - S_2$ haja um espaço, para que o sujeito apareça, pois o sujeito se encontra justamente no intervalo entre S_1 e S_2.

O que pode acontecer, na maioria dos casos, no modo de constituição do sujeito com deficiência intelectual e/ou múltipla, é que o

sujeito não aparece por estar colado ao significante da mãe S_1S_2. Posiciona-se não enquanto sujeito, mas, sim, como objeto de falta da mãe, não operando aí a lei do próprio desejo do sujeito, pois este, em larga medida, não consegue separar desse significante "o sujeito deficiente".

Considerações finais

O trabalho junto à pessoa com deficiência intelectual e/ou múltipla é uma articulação constante entre o sujeito e sua família, pois, para haver uma retificação subjetiva da pessoa com deficiência, deve haver também um novo posicionamento da família. Brauer (1998) acredita na ideia de que, para a psicanálise, o que de fato importa não é a deficiência do sujeito, mas, sim, as repercussões possíveis da deficiência sobre este sujeito. É o modo como se responde à pergunta "O que eu vou fazer com isso?". Acredita-se que seja aí que o psicanalista opera: pela via da escuta. Completa dizendo que, para Lacan, não existe o inconsciente deficiente. Existe inconsciente articulado, existe posição de sujeito.

Assim como aponta Pimenta (2011, p. 6), "a articulação com a perspectiva psicanalítica norteia-nos acerca da prática da escuta" – escutar o sujeito e intervir junto à família. Compreende-se que o sujeito, mesmo limitado por alguma deficiência, está inscrito no campo do desejo. E escutar esse sujeito é o verdadeiro trabalho do psicanalista.

Referências

BRAUER, Jussara Falek. O sujeito e a deficiência. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 56-62, 1998. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281998000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2017.

FALKENBACH, Atos Prinz; ROSA, Leandro. A formação de vínculos afetivos na relação primária mãe/criança com deficiência. *Efdeportes.com*, Buenos Aires (Argentina), ano 14, n. 133, jun. 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd133/relacao-primaria-mae-crianca-com-deficiencia.htm>. Acesso em: 21 abr. 2017.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Obra original publicada em 1964.)

MANHOZO, Vanda Basso. Debilidade mental e a clínica lacaniana. *Revista de Psicologia*, Florianópolis, n. 1, 2010. Disponível em: <http://

virtual.cesusc.edu.br/portal/externo/revistas/index.php/psicologia/article/viewFile/155/140>. Acesso em: 21 abr. 2017.
PIMENTA, Ricardo Luís Alves. Necessidades da pessoa idosa com deficiência intelectual no contexto atual. *APAE Ciência*. 2011. Disponível em: <http://www.itauna.apaebrasil.org.br/arquivo.phtml?a=19045>. Acesso em: 21 abr. 2017.
VORCARO, Ângela; LUCERO, Ariana. A criança e a debilidade mental: uma abordagem lacaniana. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 813-832, dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642011000400007&lng= pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2017.

***

A intervenção do psicanalista na clínica com "bebês cirúrgicos"

Alexandra de Oliveira Martins
Psicóloga, psicanalista, coordenadora do Serviço de Psicologia do Biocor Instituto, especialista em Psicologia da Saúde, Saúde Mental e Psicologia Hospitalar e mestre em Psicologia – Estudos Psicanalíticos pelo UFMG

Inicialmente, é preciso esclarecer o motivo da denominação "bebês cirúrgicos"[15]. No início da prática clínica do psicólogo no contexto de assistência em hospital geral, em particular no Centro de Terapia Intensiva Pediátrica (Cetipe), a primeira visão foi dos bebês em recuperação pós-operatória, paralisados e aparelhados pelos cuidados médicos. Como profissional, parte da equipe multidisciplinar, era preciso estabelecer uma prática que sustentasse a técnica, para além daquela imagem que de imediato impacta os bebês cirúrgicos. Compreender essa percepção inicial sobre a clínica era essencial para o estabelecimento de uma prática. Os bebês dessa clínica necessitam dos cuidados médicos para sobreviverem. A prioridade é a intervenção da medicina para salvar o corpo orgânico, mas, como consequência inerente, observa-se

[15] Recém-nascidos ou bebês até os dois primeiros anos de idade, submetidos a procedimentos cirúrgicos de alta complexidade devido à malformação congênita para tratamento de cardiopatia congênita ou anomalias crânio-faciais associadas em alguns casos a síndromes genéticas.

o embotamento da subjetividade, que, de certo modo, em algum momento, manifestava-se. No lugar onde se anunciava o intangível, estava a pérola do nosso trabalho, resgatar a subjetividade quando exposta e gritante no contexto da clínica com bebês – esta mostra-se a nossa tarefa. Enquanto profissionais atentos ao psiquismo humano, em especial nessa cena, a constituição psíquica em desenvolvimento, interrogamos o cenário e apostamos para além da visão de um corpo cirúrgico. O nome "bebê cirúrgico" pensando nesse texto não é um rótulo, mas aponta o impacto da visão inicial, motivo para o investimento desse trabalho. Por isso, foi preciso demarcar. Enquanto analista ou praticante do referencial teórico da psicanálise, como foi o caso das acadêmicas de Psicologia, a alternativa foi servir-se da teoria para o auxílio e a continuidade de uma prática na clínica com bebês acometidos por malformação congênita. Lacan (1956-1957/1995, p. 12) aponta que "a teoria analítica e a prática, sempre se disse, não podem se dissociar uma da outra e, a partir do momento em que se concebe a experiência num certo sentido, é inevitável que se a conduza igualmente nesse sentido". E, no mesmo texto, acrescenta que "certamente, os resultados práticos só podem ser entrevistos" (p. 12).

Na experiência em hospital geral, na clínica com bebês acometidos por malformação congênita, os diagnósticos mais frequentes são as cardiopatias congênitas e as malformações craniofaciais, algumas associadas a síndromes genéticas, sendo o tratamento cirúrgico o indicado na maioria dos casos. Doenças que, na sua grande maioria, requerem tratamento de alta complexidade, realizado em centro cirúrgico, com internações em centro de terapia intensiva e acompanhamento médico – em internação hospitalar por um período e ambulatorial ao longo da vida. Limitações físicas, sequelas neuropsicomotoras graves, transplante cardíaco (exemplo: cardiopatia congênita complexa) e inúmeras intervenções cirúrgicas, sequelas cicatriciais podem estar associados à história de vida desses bebês, que, em determinado momento do tratamento, são crianças maiores ou adultos à espera de uma resolução da medicina no tratamento da malformação congênita.

O desafio inicial da prática clínica em hospital geral com bebês mostrou-se essencial à interlocução entre a teoria analítica e a prática, porém como fazer valer essa condição necessária em ambientes em que o discurso operante é o da medicina? Lacan (1971-1972/2009, p. 24) enuncia que "um discurso se sustenta de quatro lugares privilegiados, dentre os quais um, precisamente, ficou sem ser nomeado –

justamente aquele que, pela função de seu ocupante, fornece o título de cada um desses discursos". No hospital geral, lugar da medicina, há sempre algo que escapa à condição do saber médico: responder ao enigma da subjetividade. Isso que escapa é o "resto" exposto ao analista, que percebe, por sua formação teórica, a existência do determinismo psíquico e costuma ter a pretensão de não ignorá-lo.

O psicanalista escuta o caso a caso dos sujeitos que falam e o que é possível verificar e considerar dos dizeres já constituídos e determinados em seu sofrimento, evidenciando "o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios)" (LAPLANCHE e PONTALIS, 2016, p. 384). Mas, quando se trata da clínica com bebês, essa lógica não segue o mesmo sentido. Obrigatoriamente foi preciso estudar conceitos teóricos sobre a constituição psíquica para compreender uma prática possível, respeitando a ética do inconsciente, definida pela teoria de escolha: a psicanálise. Lacan (1954-1955/1985), no seminário *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, aponta o aspecto importante de "tomar distância", destacando perigos que tangem o campo clínico:

> O primeiro é não ser suficientemente curioso. Ensina-se às crianças que a curiosidade é um defeito feio, e, em geral, é verdade, não somos curiosos, e não é fácil provocar este sentimento de maneira automática. O segundo é compreender. Compreendemos sempre demais, especialmente na análise. Na maioria das vezes, nos enganamos. Pensa-se poder fazer uma boa terapêutica analítica quando se é bem dotado, intuitivo, quando se tem o contato, quando se faz funcionar este gênio que cada qual ostenta na relação interpessoal. E a partir do momento em que não se exige de si um extremo rigor conceitual, acha-se sempre um jeito de compreender. Mas fica-se sem bússola, não se sabe nem de onde se parte, nem para onde se está tentando ir. (LACAN, 1954-1955/1985, p. 135)

A escolha dessa citação foi oportuna para destacar alguns pontos importantes da clínica com bebês nesse contexto: a curiosidade e o tempo para compreender. A prática do psicanalista no hospital geral, com bebês em tratamento médico de alta complexidade, necessitando em sua urgência biológica do cuidado à saúde do corpo malformado, com consequências vitais no desenvolvimento, não parecia ser, a princípio, sem motivos. Qual é a necessidade do psicanalista na formação

da equipe multiprofissional? Inicialmente, sua presença coincidia com a de outros profissionais de apoio, haja vista que a necessidade era de um psicólogo na equipe. No entanto, a formação desse profissional seguia também com outra referência: a psicanálise. Os profissionais da equipe multiprofissional mantinham seus protocolos estabelecidos, uma prática na condução técnica em acordo com uma tecnologia avançada. Para o analista, havia sempre uma surpresa, uma curiosidade. O que fazer nesse lugar onde bebês e familiares expressam sua subjetividade em um contexto de urgência médica e alta complexidade e, principalmente, como extrair a particularidade do caso a caso e a trama do inconsciente?

Ser um psicanalista na clínica com bebês inicialmente exigiu "tomar distância", não sem especificações. Era preciso, após o tempo da curiosidade, o tempo de compreensão, estabelecido através do desejo do analista em manter sua prática clínica mesmo diante da presença ou ausência de demandas, afinal, o bebê não demanda ao analista, mas sua presença intrigante expressa outras demandas, sua potencialidade e sua necessidade de satisfação e amparo – movimento necessário para a constituição psíquica.

Na clínica descrita, além do impacto materno sofrido em função do diagnóstico, observamos, concomitantemente, efeitos desorganizadores da constituição do psiquismo. Consequências essas evidenciadas como inerentes à relação mãe/bebê, atravessada pela contingência da doença e da interferência do saber da ciência médica sobre o cuidado à criança. Para a psicanálise, a constituição psíquica sofrerá suas marcas a partir da relação com o Outro primordial, processo necessário para a subjetivação. Nesse contexto hospitalar, a relação mãe/bebê é visível aos olhos dos espectadores clínicos, porém, ao psicanalista, caberá a função de operar com um discurso que aponta para a particularidade do caso a caso. O risco da desolação de um e de outro (mãe e bebê) parece um ambiente favorável para a intervenção clínica em psicanálise.

Referências

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Obra original publicada em 1954-1955.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Obra original publicada em 1956-1957.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Obra original publicada em 1958-1959.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. (Obra original publicada em 1971-1972.)
LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. (Trad. de: P. Tamen). 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2016.

***

Psicanálise e cuidados paliativos: (h)á relação?

Andressa Ferreira
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced).

Anna Maria Soares de Brito
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced). Membro do Grupo de Estudos em Psicanálise – NEP-Faced. Membro do Grupo de Estudos de Luto e Morte – GELuM/Faced.

Débora Cristina Costa
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced). Membro do Grupo de Estudos em Psicanálise – NEP-Faced.

Elaine Azevedo
Psicóloga, psicanalista. Mestre em Psicanálise pela UFSJ. Coordenadora do Serviço de Psicologia do Hospital São João de Deus. Professora dos cursos de Psicologia da UEMG Divinópolis e da Faced Divinópolis.

Introdução

O presente trabalho elenca possibilidades de um fazer clínico analítico no hospital geral. A partir de experiências de estágio vivenciadas nos CTIs adulto e infantil do Hospital São João de Deus (HSJD), no Setor da Oncologia do mesmo hospital e na Associação de Voluntários no Apoio e Combate ao Câncer de Itaúna (AVACCI), notamos que o sujeito inserido nesse contexto biologicista e de um saber rígido se vê em desamparo nesse encontro com o real da finitude do corpo, do encontro face a face com a própria terminalidade. Esse real o impede

de criar significantes, visto que o sujeito precipita uma conclusão, antecipando a certeza diante da urgência (QUINET, 2002, p. 63-64).

O objetivo é elencar possibilidades para um fazer clínico em um contexto hospitalar voltado ao ser humano e para suas necessidades subjetivas, propondo um novo olhar diante da terminalidade na clínica de urgência e promovendo, aqui, um "tempo de compreensão". Com isso, esperamos garantir que o sujeito preserve sua dignidade e sustente seu desejo diante da sua terminalidade.

Fundamentação teórica

O termo cuidados paliativos foi, indevidamente, interpretado como "cuidados no fim da vida". No entanto, essa expressão não pode ser resumida ao conhecimento prévio que conceituamos o termo "paliativo", ou seja, como a não possibilidade de cura. Por isso, o movimento adequado é vincularmos o termo paliativo à noção de cuidado, visando a uma perspectiva em que a qualidade de vida do ser humano adoecido seja prioridade. Etiologicamente, "paliativo" deriva da palavra em latim *pallium*, que significa manto. Podemos, então, entender a prática de cuidados paliativos como um cuidado especializado que atenua a dor e seus efeitos negativos. Deve ser visto como algo que traz conforto e segurança.

Para realizar cuidados paliativos, de forma adequada, há algumas características que definem essa atuação. Uma delas é a presença de uma equipe multiprofissional, uma vez que o paciente deve ser compreendido de forma holística. Pessini e Bertachini (2006) elencaram alguns princípios básicos para cuidados paliativos:

a) o controle da dor e administração dos sintomas, sem desconsiderar a história do paciente, utilizando fármacos e opióides, quando necessário;

b) a afirmação da vida e o entendimento da morte como processo natural e não como fracasso médico, sempre considerando o bem-estar físico, psíquico e espiritual do sujeito;

c) não se deve apressar a morte, contudo não estender, obstinadamente, a vida por meio da tecnologia;

d) não reduzir o ser humano a, apenas, um corpo biológico;

e) a promoção de uma vida digna e ativa, dentro do que lhe for possível, para que, dessa forma, o paciente tenha autonomia sobre o tratamento e possa optar por recebê-lo ou não, sendo o paciente a

estabelecer os objetivos e as prioridades sobre seu tratamento, e os profissionais devem estar preparados para atender a esses propósitos;

f) o auxílio aos familiares que cuidaram e ampararam o paciente no momento da morte.

Para que haja uma efetivação desses objetivos e cuidar do paciente em sua integralidade, é indispensável uma boa comunicação entre equipe, família e paciente. Precisa-se que haja verdadeiramente um trabalho em equipe, em que todos tenham o mesmo objetivo: melhorar a qualidade de vida do sujeito adoecido, fazendo uma ponte entre o discurso médico e o discurso do paciente.

O homem nunca se conformou com o declínio do corpo e com a fatalidade da morte. Mesmo no âmbito hospitalar, a morte é algo pouco discutido; é velada. Percebemos que somente no caso a caso é possível analisar a configuração que a proximidade da morte terá para cada sujeito. Não há generalização. Cada um construirá, de forma subjetiva, uma explicação para seu adoecimento e buscará ou não possibilidades de produzir significações para a vida e para a morte. O que ocorre, muitas vezes, é que o sentimento de desamparo se torna inevitável e sua condição de ser mortal revela-se neste momento (BARONI e KAHHALE, 2011).

No ambiente hospitalar, o paciente que ainda responde ao tratamento se difere daqueles cujos cuidados é para a manutenção da qualidade de vida. Notamos que o "paciente que agrada" recebe maior investimento, tanto da equipe quanto dos familiares. Por outro lado, aquele paciente que não agrada mais, ou seja, não há mais o que fazer por ele, biologicamente, é tratado como o "coitadinho", como aquele que "deveria dormir e dar sossego".

Percebemos que tanto a família quanto a equipe não sabem como tratar o sujeito em fase de terminalidade. Não é do nosso feitio olhar para a morte como mais uma fase da vida, e, uma vez que nos deparamos com essa realidade, não sabemos agir diante dela. O problema é que o paciente ocupa um lugar de assujeitado, se alienando ao desejo do outro, e, uma vez que a psicanálise é a clínica do desejo, cabe ao analista fazer com que ele se responsabilize por sua condição de sujeito, bem como pela sua terminalidade.

Se apresentando como um Outro em cena, saindo do discurso médico e possibilitando dar voz ao sujeito para além da situação do quadro clínico, o analista cria a possibilidade de um tempo de compreensão em meio à angústia e ao medo que se instalam, para que o

sujeito se organize o suficiente para elaborar o processo da própria morte, ressignificando a situação e buscando dar um sentido à vida diante do fim.

Considerações

Afinal, psicanálise e cuidados paliativos: (h)á relação? Diante da nossa vivência dentro do hospital, acreditamos que sim, pois é preciso garantir que o sujeito não se torne um "objeto a", ou seja, um objeto causa de desejo, alienado no desejo do outro, o resto desassujeitado perante sua vida, mesmo que seja no final desta. É o analista quem irá possibilitar a criação de um espaço para o "tempo de compreender" em meio às urgências médicas e sociais, permitindo que o sujeito crie, em meio ao real, significantes para essa nova realidade.

Referências

BARONI, Cláudia Sofia Ferrão; KAHHALE, Edna Maria Peters. Possibilidades da Psicanálise Lacaniana diante da terminalidade: uma reflexão sobre a clínica de urgência. *Psicologia Hospitalar*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 53-74, 2011.

PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana. Nuevas perspectivas en cuidados paliativos. *Acta Bioethica*, Santiago (Chile), v. 12, n. 2, p. 231-242, 2006.

QUINET, Antonio. *A descoberta do inconsciente do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

***

Mesa L – Mediador: Fernando Genaro

A ex-tranha população em situação de rua: o lembrete intermitente da perda

Bruno Rodrigues Leite

Mestre em Direito Processual pela PUC Minas. Autor do livro *População em situação de rua e o mandado de segurança* (no prelo). Membro da Associação dos Advogados do Centro-Oeste de Minas Gerais. Bacharel em Direito pela PUC Minas. Advogado.

Segundo Freud (1996, p. 262), "pode ser verdade que o estranho [*unheimlich*] seja algo que é secretamente familiar [*heimlich-heimisch*], que foi submetido à repressão e depois voltou, e que tudo aquilo que é estranho satisfaz essa condição". Portanto, o estranho é o fator superado que, outrora familiar e explícito, foi ocultado (recalcado), mas, catalisado por pessoas, coisas, impressões sensórias, experiências e situações, se tornou explícito novamente e, por isto, estranho e incômodo.

Nada mais adequado para exemplificar o estranho do que a população em situação de rua, grupo de pessoas desprovidas da *heim*, entendida tanto como moradia regular física e a própria cidade quanto moradia simbólica determinante das suas condições de vida.

As pessoas em situação de rua são *ex-tranhas* (QUINET, 2009, p. 9-11), pois são exteriores ao Eu e provocam o retorno da angústia de castração anteriormente recalcada no domiciliado e confrontam o seu ideal do Eu, causando incômodo e levando o domiciliado a produzir saídas para reduzir a tensão e o desprazer causados pelo contato com as pessoas em situação de rua.

As formas de viver das pessoas em situação de rua (FRANGELLA, 2004, p. 187-248) são "pequenas diferenças" (FUKS, 2007, p. 67; 2014, p. 101) que atacam frontalmente e colocam sob dúvida o ideal de vida imposto pela "sociedade" e integrante do ideal do Eu (FREUD, 2004, p. 112-113 e 118-119).

É percebendo a identidade humana da pessoa em situação de rua, e a consequente possibilidade de compartilhamento de realidades (eu, domiciliado, posso me tornar como ele, pessoa em situação de rua) e tendo-a como o seu duplo (FREUD, 1996, p. 252-253) que o ódio e a agressividade emergem como afetos relacionados à angústia de castração experimentada pelo Eu do domiciliado.

A defesa do aparelho psíquico do domiciliado para recalcar a angústia de castração tem cinco sintomas, quais sejam: a culpabilização, a invisibilização, a reificação, a naturalização das desigualdades socioeconômicas e o massacre das pessoas em situação de rua. É necessário destruir as semelhanças e o próprio Outro indesejado para assegurar a unidade do ideal do Eu, afastando qualquer possibilidade de convivência que não se paute na submissão, infantilização e coisificação do Outro (SÉMELIN, 2009, p. 82).

Se o prefixo *un* de *unheimlich* é o sinal do recalque (FREUD, 1996, p. 262), a pessoa em situação de rua é o sinal do retorno dos fatores recalcados, pois desperta no domiciliado o medo de perder sua condição de

vida e as ilusões que criou sobre o seu próprio viver. A pessoa em situação de rua é o lembrete da perda, da falta e da ausência.

Contudo, as "pequenas diferenças" das pessoas em situação de rua que as distinguem do domiciliado não são as principais causas da estranheza, mas as semelhanças que abruptamente jogam luz sobre o complexo de castração recalcado, pois o domiciliado teme ficar como a pessoa em situação de rua, enxergando nela o seu próprio duplo.

Assim, a pessoa em situação de rua é o duplo estranho que substitui o Eu do domiciliado e é exatamente esta substituição que causa tanto horror. Diante deste cenário, o domiciliado tenta restabelecer as diferenças, a separação e a invisibilidade que o protegeram. Em outras palavras, a pessoa em situação de rua deve ser, mais uma vez, marginalizada, controlada, normalizada para que o sentimento estranho volte à obscuridade, fazendo com que a angústia da castração seja recalcada.

Percorrendo o caminho inverso deste raciocínio, pode-se afirmar que a invisibilização, a naturalização das desigualdades socioeconômicas, a reificação, a morte e o massacre são sintomas dos afetos ódio e agressividade dos domiciliados para recalcar a angústia de castração clarificada pela visibilização da *ex-tranha* população em situação de rua. Como exemplo destes sintomas podemos citar a Instrução Normativa nº 01 do município de Belo Horizonte (MG) (LEITE e PEREIRA, 2015, p. 212-222) e os "rapas" (FRANGELLA, 2004, p. 187-219) realizados pelo município de São Paulo, ambos roubos estatais dos bens móveis da população em situação de rua.

As implicações jurídicas desta operação consistem na infantilização das pessoas em situação de rua e no seu alijamento de espaços de criação, interpretação, modificação, execução e extinção de direitos fundamentais (LEITE, 2016, p. 103-180), transformados em espaços autocráticos de imposição de normas pelos domiciliados (civis) (LEAL, 2005, p. 1-2) e submissão da população em situação de rua (povo). Portanto, a operação psíquica que visa a ocultar a angústia de castração causada pela pessoa em situação de rua está diretamente relacionada à sua marginalização pela "sociedade" pressuposta e mortífera em que se vive no Brasil.

Contudo, para que o domiciliado seja temente à lei, é preciso que o Estado gerencie a pobreza e a torne sempre o lembrete intermitente da pena para aqueles que infringem a sua lei. Por isto, a operação psíquica que explicita e recalca a angústia de castração no domiciliado é habilmente repetida no plano jurídico e político por meio da visibilidade e

invisibilidade de grupos de pessoas marginalizadas. Para Estados autoritários, como o brasileiro, é necessário inspirar terror na população, e a pobreza é habilmente ocultada para não causar estranheza e explicitada para lembrar as consequências sofridas por aqueles que não vivem segundo os ditames do ideal do Eu construído pelo Estado.

Agradecimento – O autor deste artigo agradece à Associação Parlêtre: Psicanálise, Pesquisa e Transmissão, na pessoa de seus integrantes, com sede em Divinópolis (MG), pelas reflexões proporcionadas pelas oficinas e jornada ocorridas no primeiro semestre de 2017, imprescindíveis para a elaboração deste artigo. A hipótese formulada na dissertação de mestrado do autor sobre a população em situação de rua como *unheimlich* (LEITE, 2016, p. 87-88) é o ponto de partida das elucubrações deste trabalho.

Referências

FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. 2004. 361 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000320956>. Acesso em: 05 abr. 2017.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 237-273, v. 17.

FREUD, Sigmund. À guisa da introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coord. geral de trad. de: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 97-131.

FUKS, Betty Bernardo. *O homem Moisés e a religião monoteísta – três ensaios: o desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FUKS, Betty Bernardo. O pensamento freudiano sobre a intolerância. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 59-73, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2017.

LEAL, Rosemiro Pereira. Processo civil e sociedade civil. 2005. *VirtuaJus*, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.fmd.pucminas.br/

Virtuajus/2_2005/Docentes/PDF/processo%20civil%20e%20sociedade%20civil.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.
LEITE, Bruno Rodrigues. *O mandado de segurança como procedimento constitucional de execução dos direitos fundamentais líquidos e certos da população em situação de rua*. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
LEITE, Bruno Rodrigues; PEREIRA, Alexandre Ferrer Silva. Objeto inservível, ser humano descartado: a Instrução Normativa n° 01 como legislação biopolítica em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Direitos e Garantias Fundamentais*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 203-225, jul./dez. 2015. Disponível em:<www.indexlaw.org/index.php/garantiasfundamentais/article/download/764/760>. Acesso em: 08 abr. 2017.
QUINET, Antônio. *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
SÉMELIN, Jacques. *Purificar e destruir: uso político dos massacres e dos genocídios*. Trad. de: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

***

Esfinge a ser decifrada: o discurso sobre a mulher em um grupo de conversação numa instituição prisional baseada no método APAC

Bianca Ferreira Rodrigues
Psicóloga, mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del- Rei (UFSJ).
Bolsista Capes.

Fuad Kyrillos Neto
Doutor em Psicologia pela PUC-SP, com pós-doutorado no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) consiste em um método, muito mais do que uma instituição ou um local geográfico, que pode ser aplicado em diferentes níveis nos estabelecimentos penais. Nas palavras de seu criador, Mário Ottoboni, a APAC seria "um método de valorização humana, portanto de evangelização,

para oferecer ao condenado condições de recuperar-se e com o propósito de proteger a sociedade, socorrer as vítimas e promover a justiça" (OTTOBONI, 2006, p. 29).

Segundo Camargo (1984), a metodologia apaqueana não leva em consideração as estruturas sociais e, apesar de se afirmar como um rompimento com o modelo tradicional, não questiona a instituição prisional ou seus fundamentos. Desta forma, a APAC se utilizaria de sua posição de poder, como representante da lei, e de "mecanismos institucionais totalitários" para impor uma ideologia religiosa "a pessoas com condições mínimas de uma opção livre" (CAMARGO, 1984, p. 86-87). Vargas (2011), em sua etnografia do método, ressalta ainda que a Lei do Estado estaria presente no cotidiano destas instituições, porém, como sua especificidade, a lei que atuaria soberana nesse contexto seria a "Lei de Deus", que exerceria seu poder não mais de forma indireta ou paralela (como nas prisões convencionais), mas "de maneira englobante", "visando à transformação da própria prisão em uma comunidade de fé" (VARGAS, 2011, p. 162).

Neste contexto filosófico e institucional, nosso objetivo foi tentar alcançar o sujeito em sua singularidade e lhe proporcionar um espaço no qual o discurso religioso fosse relativizado. Assim como realizado por Rosario (2010), foi organizado um grupo de conversação, ancorado nos preceitos da proposta freudiana-lacaniana, buscando-se uma relativa distância dos códigos e das regras institucionalmente prescritos, com o objetivo de possibilitar a livre circulação da palavra e, dessa forma, possibilitar também advir o sujeito.

Partimos da premissa de que a psicanálise se elucida enquanto proposta investigativa, seja na clínica, seja no social. Assim como apontado por Dunker (2013), a colocação do pesquisador na posição de analista pode ajudar a compreender a dubiedade presente na própria definição que Freud (1920-1922/2006) fez da psicanálise: como teoria, método clínico e disciplina científica. A prática investigativa se insere, portanto, no centro da psicanálise, ainda que se expanda para além do atendimento no *setting* analítico.

Em consonância com os princípios norteadores da psicanálise aplicada, optamos por realizar a análise das anotações acerca dos grupos realizados. Tal análise revelou diferentes visões acerca do feminino, presentes nas falas dos apenados. Dividindo-as em categorias bastante claras, os detentos pareciam não reconhecer, em seus discursos, a dimensão singular do que seria uma mulher, classificando-as nos estereótipos de "mãe", "certinha", "patricinha" ou "periguete".

As "mães", por mais que possuíssem defeitos, se constituíam como a mais importante das mulheres, pois, independentemente de quais crimes os filhos tivessem cometido, elas jamais os abandonariam. As "certinhas" também eram valorizadas e muito procuradas por eles, pois uma mulher de família poderia auxiliá-los a sair da vida do crime. Assim como as "certinhas", as "patricinhas" eram difíceis de conseguir, mas enquanto as primeiras demandavam uma mudança comportamental (ser um "homem de família", cumpridor de deveres), as "patricinhas" exigiam posses e poder aquisitivo. No entanto, o aspecto financeiro costuma atrair outro tipo de mulher, a "periguete". Para eles, este seria o pior tipo, pois são mulheres que não possuem a intenção de conseguir algo por seu próprio mérito. Ao contrário, se empenham apenas em explorar aqueles que já possuem.

Tal categorização nos remete à divisão imaginária entre a dama e a prostituta. A dama pode ser descrita como aquela que se posiciona a partir do sacrifício, da doação, do semblantear. Por outro lado, a prostituta representa a sedução, a entrega pura e livre, o oferecimento do corpo como simples pedaço de carne que pode gozar livremente (CALLIGARIS, 2006). No homem, tal dualidade se relaciona a um momento descrito por Freud (1910/2006), no qual o menino descobre que sua mãe também faz sexo e deduz que entre ela e uma prostituta não existe, então, muita diferença. O resultado são sentimentos em conflito e angústia. Já para a menina a fantasia de prostituição, de suscitar o desejo e entregar-se sem pudor, constitui um passo importante no processo de subtrair-se parcialmente do olhar paterno. É necessário, de certa forma, trair o amor do pai para que ela suporte o *status* de objeto de amor de outro homem (CALLIGARIS, 2006). No entanto, a personificação pura de um dos opostos da fantasia, seja como dama ou como prostituta, culmina nas formas de "fracasso" do feminino: "Por um lado, a renúncia do corpo realizada pela virgem, e, por outro, uma entrega sem significação que só pode ser vivida como horror" (CALLIGARIS, 2006, p. 48). Ou seja, o ser mulher não deve se limitar a rótulos, mas a representar um lugar sem significações, a ser construído continuamente.

Neste sentido, as histéricas se constituíram ao longo da história como desafiantes do conhecimento por excelência, subvertendo qualquer tentativa de aprisionamento. Este comportamento representou um desafio para a ciência médica e intrigou Freud, levando-o para os caminhos da psique em busca de desvendar os enigmas que as histéricas lhe colocavam, sempre se reinventando a cada tentativa de classificação e de

tratamento. Diante de tal "Esfinge a ser decifrada", a posição final de Freud foi simplesmente deixá-las falar, motivado pelo desejo "de obter a pura diferença fazendo de cada sujeito, com seu sintoma, uma singularidade única" (QUINET, 2005, p. 111). Assim nasceu a psicanálise e consagrou-se o desejo de Freud como o desejo do analista, que se presentifica a cada seção, com cada sujeito.

Dizer do feminino, portanto, traz consigo toda essa dimensão da fantasia, do que não pode ser classificado, e, principalmente, daquilo que não pode ser totalmente reprimido: Eros. A pulsão sexual é constituinte do ser humano e necessita de certa satisfação, sendo possível notar, pelo comportamento das histéricas da época de Freud, como a repressão excessiva da dimensão sexual pode ser fonte de adoecimento.

Freud teve a coragem e a audácia de colocar essa dimensão em destaque, não só no adoecimento histérico, mas na infância e até no nosso cotidiano em ações aparentemente inocentes. Portanto, não é de se assustar que as mulheres tenham sido ponto importante dos encontros do grupo terapêutico na APAC, ressaltando-se a importância de um espaço que permita essa manifestação. Por mais que se trate de "uma descarga mediada e controlada pela atividade intelectual" (NASIO, 1999, p. 27), falar sobre as mulheres e sobre a sexualidade também representa uma forma de descarga pulsional.

Referências

CALLIGARIS, Eliana Reis. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2006.

CAMARGO, Maria Soares de. *Terapia penal e sociedade.* Campinas: Papirus, 1984.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). In: FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 98-105. (Edição standard das obras completas de Sigmund Freud, XI). (Obra original publicada em 1910.)

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 253-274. (Edição standard das obras completas de Sigmund Freud, XVIII). (Obra original publicada em 1920-1922.)

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
OTTOBONI, Mário. *Vamos matar o criminoso?* Método APAC. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
QUINET, Antônio. *A lição de Charcot.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
ROSARIO, Angela Buciano. Grupo de adolescentes em privação de liberdade: circulação da palavra como possibilidade de ressignificação do ato infracional. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, n. 1, p. 66-76, jan./jun. 2010.
VARGAS, Laura Jimena Ordóñez. *É possível humanizar a vida atrás das grades? Uma etnografia do método de gestão carcerária APAC*. 2011. 252 f. Tese (doutorado) – Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Tese_102.pdf> Acesso em: 27 abr. 2017.

***

Laços familiares e utilidade social da Psicanálise: desafios no atendimento a familiares e idosos em situação de violência

Elaine Azevedo
Psicanalista, docente dos cursos de Psicologia da UEMG e da Faced – Divinópolis. Mestre em Psicologia pela UFSJ.

Juliana Marçal
Psicanalista, docente do curso de Psicologia das Faculdade Pitágoras Divinópolis (MG). Mestre em Psicologia pela UFSJ. Experiência e pesquisa nos seguintes temas: psicanálise em instituições, subjetividade e saúde, psicanálise e urgência subjetiva.

Lucas Xavier
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras Divinópolis (MG).

A experiência da velhice é responsável por inúmeras transformações na relação dos sujeitos com o laço social. A abordagem destas transformações pela ciência tem se dado desde a década de 1950,

principalmente a partir de mudanças demográficas em países europeus e americanos. Uma das consequências dessa abordagem foi a separação da velhice das outras fases da vida através de três mecanismos de diferenciação: o saber geriátrico e gerontológico, a instituição de pensões e aposentadorias como direito social e o surgimento de instituições asilares voltadas para velhos.

No Brasil, esta tecnologia deu origem a políticas públicas voltadas aos idosos a partir da década de 1990 que culminaram na promulgação do Estatuto do Idoso, instrumento destinado a regular os direitos das pessoas a partir de 60 anos de idade em vigor no Brasil desde 2003, que determina a obrigação da família, ao lado da comunidade, sociedade e Poder Público no cuidado prioritário e na garantia de direitos ao idoso.

O Estatuto do Idoso caracteriza situações de ameaça aos direitos dos idosos – "negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão (...) por ação ou omissão" (BRASIL, 2003, n.p.) e define penas aplicáveis aos responsáveis. Nesses casos, a Delegacia de Proteção à Família se coloca como órgão do poder público responsável por acolher a queixa ou denúncia de não cumprimento da lei e o direcionamento ao seu cumprimento.

A partir da prática de estágio curricular de Psicologia neste setor, verificou-se que, embora a lei indique a necessidade de garantia dos cuidados ao idoso, a maioria dos casos atendidos no setor tinha como principais sujeitos os familiares responsabilizados pelo cuidado. Diante desta realidade, buscaremos analisar, neste trabalho, os efeitos subjetivos da aplicação do Estatuto do Idoso nessas famílias. O confronto destes com a obrigatoriedade prevista no estatuto coloca em questão certos laços e organizações familiares que evidenciam linhas de forças que têm consequências para a efetivação dos cuidados que a lei prevê.

Assim, apesar de compartilharmos da importância de atendimento aos idosos em situações de violação de direitos, optamos por abordar, neste trabalho, a tríade família-estatuto-idoso e suas consequências subjetivas e para o laço social. Deparamo-nos, na atualidade, com demandas em praticar a psicanálise em contextos diversos, como instituições de saúde, de educação, de segurança pública, espaços nos quais se evidenciam configurações familiares diversas ao modelo nuclear moderno/tradicional. Se associarmos a este fato a constatação da não sistematização da noção de família na teoria psicanalítica e a diversidade de abordagens e intervenções propostas por seus diversos

enfoques, percebemos que sustentar o tratamento analítico da família consiste num desafio ao praticante de psicanálise que aponta para a necessidade de pesquisa e formação constantes.

Carvalho Filho e Chaves (2014) fazem uma importante construção da noção de família na psicanálise. Segundo os autores, em Freud, temos a noção de família em toda a sua obra, desde a família subjacente a uma organização primeva caracterizada pela anomia e o pai devorador até a família que orbita em torno do pai como instância simbólica, representado principalmente pelo mito de Édipo, figura central na construção da teoria da sexualidade. Em Lacan, podemos identificar, também de forma breve, o papel das representações ou imagos materna e paterna como internalizações que o sujeito faz da família e o papel do Nome-do-Pai como instância que se coloca entre o desejo da mãe e o sujeito, culminando com sua divisão.

Esta breve síntese da abordagem da noção de família através de Freud e Lacan nos permite dimensionar seu papel fundamental na constituição do sujeito através de sua característica de coletividade, conforme nos aponta Lacan: no coletivo somente se pode saber de si a partir de outro (CARVALHO FILHO e CHAVES, 2014). Neste sentido, aponta-se a importância de se considerar os sujeitos como singulares, ainda que entre-laçados constitutivamente. Sustentamos que a abordagem das famílias como instância coletiva possa nos direcionar para o que Miller (2003, n.p.) indica como utilidade social da escuta: possibilidade de abordagem do coletivo em que a escuta se apresenta como "fator da política e em uma aposta de civilização".

A necessidade de cuidados com o idoso pode derivar de motivos diversos, como debilidade física e/ou dificuldade material que impossibilita ao sujeito se manter sozinho. Este cuidado pode exigir alta dedicação e organização por parte de cuidadores, principalmente filhos e cônjuges, que geralmente apresentam problemas provenientes desta organização como justificativa para dificuldades no cuidado. A situação que daí se origina pode ser caracterizada por conflitos familiares, desassistência e até mesmo violência.

Nestes casos, cuidadores podem ser alvo de denúncia (identificada ou anônima) e convocados a prestar esclarecimentos na Delegacia de Proteção à Família. Neste momento, a presença de um analista no setor psicossocial deste serviço pode ofertar uma escuta diante dos impasses vivenciados pela família, atravessada pela obrigatoriedade do cuidado e das suas impossibilidades reais.

Através de uma denúncia anônima, a Delegacia de Proteção à

Família recebe informações sobre possíveis maus-tratos direcionados a José, 75 anos. Coube à delegacia notificar os sujeitos indicados na denúncia a comparecerem ao serviço para abordagem pelo setor psicossocial. Foram convocados filhas e irmão, além de José, que já no primeiro contato demonstrou dificuldades cognitivas que impediam seu entendimento do que ocorria. Em uma primeira abordagem com todos os cuidadores, estes apresentaram-se arredios, pouco receptivos à abordagem. Neste momento foi importante orientá-los, brevemente, sobre a denúncia e disponibilizar a escuta, principal ferramenta da abordagem, o que foi recebido com estranheza e desconfiança. Um a um os familiares foram ouvidos e apresentaram suas dificuldades diante do familiar que deles demandava grandes cuidados. Cada cuidador pôde expor sua parte num "combinado" feito anteriormente, bem como as dificuldades em cumpri-lo em função de novas atividades e atribuições em suas rotinas. As suspeitas de maus-tratos foram dissipadas pela constatação de que as dificuldades cognitivas do paciente o levavam a sair sozinho pelas ruas, vindo a sofrer quedas em função de dificuldades visuais. Cada um, no entanto, manifestava interesse nos cuidados com seu familiar, disponibilizando-se a tentar um novo combinado. Assim, foi agendado novo encontro conjunto, em que todos se disponibilizaram em auxiliar no cuidado à sua maneira, convergindo para as necessidades de José. Foi possível refazer um laço.

Referências

BRASIL. Ministério da Justiça. *Estatuto do Idoso*. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10. 741>. Acesso em: 20 maio 2016.

CARVALHO FILHO, João Gualberto; CHAVES, Wilson Camilo. A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melaine Klein e Jacques Lacan. *Revista Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 41, jul./dez. 2014.

MILLER, Jacques-Alain. Da utilidade social da escuta. *Opção Lacaniana*, n. 38, 2003.

***

Mesa M – Mediadora: Marília Pires Botelho

A Psicanálise no debate entre o gênero e a sexuação

Vinícius Moreira Lima
Graduando em Psicologia pela UFMG, pesquisador na área de psicanálise e bolsista de iniciação científica Pibic/CNPq.

Ângela Maria Resende Vorcaro
Doutora em Psicologia Clínica pela USP e professora associada do Departamento de Psicologia da UFMG.

Com a emergência da teoria *queer* desde a década de 1990, a psicanálise lacaniana tem se defrontado com uma série de mal-entendidos ao tentar, em alguns casos, colocar a questão da teoria de Butler (1990/2015) sobre os gêneros e suas possíveis relações com a sexuação. Isso porque é comum uma desqualificação apressada da teoria *queer* com o argumento de que os gêneros se situam entre o simbólico e o imaginário, ao passo que a psicanálise lidaria com o real da sexuação. No entanto, rapidamente encontramos exemplos em textos lacanianos que ilustram o lado feminino das tábuas a partir da configuração atual dos semblantes das mulheres, no seu sentido corrente. É o caso de Miller (2016) ao empregar o epílogo de uma mulher taxista ao volante, para apresentar o que seria o não todo fálico, colado ao feminino.

Essa maneira de mostrar as coisas gera um obstáculo recorrente, que é o de confundir os semblantes sexuados e a sexuação, algo que consideramos fundamental saber separar. Isso porque os semblantes sexuados, semblantes de gênero, estarão no simbólico e no imaginário, ao passo que a sexuação trata de algo mais além dos semblantes. Trata-se aqui de uma dificuldade que pode ter sido iniciada pelo próprio Lacan (1972-1973/2008b) desde o Seminário 20, ao trazer exemplos escassos sobre o que seria o lado não todo da sexuação, limitando-se a dizer de Santa Teresa e de São João da Cruz, além de sugerir analogias do feminino com a imagem da burguesa e, especialmente, com o indizível do gozo vaginal, de um gozo do qual as mulheres, mesmo as analistas, nada sabem.

Acreditamos que o projeto de Lacan na década de 1970 segue na contramão dessa tendência de dar sentido aos dois lados das tábuas

da sexuação, utilizando, para isso, os semblantes sexuados, que, muitas vezes, ainda se articulam aos semblantes de gênero tradicionais. O ponto de tensão reside no fato de que, nesse momento de seu ensino, a escrita da sexuação se inscreve na proposta lacaniana de esvaziamento lógico do sentido, para evitar a proliferação imaginária de normatividades. Por isso, é crucial não confundir os semblantes sexuados ou de gêneros (entre simbólico e imaginário), com a própria sexuação, que diz respeito à lógica inconsciente de gozo (real).

Esse tipo de distinção fica ofuscado em formulações como as que enfatizam que o feminino traz sempre o aspecto de um contorno artificialmente composto, por ser carente da estabilidade do índice fálico masculino, de maneira que as mulheres precisariam se servir do artifício cosmético como enquadre suplementar do seu ser. Sabemos que a psicanálise se posiciona contra uma naturalização desses modos de determinação atuais dos entes, ao questionar o Um-niversal que tenta fazer ver como dado algo que foi assim produzido. Entretanto, reiterar exemplos nessa linha traz o risco de inserir na psicanálise uma normatividade que lhe deveria ser estranha, uma vez que se trata, nessa prática, de apontar para aquilo que se apresenta no inconsciente como lacuna, fissura, rachadura ontológica, como da ordem da indeterminação.

O perigo surge quando "os exemplos se tornam normativos de todo o resto. O processo se torna paradigmático e acaba por produzir suas próprias exclusões. Torna-se fixo e normativo no sentido de rigidez" (PRINS e MEIJER, 2002, p. 162). É justamente o que tem acontecido com os usos de Lacan (1973/2003, p. 554), algo que ele mesmo percebeu ainda vivo: "Não sou pródigo em exemplos, mas, quando meto meu nariz, elevo-os ao paradigma". A questão é que dar os exemplos do feminino da tábua a partir dos semblantes sexuados da configuração atual das mulheres pode facilitar uma leitura inadequada da teoria lacaniana, comprometendo-a com um caráter "biologicista" ou anatômico. Isso porque, em psicanálise, trata-se justamente de uma ruptura radical com o biológico, como Lacan (1971-1972/2001, p. 13) mesmo diz no Seminário 19: "O sexo não define relação alguma no ser falante".

No lugar de um gozo do corpo que seria natural, a linguagem já fez sua marca, desnaturalizando qualquer tentativa de considerar o gozo do ser falante como instintivo. Afinal, no "psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea" (LACAN, 1964/2008a, p. 200). Isso porque o efeito do choque material

do significante com o corpo instaura uma falha que assombrará o sujeito por toda a sua existência, isto é, a relação tensa entre o sentido e o furo. Pois o que a escrita das tábuas atesta é justamente esse caráter não coincidente do sujeito consigo mesmo, a perda da possibilidade de uma harmonia em seu ser, que gera o impossível de um encontro que fosse natural, garantido, complementar.

Ainda assim, o que os gêneros tradicionais propõem com seus arranjos binários é ficcionalizar precisamente essa modalidade de encontro, a partir do modelo heterossexual. Os semblantes dos gêneros buscam insistir no campo do sentido, numa tentativa de produzir um saber sobre o sexo que seria capaz de tamponar o furo ou o ponto opaco de não saber que subjaz aos encontros entre os sexos, que Lacan sintetizou ao dizer que "não existe relação sexual". Nesse sentido, podemos dizer que os gêneros tradicionais fazem semblante de relação sexual, de uma complementaridade, no esforço de escamotear o fundo de indeterminação que assola o ser falante.

Nesse caso, se é na linguagem que se elaborarão as formas de suplência à relação sexual que não existe, observamos que os gêneros tradicionais podem ser compreendidos como contidos dentro da lógica masculina da sexuação, assombrada pelo fantasma de uma figura mítica – a do pai primevo –, que teria alcançado um gozo total, tal como aquele prometido pelo encontro entre um homem e mulher, no sentido corrente dos termos. Isso porque os gêneros propõem posições em relação ao falo em uma modalidade imaginária: ser o falo ou ter o falo. De um lado, os homens como aqueles que teriam o falo e, de outro, as mulheres como aquelas que seriam o falo – para um homem, acrescentaria Butler (1990/2015). Essas posições, com aparência de complementaridade, inevitavelmente esbarram no desencontro.

Trata-se, com as normas de gênero, de dar um sentido ao ser do sujeito, algo de que, com Lacan, aprendemos a desconfiar. Porque o sentido aponta a direção na qual ele fracassa: o feminino, não todo, avança como aquilo que faz objeção ao todo fálico, como um furo que nega a falsa totalidade do lado masculino da sexuação. Um furo que insiste em todo sujeito como seu avesso, à maneira de uma banda de Moebius. É nessa esteira que resgatamos a afirmação de que "A mulher não existe": falta o significante d'A mulher, não no sentido do gênero feminino, mas indicando que não é possível uma harmonia, uma coincidência consigo próprio. Restará sempre um ponto de furo no sujeito que não se permite totalizar. Assim, masculino e feminino em Lacan não se referem ao gênero, mas à desarmonia que habita todo

sujeito como seu avesso não todo, um ponto de enigma e opacidade que restará como marca insistente do impossível.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. (Obra original publicada em 1990.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a. (Obra original publicada em 1964.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 19*: *... ou pior.* Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Obra original publicada em 1971-1972.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda.* Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. (Obra original publicada em 1972-1973.)
LACAN, Jacques. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: -- LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 550-556. (Obra original publicada em 1973.)
MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. *Opção Lacaniana*, n. 20, p. 1-40, jul. 2016. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana. com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.
PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, v. 1, n. 10, p. 155-167, jan. 2002.

***

Perversão: uma presença no desejo humano

Roberval de Sousa Ignácio

O método psicanalítico precisa ser ágil o suficiente para rastrear múltiplas combinações que se formam ao longo da sessão em torno de certos eixos temáticos e atender às linhas de força que perpassam simultaneamente o discurso do paciente e as percepções do analista. Numa sessão de análise, dispõe-se das histórias de vida que o paciente traz, bem como se pode apreender muito quando se acompanha como o sujeito estrutura sua fala e pensamento. Pode-se, também, atentar para os lapsos que o analisando comete, o modo como relata os sonhos, bem como a percepção vivencial dos vínculos.

Para Freud (1905/1973), ao observarmos o processo sexual mais normal, iremos reconhecer os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões. Nenhuma pessoa sadia, ao que parece, pode deixar de adicionar alguma coisa capaz de ser chamada de perversa ao objetivo sexual normal, e a universalidade desta conclusão é em si suficiente para mostrar quão inadequado é usar a palavra perversão como um termo de censura. A perversão permanece como um desafio teórico e clínico, além de se referir a uma organização psíquica doentia, também irá aparecer na acepção de mau, maligno. Sendo que o foco na perversão, irá responder a novos desafios que se colocam em uma sociedade não mais regulada por regras religiosas, ritos e usos universais, mas que se apoia em uma ciência e em um corpo jurídico que pouco avançaram a respeito deste fenômeno.

Fora os raros casos de sociopatias associadas a alterações genéticas em portadores de anomalias cariotípicas como a síndrome do duplo Y – XYY ou ainda as anomalias do tipo XXY, as perversões nem sempre se deixam explicar pela configuração genômica do indivíduo. A maioria dos casos remete a histórias pessoais de grande complicação psíquica. Não há em Freud uma teoria sobre perversão, mas se pode encontrar ao longo da obra diversas ideias a respeito do tema, configurando um conjunto de teorias freudianas sobre a perversão. Na obra freudiana, a matriz da perversão se encontra na sexualidade infantil e em tendências inatas. Contudo, para se desenvolver em uma perversão adulta, é preciso que se acrescente às tendências perversas infantis algumas perturbações no percurso edípico.

Freud se debruça pela primeira vez mais extensamente sobre o tema da perversão nos "Três ensaios...." (1905). Nesse texto, ele propõe a existência de uma sexualidade infantil ainda não genital, a qual denomina de disposição perversa polimorfa. Ela seria intrínseca a todo ser humano, constitutiva da futura sexualidade adulta e composta por pulsões parciais que buscam exclusivamente o prazer. No primeiro capítulo desse texto, Freud descreve "as aberrações sexuais" e afirma que os desvios sexuais podem ser de dois tipos: 1) Desvios quanto ao objeto sexual escolhido – por exemplo, a pedofilia, a zoofilia, dentre outros; 2) Desvios quanto à meta sexual – zonas erógenas e atividades. Em 1916, na "Conferência XXII", Freud afirma que, na sexualidade perversa, geralmente uma das pulsões parciais é predominante e submete as outras aos seus propósitos. Outra ideia que Freud expõe nesse artigo diz respeito ao fato de a evolução do desenvolvimento

das funções sexuais no ser humano se prolongar por mais tempo do que o das funções ligadas à autopreservação (fome, sede, sono), e, neste longo período de desenvolvimento, as pulsões sexuais se acham sujeitas a três processos: a fixação; a regressão e a inibição.

Em certo sentido, a função ética para Freud nasce do medo que a criança tem de perder o amor parental ou de outros objetos de apego. Assim, instaura-se aos poucos no psiquismo infantil e adolescente a instância da consciência moral, a instância que vigia o quanto o ego está correspondendo aos valores parentais introjetados. Esta instância, denominada de superego, tem a função de agregar no adulto a consciência moral, ordenadora ética das relações eróticas. Será o superego que regulará a busca de prazer, a procura dos objetos de amor e de satisfação. Entretanto, para que ocorra esta instauração da ética, é necessário que a criança se defronte com o tema da Castração. A tendência à perversão é mais do que a tentativa da criança de manter a relação de exclusividade com os objetos de amor, agora incestuosos; é a busca para apagar os indícios e as diferenças que lhe apontam a necessidade de submeter às Leis e às Regras.

Desta forma, o perverso permanece a meio caminho da resolução do Complexo de Édipo. Ele não leva em conta o desejo de seu objeto de amor, nem as Leis éticas; reivindica para si a total exclusividade, impondo aos seus objetos um modo de relação primitivo e violento. A questão edípica em sua versão feminina, bem como a questão do fetichismo, impõe a pergunta a respeito da perversão na mulher. Esse tema é pouco tratado em Freud, o qual confessa seu desconhecimento do universo feminino e chega a denominá-lo de "Continente negro" (1926).

Apesar de o horror à ameaça de castração, no seu sentido mais concreto, não ser possível para a mulher, Freud não afirma sobre a impossibilidade de a perversão ocorrer em seres do sexo feminino. Neste contexto, Freud refere-se com especial ênfase aos aspectos femininos do masoquismo:

> ... existe uma relação particularmente constante entre feminilidade e vida instintual, que não devemos desprezar. A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para

> dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino. (FREUD, 1933[1932]/1973, p. 143)

Cabe ainda destacar que, mais do que classificar e julgar, Freud enfatiza que tanto as manifestações normais como anormais da sexualidade e do prazer necessitam ser escutadas do ponto de vista de sua psicodinâmica e sua história. "Nenhuma pessoa sadia, ao que parece, pode deixar de adicionar alguma coisa capaz de ser chamada de perversa ao objetivo sexual normal, e a universalidade desta conclusão é em si suficiente para mostrar quão inadequado é usar a palavra perversão como um termo de censura" (FREUD, 1905/1973).

Sob a rubrica de um "retorno a Freud", Lacan introduz na psicanálise uma rigorosa hermenêutica de leitura e estudo da obra freudiana, bem como emprega um amplo instrumental de análise oriundo da antropologia, da filosofia, da estética e da psicologia da percepção. A questão da perversão, além de ser um tema central em sua obra, é colocada em diálogo com a ética, a filosofia e a arte. Na obra de Lacan, as referências sobre a perversão não estão sistematizadas, mas distribuídas por diversos textos e seminários, notadamente nos *Escritos* (1966) e no *Seminário 4* – "A relação de objeto".

O termo estrutura não implica uma clínica rígida ou engessada, pois dentro de cada estrutura existe um amplo espectro de variações no qual cabem diferentes gradientes, bem como manifestações cruzadas, ou seja, aspectos neuróticos podem aparecer em estruturas psicóticas, aspectos perversos muitas vezes estão presentes tanto na neurose como na psicose e assim por diante. Atos perversos podem ser realizados também por sujeitos não perversos, assim como também é possível que um sujeito perverso nunca cometa perversões. O que define se uma estrutura é perversa não são os atos a ela associados, mas, sim, a posição do Sujeito na trama edípica.

Referências

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v. VII. (Obra original publicada em 1905.)

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXII. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das*

obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v. XVI. (Obra original publicada em 1916.)
FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v. XIX. (Obra original publicada em 1923.)
FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v. XX. (Obra original publicada em 1926.)
FREUD, Sigmund. Conferências XXIX-XXXV. Sonhos e ocultismo. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v. XXII. (Obra original publicada em 1933[1932].)
KOGUT, Eliane Chermann. *Perversão em cenas*. São Paulo: Escuta, 2004.
LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1966.)

***

Neurose e perversão: uma parceria sintomática nas relações amorosas

Jénnefer Lorem de Oliveira Ramos
Acadêmica de Psicologia e integrante da Liga Acadêmica de Psicanálise, ambos da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

Valter Rodrigues Alberto
Acadêmico de Psicologia e integrante da Liga Acadêmica de Psicanálise, ambos da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

Amar e ser amado são um dos meios dos quais o ser humano desfruta da incessante busca pela felicidade (FREUD, 1930/1996), porém amar é dar o que não se tem (LACAN, 1962-1963/2005) e, por isso, para amar, é preciso falar, pois é por meio da fala que se pode dar a falta-a-ser (MILLER, 1998). Assim, o sintoma surge preenchendo o lugar da falta (MILLER, 1998), imprimindo nas relações amorosas a marca de prazer na angústia. Esse sintoma é endereçado ao Outro, uma vez que este torna o sintoma suportável, pois se não há relação sexual (LACAN, 1972-1973/1982), ou seja, se não há uma condição de

complementaridade entre os sexos, mas de desencontro, o que resta é o amor como sintoma possível. Assim, toda parceria seria sintomática.

A temática das parcerias amorosas pode ser estruturada em torno de formas distintas de subjetivação, ou seja, modos de se posicionar diante do Outro: a neurose, a perversão e a psicose. No entanto, a psicose se afasta deste contexto, uma vez que não há como inseri-la na norma fálica, fazendo emergir um sintoma que supre a falta da relação sexual, e, por isso, o psicótico fracassa no cumprimento do amor (LACAN, 1976 *apud* QUINET, 2002), fazendo existir a relação sexual.

Desta forma, busca-se abordar a temática das parcerias amorosas, entre o neurótico e o perverso, e seu caráter sintomático. Para tal, utilizou-se a metodologia de revisão da literatura, compreendendo obras que elucidam esse assunto.

A neurose e a perversão são formações estruturais possíveis após a dissolução do Complexo de Édipo, se diferenciando quanto ao modo de se processar a castração simbólica no momento da aceitação da lei paterna.

A saída encontrada para a dissolução do Édipo na perversão é denominada recusa ou denegação (FREUD, 1927/1996), que se configura como um meio de contornar a realidade da castração. Tal recusa produz uma deformação do texto inconsciente antes que ocorra o recalque, constituindo, assim, o fetiche. Dor (1991) afirma que é através da denegação da realidade que o fetichismo se funda, constituindo o objeto fetiche que corresponde à encarnação do falo. Desta forma, o sujeito perverso tem como princípio de seu posicionamento uma forma peculiar de lidar com a castração, terceirizando seu gozo para o Outro, provocando angústia nele.

Já a neurose se configura como uma estrutura clínica caracterizada pela presença do recalque e do efeito patogênico no inconsciente, surgindo, assim, os sintomas (LACAN, 1957-1958/1999). Desta forma, a neurose configura-se como a estrutura de uma questão, sendo que a discussão do sujeito gira em torno da indagação "Quem sou eu?" (LACAN, 1957-1958/1999).

Tal indagação só é possível quando há o desencantamento da criança em ser o falo materno e, consequentemente, a busca em entender quem é ela ou então "o que este Outro quer de mim?". Logo, a relação do Complexo de Édipo e a Neurose se referem à falta do Outro e à queda da posição fálica que o sujeito enfrenta frente à castração. Por isso, o neurótico, que está sempre às voltas com a sua angústia de castração, é suscetível de ser capturado por certo fascínio pelo gozo encenado pelo perverso.

Freud (1916-1917/1996) já afirmava que os sintomas neuróticos emergem com uma finalidade de satisfação da libido, ou seja, satisfação da necessidade sexual (FREUD, 1905/1999), que é conflituosa quando não suprida. Tal libido, nos sujeitos neuróticos, se origina a partir das experiências sexuais infantis que regressam com o intuito de retornar ao ponto de fixação do passado onde houve prazer e visa a buscar a satisfação, força tal que Freud diferencia da energia instintiva ou inata. Sendo assim, o sintoma configura uma repetição na busca das experiências de satisfação, ou seja, uma busca pelo que falta.

Freud registra o processo sexual perverso no desenvolvimento normal da sexualidade, ao menos no que tange à sexualidade infantil e a sua "perversidade polimorfa" (FREUD, 1905/1999), da qual ele nos explica as ressurgências na economia libidinal do sujeito adulto. Logo, o perverso não representa uma aberração exclusiva da estrutura, pois "a sexualidade humana é, em si mesma, aberrante" (GARCIA-ROZA, 1993, p. 13), uma vez que a pulsão visa à satisfação em detrimento da reprodução. Já na neurose, a perversão infantil é interrompida, restando apenas um traço que, enquanto satisfação autoerótica, persiste como remanescente do Complexo de Édipo, encontrando como destino possível o recalque, mas retornando como compulsão no sintoma.

Esse traço de perversão só é acessível na fantasia, de forma que ela seja "uma encenação do qual o Outro é reduzido a nada, puro objeto à mercê do sujeito" (NASIO, 1980. p. 76). Logo, a fantasia pode ser considerada como uma experiência simbólica a qual marcou o inconsciente. Assim, o sujeito utiliza a fantasia para alcançar o gozo, que representa um excesso insuportável de prazer que se aproxima do sofrimento (LACAN, 1969/1992). Desta forma, a fantasia não se realiza conscientemente, mas encontra satisfação por meio do sintoma, constituindo, portanto, uma ponte entre o simbólico e o real.

Logo, a satisfação sexual do neurótico se dá através de uma fantasia perversa não realizada, uma vez que o neurótico é impedido de realizá-la por causa do recalque. Cabe destacar que a questão é a ausência ou presença de atuação da fantasia perversa, uma vez que ela se encontra em ambas as estruturas. Por isso, o encontro afetivo do neurótico com o perverso se dá a partir de uma parceria sintomática (MILLER, 1998), estabelecida por uma relação de dependência. O perverso provoca o fascínio no neurótico, uma vez que a atividade do perverso revela o conteúdo da fantasia neurótica, e assim a neurose se constitui como o negativo da perversão (FREUD, 1905/1999).

O desejo perverso não se manifesta como desejo do Outro, como

o neurótico que se questiona "o que o Outro quer de mim?", mas adota a premissa de que "a única lei do desejo é a sua e não a do outro" (DOR, 1991). Ou seja, enquanto o neurótico utiliza a fantasia para alcançar o gozo a partir do desejo do Outro, o perverso sabe que o objeto do fetiche é o que precisa para gozar.

Tal parceria sintomática pode suscitar insatisfação, e, na tentativa de viver o "felizes para sempre", o indivíduo se lança em outro relacionamento inúmeras vezes sem se dar conta das repetições da configuração do objeto amado (FREUD, 1914/1987). Assim, o sujeito investe no amor mesmo sendo fonte de angústia. E o que ele pretende na repetição é a tentativa de promover um encontro absoluto com o outro, porém há um vazio sempre incompleto que é, em suma, a falta constitutiva do sujeito, já que o amor não sana a falta proveniente do desfecho edipiano.

Portanto, a perda do amor, na neurose, ou do objeto amado, do fetiche perverso, constitui uma das possíveis razões do sofrimento, uma vez que amar ou ser amado é uma das formas de buscar a felicidade. Lembrando que, quando o amor se coloca em cena na análise, por via transferencial, há alternativa de cura, visto que o analista completa o sintoma.

Referências

DOR, Joël. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Livrarias Taurus-Timbre Editores, 1991.

FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1924.)

FREUD, Sigmund. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (o Pequeno Hans)*. Rio de Janeiro: Imago, 1999. (Obra original publicada em 1905.)

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1916-1917.)

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1927.)

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1930.)
FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, p. 193-203, 1987. (Obra original publicada em 1914.)
FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1905.)
FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Obra original publicada em 1919.)
GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
GRANDINO, Adilson; NOGUEIRA, Durval. *Sexo ou sexualidade – A visão da psicanálise*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
LACAN, Jacques. *O seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Obra original publicada em 1969.)
LACAN, Jacques. *O seminário livro X: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Obra original publicada em 1962-1963.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. (Obra original publicada em 1972-1973.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Obra original publicada em 1957-1958.)
MILLER, Jacques-Alain. *O osso de uma análise*. Salvador: EBPBA, 1998.
NASIO, Juan-David. Objeto da fantasia. In: NASIO, Juan-David. *A criança magnífica da psicanálise o conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.
QUINET, Antonio. *Na mira do outro: a paranóia e seus fenômenos*. Rios Ambiciosos, 2002.

***

Mesa N – Mediadora: Cristina Moura

A escrita poética de São João da Cruz: um efeito de real

Yáskara Sotero N. Veado

Tratarei, neste texto, sobre a poesia mística escrita por São João da Cruz e seu ato de escrever, que se inicia quando fica recluso no cárcere conventual. É pela dor, pelo sofrimento, pelo trauma que ele se põe a escrever. Por que será que Frei João da Cruz opta pela escrita poética nesse momento traumático?

Penso, como Marguerite Duras, que o que leva o homem a se por a escrever, provavelmente, é um estado onde o sujeito se encontra perdido ou, talvez, ele já não tem mais o que perder e aí escreve. A escrita seria uma tentativa de dar um preenchimento nunca satisfatório para aquele ponto vazio, como se com o ato de escrever o escritor se deparasse com algo de suas entranhas, algo inominável que se impõe e insiste em ser escrito. As palavras seriam uma tentativa de ir dando forma, fazendo contorno a esse inominável ponto fixo – central e móvel, do qual o escritor nada sabe. O escritor é tomado pela obra, deixando seu "eu" e se entregando ao "Outro".

São João faz uma tentativa, pela escrita poética de comunhão com Deus, de ser penetrado por sua palavra, o que exige uma identificação com o Outro Divino. Mas, como diz Marguerite Duras, há certa contradição na escrita; escrever é também não falar. De certa forma, é se calar, é berrar sem fazer barulho.

Essa forma de silêncio dá um certo sossego para o escritor. Com a escrita, algo fica testemunhado, presentificado. São João faz com que seu "martírio" se torne poesia. Do martírio à poesia, mostra-nos um movimento do real ao imaginário, do trauma à ilusão.

Freud, em seu texto "Projeto para uma psicologia científica", diz que a dor é o mais imperativo de todos os processos, coloca o aparelho psíquico em movimento e se impõe a qualquer obstáculo à sua condução. Ela ensina o modo particular de descarga. O ato de escrever, no caso de São João, faz uma certa contingência. Algo cessa, mas não se inscreve, já que ele continua a escrever poesias para alcançar o absoluto, Deus. A escrita serve a São João como um veículo para obter uma finalidade satisfatória, um encontro com Deus.

Segundo Freud, é como se o poeta tivesse uma certa tendência que pudesse ser utilizada para as finalidades do eu, possibilitando transformar a sua angústia em uma escrita. Ele diz que é como se a criança poeta desde cedo já tivesse uma escolha fixada precocemente e, no momento da puberdade, fosse coordenando sua atividade de escritor com suas fantasias. Desta forma, o poeta se beneficia dessa operação, de modo a obter glória, honra, dinheiro e também satisfação de suas tendências pulsionais. O que temos de considerar não são apenas os benefícios secundários obtidos pela produção, mas, sim, a função poética como estrutura.

A escrita poética, no caso de São João, é um efeito de real, um impossível de ser dito que se escreve nas formações do inconsciente, como uma saudade do objeto perdido, desde sempre. A escrita é uma maneira de lidar com esse vazio, que permanece no centro como uma "Coisa": a "Coisa" freudiana que se situa entre o real e o significante. Essa "Coisa", que Lacan nomeia de *das ding*, tem a ver com a inconsistência desse Outro absoluto, com o qual o sujeito se atrela numa busca tão insaciável quanto impossível.

Essa escrita poética se caracteriza como uma forma de organização em torno da "Coisa", uma linguagem poética nascendo de um vazio, de um momento de dor. Os versos poéticos de Frei João são sua possibilidade de testemunho, pois, em uma noite de dezembro de 1577, ele foi aprisionado e tirado violentamente de sua casinha da Encarnação de Ávila e levado ao convento dos Calçados de Toledo, onde ficou recluso no cárcere durante oito meses. Segundo Valéry, "aquilo do que tudo que nos falamos não é senão tradução". Trata-se "da coisa em si"; São João da Cruz traduz sua angústia em versos poéticos.

Essa tradução é o que chamo de efeito de real. Há algo na experiência de dor que não pode ser assimilado, restando como trauma. Esse resto ponto central e fixo desencadeia uma escrita em torno de algo obscuro; faz demarcação de um vazio lugar da "Coisa". Desta forma, a escritura surge como um encontro com algo faltante e fundante. A linguagem/escrita nasce desse encontro com o vazio.

Segundo Maurice Blanchot,

> Só se começa a escrever quando, momentaneamente, por um ardil, por um salto feliz, ou pela distração da vida, consegue-se driblar esse impulso que a conduta ulterior da obra deve despertar e apaziguar de modo incessante, abrigar e afastar, dominar e sofrer sua força indomável, movimento tão

> difícil e tão perigoso que todo escritor e todo artista se surpreende cada vez, por tê-lo realizado sem naufragar. E que muitos só soçobram silenciosamente, ninguém que tenha encarado o risco de frente pode duvidar disto.

A escrita insere-se num jogo presença/ausência, testemunhando o que não pode ser testemunhado, o inassimilável. Alguém que se ponha a testemunhar lança mão do simbólico para dizer, ou escrever, de um real traumático, tentando atingir o que não pode ser atingido, isto é, o indizível.

O escrever – efeito de real

Retomando minha questão: Por que será que São João opta pela escrita poética diante do trauma?

Freud, em seu texto "Escritores criativos e devaneios", se mostra curioso "em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com ele e despertar-nos emoções das quais nem mesmo nos julgássemos capazes". Ele interroga a criação literária enquanto ligada à produção de devaneios e vê aí uma repetição das brincadeiras infantis, com as quais as crianças se satisfaziam. Esse ponto é fundamental, já que a satisfação anterior, incompleta, parcial põe o psiquismo em movimento em busca do objeto perdido, mas que pela sua falta nutre a vida. Nas "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", ele situa a arte nesse caminho que conduz a fantasia de volta à realidade, como algo sintomático.

O ato da escrita aponta para uma forma de prazer, dando ao sujeito um modo de satisfação. Mas é necessário considerar que nem sempre essa escrita é prazerosa, já que tanto o escritor como o leitor podem ter desconforto com o texto. Segundo Lacan, Marguerite Duras pode testemunhar sobre os efeitos que o ato de escrever exerce sobre o escritor e dizer que este está desprotegido frente ao real. Clarice Lispector também comprova esse efeito: "... estou tão assustada que o jeito de entrar nessa escritura tem de ser de repente, sem aviso prévio. Escrever é sem aviso prévio. Eis, portanto, que começo com o instante igual ao de quem se lança no suicídio: o instante é de repente". Ela também diz que "escrever é uma maldição, mas uma maldição que salva".

Fica claro que a escritura tem uma função de contornar o real, dando limite de borda ao abismo. Desta forma, estamos diante do

embate entre Eros *versus* Tânatos. Valéry diz que a tarefa do poeta é acreditar na "força da própria palavra".

Frei João da Cruz, o santo dos "nadas", delicado de tanto mortificar-se, deixa brotar de suas mãos sua poesia. Versos que na maior parte nasceram da "solidão sonora" e dolorosa de Toledo.

A intenção de Frei João era atingir o absoluto via sua escrita poética. As palavras poderiam ser a condução para se chegar ao ponto ômega – Deus. Ora, São João gritava sem fazer barulho, lembrando Duras, mas seu grito tem tanta força que ecoa até 2017 e me sinto atingida pelos seus versos.

Referências

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*.
CRUZ, São João da. *Obras completas*.
DURAS, Marguerite. *Escrever*.
FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio.
FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental.
FREUD, Sigmund. Projeto para a psicologia científica.
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*.
LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo*.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Literatura e trauma*.

***

Moisés e a história como evento traumático

Geovane Souza Melo Júnior

Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em Gestão Pública de Organizações de Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Estudos Literários, na linha de pesquisa "Literatura, representação e cultura", pela Universidade Federal de Uberlândia.

Kenia Maria de Almeida Pereira

Possui doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Professora de Literatura Portuguesa e Brasileira no curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e no Programa de Mestrado e doutorado em Estudos literários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

É, sem dúvida, sob as circunstâncias altamente traumáticas de sua saída forçada de Viena, que Freud reflete sobre a partida histórica de Moisés do Egito e articula sua inovadora e perspicaz teoria da história como trauma, exemplificada por sua análise do impacto tardio e da repetitiva e traumática história da fundação do monoteísmo (FELDMAN, 2014). Moisés sempre chamou a atenção de Freud. No ano de 1914, escreveu o artigo "O Moisés de Michelangelo"[16], no qual confidenciou a sua profunda estranheza[17] frente à estátua do arauto "judeu", esculpida por Michelangelo para o sepulcro do Papa Júlio II. "Pois nunca antes experimentei um efeito tão forte quanto diante dessa estátua" (FREUD, 2014/2010, p. 186).

Em síntese, no referido texto, trabalhou a ideia de que o artista italiano esculpiu um Moisés divergente da tradição e que, apesar de irritadiço, não teria quebrado as Tábuas da Lei. Freud chegou a esta conclusão a partir do pressuposto de que a estátua, ao ser criada, passou por um processo imaginário de sequências de movimentos. Deste modo, para acessar esta "verdade oculta", é necessário analisá-la, desde seu repouso até a ação deflagrada, e não apenas o produto final já esculpido.

No final da década de 1930, apesar da época deveras antissemita, Freud, já em terras inglesas, publica a obra "Moisés e o monoteísmo". Todavia, foi uma publicação de que o psicanalista se privou por algum tempo, que o angustiava. Vejamos o trecho abaixo de uma carta de Freud a Stefan Zweig, grande escritor austríaco e amigo.

> 5-XI-19355 Viena, IX, Berggasse, 19
> Querido, respeitado senhor: [...] Depois de sua visita de 15 de set. recriminei-me por ter estendido tanto sobre o conteúdo de meu Moisés, em vez de deixar o senhor falar sobre seus trabalhos e projetos. Meu Moisés nunca verá a luz pública. Agradecimentos e saudações cordiais, Seu, Freud. (FREUD, 1939/1996, p. 51)

A publicação sobre Moisés, em uma época antissemita, foi algo particular de Freud. Não foi por acaso, foi a maneira pela qual ele conseguiu falar sobre o antissemitismo naqueles tempos. Desabafa: "Privar um povo do homem de quem se orgulha como o maior de seus filhos não é algo a ser alegre ou descuidadamente empreendido, e muito

[16] "Der Moses des Michelangelo".
[17] *Unheimlichkeit*.

menos por alguém que, ele próprio, é um deles" (FREUD, 1939/1996, p. 19). Após alguns anos da carta citada acima, Zweig teve acesso à referida obra e enviou-lhe uma correspondência parabenizando-o pela coragem.

> 2, março de 1938 6 4 Der Mann Moses und die monotheistiche Reigion.
> 5 5-XI-1935 Viena, IX, Berggasse, 19
> Querido, muy respetado señor: [...] Después de su visita del 15 de sept. me hice serios reproches por haberme extendido tanto sobre el contenido de mi Moisés, en vez de dejar que me hablase usted de sus trabajos y proyectos. Mi Moisés nunca verá la luz pública Gracias cordiales y saludos Suyo, Freud. (FREUD, 1939/1996, p. 51)

> 6 2, marzo de 1938 49, Hallam Street, Londres, W. 1
> Mi muy apreciado profesor: Después de mi regreso de Portugal lo primeiro que hice fue leer su estudio sobre Moisés y, sinceramente, admiro la franqueza con que defiende uma hipótesis que en su exposición resulta absolutamente convincente. Las ideias no tienen ninguna pátria verdadera en la Tierra. [...]. Una proeza no tiene por qué perder su valía a causa de que otro la haya sonãdo antes. Que Moisés, el real, el corporal, fuera de esta o aquella estirpe no empequeñece ni la figura del creador que há transmitido a la humanidad el monoteísmo como problema ni la del pueblo que partiendo de su lengua y su espíritu lo há convertido en una ideia de vigencia mundial. Para mí, esta obra, aparentemente secundaria, está estrechamente asociada a su ser y a su obra y es una de las pruebas más bellas de su osadía espiritural y de su firmeza humana [...].

> 49, Hallam Street, Londres, W. 1
> Meu apreciado professor: Depois de meu regresso de Portugal, o que fiz primeiro foi ler seu estudo sobre Moisés e, sinceramente, admiro a franqueza com que defende uma hipótese que em sua exposição resulta absolutamente convincente. As ideias não têm nenhuma pátria verdadeira na Terra [...]. Uma proeza não tem por que perder sua validade devido ao fato de outro a ter sonhado antes. Que Moisés, o real, o corporal, tenha sido desta ou daquela estirpe não empequenece nem a figura do criador

> que transmitiu a humanidade o monoteísmo como problema nem a do povo que, a partir de sua língua e seu espirito, o converteu em uma ideia de vigência mundial. Para mim, esta obra, aparentemente secundária, está estreitamente associada a seu ser, sendo uma das provas mais belas de sua ousadia espiritual e de sua firmeza humana [...].
> Stefan Zweig
> (BERLIN, LINDKEN e PRATER, 2004, p. 59).

Freud fez uma "escavação" do passado histórico do homem Moisés, e – a partir de certos indícios: o nome de origem egípcia, a tradição da circuncisão também egípcia e o monoteísmo do faraó egípcio Aquenáton – concluiu que o arauto judeu deveria ter sido, obviamente, um estrangeiro. Ele percebeu que há furos nos relatos bíblicos e supôs a existência de dois Moisés: o primeiro é o egípcio legislador, irritadiço; o segundo, o midianita, o feiticeiro, que é aquele que ouve a voz na sarça ardente.

> Não podemos discutir a impressão de que esse Moisés de Cades e Madiã, a quem a tradição podia realmente atribuir o erguimento de uma serpente de metal como um deus da cura, é alguém inteiramente diferente do aristocrático egípcio por nós inferido, que apresentou ao povo uma religião em que toda a magia e todos os encantamentos eram proscritos nos termos mais estritos. Nosso Moisés egípcio não é menos diferente, talvez, do Moisés madianita do que o deus universal Aten ou do demônio Javé em sua morada no Monte de Deus. (FREUD, 1939/1996, p. 22)

Na análise freudiana, os dois Moisés eram um só. Tal como no sonho, a história de Moisés foi deslocada e condensada para esconder um saber que não deveria ser revelado. O primeiro Moisés foi assassinado pelos seus fiéis. Moisés, o fundador da religião dos judeus, encontrou um final violento num levante de seu povo refratário e obstinado, ao mesmo tempo em que a religião por ele introduzida era repudiada. "[...] Ao fim do cativeiro babilônico, surgiu entre o povo judeu a esperança de que o homem que fora tão vergonhosamente assassinado retornasse dentre os mortos e conduzisse seu povo cheio de remorso, e talvez não apenas esse povo, para o reino da felicidade duradoura" (FREUD, 1939/1996, p. 22).

Desta forma, ele diferenciou dois tipos de tradições: a primeira é advinda da memória consciente de um povo; a segunda, mais reveladora, seria a tradição herdada inconscientemente, na qual ele encontrou a força da tradição judaica. Freud põe em jogo esta descoberta até nas suas consequências últimas e para lá da psicanálise do indivíduo. Na sua opinião, a história da cultura deve confirmá-la. "[...] a eficácia do retardamento e da extemporaneidade cobre amplos intervalos históricos [...]. O problema da latência comunica aí, aliás de maneira muito significativa, com o da tradição oral e da tradição escrita [...]" (DERRIDA, 2005, p. 189).

> O judaísmo é uma religião com mais de dois mil anos, sendo transmitido através de seus "restos inconscientes" deste trauma herdado, junto com o consequente sentimento inconsciente de culpa compartilhado. Refletindo mais, tenho de admitir que me comportei, por longo tempo, como se a herança de traços de memória da experiência de nossos antepassados, independentemente da comunicação direta e da influência da educação pelo estabelecimento de um exemplo, estivesse estabelecida para além de discussão. Quando falei da sobrevivência de uma tradição entre um povo ou da formação do caráter de um povo, tinha principalmente em mente uma tradição herdada desse tipo, e não uma tradição transmitida pela comunicação. Ou, pelo menos, não fiz distinção entre as duas e não me dei claramente conta de minha audácia em negligenciar fazê-lo (FREUD, 1939/1996, p. 63).

Assim, neste escrito, bem como em "Além do princípio do prazer", Freud trabalhou um conceito caro à psicanálise e também aos estudos literários atuais: o trauma. Interessante que o pensador Walter Benjamin também sugere uma teoria da história como uma sucessão de eventos traumáticos. Ambos foram contemporâneos.

> [...] a obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, e a teoria psicanalítica de Freud são, para Benjamin, os dois grandes modelos da tentativa de estabelecer uma nova relação com o passado e com a memória, não só no que diz respeito ao passado individual e singular, mas também ao passado histórico de um povo ou de uma nação, e até da própria humanidade. (GAGNEBIN, 2014, p. 238, grifo da autora)

Assim como para o psicanalista, para Benjamin, a história é formada por vários eventos traumáticos, e não por narrativas racionais, exaustivamente transmitidas conscientemente. "A tradição dos oprimidos ensina-nos que o estado de exceção em que vivemos é a regra. Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a essa ideia" (BENJAMIN, 2013, p. 13). O fator basal que Benjamin atribuiu para a perda da capacidade de narrar é a Primeira Guerra. Os soldados voltavam vazios de experiências para contar. "Onde é que se encontram ainda pessoas capazes de contar uma história como deve ser? Haverá ainda moribundos que digam palavras tão perduráveis, que passam como um anel de geração em geração? (BENJAMIN, 2013, p. 85).

Ao analisar o quadro Angelus Novus, do pintor suíço Paul Klee, Benjamin esclarece a dimensão das catástrofes na história:

> Há um quadro de Klee intitulado Angelus Novus. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Eles gostariam de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval (BENJAMIN, 2013, p. 14).

Assim como Freud percebeu que o traumático é da ordem de um excesso que não pode ser assimilado naquele exato momento, por isso se fixa em uma cadeia de repetição, Benjamin fez esta análise através de seus escritos, afinal, os soldados voltavam do *front* vazios de experiência. Os livros de história, na época das grandes guerras, transmitiam tudo, menos a experiência invasiva daquele momento traumático. Por conseguinte, o trauma, de certa forma, rompe a cadeia significante do sujeito, instaurando uma ordem mais cinematográfica, de imagens. O evento traumático surge por meio de pesadelos, *flashback*, etc. O trauma insiste em transmitir um des-conhecimento do qual o sujeito persiste em não querer saber.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
BERLIN, Jeffrey; LINDKEN, Hans-Ultich; PRATER, Donald A. Correspondencia con Sigmund Freud. In: ZWEIG, Stefan. *Correspondencia: con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler*. Barcelona: Editora Paidós Testimonios, 2004.
DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. de: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectivas, 2005. (Debates, 49/ dirigida por J. Guinsburg.)
FELMAN, Shoshana. *O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX*. São Paulo: Edipro, 2014.
FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo. In: FREUD, Sigmund. *Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII. (Obra original publicada em 1939.)
FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo. In: FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. XI. (Obra original publicada em 1914.)
GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

***

Mesa O – Mediadora: Tereza Ramos

Apontamentos de Freud a Lacan sobre a transferência. Condição e condução perante a época, o tempo e o espaço

Ricardo Luiz Alves Pimenta
Psicólogo. Psicanalista. Especialista em Saúde Mental. Mestrando em Psicologia – Processos Psicossociais/Estudos Psicanalíticos – PUC Minas. Membro fundador do Grupo de Estudos em Psicanálise – Itaúna (MG) (fundado em janeiro de 2013). Professor no curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced). Coordenador do Projeto de Pesquisa e Extensão Envelhecimento e Psicanálise e do Grupo de Pesquisa NEP: Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Faculdade Divinópolis (Faced).

Introdução

A proposta do presente trabalho é destacar alguns recortes conceituais sobre a transferência em Freud, nomeados como uma condição *sine qua non* para o fazer psicanalítico, e destacar breves apontamentos de Lacan no que diz respeito à condução diante desta condição nomeada por Freud. Sabe-se que a transferência é um dos pilares que constituem os conceitos fundamentais da psicanálise, e é notória a importância desta para aqueles que atuam com a técnica psicanalítica, seja em consultórios, escolas, hospitais, instituições, universidades, etc. Há sempre discussões em torno do fenômeno transferencial quando se promovem estudos sobre as possibilidades e as dificuldades da psicanálise.

Freud (1915/1969, p. 208), em seu texto "Observações sobre o amor transferencial", nos indicou que "as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo da transferência". Assim, pretende-se realizar paralelos e interseções, a partir das seguintes indagações: a época que vivenciamos, o tempo que presenciamos e o espaço em que nos localizamos interferem na transferência enquanto condição e condução?

Referencial teórico

Freud esclarece que a transferência se dá como uma condição para que o tratamento de análise se efetive e se estabeleça. Em sua obra "A psicoterapia da histeria" (1893), no texto "Estudos sobre a histeria", esclarece-nos: o processo é laborioso e exige muito tempo do médico. Pressupõe grande interesse pelos acontecimentos psicológicos, mas também um interesse pessoal pelos pacientes. A concordância e a atenção integrais dos pacientes são necessárias, mas, acima de tudo, é preciso contar com a sua confiança, visto que a análise invariavelmente leva à revelação dos eventos psíquicos mais íntimos e secretos.

Grande número dos pacientes que se adequariam a essa forma de tratamento abandona o médico tão logo começa a suspeitar da direção para a qual a investigação está conduzindo. Para tais pacientes, o médico continua a ser um estranho. Com outros, que resolvem colocar-se em suas mãos e depositar sua confiança nele – um passo que em outras situações dessa natureza só é dado voluntariamente, e nunca a pedido do médico – com esses pacientes, repito, é quase inevitável

que sua relação pessoal com ele assuma indevidamente, pelo menos por algum tempo, o primeiro plano. Na verdade, parece que tal influência por parte do médico é uma condição *sine qua non* para a solução do problema (FREUD, 1895).

A literatura freudiana nos indica que é a partir da configuração da transferência que o analista pode trabalhar. Em seu texto (1969b/1913b, p. 182) "Sobre o início de tratamento", nos orienta que "o momento para revelar ao paciente o significado oculto das ideias que lhe ocorrem, e para iniciá-lo nos postulados e procedimentos técnicos da análise, dar-se somente após uma transferência eficaz ter-se estabelecido no paciente". E permanece orientando que "o primeiro objetivo do tratamento é ligar o paciente a ele e à pessoa do médico. Para assegurar isto, nada precisa ser feito, exceto conceder-lhe tempo".

Em sua obra "Observações sobre o amor transferencial" (1915), esclarece-nos que a transferência é função do analisante e não do analista. Ele deve reconhecer que o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa, de maneira que não há qualquer motivo para orgulhar-se de tal "conquista", como seria chamada fora da análise. E é sempre bom lembrar-se disto (FREUD, 1915/1969).

Nesta direção, Freud (1916-1917 [1915-1917]/1969, p. 515), em sua obra "Conferência XXVII – Transferência", ressalta que "toda a presteza com que esses sentimentos se manifestam deriva de algum outro lugar, que eles já estavam preparados no paciente e, com a oportunidade ensejada pelo tratamento analítico, são transferidos para a pessoa do médico".

Em seu artigo "Recordar, repetir e elaborar" (1913), denota uma questão importante sobre dois tempos: o passado e o atual. Estaria aí um paralelo e uma interseção importante para a psicanálise? A transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição: "A repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os aspectos da situação atual" (FREUD, 1914, p. 197). Freud (1915/1969, p. 217) sinaliza que "esta transferência não exibe uma só característica nova que se origine da situação atual, mas compõe-se inteiramente de repetições e cópias de reações anteriores, inclusive infantis". Denota, desta vez, dois espaços: o espaço do novo (atual) e o espaço do antes (pelas repetições e cópias de reações anteriores). Estaria aí um paralelo e uma interseção importante para a psicanálise?

Lacan (1998c, p. 88), no seu ensino "Para-além do princípio de

realidade", relata-nos que o analista opera em dois registros: "O da elucidação intelectual, pela interpretação, e o da manobra afetiva, pela transferência". Orienta, ainda, que fixar os tempos delas é uma questão de técnica, que as define em função das reações do sujeito. E salienta que "o psicanalista dirige o tratamento" (LACAN, 1958/1998a, p. 592) e não o analisante. Estaria aí um paralelo e uma interseção importante sobre a condução e o tempo na análise?

Diante dos recortes conceituais mencionados, interroga-se: que época, que tempo e que espaço o psicanalista opera? Importante atentar que sempre o analisante se apresenta em seu discurso, por meio destas direções que o acometem, a saber: a época, o tempo e o espaço. Quantos analisantes falam de seus sintomas a partir de espaços: como a maternidade, a paternidade, a filiação, o trabalho, a família, as redes sociais, etc.? Quantos analisantes falam de si a partir do tempo: quando eu casei, quando eu divorciei, quando meus filhos eram pequenos, quando eu iniciei este trabalho na empresa, quando eu adoeci, etc.? Quantos analisantes se localizam em seus discursos a partir de épocas: na época da minha mãe eu me comportava dessa forma, na época em que eu bebia, na época do fulano e do ciclano, etc.?

Certamente, aí se encontra um paralelo e uma interseção para o fazer da clínica psicanalítica. Época, tempo e espaço são modos de o analisante se apresentar, e o analista certamente acolhe, mas não opera deste lugar. Ao analista, cabe operar pela transferência que traz a lógica do atemporal. Abreviar o tratamento analítico é um desejo justificável, e sua realização, como aprenderemos, está sendo tentada dentro de várias orientações. Infelizmente, opõe-se-lhe um fator muito importante, a saber, a lentidão com que se realizam as mudanças profundas da mente – em última instância, fora de dúvida, a "atemporalidade" de nossos processos inconscientes (FREUD, 1969a/1913a).

O analista opera, então, do lugar transferencial, da hiância, da presença-ausência, do não-todo. Opera a partir de outra lógica, pois sabe que o saber é do sujeito do inconsciente, fazendo uma torção frente à noção de época, de tempo e de espaço. Isto pode revelar uma dificuldade para o tratamento psicanalítico, no qual, na grande maioria das vezes, o analista é convidado a ocupar o lugar da verdade e do imediato, que somente o tempo do sujeito é capaz de colocá-lo e deslocá-lo dali, para, assim, encontrar seu posicionamento, em sua verdade escondida, o que vai, então, de contramão à pressa do sujeito contemporâneo (que tudo clica, tudo curte, tudo publica, tudo compartilha, tudo solicita, tudo expõe, tudo medica, num piscar de tempo).

Aliás, na virtualidade, a pressa impera. Falar livremente é diferente de falar para todos e diferente de falar *inbox*. O sujeito contemporâneo traz a marca do imediato. Estaria aí uma dificuldade para a clínica psicanalítica? Alcançar o horizonte e a subjetividade de nossa época, como nos aponta Lacan (1998b) em seus *Escritos*, por meio do texto "Função e campo da fala e da linguagem", descaracteriza ou interfere no conceito de transferência em Freud enquanto condição clínica? Seguramente, não interfere no conceito transferencial, tampouco descaracteriza a condição da transferência no fazer clínico, mas, certamente, convoca o analista a refletir sobre o manejo e a condução diante dos novos tempos e das novas formas de subjetivação.

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. Coord.: Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos; equipe: Elza Tavares Ferreira. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

FREUD, Sigmund. A psicoterapia da histeria. In: FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 253-294. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 2.) (Obra original publicada em 1893.)

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. *O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. p. 133-143. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 12.) (Obra original publicada em 1912a.)

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. p. 147-164. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 12.) (Obra original publicada em 1912b.)

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. p. 193-203. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 12.) (Obra original publicada em 1913a.)

FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I. In: FREUD, Sigmund. *O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. p. 163-187. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 12.) (Obra original publicada em 1913b.)

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial. In: FREUD, Sigmund. *O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 207-223. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 12.) (Obra original publicada em 1915.)
FREUD, Sigmund. Conferência XXVII – Transferência. In: FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917 [1915-1917]) – Parte III. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 503-521. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 16.) (Obra original publicada em 1916-1917 [1915-1917].)
LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. de: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. 6. (Obra original publicada em 1958.)
LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b. p. 237-324.
LACAN, Jacques. Para-além do princípio de realidade. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998c. p. 77-95.

***

Mediação, aposta no diálogo e utopia da comunicação: algumas contribuições psicanalíticas

Sueli R. Burgarelli
Graduada em Psicologia e mestre em Psicologia (Estudos Psicanalíticos) pela UFMG. Foi professora substituta do curso de Psicologia da UFMG, mediadora do Núcleo de Mediação e Cidadania do Programa Polos de Cidadania (Faculdade de Direito da UFMG), tutora do curso Fundamentos da Mediação Comunitária (Centro de Educação à Distância da UnB) e professora auxiliar do curso de Psicologia da Universidade Brasil (Unicastelo).

Em sociedades heterogêneas e abertas a projetos de vida e a visões de mundo variados, a diferença é mais visível e a possibilidade de confronto e de dissenso cresce. Dificuldade de harmonização e intolerância marcam trocas sociais imediatas de relações mutuamente excludentes, típicas da lógica binária, com enormes dificuldades de comunicação. Essa prevalência do binarismo evoca a mediação: a possibilidade de um ponto de contato em que diferenças e similitudes sejam

marcadas para construir pontes (NICÁCIO, 2010). Para esta autora, não há definição conclusiva do termo "mediação", que, rico e controverso, nomeia concepções e práticas muito diferentes.

No Brasil, o novo Código de Processo Civil (2016) incentiva a arbitragem, a conciliação e a mediação para tratar conflitos jurídicos. A Lei nº 13.140, de 26 de junho de 2015, apresenta a mediação como forma de solucionar controvérsias, como atividade técnica exercida por terceiro imparcial sem poder decisório que, aceito ou escolhido pelos envolvidos, os estimula a identificar ou desenvolver soluções consensuais para a controvérsia (BRASIL, 2015). A mediação judicial brasileira vem de uma tradição que a reduz a uma técnica universal de gestão de conflitos. Oriundas do pragmatismo norte-americano, essas "Alternative Dispute Resolutions" rejeitam o conflito e se pautam por ideais de harmonia e eficiência, desconsiderando que o conflito é inerente às relações humanas.

Mas há outros matizes. Em Belo Horizonte, duas referências em mediação extrajudicial, os Núcleos de Mediação e Cidadania do Programa Polos de Cidadania e o Programa Mediação de Conflitos da Secretaria de Estado de Defesa Social, favorecem participação e gestão ativa, almejando, além do acordo, emancipação e responsabilização. Esta metodologia dialógica da mediação, de inspiração francesa, busca transformar os envolvidos no conflito e suas relações, não é limitada pelo propósito do acordo, toma a mediação como dinâmica criadora e gestão ativa de conflitos pela catálise de um terceiro e tem potencial para prevenir e gerir conflitos, ser estratégia de promoção de emancipação e realizar cidadania, democracia, solidariedade e paz social.

Para tanto, segundo Orsini e Silva (2016), é preciso não supervalorizar o acordo e dirigir os objetivos da mediação para melhorar a relação entre os envolvidos e destes com o conflito, facilitando uma comunicação eficiente, com escuta recíproca e troca de informações para estimular o reconhecimento mútuo e consciente de necessidades. A tradição dialógica da mediação (comunicação honesta para reduzir mal-entendidos e aumentar o reconhecimento da legitimidade das preocupações do outro) permite escuta empática e exercício da alteridade, criando intercompreensão para alcançar objetivos comuns e ressignificar relações. Para as autoras, a mediação pode alterar o paradigma adversarial das sociedades contemporâneas, desde que seja gerida no seio da sociedade. Nesta mediação, o diálogo, a intercompreensão, a empatia e a emancipação são a tônica das relações.

Esta aposta pode ser considerada tributária da utopia da comunicação por postular que a intercompreensão, a partir de uma atitude honesta e de atos de vontade da consciência, pode se dar em todas as situações de conflito. Com relação a isso, vale lembrar Jean-François Six, importante teórico francês, para quem "a mediação [...] é o inverso dessa utopia da comunicação [...]; ela recusa que o homem seja achatado à horizontalidade das trocas de informações e à superfície de espaços em duas dimensões. O que ela deseja, sim, é suscitar sem cessar o '3'" (2001, p. 6).

A lógica ternária é crucial para a mediação e para a psicanálise. A constatação de pensamentos que não correspondem aos critérios aristotélicos, prioritariamente imaginários, mobilizou todo o empreendimento freudiano. Foi na hiância entre imaginário e simbólico que a psicanálise se aninhou, destacando sempre a recorrente incisão de um buraco na unidade imaginária. Tanto na teorização freudiana quanto na lacaniana, a ênfase no simbólico serviu para diferenciá-lo do imaginário, e o próprio movimento de destacar a defasagem entre os dois registros permitiu vislumbrar algo do real (BURGARELLI, 2007).

Essa configuração ternária, nos registros real, simbólico e imaginário, serve à mediação, pois as pessoas assim organizam suas experiências. Não basta abordá-las de uma perspectiva simbólico-imaginária; é preciso atentar para o que de real se presentifica no conflito e nas tentativas de superá-lo (BURGARELLI, 2010). Sobre essa intrusão do real, Dunker (2017a) coloca uma questão perturbadora que interessa à mediação: "Quantos gramas de real existem em uma determinada articulação simbólico-imaginária?". Ele lembra que a separação entre simbólico e imaginário pode se dar através de certos atos que decidem seu sentido e sua ordem e ressalta que o erro e a falha são o que há de mais real e que o fato de este real emergir e não ser reconhecido é o que há de mais trágico.

Na mediação e no tratamento analítico, o descentramento do sujeito em relação ao eu, assim como a falha entre simbólico e imaginário, borromeanamente concebidos em relação ao real, favorece descolamentos e deslocamentos necessários à transformação implicada em ambos os campos. Mas é preciso lembrar que a mediação e a psicanálise são operações que deixam um resto não assimilável e que implicam, necessariamente, a questão do posicionamento do sujeito (BURGARELLI, 2010).

Safatle (2017) contribui para esta discussão ao afirmar que a organização dos conflitos a partir da expectativa de diálogo produz niilismo

e violência. O diálogo pressupõe que todos os conflitos e todas as posições conflitantes façam sempre referência a uma gramática comum, a um conjunto de valores partilhados que organize a compreensão do que é um enunciado válido. Este é o ponto que torna esta pressuposição falaciosa: grande parte dos conflitos mostra exatamente que inexiste essa gramática comum. Cada ser humano é legatário de experiências históricas muito distintas. Além disso, a circulação da linguagem não se resume ao diálogo e à comunicação. Lacan (1975-1976/2007) buscou elucidar uma especificidade do funcionamento psíquico de James Joyce que muito lhe interessou: a possibilidade de nomear a partir da lógica do gozo e desfrutar da linguagem usando o significante sem pretender produzir significado. Há palavras que não comunicam nem argumentam; elas instauram, mobilizam novos afetos e desativam antigos, reconstroem identificações. Para Safatle, o que falta nas sociedades contemporâneas não é dialogar, mas encontrar a palavra na sua força instauradora. E compreender afetos é ampliar a razão.

Dunker (2017b) aponta o uso da ideia de desconstrução como uma das novidades mais interessantes do novo discurso feminista, que contrasta com apostas no processo de construção, na tomada de consciência e na produção de laços para emancipação. Trata-se de uma prática de reflexão feita na expansão dos valores, categorias e identidades próprios, um método de leitura de textos que opera a partir de desvios da crença na unidade e identidade do seu sentido. O princípio elementar é suspender oposições binárias e suspeitar da voz que define quem é quem. Outra contribuição lacaniana tem a ver com esta ideia: a lógica do "tudo, mas isso não", que favorece desidentificações e saídas subjetivas que permitem escapar de prisões identificatórias.

A afirmação de que é racional parar de dialogar (Safatle) e a importância atribuída à desconstrução (Dunker) apontam para a necessidade de superar a aposta, tão reiterada, na capacidade de o diálogo e a comunicação, amparados pela consciência e por atos de vontade, obterem êxito na tratativa de todas as situações de conflito. Conclui-se que a psicanálise freudiana e sua retomada lacaniana, assim como a contribuição de psicanalistas brasileiros da atualidade, são referências profícuas para a discussão sobre os limites dessa aposta, tão supervalorizada pelas teorias da mediação, na comunicação, no diálogo, na consciência e na vontade como estratégias universalmente válidas para superar conflitos.

Referências

BRASIL. Lei nº 13.140, de 26 de junho de 2015. *Diário Oficial da União*. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13140.htm>. Acesso em: 24 fev. 2017.

BURGARELLI, Sueli Rodrigues. *Impasses e dificuldades nas formulações freudianas inaugurais sobre a psicose: uma abordagem retroativa de Lacan a Freud*. 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia/Estudos Psicanalíticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BURGARELLI, Sueli Rodrigues. Mediação & Psicanálise: o "3" em questão. In: DIAS, Maria Tereza Fonseca (Coord.). *Mediação, cidadania e emancipação social: a experiência da implantação do Centro de Mediação e Cidadania da UFOP e outros ensaios*. Belo Horizonte: Fórum, 2010. p. 191-206.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Espelho, espelho nosso. *Revista Brasileiros*, ed. 115, mar. 2017a. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2017/03/espelho-espelho-nosso/>. Acesso em: 29 mar. 2017.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Homens desconstruídos. *Revista Mente Cérebro*, n. 289, fev. 2017b. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/homens_desconstruidos.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. 249p. (Obra original publicada em 1975-1976.)

NICÁCIO, Camila Silva. Mediação para a autonomia: alteridades em diálogo. In: DIAS, Maria Tereza Fonseca (Coord.). *Mediação, cidadania e emancipação social: a experiência da implantação do Centro de Mediação e Cidadania da UFOP e outros ensaios*. Belo Horizonte: Fórum, 2010. p. 151-168.

NICÁCIO, Camila Silva; OLIVEIRA, Renata Camilo. A mediação como exercício de autonomia: entre promessa e efetividade. In: PEREIRA, Flávio Henrique Unes; DIAS, Maria Tereza Fonseca. *Cidadania e inclusão social: estudos em homenagem à professora Miracy Barbosa de Sousa Gustin*. Belo Horizonte: Fórum, 2008. p. 111-120.

ORSINI, Adriana de Sena Goulart; SILVA, Nathane Fernandes da. Entre a promessa e a efetividade da mediação: uma análise da mediação no contexto brasileiro. *Revista Jurídica da Presidência*, Brasília, v. 18, n. 115, p. 331-356, jun./set. 2016.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. É racional parar de dialogar. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 mar. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/

colunas/vladimirsafatle/2017/03/1865063-e-racional-parar-de-dialogar.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2017.
SIX, Jean-Françoise. *Dinâmica da mediação*. Trad. de: Giselle Groeninga de Almeida, Águida Arruda Barbosa e Eliana Riberti Narazeth. Belo Horizonte: Del Rey, 2001. 235p.

***

Demandas: entre sujeito de direito e desejo

Janilton Gabriel de Souza
Psicanalista. Mestre em Psicologia pela UFSJ. Especialista em Teoria Psicanalítica.
Membro do Interfaces – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicanálise.

A provocação que tangencia o presente título denuncia um convite à reflexão da Psicanálise em interface com o Direito. Ainda, trata-se de uma aposta no sujeito de desejo, que pode se apresentar nos variados contextos, no Tribunal de Justiça, especificamente, na Vara de Família, lugar de nossa aposta, inclusive. Assim, nesse cenário, nos lançamos à escuta e articulação teórica de uma práxis em um dispositivo diferente, por não conter ali os elementos de um consultório tradicional e, pelas razões da chegada, serem transvestidos de uma colcha com o significante nela estampada: Justiça.

Diante deste significante, os sujeitos em processo de divórcio ou decorrentes dele esperam que seu representante, o juiz, servindo-se de seu poder, julgue as duas versões e diga a boa medida entre elas. Ao fazerem isso, evidenciam, inicialmente, o conflito amoroso, entretanto, esse aponta para um tipo diferente de conflito, que buscaremos delinear neste trabalho, articulando-o à concepção de demanda. Demanda que se apresenta como jurídica, todavia iniciada, muitas vezes, a partir de uma demanda psíquica.

Esse tipo de demanda mostra algo que provocamos na nomeação inicial "entre", que diz respeito à dimensão do desejo e que, em última instância, é caro na Psicanálise, quer esteja em um consultório ou em uma instituição. Para isso, é necessária uma subversão da demanda jurídica para abrir uma possibilidade de trabalho com o sujeito nesse lugar.

Para esse exercício, recorremos a Lacan (1953-1954/2009, p. 19), em seu primeiro seminário, no qual propõe a pergunta: "O que fazemos quando fazemos análise?". Esta pergunta se apresenta ao propormos

uma articulação com o Direito, o qual pode servir de veste, em muitos casos, para algo do sujeito. Vestimenta ao seu sintoma, o qual nada quer saber, mas, apesar disso, sofre.

O sofrimento conduz a produzir um movimento igual, ou seja, de solicitar ao outro que faça por ele, no caso do Tribunal de Família, um pedido nas formas da lei a ser apurado pelo juiz. A partir da práxis, perguntamo-nos sobre o trabalho com aqueles que chegam a esse lugar. Para isso, partimos da aposta de Miranda Júnior (2010, p. 23), que descreve que a atuação do psicólogo e psicanalista no Tribunal de Justiça "não é pericial, devendo pautar-se pela escuta da singularidade e pela intervenção na dinâmica familiar".

Tal formulação abre espaço para questionarmos as demandas dos cidadãos à justiça, especialmente buscando analisar o pedido outro, desfilado nas reincidências processuais e nos conflitos judiciais. Essa outra demanda, denominada por nós de demanda psíquica, aponta para "outra cena", a do inconsciente. Ao compreender este outro pedido, podemos pensar a própria insistência, que parece apontar para um resto, um gozo, próprio do sintoma de cada sujeito, que encontra na cena jurídica um lugar para se relançar... repetindo, com nomes diferentes, com processos chamados de divórcio, de modificação de guarda, enfim, nomes que vestem um sintoma do sujeito e como roupagem são trocados à revelia, sempre tamponando a nudez do problema.

Entretanto, além destas vestes jurídicas, há as roupagens típicas do desencontro amoroso. Para que isso aconteça, o outro é tomado como parte do sintoma do sujeito, sendo que, a partir disso, ele apontará o parceiro como responsável pelos seus infortúnios.

Diante deste cenário, pudemos observar alguns desdobramentos aos casos que chegam à Vara de Família da Comarca de Varginha: há os que se valem da justiça para manter o vínculo amoroso, ainda que já em outra face, ou seja, de ódio; os que atravessam o encontro com a lei e começam um processo de reedição de suas posições subjetivas; ou, ainda, aqueles que nada querem saber e, muitas vezes, só comparecem nas "audiências de instrução e julgamento"[18] e os que preferem nem isso fazer. Muitas vezes, o sujeito nos chega depois de uma determinação

[18] A audiência de instrução e julgamento acontece depois da audiência de conciliação, no caso, quando esta última resta infrutífera. A primeira é realizada pelo juiz da Vara de Família, o qual poderá, depois de ouvir as partes e analisar os documentos e alegações do processo, decidir ele próprio a melhor saída para o conflito com base na lei e nas suas convicções pessoais.

judicial para um "estudo psicológico"[19], designado pelo juiz. Outras vezes, a partir do encaminhamento para atendimento, normalmente vindo a partir de uma audiência na Central de Conciliação.

É comum ouvir, nos primeiros atendimentos, um discurso escorado no jurídico e na sua relação com o parceiro. Assim, os sujeitos valem-se da díade vítima-culpado e dos elementos de prova, exigidos pela justiça, para atestar que o parceiro seja o culpado.

Esse é um atributo muito comum encontrado na clínica com as histéricas, como menciona Miller (1997, p. 228): "É possível que um sujeito histérico traga para consulta traço do outro, e aí se coloca para as entrevistas preliminares o problema de distinguir entre o que pertence ao sujeito em questão e o que pertence ao outro".

Sob a manta da justiça, o sujeito empreende uma acusação ao companheiro por seus conflitos, mostrando com as mais variadas "provas" a culpa de seu companheiro. Dessa forma, o movimento inicial, normalmente, segue uma falta de implicação. O sujeito nada querendo saber de suas questões procura o juiz para que lhe diga a justa solução para seu impasse e/ou responsabilize o parceiro pelo seu sofrimento.

Freud (1919[1918]/1996), em "Linhas de progresso na terapia psicanalítica", já aventava a possibilidade da clínica em extensão, nesse momento, nos ambulatórios públicos. Ele considerava que, em um novo espaço, a técnica precisasse sofrer os ajustes para produção do efeito analítico. Neste sentido, suas palavras são vívidas ao ancorar a técnica e a própria ética: "Quaisquer que sejam os elementos dos quais se componha, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa" (p. 181).

Em Lacan (1959-1960/2008), principalmente, essa prática psicanalítica para além dos consultórios é ainda mais trabalhada, pois dá ênfase à ética da psicanálise associada ao desejo do analista, conforme se vê em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rabinovich (2000) explica que o desejo do analista está associado à própria elaboração da ética, a qual consiste em propiciar ao sujeito reconhecer-se como desejante.

Quando expomos o exercício do psicanalista, pensamos na sua função, a qual pode subverter a demanda, inicialmente formulada. É

---

[19] É assim a descrição usada pelos operadores do Direito para designar a avaliação do psicólogo.

evidente que a consequência disso em uma análise é a possibilidade de surgimento da transferência, a qual permite o trabalho com o analisando.

A própria transferência nesse dispositivo, muitas vezes, acontece a partir da demanda formulada pelo sujeito, que pode se estabelecer a partir do parâmetro de perito ou como aquele que lhe oferta uma ajuda ao seu sofrimento. Embora haja certos limites, nada nos impede de atuarmos no sentido de fazer surgir o desejo do sujeito. Se a responsabilidade é atribuída a terceiros, ao parceiro ou mesmo ao juiz, ora culpando o outro e ora outorgando-lhe a responsabilidade de resolução de seus conflitos, o trabalho psicanalítico coloca o sujeito frente a sua queixa e indaga a sua participação na situação. Desse modo, ao fazer semblante ao que nos chega, possibilitamos a subversão da demanda e com ela um caminho para a retificação do sujeito.

Todavia, nem sempre isso acontece, mas é certo que muitos manejos feitos a partir da escuta do sujeito podem promover uma retificação ou um deslocamento, que podem ser cruciais para o sujeito em conflito. Conflito que, como pudemos acompanhar, atravessa uma institucionalização, o conflito jurídico, mas que, em muitas ocasiões, esconde o próprio conflito psíquico que o sujeito pode estar vivenciando. Esse conflito ocorre em decorrência da dualidade sintoma e desejo. A tentativa de reencontrar a maneira que funcionara pode ser via justiça. Em muitos casos, o pedido de divórcio, ou popularmente chamado de separação, pode trazer um anseio de uma separação que perfila além da separação de fato, pois porta algo de uma dimensão anterior, constatado ao longo de sua história e de sua vida psíquica.

O Direito tem suas próprias leis, de forma que "aquele que assinou não pode, mais tarde, querer recuperar o papel assinado" (MILLER, 1997, p. 241). No caso do casamento, o divórcio traz as consequências da quebra de um contrato. O que nos leva a compreender que, mesmo o esforço em garantir a união dos parceiros por meio do casamento, em outras palavras, contratualmente, mostra-se insuficiente, pois o dito pode ser desdito.

Muitas vezes, a mantença do casamento é incentivada pela religião e pelos discursos sociais. Esses ideais podem ser transferidos ao judiciário, justamente pelo Direito sofrer influências socioculturais. Ao questionar esses ideais, concluímos que, na dimensão psíquica, a mantença da relação, muitas vezes, ratificada pela existência dos filhos, não assegura a realização dos papéis de mãe e de pai, pois estes se situam simbolicamente.

Falávamos nos bastidores da justiça entre os profissionais "psi" que onde houvesse uma pessoa que pudesse falar, existia uma possibilidade de escuta e de trabalho do psicanalista. O cenário pode ser diferente de um consultório tradicional, mas aproxima-se bastante da clínica em extensão, ou seja, do trabalho fora do molde comum.

Entretanto, nesse seu exercício, o posicionamento crítico ou, em melhores palavras, ético, é fundamental, pois, ao aceitar ocupar um lugar nos modelos almejados pelos operadores de Direito, pode não só corroborar com os preceitos e a expectativa de adaptação do sujeito às normas, mas, também, inviabilizar qualquer forma de atuação junto ao sujeito. Nesse aspecto, as palavras de Miller (1997, p. 254) são importantes para dimensionar nosso trabalho: "Na psicanálise, o sujeito é constituído tão-somente ao nível ético".

Dessa maneira, ao nos referimos à subversão de uma demanda jurídica, condicionamos as duas dimensões: institucional, do Tribunal de Justiças, e a da pessoa que chega à Vara de Família. Em ambas, o psicanalista deve acolher, mas nunca atendê-las. Nesse aspecto, Lacan (1958/1998) é enfático ao dizer, em "A direção do tratamento e os princípios de seu poder", que "a demanda é propriamente aquilo que se coloca entre parênteses na análise, estando excluída a hipótese de que o analista satisfaça a qualquer uma" (p. 647). Ao fazer assim, pode provocar a emersão do sujeito e de seu desejo.

A ideia que se repete nos filmes americanos, de que "tudo que você disser poderá ser usado contra você mesmo" ou "que ninguém é obrigado a produzir provas contra si mesmo", mostra o que Miller (1997) situa entre o dito e dizer. Na Psicanálise, contrariamente ao Direito, o sujeito é convidado a testemunhar contra si mesmo por meio da associação livre, porém, o que disser não será usado contra ele. Nesse sentido, o manejo do profissional pode produzir novos efeitos subjetivos e, para que isso ocorra, não existem regras, mas recomendações a serem seguidas em cada caso, pois "aquilo que é psíquico, é tão único e singular, que nenhuma comparação pode refletir a sua natureza" (FREUD, 1919[1918]/1996, p. 175).

Para concluir, retoma-se uma metáfora, normalmente atribuída a Michelangelo e que se refere à obra de arte. Certa vez, perguntaram ao artista sobre o tema, e ele respondeu: "Dentro da pedra, já existe uma obra de arte. Eu apenas tiro o excesso de mármore". Podemos pensar isso na dimensão da demanda jurídica, que, no pedido, muitas vezes, já pode existir uma demanda psíquica e que o sujeito, ao falar, pode revelar algo mais do que diz.

A neurose consolida-se ao longo da vida do sujeito como uma rocha, deixando-o cristalizado no entorno dela. O psicanalista pode despertá-lo e convocá-lo à extração rochosa. Em alguns casos, conseguimos e, em outros, não. Em alguns, a rocha trinca e, em outros, permanece intacta. Nossa aposta é sempre a de provocar uma rachadura e, através dela, despertar o sujeito e seu desejo de movimento. É nisso que apostamos.

Referências

FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. p. 169-189. (Obra original publicada em 1919[1918].).

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 591-652. (Obra original publicada em 1958.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. (Obra original publicada em 1953-1954.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Obra original publicada em 1959-1960.)

MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MIRANDA JÚNIOR, Hélio Cardoso de. *Um psicólogo no Tribunal de Família. A prática na interface direito e psicanálise*. Belo Horizonte: Artesã, 2010.

RABINOVIVH, Diana. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

***

Mesa P – Mediador: Weverton Duarte Araújo

Psicoterapia breve e consultas terapêuticas: a questão do tempo no trabalho clínico

Aline Vilarinho Montezi

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, mestre em Psicologia como Ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e treinada em Terapia Breve Psicanalítica pelo Sappe (Serviço de Assistência Psicológica ao Estudante), da Unicamp.

A partir da metade do século XX, com o final da Segunda Guerra Mundial, bem como a abertura de centros ambulatoriais de atendimentos psiquiátricos, tanto na Europa como nos EUA, as técnicas de psicoterapia breve ganharam maior força e espaço.

Desde o nascimento da psicanálise, é possível perceber, ainda que de forma não intencional, que a psicoterapia breve foi praticada por autores como Freud, Ferenczi, Rank e Alexander. No entanto, questionava-se a respeito da eficácia de enquadres clínicos realizados em um tempo menor, dado que o dispositivo padrão da psicanálise propõe o uso do divã para promover a regressão do paciente e, por meio da neutralidade e abstinência, trabalhar a transferência.

Seguindo a conduta de adaptar a técnica psicanalítica à necessidade de cada caso, o psicanalista Winnicott, desde o início de sua atuação, praticou o que denominou de "Consultas Terapêuticas", cujo número de sessões era pequeno, mas que se mostravam bastante eficazes, principalmente para cuidar do sofrimento de crianças.

Tal prática reflete que, desde a consolidação da psicanálise enquanto uma possibilidade de tratamento, existe a necessidade de rever o enquadre clássico para determinados pacientes. A complexidade da vida sempre angustiou as pessoas. No entanto, a limitação de disponibilidade interna e de recursos financeiros não necessariamente deve ser um impeditivo para que busquem ajuda.

Sustentado nesses pressupostos, Gillierón (2004), psicanalista suíço, desenvolveu um enquadre específico em Terapia Breve: em um primeiro momento são realizadas quatro sessões, a fim de obter uma compreensão rápida e profunda do que ocorre com o paciente, bem como as elaborações que ele faz a partir dessa compreensão do terapeuta. Ao final da quarta sessão, ambos discutem a respeito do que foi conversado nas quatro sessões e decidem se haverá ou não continuidade. Em vários casos, as quatro sessões mostram-se suficientes para o paciente recuperar o equilíbrio que tinha antes de a crise acontecer.

Assim, foi comprovado que é possível o paciente criar recursos internos para lidar com uma determinada questão em um tempo curto. Com base nesse enquadre proposto por Gillierón (2004), e nas Consultas Terapêuticas winnicottianas (2006), relatarei um caso clínico, cuja duração foi de quatro sessões:

> Hortência, uma moça de 33 anos, com boa aparência e levemente apática, buscou terapia porque estava muito triste com o fim de um relacionamento breve que tivera com um moço. Não compreendia

> o que acontecia com ela, pois se considerava disponível e dedicada aos parceiros com quem iniciava um envolvimento amoroso. Na primeira conversa que tivemos, ela foi clara quanto ao objetivo: compreender o que havia acontecido, mas em um tempo mais curto porque dispunha de poucos recursos financeiros e não estava certa se gostaria de se implicar em um processo terapêutico mais longo. No entanto, estava preocupada com sua tristeza e com o fato de ter emagrecido muito nos últimos dias.
> Combinamos de nos encontrar quatro vezes, tal como propôs o psicanalista Gillierón (2004), para avaliar a demanda e o caminhar de nossos encontros. Ao longo das quatro sessões, percebemos que o luto que Hortência vivia estava relacionado, também, à separação dos pais, que ocorreu quando ela e a irmã estavam no final da adolescência. Cada relacionamento que ela iniciava parecia haver uma expectativa de superar o abandono de seu pai. A paciente parecia ter vivido uma experiência de descontinuidade e buscava, incessantemente, uma pessoa com quem pudesse recuperar aquilo que foi perdido na separação dos pais. No entanto, quando encontrava parceiros que lhe despertavam interesse, fundia-se de tal forma ao outro, que não conseguia dar conta de suas atividades e de seu mundo interno.
> Conversamos sobre isso durante os quatro encontros que tivemos. Ao final da quarta sessão, relatou que estava menos angustiada e havia recuperado seu apetite. Conforme combinamos na primeira sessão, se, ao final da quarta ela sentisse que não havia necessidade de continuidade, encerraríamos ali. E assim foi feito.

A partir do caso de Hortência, podemos compreender que o fator tempo pode ser algo muito subjetivo no processo psicoterapêutico, e compreender isso exige que o terapeuta mantenha uma postura flexível em relação ao enquadre.

As quatro sessões permitem a compreensão do paciente a respeito do que está acontecendo no momento da crise, facilitando a criação de novos recursos internos. Em alguns casos, em que ele apresenta claramente um movimento de resistência, mesmo buscando ajuda para lidar com um problema específico. As quatro sessões podem cumprir a

função de preparação para um processo psicoterapêutico mais longo posteriormente.

Semelhante às Consultas Terapêuticas de Winnicott, que naquele momento já se mostraram eficazes no que se refere ao cuidado com o paciente, a uma importante alternativa econômica, e como instrumento potente em diagnósticos, as quatro sessões também requerem o que Winnicott (1962/1983) denominou de "ser um psicanalista fazendo outra coisa": "A análise só pela análise para mim não tem sentido. Faço análise porque é do que o paciente precisa. Se ele não tem necessidade de análise, faço outra coisa. Em análise se pergunta: quanto se deve fazer? Em contrapartida, na minha clínica o lema é: quão pouco é necessário ser feito?" (WINNICOTT, 1962/1983, p. 152).

No entanto, para que isso realmente seja possível, é necessário que o terapeuta se desprenda da ortodoxia e permaneça constantemente atento ao que de fato o paciente está buscando. Assim, permite-se a criação de uma situação clínica segundo suas necessidades e em um tempo singular.

Referências

GILLIERÓN, Edmond. *Introdução às psicoterapias breves*. Trad. de: Maria Firer Tanis. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LINS, Maria Ivone Accioly. *Consultas terapêuticas – Uma prática clínica de D. W. Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

WINNICOTT, Donald Woods. Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1983. (Obra original publicada em 1962.)

***

Intervenções sobre o sintoma e o desejo do analista: considerações

José Sávio Theodoro de Oliveira

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Carlos Drummond de Andrade

Introdução

Este breve ensaio pretende discorrer sobre questões levantadas e comentadas por Freud em seu artigo "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" (FREUD, 1976b). Uma dificuldade ou dificuldades? No caminho tinha uma pedra ou várias? Pretendo salientar um pouco das dificuldades encontradas no exercício da clínica, questões analisadas e debatidas por Freud, Lacan e outros comentadores, da psicanálise, como Colette Soler e Jacques-Alain Miller. Miller, no livro *O osso de uma análise* (MILLER, 2015), utiliza, como referência em sua explanação, o poema de Carlos Drummond de Andrade "No meio do caminho" e parte da afirmação de que há obstáculos ou pedras no caminho de todo tratamento, resultado da própria estrutura do falasser, um conceito lacaniano que implica o que ele chama de "o problema de Lacan" e que, acrescento, de todos nós, analistas.

O analista e o parceiro-sintoma

Para falarmos em parceiro-sintoma, precisamos delimitar, mesmo que brevemente, a qual percurso corresponde minhas considerações, ou seja, aquilo que costumamos chamar da passagem da primeira clínica de Lacan para a segunda. Na primeira, é comum dizermos que ela é regida pelo registro do simbólico, devido à "autonomia" do significante e, na segunda, a psicanálise vai além do Édipo, ou seja, além do sentido de pai. A primeira, sob uma perspectiva em que os laços sociais são verticalizados, e a segunda sofreria uma horizontalização, devido ao declínio cada vez maior do patriarcado.

Segundo Soler (1998), a opção de Lacan é preconizar a identificação ao sintoma, ao especificar ser isso o que o sujeito pode fazer de melhor. Seria esta uma nova visão de conjunto sobre a função do sintoma, reduzindo sua conotação patológica, pois seria muito pouco dizer simplesmente como dizia Freud, que o sintoma é o substituto anômalo de uma satisfação sexual, uma vez que esta última não se inscreve senão no inconsciente, na linguagem, através das pulsões parciais – descoberta freudiana –, que ignoram a diferença dos sexos. É importante dizer que a satisfação que se prende ao encontro sexual é, em cada caso, sintomática. O sintoma, em sua singularidade, é que garante a cópula do sujeito com o seu gozo. O sintoma é, portanto, o que, em todos os casos, faz suplência à ausência de uma relação sexual inscritível.

Assim sendo, pergunto: o que seria do sujeito sem sintoma? A tese principal, que a psicanálise propõe desde sua origem, seria o recalque das pulsões que condiciona seu retorno ao sintoma (SOLER, 1998). Ali Freud opera com dois termos: a pulsão, exigindo um gozo específico, e o eu (*ich*) como princípio de defesa e rejeição no que concerne a essa exigência, digamos, termos inconciliáveis. Então, a questão que não se cala passa a ser qual seria o destino do recalque durante e depois da análise (FREUD, 1937). Freud enfatiza o aspecto epistêmico do processo analítico, o ganho de saber que se espera de uma análise. Em um processo de análise, sabemos que esta incógnita do sintoma é dirigida ao analista para que ele a decifre; o analista, no lugar do oráculo ou do sujeito suposto ao saber(SsS).

Como sabemos, o sintoma não é só mensagem, mas um modo de gozar do sujeito. Daí a dificuldade de se desvencilhar dele. Freud cita um exemplo da paixão da ignorância, ao dizer que "o neurótico ama mais seu sintoma que a si mesmo. Demanda análise pelo sofrimento do sintoma, mas não quer pagar o preço do saber sobre a castração" (FREUD, 1969/1913, p. 164). Esta função do sintoma está presente no seminário que Lacan dedica a Joyce (LACAN, 1975/1976, p. 41). Ele desloca sua concepção de sintoma como metáfora significante que pede uma decifração em análise por parte do analista para desenvolvê-lo em relação ao real do inconsciente, na configuração letra e gozo. O sinthoma "intersecção" entre significante e gozo.

No prefácio de *O osso de uma análise* (MILLER, 2015), Bernardino Horne nos lembra que o coração da leitura de Miller se sustenta em três afirmações. Na primeira, destaca que o gozo não é possível sem referência ao corpo. Na segunda, que, se é verdadeiro que existem dois efeitos do significante no copo-a mortificação do corpo e a produção do mais-de-gozar, o essencial é que o significante é a causa de gozo. A terceira é que a incidência do gozo do significante sobre o corpo é o que Lacan chama "o sintoma", passando a ser o ponto de partida e que nós deveríamos nos ater no final do processo analítico, ou seja, o sintoma é interseção entre significante e gozo, do mesmo modo que, para Freud, a pulsão era o conceito limítrofe entre o psíquico e o somático.

Final de análise e os sintomas como resíduos do próprio tratamento

Sabemos que os analistas da psicologia do Ego, como também os da escola inglesa e IPA, defenderam um final de análise pela identificação

ao analista, e Lacan propõe ao sujeito identificar-se antes a singularidade de seu sintoma e interroga à qual necessidade obedeciam aqueles que sustentavam a identificação ao analista. Segundo Soler (1998), em *A psicanálise da civilização*, o analisando modifica o sintoma – o que Lacan chamou de um sintoma despojado de seu invólucro imaginário, podendo, assim, ser reduzido ao seu núcleo mais real, ou seja, a sua letra última, nos lembrando que não se trata apenas de uma conformidade, um acostumar-se, ou "eu me aguento assim mesmo", mas um "sintoma transformado, despojado de seu invólucro imaginário e significante", reduzido a seu núcleo mais real, a sua letra última.

O desafio de um final de processo de análise seria encarar o sintoma como uma parte do Real, o qual Lacan nomeou de falasser – como disse o poeta Caetano Veloso, na música "Dom de iludir": cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é (...) Ou, como cita Miller (2015, p. 90),

> o sintoma não se atravessa, não cai, a libido é uma constante, onde não há desinvestimento libidinal. Este obstáculo é resultado ou inerente da própria estrutura do que Lacan chama de estrutura do Falasser. (O falasser não é um corpo – como ocorre no reino animal, pois o animal está totalmente identificado a seu corpo –, mas ele tem um corpo. Ter um corpo e não ser um corpo quer dizer que ele é também sujeito, portanto, afetado pela falta-a-ser que introduz o significante que divide seu ser e seu corpo ($).

A noção de identificação ao sintoma, segundo Soler (1998), é coerente com a necessidade de reatar o nó, no final de análise, com o efeito de "ser", obter um sujeito determinado quanto ao que ele quer e quanto ao que ele é, mas não pela via da identificação ao Outro, pois o que esta poderia garantir seria apenas máscara, mentira, e o analista não poderia ser cúmplice disso. A identificação ao sintoma seria, então, no outro extremo do ensino de Lacan, o que designa como a finalidade primeira da análise, reunir-se em um "eu sou" que não seja semblante.

Considerações finais

Considero que estamos vivendo um momento em que a psicanálise continua cada vez mais viva, e que ela não tem se omitido em fazer uma leitura dos novos tempos e dos novos "rearranjos". Daí a importância das releituras e das propostas que nos provoquem um novo olhar à nossa práxis analítica do dia a dia.

Referências

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. XVII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976a.
FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. XXIII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976b.
LACAN, Jacques. *Seminário XI*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1992.
LACAN, Jacques. *Seminário XXIII*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
LAIA, Sérgio. O sintoma como problema e como solução. *aSEPHallus*, Rio de Janeiro, v. III, n. 6, art. 03, maio/out. 2008.
MILLER, Jacques-Alain. Les six paradigmes de la jouissance. *La Cause Freudienne, Revue de Psychanalysel*, Paris (França), n. 43, p. 23, out. 1999.
MILLER, Jacques-Alain. *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2015.
MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan, duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1987.
SOLER, Collete. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

***

A contratransferência na perspectiva freudiana

Alessandra Pereira Ribeiro

O conceito contratransferência aborda os sentimentos suscitados pela paciente na analista durante o tratamento. Segundo a historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco (1998), a primeira menção à existência de uma reação do analista em relação ao paciente é feita por Sandor Ferenczi em uma carta a Freud, datada de 22 de novembro de 1908: "Agora, as análises estão indo muito bem. Evidentemente não sempre: há dias em que se vivenciam momentos muito desagradáveis. Continuo assumindo demais o problema do doente como problema meu" (FERENCZI, 1994 *apud* ANTONELLI, 2006, p. 29).

Todavia, é notório que o assunto já estava presente para Freud alguns anos antes. Em 1905, o próprio Freud já havia percebido que, para além da transferência do paciente, existia algo, ainda não definido, do lado do analista. Durante o atendimento clínico de Dora, Freud é afetado por sentimentos que o impossibilitaram perceber fatos

importantes sobre o caso, o que acabou ocasionando a interrupção repentina do tratamento. Gay aponta que a princípio Freud consegue notar o quanto o término do tratamento afetou Dora e só posteriormente pôde perceber que algo mais aconteceu, como o próprio Freud aponta no pós-escrito ao caso: "Quem, como eu, desperta os demônios mais malignos com que pode lutar", exclamou a passagem mais retórica de sua narrativa, "demônios que habitam não totalmente domesticados no íntimo humano, deve estar preparado para sair ferido nessa comenta" (GAY, 1923/1989). Ou seja, este final abrupto não feriu apenas Dora, mas também Freud.

Birman (1991) afirma que, para enfrentar as resistências do analisando, é necessário que o analista supere suas próprias resistências em relação à sexualidade. Em uma nota de rodapé, no caso de Dora, Freud diz: "Antes de reconhecer a importância da corrente homossexual dos psiconeuróticos, fiquei muitas vezes atrapalhado ou completamente desnorteado no tratamento de certos casos" (FREUD, 1905/1996, p. 114).

O termo contratransferência aparece pela primeira vez em 1910, no artigo "As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica", no qual Freud fala sobre sentimentos do analista que podem ser influenciados pelo paciente. Freud alerta sobre a necessidade de que a contratransferência seja percebida e manejada. Diante da contratransferência, Freud vê como uma condição fundamental a análise pessoal do médico, que se propõe a praticar a psicanálise. O psicanalista afirma que apenas com análise pessoal os médicos podem trabalhar suas próprias resistências, dominar suas pulsões e, assim, contornar a contratransferência para que o tratamento psicanalítico se desenvolva positivamente. A análise pessoal ganha um peso na psicanálise.

Em 1912, Sigmund Freud escreve, a partir de suas próprias experiências, sobre técnicas que ele recomenda aos praticantes da psicanálise. Aborda a importância da atenção flutuante do médico, condição necessária para escutar livremente o paciente e para o acompanhamento das trilhas associativas do paciente.

Continuando suas recomendações, Freud compara a função do analista à de um cirurgião, dizendo que, assim como o cirurgião, os analistas precisam colocar de lado seus sentimentos, até mesmo a solidariedade humana, para que o tratamento psicanalítico se torne possível. Freud justifica esta necessidade de frieza pelos médicos, pois produz vantagens para ambos os lados: "É que ela cria condições vantajosas para ambas as partes: para o médico, uma proteção desejável

para sua própria vida emocional, e, para o paciente, o maior auxílio que lhe podemos hoje dar" (FREUD, 1912/1996, p. 128).

Ainda em suas recomendações, Freud é mais incisivo no que se refere à necessidade de o médico estar em análise pessoal. Segundo ele, o analista precisa ser como um órgão receptor do inconsciente do analisando. Freud afirma: "Não basta para isto que ele próprio seja uma pessoa aproximadamente normal. Deve-se insistir, antes, que tenha passado por uma purificação psicanalítica e ficado ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz" (FREUD, 1912/1996, p. 129).

Neste momento, é possível perceber que Sigmund Freud tem uma posição cautelosa sobre a contratransferência, que é vista como algo negativo, um obstáculo que poderia impossibilitar a análise, sendo, assim, fundamental a neutralidade.

> A experiência de se deixar levar um pouco por sentimentos ternos em relação à paciente não é inteiramente sem perigo. Nosso controle sobre nós mesmos não é tão completo que não possamos, subitamente, um dia, ir mais além do que havíamos pretendido. Em minha opinião, portanto, não devemos abandonar a neutralidade com o paciente, que adquirimos por manter controlada a contratransferência. (FREUD, 1915[1914]/1996, p. 182)

Embora Freud tenha mencionado poucas vezes o termo contratransferência, é possível observar, em sua obra, que este assunto é importante, sendo discutido em alguns textos e algumas cartas. Ele não desenvolve propriamente uma teoria sobre a contratransferência, porém é notória, em seus artigos, a importância de esta ser pensada para que não possa interferir no tratamento. Em relação à contratransferência, ele diz:

> Admitimos que este princípio fundamental de o tratamento ser levado a cabo na abstinência estenda-se muito além do caso isolado que estamos aqui considerando, e que ele necessite ser completamente debatido, a fim de podermos reunir os limites de sua possível aplicação. (FREUD, 1915[1914]/1996, p. 182)

Passados alguns anos, Freud retoma o assunto sobre a necessidade, na medida do possível, de uma abstinência do lado do analista. Explica que não seria uma prática totalmente sem satisfação, pois isto

não é possível; também não é abstinência no sentido de ficar sem relação sexual e, sim, "significa algo diferente, que tem muito mais conexão com a dinâmica da doença e da recuperação" (FREUD, 1919[1918]/1996, p. 176). Freud fala sobre a importância de deixar de lado os sentimentos, explicando que os pacientes procuram satisfações substitutivas também no tratamento e que o analista não pode ceder a isto.

A difusão da psicanálise, entre outros motivos, leva Freud a se preocupar com o futuro dela, ou seja, como seriam interpretadas suas teorias e usadas suas técnicas. Em uma carta a Jung, ele considera a necessidade de escrever e debater melhor sobre a contratransferência, ainda que este artigo não viesse a público, ficando apenas entre os analistas. Possivelmente este cuidado se relaciona à preocupação de Freud em não expor as fragilidades dos analistas naquele momento.

As ideias de Freud sobre a contratransferência tiveram enorme relevância, influenciando e instigando estudos posteriores. Contemporaneamente, pode-se ver com mais clareza a importância da contratransferência na análise e na necessidade de esta ser manejada.

Referências

ANTONELLI, Elisabeth. *O amor e o ódio na contratransferência: considerações sobre o lugar do analista em casos de difícil acesso*. 2006. 103 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BIRMAN, Joel. *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1905.)

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1910[1909].)

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1912.)

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1914.)

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1915[1914].)
FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1919[1918].)
GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Trad. de: Denise Botman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (Obra original publicada em 1923.)
ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Trad. de: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Sup. da edição brasileira: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

***

Mesa Q – Mediadora: Regina Macêna

O impossível da sexualidade no mundo contemporâneo

Lucas Fernandes Loureiro
Mestre em Psicanálise pela Universidade Paris VIII e clínico responsável pelo NAP (Núcleo de Apoio Psicossocial), das Faculdades Milton Campos.

Freud se preocupava em combater a opinião de que a proposta de tratamento da psicanálise intentava descortinar toda a perversidade da sexualidade humana para torná-la livre. Alguns tentaram e ainda tentam afirmar ser esta a intenção maior da psicanálise: libertar o homem de suas repressões sexuais. Esta interpretação, que de fato ganhou importância em alguns nichos culturais, é de longe aquilo que se tornou para as pessoas motivo de resistência contra a psicanálise. Os libertários que vieram após Freud usando a psicanálise com a finalidade de promover a liberação sexual sempre ostentaram o argumento de que a grande dificuldade contra a psicanálise decorre da mentalidade conservadora que nunca admitiu as descobertas e as teorias freudianas. No entanto, o escândalo causado por Freud não foi a ênfase dada à sexualidade como causa suma das patologias psíquicas, mas o fato de o homem sóbrio e racional, ainda com toda sua sensatez e

ciência, não poder compreender e dominar a si mesmo, isto é, sua própria sexualidade. Esta é a dificuldade no caminho da psicanálise apontada por ele em seu célebre texto de 1917: ter promovido uma ferida narcísica, descentrando o homem de si mesmo.

Alguns insistirão em afirmar que a dificuldade com a psicanálise se deve a sua intenção de promover a sexualidade. Talvez sejam os mesmos que acrescentaram à história de Adão e Eva a ideia de que o pecado original é decorrente da descoberta do sexo. Fato é que, em nenhum dos casos, a sexualidade ocupa um lugar tão preponderante a ponto de ser a pedra de tropeço. Nos dois casos, o orgulho do homem e seu desejo de todo-poder é o que o são.

Tanto aqueles que buscam o domínio da sexualidade, reprimindo-a ou rechaçando-a, por meio de doutrinas e da conservação de costumes, quanto aqueles que buscam dominá-la, libertando-a para conhecê-la, procedem no mesmo equívoco: acreditam poder ser senhor em sua própria casa. O escândalo de Freud é declarar a impotência do homem face à sexualidade. A dificuldade em relação a psicanálise está em ter de admitir a incapacidade de compreensão, a falência na prática e a impossibilidade de satisfação da experiência sexual. A psicanálise faz a denúncia de que tanto os conservadores quanto os progressistas libertários se equivocam ao pretenderem algum tipo de domínio ou compressão sobre a sexualidade. Parafraseando Lacan, a sexualidade, independentemente dos progressos culturais ou dos avanços científicos, sempre se manifestará como algo que não cessa de não se inscrever.

Em "Psicanálise silvestre" (1910/1970), vemos em Freud uma preocupação expressa em não permitir que as pessoas concebam a psicanálise como um método vulgar, aliada à liberação da sexualidade. Para Freud, ainda que a sexualidade reprimida pudesse causar um sintoma, sua liberação não beneficiaria o paciente. A ênfase dada por Freud está no conflito interno: a força libertária luta contra a força repressora, sendo que o sucesso interino de uma ou de outra não findaria a guerra.

> É verdade que a psicanálise apresenta a ausência de satisfação sexual como a causa de distúrbios nervosos. Mas não diz ela mais do que isso? Deve-se ignorar seu ensinamento por ser assaz complicado quando ela afirma que os sintomas nervosos se originam de um conflito entre duas forças – de um lado a libido (que, de regra, se torna excessiva), de outro,

uma rejeição da sexualidade ou uma repressão que é sobremodo intensa? (FREUD, 1910/1970, p. 209)

Freud, portanto, jamais propôs a liberação da sexualidade. Por saber de sua força avassaladora sobre o homem e dos perigos de sua persistente repressão, ele propõe a psicanálise como método para que a pulsão sexual seja convertida em força criativa e em capacidade produtiva, de modo que sua expressão ocultasse a obscenidade perversa e, ao mesmo tempo, revelasse o desejo. A sublimação, para dar nome a esse destino da pulsão, faria com que o conflito interno, outrora exclusivo à vida psíquica do sujeito, alcançasse o mundo externo em alguma forma de expressão criativa. Ou seja, o conflito, não podendo ser solucionado, seria compartilhado, alcançando, assim, um laço apaziguador.

Tendo a psicanálise um método que rejeita tanto os recursos de repressão da sexualidade quanto os modos de sua liberação, fica ela isolada em relação à maior parte do que as sociedades já haviam conseguido produzir para lidar com a sexualidade. Seja o moralismo repressor judaico-cristão, seja a doutrina libertária do "faça amor, não faça guerra", ambos abordam a questão da sexualidade com a intenção de dominá-la, seja por rechaço ou pela compreensão, ignorando que a sexualidade não pode ser contida em nenhum edifício humano. Ora, ela não admite imperativos, nem o de gozar e tampouco o de parar de gozar, sempre encontrando uma maneira de driblar o domínio do homem. É isso o que Lacan (1971/2007) dizia quando falava da inexistência do rapport sexual.

Pois bem, a sexualidade diz respeito à relação com o Outro. Quando o autoerotismo se converte em narcisismo, é porque o Outro entra em cena introduzindo a dimensão da impossibilidade da relação sexual. O Outro, no mesmo golpe em que introduz o problema da não relação sexual, propõe soluções inúteis, consoantes ao conflito criado entre as forças identificatórias do amor narcísico e as regras morais exigidas para a prática do amor. No primeiro caso, o sujeito se vê aprisionado na crença de poder gozar livremente desde que se identifique com um outro. Se conseguir cumprir com um dado ideal, atinge o gozo almejado, anulando, assim, o problema da não relação sexual. No segundo caso, o sujeito acredita dever abdicar do gozo. Por meio do rigor ascético de doutrinas, persegue o autocontrole e a disciplina. Submete-se aos ditames da religião ou do cientificismo para se tornar imune a toda forma de gozo.

Atualmente, vemos, nitidamente, nas redes sociais, o embate entre aqueles que acreditam na repressão do gozo e os que lutam por sua liberação. Todos eles, a sua maneira, incomodados com o impossível da sexualidade. Esse cenário bélico que se instala nas trincheiras sociais reflete um choque de forças primordialmente psíquico. De um lado, os impulsos da demanda de satisfação sexual; de outro, suas formas de contenção e censura. No âmbito político social, há, de um lado, os progressistas libertários e, do outro, os conservadores reacionários encenando um movimento da vida psíquica de cada indivíduo. A psicanálise, por sua vez, que, infelizmente, sob a pena de alguns, toma partido nesse confronto, deveria se deter em Freud e Lacan, que, em suas diferentes épocas, não tropeçaram na ideia de que o fim dos modos de repressão social da sexualidade solucionaria o problema da inexistência da relação sexual.

Se algo precisa ser posto para fora, não são simplesmente os impulsos da demanda sexual, na medida em que triunfam sobre a repressão. O que deve ser externado é o conflito como um todo, que até então o sujeito guardava em sua ignorância. À medida que o sujeito assume que tanto o imperativo de gozar quanto o imperativo de não gozar fazem parte de sua intimidade psíquica, ele pode externá-los criativamente.

O fenômeno social observado hoje apresenta indivíduos inabilitados para assumir e lidar com esse conflito. São pessoas convictas, cheias de verdade, que preferem atribuir ao Outro a reponsabilidade por seu sofrimento. Como pode ser observado neste pequeno **quadro**:

Posição político-social	Sujeito	Outro
Conservadores	Imperativo de não gozar	Imperativo de gozar
Progressistas	Imperativo de gozar	Imperativo de não gozar

Os conservadores reconhecem em si e estão convictos do imperativo de não gozar, mas projetam no Outro o imperativo de gozar, ignorando em si tal força. Os progressistas, ao contrário, reconhecem em si e estão convictos do imperativo de gozar, mas projetam no Outro o imperativo de não gozar, ignorando em si tal força. Não estaria a psicanálise no lugar de intervir nesse desgastante embate político-social com o intuito de convocar o sujeito a assumir e a externar criativamente o conflito do imperativo de gozar contra o imperativo de não gozar? Não poderia a psicanálise continuar com a mensagem freudiana de que o império humano sobre a sexualidade não solucionará o

impossível da satisfação sexual? Ora, desde a época de Freud, lidar com essa mensagem tem sido a dificuldade de todos para com a psicanálise.

Referências

FREUD, Sigmund. Psicanálise silvestre. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 205-213. (Obra original publicada em 1910.)
FREUD, Sigmund. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 167-178. (Obra original publicada em 1917.)
LACAN, Jacques. *De um discurso que não fosse semblente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Obra original publicada em 1971.)

***

Desdobrável: a mulher entre a sexualidade e tabu

Dircilene Alves de Oliveira
Graduação em Psicologia pela Faculdade Pitágoras – Unidade Divinópolis e pós-graduanda em Psicanálise e Saúde Mental pela UEMG Divinópolis.

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite
Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FUNEDI/UEMG e mestrado em Linguística e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutorado em Psicologia Psicanalítica do Sujeito (Laboratoire Clinique Psychopatologique et Interculturelle/Université Toulouse II – Mirail).

Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.
Adélia Prado, "Com licença poética"

Neste trabalho, discutiremos, pontualmente, dois temas que encontram ressonâncias frequentes no caminho da psicanálise, e de uma forma especial nas configurações sobre a mulher e o feminino. São eles: sexualidade e tabu.

Ao considerarmos que a sexualidade é um dos pilares fundamentais

da psicanálise, e ao percebermos que a história da própria sexualidade está impregnada de tabus, buscamos considerar as influências desta problemática "sexualidade/tabu" nos estudos sobre a mulher e o feminino. Dessa maneira, sustentamos que tabu e sexualidade ganham um contorno específico no campo do feminino, uma vez que este campo se configurou um enigma na teoria psicanalítica, ao mesmo tempo em que se consolidou como uma baliza fundamental para demarcar a clínica.

Primeiramente, precisamos destacar a amplitude conceitual que Freud (1901-1905/1996) deu ao conceito "sexualidade". Segundo ele, a sexualidade está no centro da vida psíquica, o que o permitiu concluir que a grande maioria das representações recalcadas se referiam a conflitos de ordem sexual, marcadas nos primeiros anos de vida dos indivíduos. Dessa maneira, para Freud, é na fase infantil que se estabelecem as experiências traumáticas, que são recalcadas e se configuram como origem dos sintomas atuais. Dessa forma, a psicanálise reconhece a sexualidade no campo relacional que constitui o humano.

> E quanto à "ampliação" do conceito de sexualidade, que a análise das crianças e dos chamados perversos tornou necessária, todos aqueles que desde seu ponto de vista superior olham desdenhosamente para a psicanálise deveriam lembrar-se de quanto essa sexualidade ampliada da psicanálise se aproxima do "Eros" do divino Platão. (FREUD, 1920/1996, grifos do autor)

Foucault (2007) estabelece que a sexualidade é um conjunto de processos inter-relacionados que fazem parte de toda história humana. Estes processos permeiam todas as fases da vida, estando diretamente ligadas à afetividade, à comunicação interpessoal e à maneira como cada pessoa lida consigo e com os outros. E, quando ele fala em sexualidade, o prazer confunde-se com o próprio prazer de viver e com a qualidade que cada pessoa impõe ou não à sua vida, ou seja, muito além do ato sexual.

De acordo com Bearzoti (1993), podemos considerar que sexualidade, segundo Freud, é energia vital pulsional direcionada para o prazer, quantitativa e qualitativa, passível de variações, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação.

Quanto à sexualidade feminina, percebemos que este tema percorre

toda obra de Freud. Desde seu espanto frente às histéricas até suas conferências finais, a sexualidade feminina resta permeada de enigmas e se mistura com o interdito, com a repressão civilizatória e com o tabu. Queremos resgatar, por exemplo, o texto "O tabu da virgindade" ([1917]/1996). Nele, Freud afirma que, na sociedade civilizada, a exigência de virgindade da mulher no casamento seria a extensão do passado ao "direito" dos homens à posse exclusiva da mulher. Dessa maneira, Freud ([1917]/1996) postula que o tabu da virgindade é apenas mais um dos que envolvem a vida sexual. Embora considere que todas as relações sexuais são tabus e não apenas o primeiro coito, o autor dedica certa relevância a este tabu. Neste texto, temos um encontro privilegiado entre a sexualidade e o tabu, embora cabe lembrar que os tabus não se restringem apenas ao que tange à sexualidade.

A definição de tabu pode ser notada da seguinte maneira: "Os tabus são proibições da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável" (FERREIRA, 1993, p. 523). Apesar de o termo tabu só aparecer no século XVIII, ele sempre fez parte da história do homem. Freud (1913-1914/1996), em seu célebre texto "Totem e tabu", define o termo apresentando dois sentidos contraditórios, pois, ao mesmo tempo que tabu é sagrado, é também perigoso:

> O significado de "tabu" (...) diverge em dois sentidos contrários. Para nós, significa, por um lado, "sagrado", "consagrado", e, por outro, "misterioso", "perigoso", "proibido", "impuro". O inverso de "tabu" em polinésio é "noa", que significa "comum" ou "geralmente acessível". Assim, "tabu" traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nossa acepção de "temor sagrado" muitas vezes pode coincidir em significado com "tabu". (FREUD, 1913-1914/1996, p. 16, grifos do autor)

Queremos ressaltar a ambivalência do termo tabu, no sentido em que o que se proíbe é o desejado. Freud (1996/1913-1914) destaca o tabu do incesto, articulando a moral sexual dos povos primitivos com a dos povos ditos desenvolvidos. Ele enfatiza, desse modo, a relação entre o desejo ao incesto e o psiquismo infantil do neurótico. Assim, ele afirma: "Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com os pais, dominado como é por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses" (FREUD, 1913-1914/1996, p. 15).

Ao concluir a conferência sobre a feminilidade, Freud (1932-1936/1996)

afirma que a conceituação sobre a feminilidade necessita de novos estudos e desenvolvimentos, pois reconhece que em seus trabalhos isso está incompleto. E, sobre este apontamento, postula que existe um ser humano além do que ele escreveu a respeito da função sexual. Freud aponta para o inalcançável da sexualidade feminina, ponto opaco, sem palavras, que, por isso mesmo, é fonte de tabu.

Este argumento é sustentado por Blanc (2010), que apresenta estudos que consideram que, para a igreja, a fonte do mal sempre foi a mulher, pois a mulher tem paixões incontroladas, são seduzidas facilmente por qualquer bajulação e não são capazes de manterem segredos e, assim, são indignas de confiança. Como filhas de Eva, são capazes de seduzirem os homens para deixá-los à mercê do diabo. No século III, o teólogo cristão Tertuliano dizia que as mulheres "deviam se fazerem mais feias possíveis, cobrindo todo o corpo, pois elas eram 'o portão do inferno"'.

Beauvoir (1999) afirma que a mulher, enquanto sagrada, é propriamente tabu, e esse é o ponto de dificuldade dos homens em lidar com ela.

> Por toda a parte, ela cria a vida; se mata, ressuscita. Caprichosa, luxuriante, cruel como a Natureza, a um tempo propícia e temível. [...]. Ídolo supremo nas regiões longínquas do céu e do inferno, a mulher acha-se, em terra, cercada de tabus como todos os seres sagrados; ela própria é tabu. (BEAUVOIR, 1999, p. 90)

O embaraço do fundador da psicanálise, uma dificuldade, ainda nos assalta, pois aponta para um ponto opaco, sagrado e que desdobra a palavra e dela se silencia. "A grande questão continua sem resposta e a qual eu mesmo não poderia jamais ser capaz de responder, apesar dos meus trinta anos de estudos sobre a alma feminina: o que quer uma mulher?" (FREUD, 1932-1936/1996).

Mantém-se uma dificuldade no caminho da psicanálise. A pergunta "o que quer uma mulher?" vem de Freud. Há um ponto desdobrável entre a sexualidade e o tabu. Há um ponto de encontro entre sexualidade e tabu. Este ponto passa pelo campo feminino?

Referências

BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Neuropediatria*, Campinas, ago. 1993. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24>. Acesso em: 29 out. 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo II – A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
BLANC. Claudio. *Uma breve história sobre o sexo: fatos e curiosidades sobre o sexo e a sexualidade*. 1. ed. São Paulo: Gaia, 2010.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1901-1905.)
FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. IX. Rio de Janeiro: Imago 1996. (Obra original publicada em 1913-1914.)
FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1920.)
FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1932-1936.)

***

O inconsciente ainda... se escreve ou do inconsciente ao real do corpo

Maria Aparecida Oliveira do Nascimento
Psicóloga da Secretaria de Estado de Segurança Pública, psicanalista e membro da Ato – Ensino e Transmissão da Psicanálise.

Freud inicia suas discussões sobre o Inconsciente, desde os primeiros artigos pré-psicanalíticos, tentando encontrar uma maneira fisiológica de explicar os fenômenos com os quais se defrontava. Na sua tentativa de construir uma "psicologia" a partir de ingredientes puramente neurológicos, escreve o "Projeto para uma Psicologia Científica", em 1895, visando a descrever e explicar todo o comportamento humano, normal e patológico, através dos neurônios e de uma quantidade de energia. O que decorre dessa construção é

uma cadeia de eventos físicos, ininterrupta e completa. Mas essa teorização é insuficiente para dar conta das sutilezas da linguagem nos processos mentais. Em sua clínica, Freud identifica elementos que não se encaixam nessa proposta inicial. Em 1900, na "Interpretação dos sonhos", estabelece o inconsciente de uma vez por todas, e o que era apenas uma mera entidade metafísica passa a ser revestida de carne e sangue. E, a partir de então, revela o inconsciente tal como é, como funciona, como difere e como se relaciona com outras partes da mente. Em "Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise" (1912), aponta a existência de um inconsciente descritivo, tópico e dinâmico. Do descritivo, temos a dizer que se trata dos aspectos fenomenológicos, ou seja, do conjunto dos conteúdos que não se encontram presentes no campo atual da consciência. O tópico se relaciona com o que está recalcado e tem a ver com uma disposição dos conteúdos em lugares. Na primeira tópica, temos inconsciente, consciente e pré-consciente e, na segunda, id, ego e superego. Quanto ao aspecto dinâmico, estamos falando de fenômenos psíquicos que são resultantes do conflito e das forças pulsionais que exercem pressão para aceder à consciência e de uma força contrária que faz resistência a elas. Quanto aos conteúdos, Freud aponta os representantes das pulsões, regidos pela condensação e pelo deslocamento e pela censura ao tentar chegar ao consciente e pré-consciente, permitindo que só possam aparecer nas formações de compromisso ou formações do inconsciente.

Já em 1915, "O inconsciente", como um dos artigos da Metapsicologia, é o ponto culminante, sendo considerado o mais importante dos escritos teóricos de Freud. Ele inicia o texto se perguntando: como ter conhecimento do inconsciente? Certamente, só depois que ele sofreu transformação ou tradução para algo consciente. Quanto à topografia psíquica, afirma que não tem nada a ver com a anatomia, com localidades anatômicas, mas com regiões do mecanismo mental onde quer que estejam situadas no corpo. E, nesta hipótese, sugere que, em decorrência de uma separação topográfica dos sistemas Inconsciente e Consciente, há a possibilidade de uma ideia existir simultaneamente em dois lugares. Se a ideia não for inibida pela censura, ela avança de um lugar para outro, sem perder o seu primeiro registro.

Buscando justificar sua hipótese do inconsciente, constrói duas suposições: uma necessária e outra legítima. Necessária porque verifica a presença de lacunas, que serão ocupadas pelas formações do inconsciente. Quanto à legitimidade, fundamentada no fato de que a

consciência é algo do individual e pessoal, tem a ver com o próprio sujeito. Ao instituir o Inconsciente como um sistema, Freud descreve seu funcionamento como sendo regido pelo processo primário, sem negação ou dúvida, com certo grau de certeza, indiferenciado perante a realidade e regulado pelo Princípio Prazer-Desprazer.

Em "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" (1917) e nas "Resistências à psicanálise" (1924), Freud nos aponta que existe um preconceito em relação à psicanálise pelo não entendimento de certos conceitos. Essa dificuldade é muito mais afetiva que intelectual, pois vai de encontro ao que as pessoas vivenciam de forma narcísica. Mas, com o andamento das pesquisas científicas, os homens sofrem três severos golpes em seu narcisismo e amor-próprio, derrubando toda uma crença e presunção de superioridade, o que dificulta ainda mais a compreensão do significado, para a ciência e para a vida, dos processos mentais inconscientes. A ciência tende a buscar respostas para lidar com sua insuficiência em novas descobertas. No entanto, o ceticismo que aparece é exatamente para poupar o que é familiar e rejeitar as coisas antes de examiná-las, sustentando uma condição de hipocrisia cultural, e uma necessidade de preservar aquilo que é uma situação inegavelmente precária, dificultando a crítica e a discussão.

Tendo como base essas formulações freudianas, Lacan, no *Seminário 11*, toma o inconsciente estruturado como uma linguagem, que tem uma estrutura que dá estatuto ao inconsciente e garante que há, sob este termo, algo de qualificável, acessível e objetivável. Mas o inconsciente freudiano é outra coisa, diz Lacan; ele se situa num ponto entre a causa e o que ela afeta, na hiância de algo que é da forma do não realizado. De uma recusa que tem a ver com o recalque, que em Freud tem como função evitar que a ideia que representa a pulsão se torne consciente e produza efeitos, pois só podemos saber do inconsciente através desses efeitos.

Assim, para Lacan, "o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito –donde ressurge um achado que Freud assimila ao desejo – desejo que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado" (LACAN, 1990, p. 32).

No *Seminário 20*, Lacan diz de uma hipótese que é a de que "o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante" (LACAN, 1985, p. 194). Sujeito pelo fato de ser pontual e evanescente, uma vez que ele é sujeito por um significante para outro significante.

Faz, assim, uma relação de equivalência entre indivíduo (dividido dentro), corpo e sujeito. "Eu falo com meu corpo sem saber, eu digo sempre mais do que sei" e o que "fala sem saber me faz eu ('je'), sujeito do verbo, mas isso não basta para me fazer ser" (LACAN, 2010, p. 241, grifo do autor), mas para se manter na forma. Uma forma que não sabe nem diz nada, que é real. Mas o eu ("je") é só um suposto ao que fala, pois o que fala só tem a ver com a solidão e, nesse ponto, não pode se escrever. É na ruptura do saber do ser que se produz rastro, faz escrita. É pelo saber do ser que se supõe que ele saiba, e isso faz com que ele se mantenha.

O corpo é, assim, afetado pelo inconsciente, pelo saber, no sentido de que um significante tem ressonância nele, num sentido de que um dizer faz eco nesse corpo, e isso só é possível acontecer num corpo sensível ao significante. E, para afetar um corpo, o inconsciente necessita de um instrumento, que é o significante extraído da "alíngua". A "alíngua" é constituída das interpretações equivocadas do sentido das palavras. Com ela, se constroem o sonho, o lapso, a piada, a poesia e o sintoma. É com a equivocação do significante que se constroem as formações do inconsciente.

O inconsciente é o testemunho de um saber, enquanto ele escapa, em grande parte, ao ser, que dá ocasião de perceber até onde vão os efeitos de "alíngua". A linguagem, sem dúvida, é feita de "alíngua", é uma elucubração de saber sobre a própria "alíngua". O inconsciente é um saber, um saber-fazer com "alíngua".

Referências

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira (ESB)*. v. I. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1895.)

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira (ESB)*. v. IV. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1900.)

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira (ESB)*. v. XII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1912.)

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira (ESB)*. v. XIV. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1915.)

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In:

FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira (ESB)*. v. XVII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1917.)
FREUD, Sigmund. As resistências à psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira (ESB)*. v. XIX. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1924.)
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
LACAN, Jacques. *Encore*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.

***

Mesa R – Mediadora: Yáskara Sotero

Caso Ariel (uma síntese)

Daniella Salgado Caldeira Gomes
Psicanalista clínica, enfermeira e professora. Experiências em Saúde Mental, Gerontologia, Sistemas da Informação e Educação Infantil. Cursos em Saúde da Criança, Psicanálise Clínica, Psicanálise na Adolescência, Dependência Química, Saúde do Idoso, Assistência de Enfermagem e Educação Infantil.

O silêncio da Sereia

Ariel[20], 25 anos. Sua demanda de análise foi um grande sentimento de angústia e inadequação. Em suas primeiras sessões, contou, de forma emocionada, a morte repentina da irmã de 29 anos, quando ela tinha 13, e a intensa relação com sua mãe na infância. O pai, pouco comentado nas sessões, passava uma sensação daquele por quem se aguardava uma atuação. Na adolescência, a relação com a mãe se tornou mais distante, quanto mais a mãe julgava seu jeito introspectivo. Dessa forma, Ariel passou a se sentir protegida pela irmã. Quando esta faleceu, ela perdeu seu referencial. Ela cita uma viagem com a família com o intuito de espairecer do luto, na qual foi cobrada pelos pais a ter paciência como se ela própria não tivesse direito a vivê-lo. Nessa época, parafraseando Winnicott, Ariel fechou-se em si mesmo e passou a

[20] Pseudônimo escolhido devido à identificação da analisanda pela "Pequena Sereia", da Disney.

viver episódios de angústia intensa e esvaziamento do sentido da vida (falso *self*). Ao se encontrar com este luto, as lembranças que estão relacionadas com o objeto perdido foram trazidas à tonam ocorrendo, posteriormente, uma liberação de energia, da libido, de cada uma destas lembranças. Este processo demorou a ser concluído porque se misturava com uma melancolia pré-existente, na qual o objeto pedido fora seu pai. Nesta época, Ariel passou a se envolver com mulheres. Filha de testemunhas de Jeová, ela viveu momentos de muito conflito quando seu irmão mais velho contou sobre esta homossexualidade à família. No entanto, ao relatar este episódio na sessão, Ariel teve um *insight* ao narrar a conversa com o pai. Durante a transferência, houve choro e muitas palavras a este pai ausente. Certa vez, ainda criança, Ariel ouviu uma conversa do pai com a mãe na qual ele dizia temer pela proximidade das duas causar problemas em sua sexualidade. Em muitos de seus sonhos recorrentes, ela sonhava com a figura paterna dirigindo um carro desgovernado e ela tentando salvá-los. Em outro, sonhada que estava beijando um homem e sendo julgada por uma amiga lésbica, que a faria sentir vergonha e culpa. Sonhava que algo de sujo saía de sua boca quando tentava falar. Interessante contextualizar que sua princesa de adoração seja a "Pequena Sereia Ariel", que teve a voz roubada por uma bruxa – seria esta bruxa sua mãe? E sua busca seria a falta deste príncipe/pai que a pudesse salvar? O caráter controlador da mãe sempre esteve presente nas sessões, assim como a ausência do pai. Seu convívio familiar, embora parecesse normal, era explanado como algo distante, de pouca conversa; havia sempre o sentimento de inadequação. O mesmo foi sentido por ela em seu começo na residência médica, em que, por várias vezes, sentia ansiedade por se sentir vigiada e nunca ser perfeita aos olhos dos médicos preceptores (ou da mãe?). Ariel passou sua adolescência se declarando homossexual e levantando esta bandeira como se fosse algo libertador. Em análise, ficou claro, para ela, seu medo de homem: "Eles não respeitam a mulher, são machistas, sem sensibilidade e egoístas". Embora tenha sempre se sentido segura em relacionamentos com mulheres, estes sempre foram intensos, passionais e cheios de conflitos diversos. Em seu último, teve um elemento revelador: a namorada quis se tornar um homem, ao se enxergar como uma pessoa transexual. Ariel aceitou bem a mudança de sexo da namorada e a relação melhorou – a ideia de namorar um "homem" a deixara mais confortável? Certa vez, disse: "Mas ela nasceu menina, portanto, é de confiança". Ela, então, se tornaria um homem perfeito? Um homem com feminilidade? Quando a

análise expôs uma possível heterossexualidade de Ariel, ela a abandou, voltando após algumas semanas depois com demandas distintas.

Recuperando a voz

No princípio do ano, Ariel saiu da casa dos pais. Com a mudança, sua vida familiar se tornou mais saudável; sendo agora visita na casa deles, encontra toda a atenção e afeto de que sentia falta e se sente mais respeitada em sua individualidade. Sua relação com a medicina também melhorou, uma vez que entendeu que é uma formadora de opinião e que pode falar sobre erros e também pedir ajuda quando necessário, aprendendo a lidar com o olhar do outro. Em relação à sexualidade, evita denominar-se, embora em alguns momentos se declare como pansexual, dizendo que "gosta de pessoas". Ariel, porém, passou a falar mais de homens que de mulheres, embora ela sinta necessidade de falar de mulheres quando percebe que falou muito de homens. Formações reativas à parte, sem perceber, o assunto: homem, deixou de ser um gerador de tensão, é algo que se tornou descontraído para ela, uma vez que, após dois anos, Ariel está mais segura de si e mais falante – se impondo mais – e mais ativa; sua conduta se transformou. Antes, se colocava em evidência, mas não gostava de estar nessa posição. Agora, com uma postura menos impactante, ela demostra mais inserida e aceita na sociedade, embora ainda condene certas formatações, se demonstrando crítica, como, por exemplo, a falta de humanização da medicina vigente. A sociedade sempre a incomodou de um jeito ou de outro: seja pela hipocrisia, pelo patriarcado ou pela supervalorização das aparências, etc. Ainda é um esforço muito grande para Ariel este "saber lidar". Levanta bandeiras de empoderamento feminino e de repúdio a preconceitos de quaisquer espécies. Ainda se queixa de instabilidade emocional e sentimentos de angústia. Mas, como disse Freud, a civilização não existe onde a liberdade individual predomina; para se fazer necessária a coexistência, a civilização traz consigo as angústias.

A aceitação do feminino

Tendo uma personalidade fálica, devido às suas vivências de sofrimentos e traumas diversos, a identificação com o masculino como entidade de poder e liberdade veio como possibilidade de salvação de sua grande feminilidade (entendida como fragilidade que não deveria

ser exposta). Este mecanismo de defesa parece também ter sido vivido por sua mãe e comentado casualmente por Ariel: "Minha mãe é muito fálica". Ariel afastava-se dos homens, direcionando suas pulsões a uma homossexualidade inventada. Junto com seus processos melancólicos e de exacerbação do ego, criou uma falsa ideia de ciclotimia e/ou bipolaridade. Aceitava o masculino em si e temia os homens. Não desconsidero, porém, que sua homossexualidade, enquanto sintoma, tenha sido um grande alicerce na vida de Ariel, tendo a ajudando a estabilizar sua verdadeira fragilidade interior. No entanto, após tantas descobertas sobre si e sem perceber, Ariel trouxe este ano, nas sessões, relatos de mais confiança no próprio trabalho e um inusitado relacionamento com um rapaz. Ainda se sente desconfortável em se relacionar com homens, mas está mais segura em relação às suas decisões. Muito mais que uma definição de sexualidade, vejo como resultado positivo a análise na vida de Ariel, pela perda do medo em vários aspectos de sua vida: de falar e se posicionar em seus ambientes e relacionamentos, sobretudo na resolução do Édipo e da aceitação de si no mundo.

Referências

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã – Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.
FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. V. cap. VI – "O trabalho do sonho". Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Obra original publicada em 1900.)
FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. v. XIV. p. 271-295. Trad. de: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1917.)
FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1930-1936.)
FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1905.)
WINNICOTT, Donald Woods. *O conceito de falso* self. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 53-58. (Obra original publicada em 1964.)

***

Uma análise do filme *A garota dinamarquesa* sob o viés da Psicanálise

Marcelo Fonseca
Doutor em Psicologia pela UFMG.

Nayara Santos Oliveira
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced). Membro do Grupo de Pesquisa NEP: Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Faculdade Divinópolis (Faced).

Shirley Maria Medina
Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Divinópolis (Faced). Membro do Grupo de Pesquisa NEP: Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Faculdade Divinópolis (Faced).

Introdução

O presente trabalho objetiva desenvolver, a partir da análise do filme *A garota dinamarquesa*, algumas hipóteses a respeito das derivações da teoria da sexualidade na psicanálise. Na sequência, será apresentada uma breve sinopse do filme, com algumas indicações interpretativas, assim como uma breve reflexão sobre as relações entre sexualidade, norma e processos de subjetivação.

O filme

O filme *A garota dinamarquesa* (2015), dirigido por Tom Hooper, é baseado em um romance homônimo de David Ebershoff. A história, baseada em fatos reais, ocorre no início do século XX e é inspirada na vida conjugal das pintoras Lili Elbe e Gerda Wegener. A película narra todo o árduo processo enfrentado pelo casal, desde as primeiras experiências de travestimento vividas pelo então pintor Einar Wegener até seu submetimento aos procedimentos de mudança de sexo ainda inéditos na medicina da época.

A partir de uma narrativa bastante sensível, o filme expõe tanto os conflitos intrasubjetivos vivenciados por Lili – que, como é frequente na experiência transexual, sente-se aprisionada em um corpo masculino com o qual não se identifica – quanto os conflitos intersubjetivos

que se manifestam na esfera da vida conjugal e também perpassam praticamente todo o círculo de relações estabelecido pelo casal.

Embora a questão dos destinos específicos da sexualidade do pintor esteja presente desde o início do enredo, ela passa a ganhar um acento dramático quando, a pedido da sua esposa e visando a suprir o atraso da bailarina que então lhe servia de modelo, Einar se veste com parte das roupas da dançarina. A partir daí, um ponto opaco, estranho e adormecido de seu mundo interno é despertado e um intenso processo de despersonalização é instaurado. Sua identidade masculina é progressivamente colocada em suspensão e uma reconfiguração identitária passa a ser empreendida até o ponto fulcral da decisão pela cirurgia de mudança de sexo. Einar desaparece progressivamente de cena para dar lugar a uma nova pessoa: Lili.

A história, no entanto, parece apontar para o fato de que, no caso de Lili, a nova pessoa que se constituía através da aprendizagem de performances típicas do universo feminino já existia antes e alhures. Não sem razão, o pintor, antes de se entregar ao processo de mudança, empenhava-se obsessivamente na reconstituição de uma obra que mimetizava uma importante paisagem de sua infância. O lugar retratado referenciava-se, por deslocamento, a uma passagem traumática e insuperada da vida infantil. Tratava-se de uma experiência de travestimento – vestia, naquele fatídico dia, um avental feminino – e de um beijo dado em um amigo, que fora flagrado por seu pai. Curiosamente, quando Einar decide enfrentar a experiência de transformação corporal, Lili se demite da atividade da pintura, como se esta última fosse um empreendimento sintomático elaborado para lidar com uma dimensão da sua vida pulsional que, apesar de insistente, encontrava-se recalcada.

O filme também retrata o momento em que a personagem tenta tratar a egodistonia da qual se vê refém. É notório perceber que, exceto pelo amparo amoroso de sua esposa e pelo encontro com o médico que acolheu seu sofrimento, todos os demais profissionais consultados trataram-na como uma aberração. A psicopatologização da condição transexual e a tentativa de submeter a paciente a uma cura parecem ser a tônica, ainda presente na medicina e nas formas prevalentes de psicoterapia contemporânea, de interpretação e tratamento da questão.

Sexualidade, norma e processos de subjetivação

O filme toca em um ponto bastante sensível e polêmico das discussões atuais a respeito da divisão de gêneros. Poderíamos articulá-lo

em torno da resposta à questão: o dado biológico original, isto é, a anatomia diferencial dos corpos, seria o critério, por excelência, para definir as diferenças psíquicas a respeito dos destinos da sexualidade no ser falante?

Caso se responda afirmativamente a esta questão, todo tipo de atividade sexual que se desviasse da norma biológica poderia, inexoravelmente, ser considerado como uma patologia e, portanto, assujeitar-se aos métodos de cura propostos pela medicina e pela psicologia. Ora, foi isso, de fato, o que ocorreu durante boa parte da história da prática psiquiátrica moderna.

É claro que os desvios não seriam tomados todos na mesma proporção. Enquanto as homossexualidades implicariam uma desobediência à norma sexual natural, uma vez que a sexualidade estaria desviada de sua finalidade reprodutiva e fixada exclusivamente num tipo de satisfação em que o objeto de prazer encontrar-se-ia invertido, as transexualidades apontariam, por sua vez, para uma patologia ainda mais grave. Isso porque, para além dos desvios em relação ao objeto e à finalidade sexual, estes indivíduos sofreriam de um sintoma ainda mais contundente: a negação e a tentativa de transformação radical da própria natureza do corpo.

Sabemos que Freud, no que diz respeito à construção da sua primeira teoria das pulsões, propôs uma forte ruptura com esta tendência de forte acento biologizante da medicina de sua época. Ao apontar para existência da sexualidade infantil, definindo-a como perversa e polimorfa, e ao acentuar, como uma herança de sua amizade com Fliess, a gênese bissexual da libido, ele destacou que as vicissitudes da sexualidade humana são bem mais complexas do que a princípio se propunha. Caberia à cultura, incialmente encarnada na figura dos pais, tanto o processo de domesticação do caráter desmesurado da pulsão quanto, por conseguinte, a definição das balizas a partir das quais as identidades sexuais se organizariam. O enfrentamento do Complexo de Édipo poderia ser considerado como o momento mais sensível deste processo, visto que seu atravessamento definiria os destinos da sexualidade na vida adulta.

Esta teoria freudiana pode nos levar a duas diferentes interpretações sobre o modo como a psicanálise enfrenta a questão dos desvios sexuais. Se, por um lado, a teoria pulsional escancara a dimensão negativa da pulsão, ou seja, sua não aderência natural a um objeto de satisfação e a absoluta plasticidade de seus modos de expressão; por outro lado, contudo, há uma leitura, que também pode ser retirada do

texto freudiano, que entende o Complexo de Édipo como um momento fundamental de normatização da vida sexual, cuja falha pode engendrar toda sorte de patologias. Homossexualidades e heterossexualidades poderiam igualmente estar incluídas nestas falhas.

Se é verdade que a homossexualidade, depois de um longo tempo de debates, não é mais considerada, entre os analistas, uma doença, o mesmo, todavia, ainda não é válido para as transexualidades. Quando a questão da divisão binária de gêneros, pensada como fundamento do laço social, é colocada em suspensão – o que a experiência trans ocasiona –, a psicanálise parece colidir com uma parte de seus próprios limites. Resta, portanto, a pergunta: como enfrentá-los?

Referências

CUNHA, Eduardo Leal. Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria Queer. *Revista EPOS*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, dez. 2013.

FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1924.)

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1908.)

QUINET, Antonio. Homofobias psicanalíticas na psicologização do Édipo. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 191-199, nov. 2016.

***

Tempo, ato analítico e a outra imagem[21]

Luiz Henrique Graff

Psicólogo formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista em Atendimento Clínico em Psicanálise também pela UFRGS.

[21] Este trabalho integra o projeto de dissertação de mestrado orientado pela professora Simone Zanon Moschen, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS.

Pepe Mujica, no documentário *Humano*, dirigido por Yann Arthus-Bertrand em 2015, diz-nos que

> inventamos uma montanha de consumo supérfluo, e é preciso jogar fora e viver comprando e jogando fora. E o que estamos gastando é tempo de vida. Porque, quando compramos algo, não compramos com dinheiro, compramos com o tempo de vida que tivemos de gastar para ter esse dinheiro. Mas com esta diferença: a única coisa que não se pode comprar é a vida. A vida se gasta. E é miserável gastar a vida para perder liberdade.

Diante de tais circunstâncias, Maria Rita Kehl (2009), em *O tempo e o cão*, traz a fundamental lembrança sobre os três tempos lógicos propostos por Lacan: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. Sobre eles, refere que o primeiro e último tempo são instantâneos. Somente o tempo de compreender seria um tempo que demandaria demorar-se em reciprocidade ao outro. É esse tempo intermediário que estaria "comprimido" na contemporaneidade, achatado pela pressa como aceleração e pela técnica. Como se o tempo vivido na pressa do cotidiano contemporâneo fosse o da experiência da instantaneidade – fazendo um *link* direto e apressado sempre do instante de ver ao momento de concluir. A vivência, então, não encontraria condições de transformar-se em experiência. Assim, parece estar ausente na contemporaneidade da produção e da performance a permissão para um tempo de compreender no que seria o seu maior valor: o das monções suspensas. Lacan (1966/1998) nos diz que aí está a lógica do para além do que pode ser visto de um golpe só. Segundo Lacan (1966/1998), é a concepção temporal que prevalece à concepção espacial. Para ele, o que as moções suspensas denunciam é o que os sujeitos descobrem positivamente por aquilo que não veem, e não pelo que necessariamente veem.

Dessa forma, talvez caiba nos questionarmos sobre a responsabilidade da psicanálise pelas formas contemporâneas de valor comercial do tempo. Sobre essa responsabilidade, Soler diz nunca ter existido sujeito pré-adaptado ao discurso analítico. Assim, está a cargo do analista introduzir nesse discurso aqueles a que ele encontra, seja em seu consultório ou fora dele, em instituições. Como dirá ela, "trata-se de saber o que pode ser alcançado pelo real num discurso que use apenas o verbo" (SOLER, 2009, p. 192).

Fingermann (2009) aponta que é o ato do analista o responsável por introduzir uma descontinuidade, que exporá a suposição de sincronia

do ser que busca a solução da continuidade. Assim, o corte no tempo da sessão, o ato do analista, terá incidência sobre a "intemporalidade" do sujeito do inconsciente. O tratamento do sujeito pelo discurso analítico é, então, uma questão de tempo, "não um tempo cronológico, que engole os instantes na corrida do passado para o futuro, mas um tempo lógico que faz valer o instante como decisivo" (FINGERMANN, 2009, p. 63).

> (...) "Onde isso era", mera repetição – Lacan faz advir o ato. Onde se se encontrava inalterada a repetição do mesmo e da mesmice, ele introduz o ato do analista que produz a repetição como escanção de pura alteridade, que faz diferente, e faz diferença no termo de uma análise. (FINGERMANN, 2009, p. 62, grifo da autora)

Kertzman (2012, p. 7) aponta que "é do ofício do psicanalista produzir cortes com os instrumentos de que dispõe: a interpretação. Rara e fugaz é de imediato seguida pela costura, pela costura significante. É nessa dialética do corte e costura que se tece nosso ofício". Esse corte, numa potência para muito além de desnortear um sujeito, instaura um desbussolamento, propiciando a construção de um novo norte: uma nova orientação, assim, uma nova forma de caminhar.

No entanto, Soler (2008) nos dirá que a questão do tempo próprio da psicanálise vem de fora: o tema é a nós também trazido pela atualidade do discurso capitalista. Os meios de comunicação se apoderam do tema e divulgam para o grande público, informando inclusive a demanda. Assim, ser escutado durante um longo tempo a cada sessão e sarar depressa vão se tornando a exigência de nossa época. O que é lógico para a psicanalista: uma vez que o tempo se compra e se vende, como o consumidor não iria querer o gozo garantido de um tempo de sessão e que esta seja curta?

> Toda sociedade, com os indivíduos que ela agrupa, é comandada pelos "semblantes" imaginários e simbólicos, a memória aí inclusa. "Não há discurso que não seja do semblante", diz Lacan e, por "discurso", ele designa precisamente o laço social. (...) Certamente, os semblantes atuais não são os da época clássica, pois hoje são os semblantes ligados ao do mercado que fazem sucesso, mas a própria mercadoria é tecida pelos semblantes ao ponto que, na maior parte

> das vezes, seu valor de uso, uso de gozo, confunde-se com seu valor de troca. (SOLER, 2009, p. 187, grifos da autora)

Fala-nos ela da subjetividade de nossa época, que ingressa junto com os sujeitos no consultório do psicanalista. Essa subjetividade "quer, hoje, que se ande rápido, sem muito custo, e, sobretudo, que seja rentável" (SOLER, 2009, p. 186).

Assim, para Soler (2008), do lado do consultório, também é grande a tentação de jogar-se nos braços do discurso capitalista, mesmo por um medo latente de que a psicanálise desapareça do mercado. E seja por um não reconhecimento de que o mundo tenha mudado nos últimos decênios, ignorando soberbamente a "subjetividade de nossa época", ou seja, por ceder em relação à oferta propriamente analítica em nome de uma adaptação realista, acabe-se contribuindo ativamente para a diluição desta no campo *psi*. Quando, segundo ela, tratar-se-ia justamente de precisar o que do tempo na psicanálise não pode pender ao sabor do espírito da época.

Cabe-nos questionar o que há de fundamental, então, para a prática da psicanálise. Afinal, Lacan nos deixará o legado de que a psicanálise, se nada mais, será apenas uma ética. O que não será pouco.

Diante do cenário atual, o que faz ato e tem a potência de rasgar o discurso vigente? Esse questionamento, à luz da leitura da psicanálise, carregará consigo a potência da pergunta de Georges Didi-Huberman, em prefácio ao livro *Desconfiar de las imagenes*, de Harun Farocki: perguntará ele "como abrir os olhos?".

> Es especialmente absurdo intentar descalificar algunas imágenes bajo el argumento de que aparentemente han sido "manipuladas". Todas las imágenes del mundo son el resultado de una manipulación, de un esfuerzo voluntario en el que interviene la mano del hombre (incluso cuando esta sea un artefacto mecánico). Solo los teólogos sueñan con imágenes que no hayan sido producidas por la mano del hombre. (...) La cuestión es, más bien, cómo determinar, cada vez, en cada imagen, qué es lo que la mano ha hecho exactamente, cómo lo ha hecho y para qué, con qué propósito tuvo lugar la manipulación. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 13-14, grifo do autor)

É nesse sentido que, ao podermos afirmar que toda cena será manipulada, podemos afirmar também a total inexistência de uma imagem

verdadeira. E será na construção do que, como e por que olhar é que se dará a experiência de análise. A flecha temporal nesse momento se inverte, fazendo com que o passado seja sempre uma consequência, uma reconstrução da busca pela cena anterior, pela origem no presente. Tudo criado pela escanção, que se dá a partir do ato analítico.

Este trabalho, dessa forma, visará a um demorar-se diante das imagens na esteira dos trabalhos do cineasta, autor e ator Harun Farocki, ao registrar o momento singular de resistência, a imagem inútil dentro do império do útil. Aqui, tomaremos a dimensão ética da imagem: um furo projetado no anteparo de gozo narcísico que institui uma posição de não querer saber.

Referências

ARTHUS-BERTRAND, Yann. *HUMAN o filme*. YouTube. 11 set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FpfsXQKG8vY&index=5&list=PLx-90r8WoFGbg1j3T79uTgMQAV8mj2QPr&t=41s>. Acesso em: 2 nov. 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cómo abrir los ojos. In: FAROCKI, Harun. *Desconfiar de las imagenes*. Buenos Aires: Caja Negra, 2013.

FAROCKI, Harun. *A saída dos operários da fábrica*. Filme-vídeo. 36 min. Cor/PB. Alemanha, 1995.

FINGERMANN, Dominique. O tempo na experiência da psicanálise. *Revista USP*, São Paulo, n. 81, p. 58-71, mar./maio 2009.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KERTZMAN, Miguel. Nota de tradução. In: NASIO, Juan-David. *Psicossomática: as formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Obra original publicada em 1966.)

SOLER, Colette. Atualidade. In: SOLER, Colette. Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise. V Encontro Internacional dos Fóruns-Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. *Anais...* São Paulo: IF-EPFCL, 2008.

SOLER, Colette. O sujeito, o inconsciente e o tempo. Entrevistadoras: Dominique Fingermann e Maria Rira Kehl. *A peste*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 185-194, jan./jun. 2009.

***

Mesa S – Mediadora: Ida Amaral

Verdade histórica e desmentido: o real da escrita em Freud

Cláudia Moreira
Psicanalista, doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ e coordenadora da Clínica Escola de Psicologia da Faculdade Pitágoras – Belo Horizonte.

Em 1929, em uma carta a A. Zweig, Freud pergunta ao seu amigo se ele possuía um exemplar de *O futuro de uma ilusão* e acrescenta: "Provavelmente não publicarei nada mais, a menos que seja definitivamente pressionado a tal" (FREUD *apud* YERUSHALMI, 1992, p. 40). Em 1939, vem à luz *O homem Moisés e a religião monoteísta*. O recrudescimento do antissemitismo e a consequente perseguição aos judeus em um dos momentos mais obscuros da história pode e deve ser considerado como fato marcante e impulso decisivo para que Freud escrevesse e publicasse seu livro. Mas vamos nos ater neste trabalho à noção de verdade histórica que perpassa toda a construção do Moisés freudiano.

Levando às últimas consequências a hipótese de que o nome Moisés (Mose) não só era derivado do egípcio como o próprio homem Moisés também era egípcio, a história do povo judeu é reconstruída a partir de alguns pontos de apoio que servem como pontapé inicial para colocar em marcha outra versão da história dita oficial. A tese de que a circuncisão era um costume egípcio, o registro da primeira forma de monoteísmo estrito encontrada na história na XVII dinastia do faraó Amenófis (IV) em 1375 a.C. e a descoberta da adoção de uma nova religião pelos judeus na região de Cades podem ser tomados como os elementos primeiros que impulsionam a investigação freudiana. A via forjada por ele se assemelha em muito à construção e narrativa de um caso clínico. A partir das lacunas e dos fragmentos, a história de Moisés será recriada. História que veicula uma verdade, que não necessariamente diz respeito a uma verdade factual. A verdade tem estrutura de ficção, como muito tempo depois irá assinalar Lacan em seu seminário sobre *A carta roubada* (1956).

Assim, podemos conceber *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939) como uma grande ficção que carrega em suas linhas a dimensão da verdade. É por perceber que a inscrição da verdade independe de provas factuais que a ideia de um romance histórico deixa de ter seu

peso. Em parte, o abandono desta notação *ein historicher Roman* deriva da constatação de que a reconstrução histórica levada a cabo em *Moisés* privilegiou a verdade como efeito, e, neste sentido, não havia razão para um subtítulo que terminaria por diferenciar este trabalho das demais produções psicanalíticas.

A intrusão da figura do Moisés egípcio no centro da tradição judaica, a hipótese do assassinato de Moisés e toda a investigação sobre os mecanismos capazes de justificar a transmissão da mensagem mosaica são, na visão de Freud, insuficientes para explicar a ideia de um Deus único. Estes elementos devem conectar-se à noção de verdade histórica. A ideia de um deus único é avassaladora porque ela contém não uma verdade eterna ou material e sim uma verdade histórica. Verdade histórica que foi distorcida quando de seu retorno. "Não acreditamos que hoje exista um único grande deus, mas que em tempos primitivos existiu uma única pessoa que naquela época precisava parecer enorme, e que então, elevada à categoria de divindade, retornou na lembrança dos seres humanos" (FREUD, 1939/2014, p. 174).

A verdade histórica traz, assim, um retorno do passado. Neste caso, a verdade histórica mencionada por Freud não é outra que o assassinato do pai primevo. A ideia de um deus único levada ao povo por Moisés "não era algo novo, mas significava a reanimação de uma experiência dos primórdios da família humana que há muito tempo desaparecera da memória consciente dos homens" (FREUD, 1939/1914, p. 175). Esta experiência deixou marcas profundas e duradouras na vida dos homens "comparáveis a uma tradição na psique humana" (FREUD, 1939/2014, p. 175).

É aqui que precisamos efetuar uma distinção entre verdade material e verdade histórica. O que está em questão nesta última não é da ordem do factual. Quase sempre as críticas incidem sobre a percepção de que Freud sustentou a existência factual do assassinato. Mas isso é confundir verdade material com verdade histórica.

A noção de verdade histórica em Freud não se associa tão direta e indistintamente ao que foi recalcado. Tal qual o umbigo do sonho, a verdade histórica parece demarcar a emergência de um ponto irrepresentável. Conceitos como distorção e desmentido gravitam em torno na noção de verdade histórica, pois é ao assinalar a presença deles e de sua dinâmica – seja, por exemplo, no texto bíblico ou nos relatos históricos – que Freud se aproxima deste impossível de ser dito que diz respeito à verdade histórica. Não se trata de ir atrás de provas históricas. A partir dos traços e fragmentos do passado, tal qual o psicanalista

durante suas análises, a construção se dá sobre as lacunas e falhas do discurso do analisante, o que termina por demarcar o lugar de um elemento fora do texto, cujos efeitos serão percebidos *a posteriori*. Os efeitos recolhidos não podem ser tomados como prova de exatidão e sim que algum ponto de verdade tenha sido de fato tocado.

> Freud indica expressamente que é a verdade histórica e não a verdade material que ele persegue em seu trabalho. Certamente, não é fácil cernir o estatuto da "verdade histórica". Principalmente porque sobre este ponto o texto freudiano pode muitas vezes parecer obscuro. Esta confusão entre verdade material e histórica redobra uma outra confusão: entre recalcamento e desmentido: o assassinato de Moisés não é a verdade material recalcada em Cades, mas, enquanto desmentido, é o real do texto bíblico. (LEMÉRER, 1998, p. 101, grifo do autor).

A este respeito, Assmann (2010, p. 92) observa: "A contradição que [Freud] constrói não é entre fontes bíblicas e extra bíblicas, mas uma contradição que atravessa a própria Bíblia". Se o recalcamento opera sobre uma representação inconciliável, o desmentido é um deslocamento, uma *Entstellung* que se dá no nível da inscrição dos traços de percepção. Esta confusão marcada por Lemérer (1998), entre verdade material e verdade histórica e entre recalcamento e desmentido, lança luz acerca do que vem a ser a verdade histórica. É como se Freud, buscando a verdade, terminasse por encontrar o Real. Talvez esteja aqui também outro motivo que justifique a obscuridade em torno da noção de verdade histórica. Em muitos momentos ao longo de sua obra, Freud vai definir a verdade em estrita consonância com a realidade. Mas não é o que ele faz em *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939).

Considerar o assassinato de Moisés um acontecimento que diz respeito a uma verdade histórica não é o mesmo que dotar este evento de materialidade a ponto de ele ser capaz de explicar ou justificar o passado. O mesmo vale para o assassinato do pai primevo. É preciso que nos voltemos para a própria dinâmica do inconsciente para alcançarmos o que está no horizonte na noção de verdade histórica. Com efeito, Bernstein (2000) enfatiza que não se trata de explicar a tradição judaica mediante um apelo à verdade histórica. Freud faz justamente o contrário: consegue destacar a verdade histórica desta tradição "mediante um apelo ao nosso entendimento psicanalítico presente da dinâmica da psique humana" (BERNSTEIN, 2000, p. 90).

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud se atém ao complexo paterno para explicar o fundamento da adesão religiosa. A questão edipiana é, de certa forma, sobreposta ou transferida para a relação que o crente estabelece com Deus, que é, então, tomado como um pai exaltado. Assim, vemos explicados o vigor e a aderência pulsional à religião. Mas, em 1935, Freud considera que em *O futuro de uma ilusão* (1927) fez uma avaliação essencialmente negativa da religião. A fórmula que fará mais justiça à religião é que esta contém um núcleo de verdade histórica. Mas o que isto quer dizer? E o que efetivamente acontece entre *O futuro de uma ilusão* e Moisés? Em 1927, trata-se da ilusão, ilusão de um pai protetor. Em 1939, trata-se do real posto em cena pela noção de verdade histórica.

Trata-se, em *Moisés*, de uma aproximação lenta, vacilante, uma construção que põe em evidência a emergência de um ponto que não está subordinado inteiramente ao pai. A metáfora que tantas vezes Freud se utilizou para referir-se ao seu trabalho, uma estátua de bronze com pés de barro, já não vigora ao final de Moisés.

> (...) a lacuna não é em Freud a ausência de uma pedra no edifício construído, mas o traço e o retorno daquilo do qual o texto deve tomar o lugar. Em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, duas expressões retornam constantemente, obsedantes, e significam: de um lado, tomar o lugar do outro (*die Stelle einnehmen*) ou se estabelecer em seu lugar (*an seine Stelle setzen*), e, de outro lado, preencher as lacunas (*die Lücken ausfüllen*) ou apagar os traços (*die Spuren verwischen*). A dissimulação (*Beseitigung*) dos traços, relativa à perpetração de um crime (GW, 144), fornece a verdadeira força às lacunas da encenação textual que ocupa o lugar do morto. (CERTEAU, 1975, p. 334, grifos da autora)

Através da história de Moisés, ao estabelecer as origens do monoteísmo judaico, Freud pôs em evidência uma verdade que carreia a emergência de outra cena, atemporal, vivida, esquecida, rechaçada, mas que sempre retorna. Mesmo que se faça um enorme esforço para mantê-la afastada, essa verdade insiste: é o que acontece com o assassinato de Moisés, verdade histórica fundadora do monoteísmo judaico-cristão que surge disfarçada na figura de Deus-Pai. A verdade histórica é a forma pela qual cada povo, cada nação, cada sujeito vai inscrever o real do trauma.

Referências

ASSMANN, Jan. *The price of monotheism*. Stanford: California Stanford University Press, 2010.
CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.
FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Trad. de: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Obra original publicada em 1927.)
FREUD, Sigmund. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad. de: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014. (Obra original publicada em 1939.)
FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XX. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obra original publicada em 1925[1924].)
LACAN, Jacques. O seminário sobre *A carta roubada*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. de: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 13-66. (Obra original publicada em 1955.)
LEMÉRER, Brigitte. *Les deux Moïse de Freud (1914-1939): Freud et Moïse ecriture du père 1. Érès*. Paris: 1998.
YERUSHALMI, Yosef Hayim. *O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

***

O que há na língua chinesa que nos orienta quanto à leitura da letra?

Maria Jacinta Freire de Freitas Xavier
Luciane de Conti

Lendo *O seminário 24* (LACAN, 1976-1977/n.d.), nos perguntamos: por que Lacan indica aos analistas que estes extraiam o grão da poética chinesa? Para tal, nos propomos investigar que recursos a língua e a poesia chinesa podem oferecer ao psicanalista a fim de instrumentalizar sua prática de leitura da "letra" via escuta dos significantes. Os fragmentos de experiência clínica das quais lançaremos mão como vinhetas foram obtidos tanto na condição de psicanalisante quando na condição de psicanalista (de orientação Lacaniana) e são a reescrita de notas breves após atendimentos articuladas como texto a partir de um dado, visando a ilustrar ou problematizar recursos de

intervenção. Como consequência do contato entre o objeto e a subjetividade do pesquisador, a narrativa destas memórias pode beirar à dimensão ficcional, já que o pesquisador é "movido por suas impressões transferenciais sobre o texto examinado" (IRIBARRY, 2003, p. 127). Trata-se de um saber entrelaçado a um fazer, de onde produzimos sentidos a partir das observações clínicas. O que configura nossa pesquisa como em psicanálise e nosso método como método interpretativo.

Apontamos, inicialmente, como marca da língua chinesa, a sua distância entre escrita e fala. Distância não quer dizer sem ligação nenhuma. Alleton (2010, p. 9) sustenta a afirmação de que "a escrita chinesa representa a língua chinesa e não um sistema de ideias", o que situa o ideograma como apenas uma das categorias. Um exemplo simples desse distanciamento é o do pronome pessoal na terceira pessoa do singular. Em português, dizemos ele, ela; e essa sonoridade diferente é escrita de formas distintas. Em mandarim, <> é a expressão vocal tanto para ele quanto para ela, mas escreve-se diferente. A saber: ele 他 , ela 她. Enquanto no nosso alfabeto fonético, cada letra, ou unidade fonética, representa um som, em chinês, toda letra carrega uma combinação de sons, e mesmo um sentido próprio. Exemplo: Bâ (perto/agarrar/desejar), xî (oeste/ocidente), rén (pessoa/ser humano/todos) e bâxîrén = brasileiro. Chegam a dezenas os caracteres com significados diferentes para um mesmo som. Como no poema de Zao Yuanren, composto por 92 caracteres, todos pronunciados <> variando entre quatros tons. O poema conta a história do Senhor Shi, que morava em uma casa de pedra e apreciava comer leões. Senhor Shi visitava o mercado de tempos em tempos, e um dia, às dez horas, dez leões apareceram no mercado...

Figura 1 – Poema escrito por Zao Yuanren e sua tradução para o inglês

Table 3.7 A story in which each syllable is pronounced /shi/

石室詩士施氏，嗜獅，
誓食十獅。
施氏時時適市視獅，十時，
適十獅適市。
是時，適施氏適市。
施氏視是十獅，恃矢勢，
使是十獅逝世。
施氏拾是十獅屍，適石室。
石室濕，施氏使侍拭石室，
石室拭，施氏始試食是十獅屍。
食時，始識是十獅屍是十石獅屍。
試釋是事。

shí shì shī shì shī shì, shì shī,
shì shí shí shī.
shī shì shí shí shì shì shì shī, shí shí,
shì shí shí shì shì.
shì shí, shì shī shì shì shì.
shí shì shì shì shí shī, shì shī shì,
shī shì shí shī shì shī.
shí shì shí shì shí shī shī, shì shí shì.
shí shì shì, shī shì shī shì shì shí shì,
shí shì shì, shī shì shī shì shí shì shí shī shī.
shí shí, shī shí shì shí shī shī shì shí shí shī shī.
shì shì shì shì.

Translation
A poet named Shi lived in a stone house and liked to eat lion flesh, and he vowed to eat ten of them. He used to go to the market in search of lions, and one day at ten o'clock, he chanced to see ten of them there. Shi killed the lions with arrows and picked up their bodies, carrying them back to his stone house. His house was dripping with water so he requested that his servants proceed to dry it. Then he began to try to eat the bodies of the ten lions. It was only then he realised that these were in fact ten lions made of stone. Try to explain the riddle.

Fonte: Disponível em: <http://en.paperblog.com/a-poem-in-which-every-word-is-pronounced-the-same-442180/>. Acesso em: 22 mar. 2017.

"Entonces la doble articulación allí es rara" (LACAN, 1970-1971/2014, p. 45).

Encontramos em Martinet (1973) a elucidação sobre este conceito linguístico: cada unidade da primeira articulação tem um sentido e uma forma vocal, e é comum àqueles que compartilham da mesma língua. Esse conjunto na primeira articulação significa como um todo e não podemos analisá-lo em unidades menores. Já na segunda articulação, a forma vocal é analisável numa sucessão de unidades. Bem, vimos que em chinês cada unidade da segunda articulação suporta muito mais, em traços, sons e sentidos. Podemos perceber, que, sem o escrito, bem poderíamos chegar à poética e absurda versão em que: dez horas de pedra comeram o Senhor Shi. Foneticamente, isso dá um caldo semelhante ao conteúdo da burra da "lalangue". Aí está uma relação com a interpretação analítica: sem pedir que o sujeito fale mais, menos chances temos de chegar à dimensão do escrito. "Lalangue", ou "alíngua", como em algumas traduções encontramos, é um neologismo criado por Lacan, que remete à "lalação", a fala materna que a criança "recebe", não "aprende". Um falar para nada dizer, que satisfaz sem necessidade de significação (GOIS *et al.*, n.d.).

Se na gênese da história do sujeito com a língua há o caos, pode-se ler em qualquer vertente, contanto que o som nos permita, até mesmo porque "lalangue" não serve para o diálogo (LACAN, 1972-1973/2008b). O inconsciente seria feito de "lalangue" dita materna. Mais, o inconsciente mesmo seria um saber-fazer com esse conteúdo, o que está posto anteriormente em seu *Seminário 11* como que o inconsciente é o efeito da fala sobre um sujeito, e que é nesse nível que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante. O sujeito tem de se haver com isto que vem do Outro e que lhe parasita. Imaginemos um amontoado de sons sem sentido, que posteriormente vão sendo recheados com o que lhes cabe, suas imagens e seus significados, estabelecendo nexos por vias semânticas, fonéticas e visuais em composições com alguma originalidade. Logo, a escuta oferecida na clínica Lacaniana visaria a este exercício: via som ler a letra e esvaziá-la de certa fixidez, libertando o sujeito do "efeito afanísico do significante binário" (LACAN, 1964/2008a, p. 214).

Uma paciente busca atendimento por indicação da nutricionista que acompanha sua situação de obesidade nível 1. Em algumas sessões preliminares, emprega a palavra "aperto" inúmeras vezes. O primeiro uso foi sobre quando referia seu medo de permanecer sozinha no local de trabalho, pois tinha pensamentos suicidas: imagina uma cena em que aperta o pescoço até morrer. Em outros momentos, referia como sintoma um forte aperto no peito e, pela terceira vez, que este significante surgiu foi ao falar da perda de peso, o quanto lhe incomodava o fato de que as roupas sobrassem no corpo porque preferia roupas apertadas. Nesse momento, a analista lhe diz: "O que há perto?" Ao que a paciente começa a contar sobre como a mãe, vendedora ambulante, situou seu ponto de comércio em frente à porta da instituição em que ela trabalha para apaziguar esse seu medo de ficar só. Seu sintoma convocava o amor da mãe. A analista pontuou: há perto a mãe. E encerrou a sessão interpretando que a mesma força que se usa para apertar algo incide sobre quem age. A jovem obesa padecia de há perto.

A escuta psicanalítica, via ouvido, tem o vislumbre de algo que está grafado no psiquismo, grafia que pede e depende de visão. Mas o que ouvidos poderiam ver? Ora, imagens acústicas, letras que se misturam e emendam com outras em várias direções. O psicanalista deve escutar em todas as direções e intervir produzindo novos sentidos ou sem sentidos naquilo de letra que apreende da rede de significantes do paciente, afetando "lalangue" e suscitando que o sujeito chegue a algo

novo a partir disso que o constituiu e que bem poderia ser outra coisa. Lacan lançou mão da escrita chinesa como metáfora para apontar aos psicanalistas a importância de uma escuta-visão em todos os níveis de articulação da palavra, às múltiplas direções em que se pode escutar o discurso e, como sugere o psicanalista francês Huo Datong, a ruptura possível entre significantes acústicos e visuais, estes últimos não menos importantes.

Referências

ALLETON, Viviane. *Escrita chinesa*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOIS, Elza *et al. Lalangue, via régia para captura do real*. Instituto de Psicanálise Lacaniana (IPLA). N.d. Disponível em: <http://www.psicanaliselacaniana.com/estudos/documents/LALANGUE.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 115-138, 2003.

LACAN, Jacques. *El seminario 18: de um discurso que no fuera del semblante*. Argentina: Paidós, 2014. (Obra original publicada em 1970-1971.)

LACAN, Jacques. *O seminário 24*. N.d. Disponível em: <http://www.bibliopsi.org/docs/lacan/29%20Seminario%2024.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017. (Obra original publicada em 1976-1977.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a. (Obra original publicada em 1964.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. (Obra original publicada em 1972-1973.)

MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1973.

***

O manifesto antropofágico e a Psicanálise

Geovane Sousa Melo Junior
Eduardo Lucas Andrade

É importante ressaltar que o Manifesto Antropofágico deglute várias fontes, desde a antropologia de Frazer até a psicanálise freudiana, tornando, por meio de suas críticas e considerações, "algo de

fora, dentro". Contudo, tendo em vista o recorte dessa escrita, nos deteremos somente nas articulações do Manifesto com a Psicanálise. Entende-se como deglutição esse movimento próprio dos índios antropófagos, que os escritores antropofágicos tomam como um conceito metáfora-chave para pensar um Brasil com suas verdadeiras identidades e raízes.

Vejamos: a devoração deixou de ser, para os intelectuais das vanguardas europeias e latino-americanas, um estereótipo de crueldade e constitui-se como uma importante força instintiva, extremamente adequada para se criticarem os tabus instaurados pela arte acadêmica, pela moral cristã, pelo discurso iluminista e pelas atitudes imperialistas. Totemizado pela visão estética, filosófica e antropológica do início do século XX, o gesto antropofágico tornou-se, metaforicamente, um ritual indispensável para se questionar a produção artística, a prática religiosa, a identidade nacional, a política capitalista e a relação entre as culturas (BITARÃES NETO, 2004).

Percebe-se, por meio da leitura de Oswald, que este acompanha a afirmação de Freud (1912-1913/1996), quando este diz que há uma estreita conexão entre o conceito de totem e o de tabu. Logo, por meio da ingestão dos escritos freudianos, sobretudo, do artigo "Totem e tabu" (1912-1913/1996), Oswald propõe totemizar exatamente aquilo que representava o tabu até então, que é a cultura indígena, negra, etc. E vai além, forjando seus próprios conceitos, o conceito de "instinto antropofágico" e "consciente antropofágico", além de forjar o termo "consciente ético".

> Frazer e Freud deram ao tabu um significado que eu corrijo. Perguntava-se ao índio por que ele não adorava Deus; o índio respondia: "Porque Deus é bom". O diabo era adorado porque era inquietante. O nosso ponto de vista religioso opõe-se vivamente àquele que nos impuseram os ocidentais. Nós somos antropófagos. Todo ato humano é antropofágico. Freud coloca o instinto sexual ao centro da atividade humana; eu oponho a ele o instinto antropofágico do qual a sexualidade é uma das formas mais características. (ANDRADE *apud* BITARÃES NETO, 2004, p. 55, grifo dos autores)

Outra deglutição feita por Oswald:

> [...]. Cabe a nós, antropófagos, fazer a crítica da terminologia freudiana, terminologia que atinge profundamente a questão. O maior dos absurdos é, por exemplo, chamar de inconsciente a parte mais iluminada pela consciência do homem: o sexo e o estômago. Eu chamo a isso de "consciente antropofágico". O outro, o resultado sempre flexível da luta com a resistência exterior, transformado em norma estratégica, chamar-se-á o "consciente ético". (ANDRADE *apud* BITARÃES NETO, 2004, p. 56, grifos dos autores)

O conceito de antropofagia é instrumentalizado, pois é justamente algo que expressa o tabu para os colonizadores, por ser considerada "animalesca", "abominável". "Usando-a pelo seu poder de choque, esse Manifesto lança a palavra antropofagia como pedra de escândalo [...]" (ANDRADE, 1990, p. 15). Além disso, a antropofagia oswaldiana, ao propor que se totemize o tabu "remete-nos à questão do pai primevo (aqui transfigurado no colonizador) seu parricídio (a revolta do colonizado [...])" (HELENA, 1985, p. 174). Logo, é o movimento inicial de se tomar o tabu como totem, de se questionar as ideologias acerca do Brasil enquanto um paraíso tropical indígena.
De acordo com Facchinetti (2003, p. 119):

> A nova perspectiva (perspectiva antropofágica) impulsionou um movimento de questionamento da consciência e da unificação nacional, sendo denunciados os sequestros que mantinham o pensamento brasileiro colonizado e imóvel. Por sua vez, esse processo permitiu a abertura para uma visão sobre o país marcada por forças econômicas, políticas e sexuais como produtoras de verdade, em um universo de possibilidades referido ao trio indicado por Oswald de Andrade: Marx, Nietzsche e Freud.

A metáfora de Oswald, desse modo, é tomar o colonizador enquanto o pai primevo da horda, que tudo pode, pois não tem limites. E associar a nossa revolta tupiniquim ao próprio movimento antropofágico. Em outros termos, também devemos, simbolicamente, matar esse colonizador totêmico para que possamos ingerir, criticamente, as culturas estrangeiras.

> Assim, se no Manifesto Antropófago Oswald cita Freud três vezes e o deixa como um dos pontos de sustentação do corpo disperso de seu texto, é fundamental que se observe, entretanto, que, para Oswald, o inconsciente está atrelado à sexualidade recalcada, e Oswald, se está interessado em Freud, é para propor algo diferente desse modelo civilizatório repressor. Deste modo, o processo que constitui o ser do antropófago como uma consciência primitiva não é resultado do recalque, mas do embate com a diferença, que sela um novo signo, um primitivismo que, mais do que o sujeito da identidade ou remetido ao ego, apontaria para uma dimensão autônoma e primitiva, oração-sem-sujeito, da ordem da produção pontual e instantânea, capaz de manter uma mobilidade que confere às formas de subjetivação um devir múltiplo e plural. No ato antropofágico, o corpo disperso nos órgãos iluminados pela pulsão móvel e instantânea é o lugar de onde formas de subjetivação podem construir-se. (FACCHINETTI, 2001, p. 4)

Portanto, Oswald busca, nos escritos freudianos, uma maneira de se pensar o contemporâneo de forma crítica, todavia, fazendo, sempre, suas próprias considerações sobre a obra freudiana. Como por exemplo, na alusão à metáfora do pai primevo como colonizador. Dessa forma, Freud, assim como as demais referências para a escrita do Manifesto Antropófago, são utilizados como pensadores a serem ingeridos, com o intuito de pensarmos em um país solto das amarras europeias.

É importante ressaltar que, ao ler Freud, Oswald utilizará especialmente a obra "Totem e tabu", de 1912-1913, instrumentalizando os conceitos freudianos a sua forma, para demonstrar como a antropofagia é o próprio ato fundante da sociedade. E, além disso, construindo a analogia entre o pai totêmico freudiano e o colonizador europeu, na qual nós, brasileiros, seríamos os filhos da horda, que deveríamos lutar por nossos direitos e "canibalizar" esse pai tirânico, construindo nossa própria identidade. Ou seja, é ao transformar o tabu da antropofagia em totem, em conceito maior, que Oswald nos indicará o caminho a ser percorrido para nossa "libertação cultural", claro, como já apontado, sem xenofobia, afinal, o alimento exterior é necessário, até mesmo como parâmetro de alteridade para edificação de nossa identidade. Uma vez mais, é mister ressaltar que em momento algum essa escrita pretende afirmar que somente a psicanálise freudiana influenciou o

Manifesto oswaldiano, ou mesmo que essa foi sua maior fonte. Ao contrário, essa escrita parte do pressuposto de que a escrita antropofágica de Oswald de Andrade que culmina com o Manifesto homônimo é fruto de suas várias influências literárias e artísticas nas artes (Dadaísmo, Cubismo e Surrealismo) e na literatura (Montaigne, Rousseau e Nietzsche; Marx, Freud e Cendras).

Referências

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. 17. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 31. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnie, 2000.

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade.)

ANDRADE, Oswald de. *Pau-brasil*. 4. ed. São Paulo: Globo, 1991. (Obras completas de Oswald de Andrade.)

ANDRADE, Oswald de. *Ponta de lança: polêmica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1972. (Obras completas de Oswald de Andrade.)

ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. 5. ed. São Paulo: Globo, 1996. (Obras completas de Oswald de Andrade.)

ASSIS, Machado de. *Dom casmurro*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.

AVERBUCK, Lígia Morrone. *Cobra Norato e a revolução caraíba*. Rio de Janeiro: José Olympio; [Brasília], 1985 (Coleção Documentos Brasileiros, n. 197.)

BECKEL, Gilcia Gil. Literatura e psicanálise: qual a relação. In: III JORNADA DE PSICANÁLISE DO FÓRUM BAIANO DE PSICANÁLISE, 2. *Anais...* Bahia, 2004.

BITARÃES NETO, Adriano. *Antropofagia oswaldiana: um receituário estético e científico*. São Paulo: Annablume, 2004.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

BOPP, Raul. *Vida e morte da antropofagia*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CHAVES, Messias Eustáquio. Arte e cura no pensamento freudiano. *Reverso*, Belo Horizonte, n. 53, ano 28, set. 2006.

ELIA, Luciano. A letra na ciência e na psicanálise. *Estilos da Clínica*, Rio de Janeiro, v. XII, n. 25, jul. 2008.

FACCHINETTI, Cristiana. *O antropófago e Freud*. Rio de Janeiro: IP/UFRJ, 2001.

FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise modernista no Brasil: um recorte histórico. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jan. 2003.
FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1912-1913.)
GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
HELENA, Lucia. *Totens e tabus da modernidade brasileira: símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1985.
MORAIS, Marília Brandão Lemos. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 45-56, set. 2006.
PEREIRA, Robson de Freitas. Os litorais da psicanálise. In: PINTO, Graziela Costa. *Coleção memória da psicanálise: fronteiras da psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Duetto Editorial, 2009.
QUINTANA, Mario. *Caderno H*. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998.
RIVERA, Tania. *Guimarães Rosa e a psicanálise: ensaios sobre imagem e escrita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
TEIXEIRA, Leônia Cavalcanti. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, São Paulo, ano IX, n. 16, jul./dez. 2005.

***

Mesa T – Mediador: Ricardo Pimenta

Interlocuções entre Freud e Nietzsche: compulsão à repetição e o eterno retorno

Valter Rodrigues Alberto
Acadêmico de Psicologia e integrante da Liga Acadêmica de Psicanálise, ambos pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

Jénnefer Lorem de Oliveira Ramos
Acadêmica de Psicologia e integrante da Liga Acadêmica de Psicanálise, ambos pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

Este trabalho tem como objeto a interlocução entre o conceito de Freud de compulsão à repetição, localizado mais precisamente na obra "Além do princípio do prazer" (1920-1922) e no texto "Recordar, repetir e elaborar" (1914), com as aproximações e possíveis influências do conceito de eterno retorno, do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) e localizado em um aforismo extraído dos livros *A gaia ciência* (1882) e *Assim falou Zaratustra* (1883).

Sigmund Freud (1856-1939) e Nietzsche são autores que influenciaram demasiadamente o pensamento ocidental. Considerando as relevâncias teóricas que influenciaram o pensamento nos séculos XX e XXI e uma possível dialética entre a psicologia freudiana e a filosofia de Nietzsche, pode-se notar uma contemporaneidade e aproximação entre as obras de ambos os autores.

No mito do eterno retorno, o filósofo alemão Nietzsche trata o inconsciente como uma pluralidade de forças em um perpétuo conflito, formando fluxos que se alimentam de outros fluxos e que se compõe (NIETZSCHE, 1883). Estas forças carregam valores sintomáticos de expansão da vida, mas que também produzem esquemas de conservação, remetendo, assim, a uma possível configuração do aparelho psíquico e da vontade de potência (NIETZSCHE, 1883).

> O maior dos pesos – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: "Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e incontestáveis vezes; e nada haverá novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo". (NIETZSCHE, 1882/2001, p. 230, grifo do autor)

Neste aforismo, Nietzsche esboça o conceito de eterno retorno, relação ambígua de preservação e negação de desejos e sentidos. Essas elaborações possivelmente poderiam ter contribuído para o desenvolvimento dos conceitos freudianos de compulsão à repetição, formulados precisamente em dois momentos específicos situados no texto "Recordar, repetir e elaborar" e na obra intitulada "Além do princípio de prazer". Nelas, o autor começa uma nova elaboração sobre o dualismo pulsional e seu princípio de conservação, que se refere ao

investimento de energia psíquica nomeada como pulsões de vida e pulsões de morte, relacionando-as com o próprio ego (FREUD, 1920-1922/2006).

Isto posto, objetiva-se descrever a aplicabilidade teórica no *setting* clínico à luz da psicanálise freudiana e os possíveis encontros com as teorias do filósofo Friedrich Nietzsche, bem como uma análise do manejo desse movimento de eterno retorno, que visita o passado em nosso presente, visando a superar os entraves que provocam angústia existencial em sua subjetividade.

Observam-se, com frequência na clínica, casos em que o acontecimento causador de desconforto e ou angústia sempre reaparece com uma reincidência sistemática. Tais eventos podem ser atribuídos à falta de intervenção de Deus, falta de sorte ou até mesmo como uma atitude involuntária, em que o sujeito se percebe aprisionado. Assim, é necessária a compreensão do fenômeno causador da angústia para que aconteça a quebra deste ciclo.

O curioso é que a causa da repetição nunca trouxe prazer ao sujeito e talvez seja exatamente por isso que ele não cessa de repetir, reinterpretar e significar. Freud descreve essa dinâmica como sendo a manifestação da insaciabilidade das pulsões em seu eterno desenrolar. Já em Nietzsche trata-se da expressão da vontade de potência e sua tendência a expansão e gozo (ALMEIDA, 2005). Assim, o sujeito está, em suma, negociando com sua angústia na tentativa de significá-la.

Essa problemática instiga a busca da compreensão de tais acontecimentos e comportamentos, tendo em vista que podem ser reflexos de manifestações do inconsciente (FREUD, 1920-1922/2006). Essas manifestações corroboram para o aprisionamento do indivíduo nessa repetição de acontecimentos em que este, frequentemente, não tem conhecimento (FREUD, 1914/1987) nem compreensão de sua origem.

Além disso, acredita-se que a compulsão à repetição seja uma forma de subjetivação sintomática do inconsciente e uma possível configuração do aparelho psíquico. Assim como em Nietzsche, um posicionamento existencial do sujeito com o estatuto niilista, diante da pluralidade de estímulos e pulsões que parte de uma negação da vida e dos conflitos que ela traz.

Por fim, cabe ressaltar a pertinência de tal interlocução para a clínica, uma vez que, na análise, trabalha-se diretamente com a compulsão à repetição através dos fenômenos da transferência e resistência, na experiência do sonho e no brincar infantil.

Referências

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e Freud – Eterno retorno e compulsão à repetição*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obra original publicada em 1920-1922.)
FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 193-203. (Obra original publicada em 1914.)
NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. de: Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães, 2001. (Obra original publicada em 1882.)

***

Falência do pai e contemporaneidade: diferentes dimensões da questão

Magali Milene Silva
Professora do curso de graduação em Psicologia do Unilavras, doutora em Psicanálise pela UERJ, mestre em Psicologia pela UFMG e graduada em Psicologia pela UFSJ.

O objetivo da comunicação é levantar questões acerca da falência do pai na contemporaneidade, investigando no texto lacaniano formulações sobre a função do pai, a fim de situar a diferença desta função com a apresentação situacional do pai na realidade social.

A metáfora paterna

No Seminário sobre as formações do inconsciente, Lacan (1957-1958/1999) chamou de Nome-do-pai a inscrição da lei do pai que circunscreve a falta e possibilita ao sujeito desejar, ultrapassando a posição de objeto do desejo, confrontando-o com a vertente da castração e permitindo que ele opere com ela. Nesse contexto, o pai é uma metáfora, um significante que substitui outro significante, que substitui precisamente o significante materno.

A metáfora paterna representa a operação em que o Nome-do-pai (NP)

substitui o Desejo da Mãe (DM). O Desejo da Mãe corresponde às simbolizações da criança diante da ausência da mãe ou, mais especificamente, ao questionamento da criança (do sujeito em constituição) diante da alternância entre a presença e a ausência da mãe como extremamente caprichoso: ora presente, ora ausente a seu bel-prazer. É importante deixar claro que a metáfora paterna não é a resposta ao enigma do Desejo da Mãe, mas a sustentação da questão sobre o que a mãe deseja, uma vez que oferece o falo como resposta. O significado, de saída, desconhecido para o sujeito e a metáfora paterna, é a operação que produz o falo no lugar desse desconhecido. Entretanto, o falo como significante do desejo é o significante mesmo da movimentação desejante, de modo que a resposta que representa é um reenvio ao deslocamento do desejo sempre em defasagem com relação ao seu objeto. O significante fálico significa que o significante, ao contrário do signo, não está fixado a um significado, mas se liga a outros significantes, produzindo significados pontuais para um sujeito. A resposta que o falo fornece é uma resposta não toda que, ao mesmo tempo em que possibilita a significação, mantém o sem sentido do significante. Assim, a metáfora paterna opera uma mudança no modo como o Outro é constituído para o sujeito, de um Outro absoluto e caprichoso para um Outro desejante e enigmático.

Lacan (1957-1958/1999) apresenta, na metáfora paterna, a função normatizante do pai no Complexo de Édipo. Não se trata, todavia, de uma proposta moralizante no sentido de que não propõe modos ou normas preferenciais de funcionamento. A metáfora paterna seria uma operação normativa no sentido de possibilitar a produção de normas. Operação que permite ao sujeito um manejo da falta que o atravessa, consentindo inscrevê-la e operar a partir dela.

O pai e a lógica dos nós

No seminário R.S.I., Lacan (1974-1975) desenvolve a função nomeante do pai ao propor, com o recurso à topologia, sua função como quarto elo no nó que enlaça o real, o simbólico e o imaginário. Refere-se à estruturação de um furo, ao mesmo tempo em que um enodamento constitui um furo, conferindo consistência ao real, ao simbólico e ao imaginário em sua ex-sistência (uma consistência não imaginária). O Nome-do-pai pode ser entendido, neste contexto, como um mínimo de inscrição simbólica que não pode ser eliminado.

O Édipo figura como uma possibilidade de amarração, para o

neurótico, dos registros, constituindo o campo que o neurótico reconhece como realidade. Assim, Édipo e realidade psíquica figurariam para Freud como Nomes-do-pai. Podemos dizer que, ao pluralizar as possibilidades de amarração, Lacan realça a impossibilidade em que o sujeito se funda (castração) e também a precariedade dos manejos dessa impossibilidade (Nomes-do-pai). Há, assim, uma destituição do lugar imaginário do pai como resposta ao enigma da castração, mas, vale lembrar, lugar que só possuía completude no imaginário do neurótico (LACAN, 1969-1970/1992).

O Nome-do-pai é uma operação de nominação que estabelece para o sujeito essa relação, possibilitando para este a constituição de um lugar no campo do Outro e de um posicionamento em relação ao gozo. Esse operador viria constituir modos de produção de sentido e de gozo. Modos esses plurais e não totalizantes, mas, ainda assim, operação que permite ao sujeito constituir uma posição no campo do Outro. O Nome-do-pai, como quarto elo, faz consistir R., S. e I., imprimindo um modo de relação entre eles para um sujeito. A essência do pai como nome é fornecer uma ficção estabilizadora. É a própria estrutura da linguagem, agenciada por um furo, que se funda para o sujeito com o recurso ao Nome-do-pai. Cada sujeito pode constituir para si um modo singular desse operador, um número indefinido, como indica Lacan (1974-1975). Mas o Nome-do-pai, a fim de se constituir como tal para um sujeito, precisa funcionar como esse operador que ordena os registros e permite ao sujeito lidar com o insuportável da falta do Outro.

Diferentes níveis de consideração do problema

Temos dois níveis de problema: a estrutura não toda da linguagem e as estruturas clínicas. As estruturas clínicas nomeiam modalidades de resposta à estrutura não toda da linguagem. A constituição de uma estrutura clínica marca uma resposta do sujeito à falha inerente à condição de subordinação à linguagem. A metáfora paterna funciona como um operador que permite pensar a diferença da resposta neurótica com a resposta psicótica. Na psicose, como a metáfora paterna não se constitui para o sujeito como uma amarração, ele necessita lançar mão de outras possibilidades de nomeação para esse real insuportável que emerge da falta do Outro, de outros Nomes-do-pai. A função do pai, quer pensada na perspectiva de uma resposta única, quer pensada como respostas plurais, implica, entretanto, um fracasso,

uma vez que não pode responder à falta que é convocada a responder. Trata-se da constituição de possibilidades de manejo desse hiato intransponível, que, como tal, implica ao mesmo tempo um sucesso e um fracasso, ou melhor, um sucesso que só pode se apresentar na categoria do não todo. O trabalho de análise viria na tentativa de possibilitar outro manejo dessa alternativa singular que não sua subordinação ao sintoma, um "saber fazer aí" com o sintoma, um *sinthome*, como articula Lacan.

Considerar a questão do pai como apresentamos torna estranho pensar que, na atualidade, há uma carência do Nome-do-pai ou da lei simbólica, de tal forma que esse operador, e com ele, a diferença estrutural não serviria mais para a clínica. Não faz sentido porque o pai, como resposta a um impossível, sempre falha. Freud (1913/1996) já trazia o pai como um recurso neurótico, mas um recurso que não dá conta de resolver o problema, tendo como efeito o sintoma. Assim, o questionamento da autoridade e dos ideais não corresponde a uma não funcionalidade do pai como nome para um sujeito. Ou seja, é diferente considerarmos a função do pai como um operador na estrutura ou como um agente social histórico.

Essa diferenciação de campos, entretanto, não põe fim à discussão. Ao contrário, situa todo um campo de problemas a serem trabalhados. São campos diferentes, mas fica a pergunta sobre como podemos estabelecer a relação entre eles. Ou, ainda, é preciso analisar como trabalhar as consequências para o sujeito do inconsciente das contingências sociais contemporâneas; isto é, quais operadores teóricos clínicos são mais frutíferos e coerentes para essa aproximação do que a leitura da carência do pai como operador para o sujeito. A proposta lacaniana dos discursos e o intercâmbio entre eles me parece uma ferramenta rica para essas investigações. Assim, acredito que as discussões sobre as especificidades da contemporaneidade não são bem situadas quando dizemos da estrutura não toda da linguagem ($S(\not{A})$), propondo que o Outro não existe na contemporaneidade, como se ele tivesse existido, ou quando dizemos das respostas subjetivas à inexistência do Outro, das estruturas clínicas, propondo uma epidemiologia da psicose ou da perversão na atualidade em comparação com outras épocas mais neuróticas. Acredito que os discursos, enquanto estruturações da movimentação do sujeito no laço social, são ferramentas conceituais que se situam no nível adequado para pensar os efeitos subjetivos dos agenciamentos discursivos sobre o pai (o pai da cena social) e a autoridade na contemporaneidade.

Referências

ELIA, Luciano. A invocação do significante. In: JIMENEZ, Stella; MOTTA, Manoel Barros da (orgs.). *O desejo é o diabo: as formações do inconsciente em Freud e Lacan.* Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-163. (Obra original publicada em 1913.)

GUIMARÃES, Bruni Almeida. Os paradoxos do Outro: inexistência ou incompletude? *Revista Estudos Lacanianos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 105-112, jan./jun. 2008.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5. As formações do inconsciente.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Obra original publicada em 1957-1958.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10. A angústia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Obra original publicada em 1962-1963.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 16. De um outro ao Outro.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Obra original publicada em 1968-1969.)

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17. O avesso da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Obra original publicada em 1969-1970.)

LACAN, Jacques. Televisão. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 508-543. (Obra original publicada em 1973.)

LACAN, Jacques. *A terceira.* Texto falado por Lacan no congresso de 1974 em Roma. Disponibilizado e traduzido pela Escola Brasileira de Psicanálise. 1974.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 22. R.S.I.* Seminário inédito. Versão da Escola Brasileira de Psicanálise. 1974-1975.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica do social.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LUSTOZA, Rosane Zétola; CALAZANS, Roberto. Alcance e valor do Nome-do-pai atualmente: algumas considerações. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 557-565, jul./set. 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIDAL, Paulo. Freud e a nostalgia do pai. In: BERNARDES, Ângela (org.). *10 x Freud.* Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

***

Mesa U – Mediadora: Marcilena Toledo

Luta por reconhecimento e sofrimento psíquico: considerações de Axel Honneth acerca do adoecimento na contemporaneidade

Amanda Maria Marques Pimenta
Graduada em Psicologia pela UFMG. Atua há 10 anos com psicanalista e psicóloga do trabalho. Possui formação em Psicanálise pelo IPSM-EBP-MG. Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela PUC Minas e pelo Conselho Federal de Psicologia. Mestre em Psicologia pela PUC Minas. Doutoranda em Psicologia também pela PUC Minas.

Freud (1911/2006), em seu texto "Uma dificuldade no caminho da psicanálise", aponta que a teoria psicanalítica, ao longo de sua construção, lançou mão de pressupostos do campo filosófico desde o início.

Tendo como premissa essa proposta de interlocução, a presente comunicação oral pretende refletir acerca dos sintomas produzidos por sujeitos e grupos e sua relação com o contexto social contemporâneo, a partir dos aspectos abordados na Teoria do Reconhecimento, de Axel Honneth, um dos atuais representantes da Escola de Frankfurt.

Tal reflexão propõe contribuir para a interlocução entre psicanálise e filosofia, procurando articular as discussões que vêm sendo produzidas nas esferas clínica e filosófica para tentar compreender como o modo de organização e o funcionamento do contexto social atual estão relacionados à produção de sintomas e ao sofrimento psíquico nos âmbitos individual e social.

O adoecimento e o sofrimento psíquicos se fazem cada vez mais presentes na contemporaneidade. Eles surgem tanto nos consultórios dos profissionais do âmbito "psi" quanto nos contextos sociais do trabalho, da política ou das mais diversas manifestações sociais. Os últimos anos têm sido marcados por eventos de intolerância e violência, presentes nas manifestações, nas redes sociais, nos locais de trabalho e lazer, bem como na dimensão privada dos lares.

Nesse sentido, Drawin (2013) aponta que a palavra clínica, no sentido lato indicado por sua etimologia, consiste na atenção à singularidade dos sujeitos, atenção que pode ocorrer em qualquer contexto em que os sujeitos se encontrem, sendo numa prisão, numa empresa,

etc. Cabe, ainda, ressaltar que, apesar de as estratégias de ação serem muito variáveis, a referência clínica, ou seja, a atenção ao sofrimento ou à realização de sujeitos singulares continua sendo uma importante justificativa para essas ações.

A tese apresentada por Honneth (2003), de que a análise hegeliana do presente continua a representar para a atualidade um dos mais convincentes diagnósticos de época, pode ser corroborada pela constatação de que a associação entre questões acerca do reconhecimento e, sobretudo, de sua não concretização e o sofrimento é recorrente nos âmbitos individuais e coletivos.

Honneth (2009) coloca que o modelo de Hegel tem como ponto de partida a tese segundo a qual a formação do Eu prático está associada à pressuposição de um reconhecimento recíproco entre dois sujeitos. Somente quando dois indivíduos se veem confirmados em sua autonomia por seu respectivo defrontante, eles podem chegar, de maneira complementar, a uma compreensão de si mesmos como um Eu autônomo e individuado. Além disso, é afirmada, a partir das premissas da teoria da intersubjetividade, a existência de diversas formas de reconhecimento recíproco, sendo que cada caso possibilita ao sujeito um determinado grau de autonomia. Dentro desse contexto, a teoria hegeliana pressupõe uma série de três relações de reconhecimento, com o amor, com o direito e com a eticidade, a partir das quais os indivíduos se confirmam como pessoas autônomas e individuadas.

Honneth (2009) afirma ainda que o modelo conceitual hegeliano reivindica para a série de três formas de reconhecimento a lógica de um processo de formação mediado pelas etapas de uma luta moral. Nessa tese, surgem duas afirmações, sendo a primeira a de que faz parte da condição de um desenvolvimento bem sucedido do Eu uma sequência de formas de reconhecimento recíproco, cuja ausência, que constitui a segunda, se apresenta aos sujeitos por meio da experiência do desrespeito, de modo que eles sejam levados a uma luta por reconhecimento.

A partir do desenvolvimento dessa investigação, Honneth, conforme apresentado por Saavedra e Sobottka (2008), esboça os princípios fundamentais dos três níveis de reconhecimento, sendo que, para o primeiro nível, toma como base os estudos de Winnicott. Quando a criança experimenta a confiança no cuidado duradouro da mãe, ela passa a estar em condições de desenvolver uma relação positiva consigo mesma, sendo essa nova capacidade a autoconfiança. A partir disso, a criança está em condições de desenvolver a sua personalidade

de modo sadio. Esse desenvolvimento primário é visto como base para as relações sociais dos adultos, sendo o nível de reconhecimento do amor o núcleo fundamental de toda a moralidade.

Com relação ao segundo, os pesquisadores colocam que Honneth sustenta que as três esferas dos direitos fundamentais são o fundamento da forma de reconhecimento do direito. Diante disso, reconhecerem-se, reciprocamente, como pessoas jurídicas significa hoje muito mais do que no início do desenvolvimento do direito, sendo que essa forma de reconhecimento contempla não só as capacidades abstratas de orientação moral, mas, também, as capacidades concretas necessárias para uma existência digna.

Quanto à terceira forma, que consiste na valoração social, Saavedra e Sobottka (2008) afirmam que são postas em relevo as propriedades que tornam o indivíduo diferente dos demais, ou seja, as propriedades de sua singularidade. Honneth parte do princípio de que a comunidade de valores ou solidariedade deve ser considerada um tipo normativo ao qual correspondem as diversas formas práticas de autorrelação valorativa. Ele mostra que uma pessoa desenvolve a capacidade de sentir-se valorizada somente quando as suas capacidades individuais não são mais avaliadas de forma coletivista.

Por outro lado, segundo os autores, Honneth considera que, para que os atores sociais possam desenvolver um autorrelacionamento positivo e saudável, eles precisam ter a chance de construir a sua concepção de vida boa sem sofrerem os sintomas das patologias decorrentes das experiências de desrespeito. Desse modo, se e quando o sujeito social faz uma experiência de reconhecimento, ele adquire um entendimento positivo sobre si mesmo; se e quando, ao contrário, um ator social experimenta uma situação de desrespeito, consequentemente, a sua autorrelação positiva, adquirida intersubjetivamente, adoece.

A partir dessa perspectiva, Honneth precisa encontrar na história social traços de uma tipologia tripartite negativa das relações de reconhecimento, sendo que, para cada esfera de relação de reconhecimento, deve surgir um equivalente negativo, com o qual a experiência de desrespeito possa ser esclarecida. Dentro desse contexto, à esfera do amor correspondem as formas de desrespeito como maus-tratos e violação, sendo que o componente da personalidade atacado é aquele da integridade psíquica. À do direito corresponde a forma de desrespeito intitulada privação de direitos, na qual o componente da personalidade que é ameaçado é aquele da integridade social. À da solidariedade

corresponde a forma de desrespeito da degradação moral e da injúria, sendo que a dimensão da personalidade ameaçada é aquela da dignidade. A experiência de desrespeito deve ser encontrada na degradação da autoestima, ou seja, a pessoa aqui é privada da possibilidade de desenvolver uma estima positiva de si mesma.

Honneth (2015) coloca a importância de se refletir acerca do que em uma sociedade pode ser considerado como o acionador das enfermidades. O autor afirma que os modelos estabelecidos de socialização, seus valores e suas normas fundamentais podem estar em um profundo descompasso com os modos institucionalizados da produção, e estes, por seu turno, podem entrar em conflito com regulações normativas que organizam e tornam vinculantes as relações de reconhecimento entre os membros da sociedade.

Nesse sentido, é possível pensar que muito do sofrimento contemporâneo pode estar associado ao fato de estarmos em um tempo de não reconhecimento, em que prevalece o individualismo e desaparecem as possibilidades de consideração e respeito à alteridade, de modo que a formação de laços sociais se encontra comprometida. A complexidade das situações apresentadas no cotidiano demanda um constante processo de reconstrução teórica e dos arranjos clínicos, tornando importante o diálogo com outras áreas do conhecimento.

Referências

DRAWIN, Carlos Roberto. Subjetividade e teoria crítica da sociedade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 155-176, ago. 2013.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obra original publicada em 1911.)

HONNETH, Axel. As enfermidades da sociedade: aproximação a um conceito quase impossível. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 575-594, out./dez. 2015.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HONNETH, Axel. Patologias da liberdade individual: o diagnóstico hegeliano de época e do presente. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 66, p. 77-90, jul. 2003.

SAAVEDRA, Giovani Agostini; SOBOTTKA, Emil Albert. Introdução à Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 9-18, jan./abr. 2008.

***

Dificuldade e interesse da Psicanálise: o campo da assistência social

Thayane Bastos Moura Dias
Mestre em Psicologia na linha Conceitos Fundamentais da Psicanálise da UFSJ. Psicóloga na área da Assistência Social. Supervisora de estágio em Psicologia com adolescentes em conflito com a lei, a partir da orientação psicanalítica.

Ao postular a existência do inconsciente, Freud inaugura um novo horizonte às questões referentes ao sistema de normas que organizam as nossas relações, introduzindo a afirmação de que existem causas, ligadas à constituição psíquica de cada um, que também determinam nossa conduta. Essa afirmação não foi e, cem anos depois, ainda não é aceita sem resistências. O próprio Freud (1917/2006) faz um longo percurso teórico até afirmar que o homem não é senhor de sua própria casa, colocando em xeque algumas certezas humanas. Ao afirmar o inconsciente, o terceiro golpe narcísico foi severamente desferido. O que o próprio Freud (1917/2006) nomeia como sendo um golpe, é, para ele, uma dificuldade no caminho psicanálise.

Hoje, colocamos em debate a possibilidade de interlocução entre Psicanálise e Assistência Social. Nesse contexto, consideramos a dificuldade da teoria psicanalítica, mas apostamos no interesse social da psicanálise.

Em 1910, Freud já manifestava sua preocupação a respeito do fazer do psicanalista fora dos moldes tradicionais da clínica, pois acreditava que, pela ampliação da sua teoria, seria possível uma tolerância maior da sociedade em relação aos males que ela mesma produz, bem como, em 1918, deu ênfase à importância do psicanalista de pensar a realidade em que atua. Nesse sentido, ele discutiu o alcance do tratamento psicanalítico naquela época, pensando na necessidade de uma "adaptação" da técnica psicanalítica a novas situações e da "combinação da assistência mental com certo apoio material" como possibilidade de trabalho.

Na atualidade das palavras de Freud, percebemos que a atenção

clínica vai além dos serviços de saúde, atravessando o campo da Assistência Social. Entendemos que a presença da psicanálise nesse campo já é uma realidade. A presença dos psicanalistas nas instituições públicas de Assistência Social tem como consequência a ampliação do âmbito da prática psicanalítica, seguindo a aposta de Freud em "Linhas de progresso da terapia psicanalítica" (1918/2006). Uma vez presente, faz-se necessário à psicanálise afirmar sua especificidade, sustentando sua ética a respeito do fazer que é preconizado pela Política Pública de Assistência Social.

Em "O interesse científico da psicanálise", Freud (1913/1996) faz uma ampla descrição da contribuição da teoria psicanalítica, como construção teórica e clínica, para outros campos do saber, afirmando que existem aspectos de sua teoria que convergem com o desenvolvimento de outros campos. Tal exposição foi considerada legítima e oportuna naquele momento por Freud (1913/1996, p. 175), pois ele acreditava que sua teoria poderia ser agregada para além do campo da psiquiatria, já que "a psicanálise toca em várias outras esferas do conhecimento e revela inesperadas relações entre outros campos com os mecanismos da vida mental".

A teoria psicanalítica, nesse movimento de avanço do seu lugar original, ou seja, do tratamento clínico dos aspectos psíquicos do sujeito, da atenção para o peculiar, propõe a ampliação de suas hipóteses para o campo das instituições sociais. Freud (1918/2006) reitera mais energicamente essa questão em seu pronunciamento no 5º Congresso Psicanalítico em Budapeste, em "Linhas de progresso na teoria psicanalítica", momento em que dá maior ênfase à importância do psicanalista em pensar a realidade em que atua. A partir de sua sensibilidade às questões de ordem social, Freud (1918/2006) atenta para determinada camada da população que também adoece, mas que não tem acesso ao tratamento psicanalítico. É nessa linha que ele se vê impelido a rever a posição do procedimento psicanalítico para apontar novas direções.

Ainda nesse texto, Freud manifesta sua preocupação com o lugar da psicanálise no âmbito social. Tratando as neuroses como problema de saúde pública, Freud desperta para a necessidade que o sujeito de baixa renda tem de receber assistência psicológica e que esses cuidados não poderiam ser deixados apenas sob a responsabilidade desses indivíduos. Ele vislumbra "a necessidade de aliar a psicanálise ao suporte material oferecido pelo Estado". A respeito disso, Freud (1918/2006, p. 180-181) assevera:

> Quando isso acontecer, haverá instituições ou clínicas de pacientes externos, para as quais serão designados médicos analiticamente preparados, de modo que homens que de outra forma cederiam à bebida, mulheres que praticamente sucumbiriam ao seu fardo de privações, crianças para as quais não existe escolha a não ser o embrutecimento ou a neurose (...). Tais tratamentos serão gratuitos. (...) Não tenho dúvidas de que a validade das nossas hipóteses psicológicas causará boa impressão também sobre as pessoas pouco instruídas, mas precisaremos buscar as formas mais simples e mais facilmente inteligíveis de expressar as nossas doutrinas teóricas.

Nesse sentido, Freud (1918/2006) afirma que os progressos da terapia psicanalítica dependem diretamente da atividade por parte do analista. Para ele, pensar um novo campo da técnica exige uma cuidadosa aplicação da privação. O que Freud está falando aqui, ainda que embrionariamente, é que não cabe ao analista responder à demanda do sujeito de forma a aliviar de imediato seu conflito, cabendo ao analista o acolhimento dessa demanda. Ressalta, ainda, sobre certos cuidados que o psicanalista deve tomar no que se refere ao risco de impor ao paciente os seus próprios ideais. Mas como estamos falando de sujeitos que já se encontram em situação de extrema privação, a aposta de Freud vai ao encontro de uma "adaptação" da técnica psicanalítica a novas situações e da "combinação da assistência mental com certo apoio material" como possibilidade de trabalho com esses sujeitos.

Percebemos que as palavras de Freud (1918/2006) ecoam de maneira ainda atual. A atenção clínica, como necessidade e direito do cidadão, ultrapassa os limites dos serviços de saúde, desdobrando-se, também, para o campo da Assistência Social. A necessidade de se repensarem os aspectos teórico-clínicos da Psicanálise para além dos moldes tradicionais dos consultórios também é uma marca contemporânea no pensamento freudiano. Contudo, em instituições que não se configuram na área da Saúde, como é o caso da Assistência Social, o lugar da Psicanálise não está previsto formalmente, pois este espaço ainda está restrito à Psicologia Comunitária e Social. Isso pode ser constatado em uma verificação dos manuais para orientações técnicas do profissional com formação em Psicologia no campo da Assistência Social. Verificamos, assim, que o lugar da Psicanálise nessas instituições tem que ser inventado.

A prerrogativa do cenário em questão é que o atendimento socioassistencial, voltado para a resolução das demandas dos usuários, seja pilar nessa instituição. O profissional de orientação psicanalítica que atua no campo da Assistência Social deve ficar atento à demanda acerca dos direitos sociais. Esse é o objetivo primordial da política pública de Assistência Social. No entanto, seu compromisso com a ética do desejo deve ser pautado na instituição. A diferenciação entre necessidade, demanda e desejo, orientada pela teoria psicanalítica, nos auxilia a diferenciar o que tem por trás da demanda socioassistencial que é endereçada à instituição. A afirmação de que há desejo, e não apenas necessidade no âmbito da Assistência Social, nos esclarece que existem sujeitos nessa instituição, e não simplesmente usuários. Apostar na escuta nessa instituição se desdobra na consideração do sujeito no lugar do agente de um saber, na evidência da produção de um saber que tem como fundamento a condição subjetiva. Dessa escuta, principalmente quando o sujeito se revela como tal, não se sai isento: uma tomada de posição em relação ao desejo torna-se necessária.

Referências

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de: J. Salomão. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1910.)

FREUD, Sigmund. O interesse científico da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de: J. Salomão. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1913.)

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de: J. Salomão. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obra original publicada em 1917.)

FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na teoria psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de: J. Salomão. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obra original publicada em 1918.)

***

A função do mais-um no cartel

Marisa G. Cunha Martins
Psicóloga clínica graduada pela Universidade Fumec. Mestra em Psicologia com linha de pesquisa em psicanálise pela PUC Minas. Psicanalista. Membro da Ato – Escola de Psicanálise.

Esse trabalho discorre sobre a estrutura do cartel, situando as modificações elaboradas por Lacan no curso de sua obra. Destaca as distinções salientadas por Lacan na estrutura de um grupo e na do cartel. No grupo, é a relação dual, especular que toma corpo, podendo manifestar-se também no cartel, se a função mais-um não se encontrar presente no um a um da estrutura.

O cartel é uma forma de trabalho inventada por Lacan no que se refere ao ensino e transmissão da psicanálise. E se encontra incluído nas Atas de Fundação da Escola Freudiana de Paris (1964) como "órgão de base" da escola.

Em 21 de junho de 1964, Lacan funda a Escola Francesa de Psicanálise e propõe que a adesão à Escola seja "feita mediante apresentação a ela num grupo de trabalho" (LACAN, 2003, p. 238). Um pequeno grupo, diz ele, em que "cada um deles se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. MAIS UM encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um" (LACAN, 2003, p. 235). A esse pequeno grupo constituído por escolha mútua Lacan vai chamar de cartel.

Segundo Jimenez (1994), nas Jornadas de 1975 da Escola Freudiana de Paris, os psicanalistas dessa Escola se reuniram para uma discussão sobre o cartel, pois, até essa época, há quase 11 anos da fundação da Escola, ainda não existia uma representação verdadeira do cartel e da lógica do mais-um. Dessa forma, Lacan esclarece que a origem etimológica da palavra cartel provém da palavra cardo, que significa, em latim, gonzo, dobradiça, e também tem relação com o número quatro. Sua estrutura é a do nó borromeano, que é matematicamente designado por x, o número de anéis, e +1, a qualidade borromeana. É sabido que o nó borromeano é constituído por um entrelaçamento de três anéis, e basta que corte um para que os outros se soltem. Assim como o nó, Lacan pensa o cartel, ou seja, três elementos mais-um. O mais-um, aqui, representa a qualidade borromeana que sustenta a amarração do nó, fazendo com que permaneçam juntos os elementos do cartel.

Em RSI, na aula do dia 15 de abril de 1975, Lacan deixa claro que, para que um nó se constitua, o ponto de partida se encontra "na não-relação sexual como buraco". Por isso, um cartel não se forma com apenas duas pessoas, e sim pelo menos três, o que já faz quatro, e já inclui a mais uma, mesmo que só sejam três. E se uma só for retirada o grupo se desfaz. Para que se dê a prova de que o nó é borromeano e que ali se encontram as três consistências mínimas que o constituem, é necessário que se tire uma real. "Em três não se sabe nunca qual das três é real, e é por isso que é necessário que sejam quatro..." (LACAN, aula de 15 de abril de 1975).

Contudo, Cabas nos diz que o sinal mais que integra essa função mais-um não indica uma adição. Esse um não se adiciona, sua propriedade associativa se reduz a zero. "A fórmula 'quatro mais um' deve ser lida ao pé da letra: quatro separados um por um" (CABAS, 1994, p. 52, grifo do autor).

Mas voltando a Jimenez (1994, p. 14), ela situa que, das discussões sobre o cartel, fica claro que "a função do mais-um deve ser individualizada e encarnada em uma pessoa". O mais-um nunca poderia assumir o lugar de um líder, não se situar no lugar do coordenador de um grupo, nem se passar por um professor ou por um analista. Entretanto, com a dissolução da Escola, em 1980, Lacan descola rumo à Causa Freudiana, e, munido de experiências alcançadas ao longo desses 11 anos de Escola, faz novas indicações sobre o funcionamento do cartel.

Segundo esta autora, Lacan formaliza que, para se constituir um cartel, quatro pessoas devem se escolher para fazer um trabalho que deve ter no final um produto. Ele especifica que esse produto não deve ser coletivo, e, sim, individual. Num segundo momento, o cartel deve passar pela eleição de um mais-um que passe pela concordância dos demais membros e uma demanda deve ser feita ao elemento eleito. A função do mais-um é de velar pelos efeitos internos e provocar uma elaboração, bem como selecionar, discutir e dar saída ao trabalho de cada um. Como o mais-um é qualquer um, a ele também fica estabelecido produzir um trabalho, da mesma forma que qualquer outro participante do cartel.

Esse mais-um que é qualquer um, portanto, deve ser alguém, uma pessoa, e Lacan afirma seu propósito de isolar essa pessoa do grupo. Cabas (1994) interroga: Como entender isso? Segundo ele, a psicanálise, a partir da transferência, coloca em evidência a propriedade do significante, que é encarnar-se. A transferência visa a um encontro

com alguém que possa encarnar um Outro. Um Outro suposto saber a significação do sintoma. "Nessa experiência onde o sujeito se endereça a alguém (e por certo uma pessoa), como desconhecer que o estofo desse alguém é um objeto, um cujo nome é "nada"?" (CABAS, 1994, p. 54). Essa é a lei de todo endereçamento do sujeito ao saber. É por isso que Lacan não concorda quando se diz que o mais-um não deve ser encarnado para que não se alimente os fenômenos de grupo e a cristalização do líder. Cabas entende o mais-um como sintoma da transmissão, um sintoma que não se reduz, dentre outros, como é o caso da psicanalise, a psicanalise como sintoma social.

Aqui, passa-se à descrição de um cartel que se iniciou da seguinte forma: quatro pessoas com certo saber sobre o discurso psicanalítico, mas que ainda não haviam passado pela experiência do cartel, se reuniram e escolheram mais-uma. A essa mais uma pessoa foi confiado o tema do estudo: um saber sobre o cartel. A princípio, o mais-um foi encarnado pelo grupo como o sujeito suposto saber desse discurso. Esse sujeito, alguma coisa sabia, sabia que não podia encarnar um mestre nem mesmo um analista, nem se colocar na posição de um líder, para não se promover a cola num Ideal. E também sabia que, dessa empreitada, muito iria colher. E, assim, o grupo avançou. O mais-um apostava em si e nos membros do grupo, e estes apostavam no mais-um.

No primeiro encontro, o grupo colocou suas curiosidades e suas dúvidas quanto ao tema, e o mais-um, que naquele momento exercia a função de mestre, ficou encarregado da seleção de alguns textos. Em cada encontro, as discussões dos textos ficavam mais calorosas, e o cartel parecia ter engrenado. Assim, o mais-um entendeu que chegara o momento de nomear o cartel para fazer sua inscrição na Escola, delegando aos membros do grupo um por um a tarefa de buscar um nome. A implicação nessa tarefa foi tamanha que os participantes descolaram do líder e o cartel decolou. Foram meses de pesquisas, e cada um trazia junto com a sugestão do nome a sua questão que mais tarde se tornaria a produção de cada um.

Dessa forma, de encontro a encontro, os textos apontavam uma articulação do cartel com a Escola e o Passe. As discussões desse entrecruzamento esbarravam sempre na escuta psicanalítica, momento em que os participantes falavam de sua clínica, expondo seus impasses. Não foi por mera coincidência que o cartel foi nomeado e inscrito "Escola, Cartel, Passe: impasses". Esse nome, essa inscrição não foi sem efeitos, apontou o âmago do menos-um, apontou o significante

do Outro barrado em que se consiste o mais-um no cartel, instituindo a angústia do não saber. Mas, ao mesmo tempo, essa angústia do não saber implicava uma causa, um desejo de saber que mantinha o grupo e o animava ao trabalho.

A função mais-um deverá continuar circulando entre os participantes, proporcionando a cada um sua produção, pois o cartel, desde o momento em que foi instituído, implica uma função de limite que é, desde já, dada, "permitindo romper também com a função do grupo de se perenizar, estabelecendo em seu funcionamento mesmo a antecipação de sua dissolução, de sua redução ao nada que ele é feito para velar" (LÉRÉS, 1994, p. 150).

Referências

CABAS, Antonio Godino. Do mais-um. In: JIMENEZ, Stella (org.). *O cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan.* Rio de Janeiro: Campus, 1994.

JIMENEZ, Stella (org.). *O cartel.* In: JIMENEZ, Stella (org.). *O cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan.* Rio de Janeiro: Campus, 1994.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 22: R.S.I.* Inédito. 1974/1975.

LACAN, Jacques. *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LÉRÉS, Guy. *Um trabalho para a psicanálise.* In: JIMENEZ, Stella (org.). *O cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan.* Rio de Janeiro: Campus, 1994.

***

Resumos expandidos dos trabalhos do X Fórum Mineiro de Psicanálise

RESUMOS EXPANDIDOS

12/7/2019 – 10h30

MESA 1

1) ESTRANHAS DIREÇÕES: CAMINHOS DIFÍCEIS EM UM TRATAMENTO PSICANALÍTICO

Janilton Gabriel de Souza e Roberto Lopes Mendonça

No presente trabalho, parte-se da escuta de um caso clínico com tratamento iniciado em face à dificuldade de dirigir um automóvel, tendo como significante mestre a palavra direção. À medida que seu tratamento avança, percebem-se as variantes da direção, como, por exemplo, os rumos que deu em sua vida e quais serão os novos caminhos frente ao novo momento com o qual se depara. Essencialmente, o caso nos permite uma articulação com o texto de Freud (1937/2017) "Construções em análise" e, através dele, uma discussão com outro texto, "O infamiliar" (FREUD, 1919/2019). Nele, inicia-se a partir do embaraço na tradução do título *Das Unheimliche*. Busca-se discernir as dificuldades encontradas na clínica frente a isso que Freud (1919/2019) descreve como algo conhecido, mas que sofreu a operação do recalque, e foi então esquecido. Frente a circunstâncias várias, experimenta-se a sensação de estranhamento, a qual remete àquilo que fora recalcado e ao complexo de castração. Assim, a proposta é apresentar, através do percurso do caso clínico, como a escuta do psicanalista pode operar no sentido de promover uma retificação subjetiva e a elaboração e a reinvenção do sujeito.

Palavras-chave: estranho; castração; desejo do analista; transferência; recalque.

2) O ESTRANHAMENTE INFAMILIAR DOS MEDOS

Vanessa Campos Santoro

A autora compara a formação de sintomas na clínica psicanalítica da fobia com a verdadeira irrupção do real vista em acontecimentos recentes, como no episódio Córrego do Feijão. Lacan trata o real pelo simbólico, abordando o estranho familiar, *das unheimliche* em cada

um de nós. A capacidade de elaboração do *stress* pós-traumático pede não só a palavra que toca o corpo como letra de gozo. Pede também a elucidação de pontos da história de cada um que, de uma maneira estranhamente (in)familiar, se fixara em traumas infantis. Esses pontos de real retornam, nos deixam agitados e aturdidos, e para eles faltam palavras.
Palavras-chave: fobia; formação de sintomas; trauma; *unheimliche*; letra de gozo; bordejamento do real pelo simbólico.

3) FOBIA: O HORROR DE UM ESTRANHO TÃO ÍNTIMO

Raquel Cabral de Mesquita

Uma fobia se evidencia como medo experimentado no nível do afeto. Por outro lado, ela não se reduz ao medo, sendo analisada no nível do significante como uma elucubração do saber sobre esse medo. Deste modo, o saber da criança sobre seus medos se apresenta na clínica como uma formação do inconsciente confeccionada por um número de significantes na tentativa de dar conta da irrupção de um real que não pode simbolizar-se naquele momento. É com horror ao invasivo estranho que as crianças, em processos iniciais da puberdade, evidenciam o deparar com o real sexual, no qual os episódios fóbicos transformam o mais íntimo em ameaças externas. Os traumas do estranho aparecem, neste momento de transição da infância à adolescência, na iminência do real pulsional, na angústia da separação dos pais da infância e no mal-estar da relação com o Outro, marcada pela angústia que se manifesta no vacilar das identificações, e aponta a indeterminação subjetiva. O que retrata o estranho paradoxo, ensinado pela psicanálise, no qual a subjetividade se constitui a partir do Outro, impondo efeitos ao sujeito.
Palavras-chave: fobia; estranho; real pulsional; angústia; Outro.

4) MONSTER HIGH, A MÃE CADÁVER E SEUS EFEITOS MORTÍFEROS

Elaine Azevedo e Juliana Marçal

Este trabalho apresenta aspectos do atendimento de uma criança a partir de um encaminhamento escolar. João é o nome dado à criança que fora acolhida e atendida pela estagiária de Psicologia sob a supervisão

da professora Elaine Azevedo. A partir do acolhimento da demanda inicial e dos atendimentos posteriores, nossa aposta é que a análise é um espaço para o paciente manifestar seus sentimentos, sensações e anseios, possibilitando um contorno ali onde as palavras faltam. Tão significativo quanto a relação que se estabelece na família de João é a sua interpretação das circunstâncias que guiarão a forma singular com que o sujeito se relacionará ao longo da vida.
Palavras-chave: clínica psicanalítica; mãe-monstro; estranho, familiar.

MESA 2

1) O PALHAÇO E O ESTRANHO: REFLEXÕES SOBRE A FIGURA DO CLOWN

Miguel Levi de Oliveira Lucas e Rogéria Araújo Guimarães Gontijo

A psicanálise sempre teve uma relação muito próxima e positiva com a arte, seja ela literatura, pintura, escultura ou qualquer outra forma. Isso se deve, principalmente, ao fato de que Freud era um admirador das artes. Além disso, o próprio dizia que muitas vezes os artistas desbravam as florestas do inconsciente e trazem à tona coisas que seriam confirmadas depois pelas teorias psicanalíticas. Ao estudar o conceito freudiano do Estranho (*Unheimliche*), percebe-se que ele tem muito para acrescentar no estudo da arte e da estética e que poderia ser melhor explorado se se associasse a uma arte que parece ter muito a contribuir com a psicanálise: a palhaçaria. A figura do palhaço é tão ambígua quanto o conceito de *Unheimliche* de Freud. A palhaçaria traz à tona coisas que foram recalcadas e permite que o sujeito, encarnado na figura do clown, faça graça com isso. Ele é, de certa forma, a materialização do conceito de *Unheimliche*, algo que é estranho (externo), mas, ao mesmo tempo, familiar (interno), numa posição êxtima. O palhaço sempre esteve ligado a figuras excluídas socialmente, como os coxos e deformados nas sociedades primitivas e até mesmo na Idade Média, nas figuras dos bufões e bobos da corte, que eram conhecidos por trazerem a verdade, mas de forma que não fossem crucificados por isso. O palhaço tem essa função até hoje, na palhaçaria moderna, justamente porque se trata de um processo de autoconhecimento e de encontro com a própria verdade, a verdade do sujeito.
Palavras-chave: palhaço; clown; palhaçaria; estranho; psicanálise; *Unheimliche*.

2) QUE PARANGOLÉ É ESSE? UMA INTERLOCUÇÃO SOBRE SIGNIFICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO EM ARTE

Alexsandra de Oliveira

O presente artigo busca investigar o lugar da arte na construção de significados, estabelecendo uma interlocução com o Carnaval de Rua de Belo Horizonte/2019, tendo como objetivo ampliar a discussão acerca do potencial de significação e representação que esta tem com os diversos sujeitos institucionalmente marginalizados. A investigação de Dias (2015) constatou que o Carnaval de BH se tornou, ao longo da última década, um mecanismo de discussão social acerca das demandas dos menos favorecidos e da representatividade das minorias. Dessa forma, buscaremos a palavra "parangolé" e suas significações no universo da arte e através de algumas contribuições teóricas, dentre elas a psicanálise, e retomar a aproximação da estrutura dos "nós borromeanos" de Lacan, que visa a pensar a constituição psíquica do sujeito, com o lugar da arte na construção de significados. Lacan aponta que a manipulação física dos anéis de barbante torna-se imprescindível, pois a apreensão de sentido se faz com o "corpo". Assim, essa proposta de trabalho toma uma forma abrangente de representação e construção de significados dos diferentes sujeitos, principalmente diante das demandas desse "estranho" no mundo contemporâneo. O "ex-perimento" arte proporciona uma ambiência favorável às leituras e ressignificações de mundo dos diversos sujeitos propositivos, já que os tornam co-criadores, aumentando, assim, o sentimento de pertencimento não só da criação propriamente dita, mas também do universo social em que habita.

Palavras-chave: arte; apropriação e ressignificação; blocos de Carnaval contemporâneos; manifestações festivo-políticas; conflitos identitários na metrópole; imaginário; arte contemporânea.

3) ARTE E PSICANÁLISE, O ESTRANHO POR ONDE CAMINHO

Danty Dias Marchezane

Arte e estética podem ser consideradas elementos fundantes da psicanálise. Há de se pensar que tais áreas não estão no caminho da psicanálise: elas são o caminho da psicanálise. Quando pensamos em estética, arte e psicanálise, há algo do estranho que está ao fundo de tudo

isso. A estética consegue mostrar algo, a arte, encobrir e a psicanálise, a alcançar o que se mostra, e o que se encobre. Essas são as características que demonstram com precisão a sensação do *unheimlich.* Quadros, esculturas e produções artísticas comumente evocam a sensação de ex-tranho. Freud (1919) menciona o fato de os neuróticos do sexo masculino declararem, com certa frequência, sentir algo estranho em relação ao genital feminino. Pois este lugar *unheimlich* [estranho] é a entrada para o antigo *heimliche* [lar/doméstico] de todos os seres humanos. Freud atribui essa sensação de estranheza à genitália materna, ou do seu corpo, já que o *unheimliche* é o que uma vez foi *heimliche*, o estranho que já foi familiar. No quadro de Gustave Coubert "A origem do mundo" (1866), ao se deparar com imagem de uma mulher com as pernas abertas, com a genitália exposta, é comum ouvirmos relatos da sensação de estranheza. A perplexidade, a incredulidade e o espanto são sensações que surgem, em um encontro com esse ex-tranho tal como arte e estética que por instante(s) nos faz calar e falar. Ao surgirem resíduos não elaborados pelo psiquismo, essas sensações permitem que surja aquilo que no mundo não pode ser dito.

Palavras-chave: psicanálise; arte; estranho; *unheimlich*; origem.

MESA 3

1) O DES(P)EJO QUE ME HABITA – A PSICANÁLISE E @S VOLTAS

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

Em 1960, Carolina Maria de Jesus publicou um livro intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Esta obra impactou toda a sociedade daquela década por revelar a realidade da favela pobre, negra e desamparada pelo poder público. Sendo assim, aquilo que deveria permanecer escondido surge como um "fruto estranho" na escrita de Carolina. A posição do leitor diante da escrita da miséria cotidiana também nos inquieta, pois o leitor se afunda na lama podre, no beco sem saída, no berro da fome e se apazigua com os pedaços de ossos que o frigorífico despejava na terra e que seriam o principal ingrediente da sopa da noite. Portanto, o belo se quebra nas linhas do seu diário. Assim, recuperamos o primeiro anúncio que Freud nos traz em seu texto "O estranho" (1919). Ele anuncia que estamos na fronteira da

estética ao nos ocupar do tema do estranho (*Unheimlich),* porém o modo como a Psicanálise se aproxima desse tema revela sua natureza fugidia, radicalmente intraduzível e que foge, inclusive, da precisão linguística, pois *Unheimlich* (estranho) mescla-se ao seu oposto: *Heimlich* (familiar). Assim, Freud nos convida a circular entre alguns escritores para situar a escrita do estranho nos livros e no corpo pulsional. O presente trabalho circula entre o que Freud nos ensina sobre o tema do estranho e o que Carolina denuncia com sua letra: o "Estranho" é sustentar o corpo próprio. Esse corpo que é habitado e habitável, que circula pelas cidades entre outros corpos, furado pelas marcas da pulsão e corrompido pelo desejo do Outro.
Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; estranho; escrita; corpo; psicanálise.

2) SONHOS E O ESTRANHO

Yolanda Mourão Meira

Resumo: publicação não autorizada.

3) O ESTRANHO DO SER – O FALASSER – PARLÊTRE

Maria Pompéia Gomes Pires

O texto fala da estranheza do falasser, que sente em si próprio o incômodo e a angústia provocados pela natureza de sua estrutura. Estranheza provocada pela sua cisão interna, entre um ser de natureza real e um ser de natureza simbólica.
Palavras-chave: falasser; Parlêtre.

4) O ESTRANHO GOZO NO REINADO DE OLIVEIRA

Jailson Salvador da Silva e Marina Gabriela Silveira

Lacan formalizou os modos de gozo do falasser, que usaremos neste artigo para ler a expressão cultural e religiosa, afro-brasileira, presente na cidade de Oliveira: o reinado de Nossa Senhora do Rosário. Se Lacan leu nos místicos do cristianismo os vestígios do gozo místico, nas religiões de matriz africana focalizamos a mística dos reinadeiros como uma amostra deste mesmo gozo que nos remete ao gozo

feminino. Um gozo marcado no corpo do falasser pelos tambores, cantos e dança, na vertente do S (Ⱥ). E que nas narrativas míticas falam do falicismo do gozo. Queremos, assim, ler tal experiência em paralelo à tábua da sexuação e evidenciar algo do gozo feminino que se faz sentir no corpo afetado pelo significante e que, por isso, escreve algo no falasser. Pretende-se, ainda, analisar como este gozo pode suportar faces do Outro (A e Ⱥ), quando experimentado como estranho por um estrangeiro ao reinado. Gozo este que, por sua estranheza, interroga algo do gozo do próprio sujeito. Para tanto, retomaremos a elaboração milleriana sobre o racismo, em seu curso sobre a extimidade e os textos sobre racismo apresentados II Fórum Zadig, "Por que só há raças de discurso: desafios à democracia". Haja vista que, em Oliveira, a festa foi proibida e hostilizada por diversas vezes. Em suma, pretende-se analisar como este gozo feminino é experimentado pelos reinadeiros e como algo deste gozo se mostra como insuportável para quem recusa a estranheza do feminino que nele se manifesta.

Palavras-chave: estranho; gozo feminino; gozo do próximo; gozo místico.

MESA 4

1) A ADOLESCÊNCIA E SEUS CONFLITOS: COMO OS ADOLESCENTES TÊM VIVENCIADO ESSE PERÍODO QUE LHE É ESTRANHO E, AO MESMO TEMPO, FAMILIAR

Bethânia Amaral Nogueira

A adolescência do século XXI remete a todas as questões que Freud já apontava em suas obras há um século: a sexualidade, a escolha de objeto de amor e a identificação, porém, com a roupagem dos tempos contemporâneos. A tecnologia, a exposição virtual e, não menos importantes, as nomeações diagnósticas são maneiras que o sujeito tem encontrado para lidar com toda a sintomática de que as mudanças da infância para a adolescência são permeadas. No entanto, a clínica com crianças e adolescentes vem nos mostrando o quão algumas dessas saídas têm sido devastadoras para o sujeito. Quando buscamos alguma palavra que possa adjetivar o período da adolescência, nos deparamos com o engodo da linguagem. Assim como não há simbólico para o real do sexo, nem tudo pode ser traduzido ou expressado da maneira

mais literal. É nesse paradoxo que Freud se vê às voltas em sua obra de 1919 *Unheimliche*. Apesar da impossibilidade de se traduzir com exatidão o termo, todos os significados podem indicar, de alguma forma, o sintoma adolescente. Não obstante, a expressão "estranhamente familiar" tem muito a dizer sobre as queixas e demandas que o sujeito vivencia nesse momento. Este breve trabalho tem como proposta falar sobre as questões da adolescência e o que Freud pode nos dizer sobre essa clínica através de sua obra.

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; sintoma; estranho.

2) ADOLESCÊNCIA E RISCOS: UMA EXPERIÊNCIA DO SINISTRO

Carolina Nassau Ribeiro

A adolescência nem sempre foi um tema de dedicação por parte dos psicanalistas. Sabemos que Freud raramente utilizou o termo adolescência. Ao falar sobre esse assunto, ele fez alusão mais à puberdade do que à adolescência propriamente dita. Lacan também fez raras alusões à adolescência, sendo a mais famosa delas o comentário sobre a peça de Wedekind, *O despertar de primavera*, que desfia, já no final do século XIX, vários dos conflitos e riscos aos quais os adolescentes continuam expostos. Para Le Breton (2017), a adolescência seria o tempo de o jovem construir "a questão do sentido e do valor de sua existência" (p. 22), já que neste momento, neste tempo de moratória (CALLIGARIS, 2000), o sentido e o valor da vida são colocados em suspenso. É tempo de estranhamento com o corpo, de afrouxamento com os vínculos que foram sustentados da infância (FREUD, 1910), e, em decorrência da referida suspensão, um momento em que os comportamentos de risco afloram. Não por acaso ousamos afirmar que o trabalho clínico com adolescentes porta um risco significativo, já que o valor e o sentido de sua existência estão sendo colocados à prova. A proposta será discutir, a partir do texto "O estranho" (FREUD, 1919), a experiência da inquietante estranheza no momento da adolescência, bem como o problema dos atos e riscos implicados nesse momento peculiar da vida. Faremos, ainda, uma discussão sobre a função do analista no tratamento clínico no momento em que o sujeito adolescente passa a se colocar em risco.

3) O INQUIETANTE E O ENIGMA NA SITUAÇÃO ANALÍTICA A PARTIR DE LAPLANCHE

Jhonatan Miranda, Michelle A. Dias Santos e Raissa de Matos Ribeiro

Este trabalho tem como objetivo investigar a presença do inquietante na clínica psicanalítica orientada por Jean Laplanche. É sabido que esse autor não desenvolveu exatamente uma clínica própria em seus textos e é tarefa difícil localizar alguma menção feita a casos clínicos em sua obra. No entanto, um conjunto de textos é dedicado a problematizar e delimitar a situação analítica e a atividade do psicanalista. Para Laplanche, a alteridade tem lugar central na constituição do psiquismo e a tarefa clínica tem por base a possibilidade de reabertura dessa situação originária. Esta é concebida a partir da situação antropológica fundamental, quer dizer, uma assimetria radical entre um adulto com seu inconsciente sexual e uma criança desamparada que necessita de cuidados, o que propicia o recalcamento originário. A primazia do outro na constituição do psiquismo traz consigo, portanto, a instalação de uma alteridade interna, a qual estará no cerne do trabalho analítico. Freud, em seu texto sobre o inquietante, descrevendo esse sentimento, define sua principal origem no recalcado, aquilo que foi familiar e tornou-se estranho. Para Laplanche, esse estranho enigmático é motor da situação analítica à medida que suscita modos de transferência, estabelecendo uma dinâmica entre alteridade interna e externa.

Palavras-chave: inquietante; alteridade; transferência; enigma; Laplanche.

12/7/2019 – 14h30

MESA 5

1) DEJEITOS

Bárbara Maria Brandão Guatimosim

Há um pouco mais de três anos, em 5 de novembro de 2015, rompia em Mariana a barragem do Fundão, da mineradora Samarco/Vale, arrasando o município de Bento Rodrigues. A tragédia fez 19 óbitos e muitas mortes no maior desastre ambiental do país. No dia 25 de

janeiro, mal começado o ano de 2019, a tragédia, agora nitidamente criminosa, se repetia em grande escala, fazendo mais de 300 pessoas fatalmente atingidas, trabalhadores da mineradora em sua maioria. Diante do rompimento da barragem do córrego do Feijão, que fez mais um genocídio, nosso atual presidente se referia aos rejeitos da mineração como "dejeitos". Uma curiosa formação do inconsciente que une os rejeitos minerais com os dejetos humanos. Na tragédia anunciada de Brumadinho, os homens tornam-se dejetos misturados e amalgamados à lama mineral, deixando um rastro de insalubridade na terra e nos próximos 20 anos. Não há como deixar de evocar Kafka, quando dizia que Praga, sua terra natal, era como uma porca que come seus próprios filhotes. A mineradora Vale emprega, cria uma comunidade no seu entorno, investe na qualidade de vida e entretenimento de seus colaboradores e depois destrói essa mesma comunidade. Uma barragem que não barra. Uma barra sem lei. Um limite que explode em seu imperativo de morte. Muitos sabiam do risco e ninguém fez nada para evitar a tragédia, salvo alguns cálculos que demostravam ser mais vantajoso pagar parcas indenizações pela não apenas provável, mas iminente chacina, do que investir em impedi-la. Entendemos que estamos diante de uma tragédia do "não querer saber nada disso", paixão da ignorância que, como na tragédia de Édipo, não quer saber da pulsão da morte, este estranho familiar que, de repente, vem à luz.

Palavras-chave: saber; merda; lixo; tragédia; pulsão de morte.

2) BARRAGENS DO MEDO: ENTRE O FAMILIAR E O ESTRANHO

Otacílio José Ribeiro e Felipe Vieira

Diante do cenário de destruição e morte decorrente dos desastres socioambientais e culturais dos municípios de Bento Rodrigues e Brumadinho (Minas Gerais), num choque de real e realidade, este artigo tem como objetivo pensar de forma macro sobre o impacto sofrido pela população em sua subjetividade, refletindo sobre o medo e o desamparo dos munícipes, de seus parentes e de seus amigos. O afeto do medo é inerente ao nosso psiquismo e o desamparo pode nos abrir para as relações sociais. Mas em que medida a desarticulação do afeto e o medo de desamparo tornam possível uma ação política emancipatória, reconhecendo os indivíduos como sujeitos de direito e de

pertencimento a uma comunidade? Toma-se, aqui, o conceito de desamparo baseado em Freud (1895/1994) no "Projeto para uma psicologia científica", apresentado como a primeira experiência de frustração. No primeiro encontro com o Outro, o sujeito é jogado à própria sorte, marcando, desde então, o registro psíquico de todas as experiências morais; com esta saída, inaugura-se a vivência da subjetividade e da condição humana.

Palavras-chave: o estranho e o familiar; o medo e o desamparo; o sujeito político; a ética da psicanálise.

3) SILENCIOSOS ECOS DO HORROR ENTRE MASSACRES E TRAGÉDIAS

Paula Rego Monteiro Marques Vieira e Thomas Speroni

Entre massacres e tragédias no Brasil, o horror de mortes seriadas clama por sentido, posto que estas se diferem da violência urbana já incorporada a narrativas cotidianas. Mas em que as chacinas de Suzano (2019), Realengo (2011) e Taiúva (2003) se destacam a ponto de promover um mal-estar suplementar àquele que a morte, aqui encarnada no assassinato de adolescentes em escolas públicas, *per se* evoca? Com Freud, especialmente em "O mal-estar na cultura" (1930) e em "O estranho" (1919), busca-se, neste trabalho, promover articulações para análises dessas chacinas perpetradas por ex-alunos cujos suicídios foram premeditados. Na contramão de explicações ocupadas em desvendar motivações ou em evidenciar traços individuais de psicopatia, pretende-se articular logicamente os eventos supracitados ao mal-estar que ecoa silenciosamente na cultura, notadamente atravessado por questões de pertencimento e de angústia. Há uma reconfiguração contemporânea ensejada principalmente em redes sociais e/ou na *deep web* que realoca, pela via das identificações, algo da ordem da estranheza em ecos ruidosos de familiaridade em grupos virtuais nos quais atos como o de Suzano são geridos e exibidos. Diante disso, a diferenciação lacaniana entre "passagem ao ato" e *acting out* e a possibilidade de reversão entre eles refinam a questão da relação entre sujeito e Outro. Aventa-se, deste modo, dar relevo a processos de amarrações de enlaces ficcionais que apontem não para um sentido, mas para o sentido do sentido.

Palavras-chave: massacre; tragédia; horror; silêncio; suicídio.

MESA 6

1) ESTRANH(A)RTE: FRIDA KAHLO

Janaína Sandra Pereira

Freud propõe, em 1919, no texto "O estranho", que a estética deve ser entendida como a teoria das qualidades do sentir e não como teoria da beleza. A estética é uma das bases da filosofia que busca investigar a essência da beleza e da arte acerca do potencial humano, tendo como pressupostos o belo e a percepção. A arte é considerada um ato, no qual o homem, trabalhando a matéria corporal, seja pelo campo da imagem ou do som, cria e revela a beleza da sua criação-expressão através do mundo. Neste ponto, Freud está próximo do debate filosófico que desembocou no nascimento da estética moderna, mas dará contornos próprios a esta discussão sobre a percepção e a beleza, realizando uma leitura peculiar sobre aquela. Na tentativa de compreender a estética do Estranho a partir de Freud, o conceito repetição se destacou: só há *Unheimlich*, se houver repetição. "O estranho é algo que retorna, repete e, ao mesmo tempo, se apresenta como diferente" (GARCIA-ROZA). A proposta deste texto é analisar como Frida Kahlo se utilizou da arte repetidas vezes para reconstruir um corpo e suplantar sua dor no processo dessa reconstrução. A história de Frida foi demarcada pela pintura e por excessos. Sua obra é caracterizada pela repetição que causa familiaridade e estranheza, a qual excede em suas telas, efeito de sua experiência pessoal de intensa dor que transcende ao que se apresenta na moldura.

Palavras-chave: estranho; estética; Frida Kahlo; repetição.

2) LEONARDO DA VINCI: UMA LEITURA ANALÍTICA DO BELO

Heloísa Mamede Silva Gonzaga

A busca da perfeição define o olhar para os detalhes artísticos, nos quais podemos encontrar o belo satisfazendo a intimidade de conflitos inexplicáveis. Leonardo da Vinci (1452-1519) foi admirado não só como um artista, mas também arquiteto e engenheiro militar. Nas suas pinturas femininas, ressalta-se o sorriso notável e misterioso, sem que centenas de pesquisadores consigam decifrar esse enigma, que se apresenta

como um contraste entre a ternura e uma sensualidade inexplicável. Mas a psicanálise, em sua percepção apropriada de ver o sujeito não só em seus intercâmbios sociais que se apresentam na produção artística e intelectual, o vê também como sujeito do inconsciente, que projeta e expressa, em sua obra, seus conflitos, realizando-se através da sublimação destes. Isso aparece na arte de da Vinci como o belo objetivado e, ao mesmo tempo, pela busca incessante de detalhes, mostrando o sujeito atormentado pela busca contínua da unicidade do eu. Seria a demora "compulsiva" de da Vinci em terminar suas pinturas a representação da inscrição de sua vida infantil em forma de um enigma para a sociedade à qual pertencia? Não é o sorriso misterioso da Mona Lisa um convite para ajudá-lo a entender o que está além do consciente?
Palavras-chave: sublimação; libido; sujeito do inconsciente; pulsão; belas-artes.

3) O ESTRANHO É AZUL – ARTICULAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E ARTE NA OBRA DE PABLO PICASSO

Sidney Kelly Santos

A leitura do centenário texto freudiano *Das Unheimliche* traz a este trabalho uma visão particular e atual da obra de Pablo Picasso *O quarto azul* (1901-1904) como um estranho-familiar. Nesta obra, confeccionada em um momento de grande dor para o artista, enlutado pelo falecimento de seu amigo Casagenas, Picasso traduz o sofrimento nesta cor e a transfere ao Quarto Azul. O quarto de aparência feminina expõe a desnudez, a luz e as sombras azuis que se mesclam nos objetos compostos para dizer de uma solidão e, talvez, como que por transferência, de sua paixão (na falta deste amigo). E existe uma estranheza no fundo desta tela, um "fantasma" de barba escanhoada, gravata-borboleta e anéis, que encobre ao se revelar. Por um lado, será que o fantasma que sonha no Quarto Azul poderia exteriorizar o funcionamento do processo artístico de Picasso? Seria a constatação de um mecanismo paralelo ao processo da arte? Por outro lado, o sinistro que se mostra no quadro e, em especial, no quarto parece ser pensado no foro da intimidade e no estranho-íntimo, tal qual o fenômeno do duplo em Freud. Assim como Natanael, no personagem de Hoffman, pode-se articular a Psicanálise como uma prática que se lê para além do texto, um subtexto; mas, continuamente, o que estranhamente se (des)cobre?
Palavras-chave: psicanálise; estranho; duplo; quarto azul.

4) ESTRANHAMENTE BELO: A ESTRANHA SINGULARIDADE POR TRÁS DE NOSSOS ENCONTROS COM O BELO

Carlos Eduardo Rodrigues

O objetivo deste texto é discutir o efeito do belo sobre nós, um efeito relacionado com a singularidade, com o estranho. O belo é aquilo que nos agrada, pensando numa perspectiva estética. Será que poderíamos pensar no belo, pelo menos em alguns desses encontros, como algo da ordem de uma defesa contra o que escapa ao processo de recalcamento? Em outras palavras, será que nossos encontros com o belo não seriam uma forma sublime de lidar com o que deveria permanecer recalcado, permanecer oculto, mas que aparece ao sujeito? Freud, em sua discussão sobre o estranho, nos diz que *Unheimlich* é tudo o que deveria permanecer oculto, mas veio à luz. Tomando como discussão a Síndrome de *Stendhal*, poderíamos pensar que nosso encontro com o belo também pode revelar algo da ordem do estranho, pode revelar algo que deveria estar escondido. Quando nos deparamos com algo que nos surpreende em função de sua beleza e seu valor, perdemos o controle e ficamos sem saber como lidar com esse estranho. Isso nos faz pensar que esse encontro com o belo tem algo de singular, de subjetivo, e revela, de certo modo, algo com que o sujeito não está apto a se deparar. Então, quando vemos algo belo de tamanha magnitude, como as obras de arte no Louvre ou a beleza de Veneza, essas obras têm o poder de revelar algo nesse estranho encontro com o belo.
Palavras-chave: estranho; belo; estética.

MESA 7

1) O ESTRANHO MAL-ESTAR NOS FENÔMENOS SOCIAIS

Gisele Scarpone Salem

Buscamos, neste trabalho, discutir algumas reflexões que Freud nos apresenta sobre a civilização e seu mal-estar em sua íntima relação com *Das Unheimliche*. Assim, o texto "O estranho", escrito por Freud em 1919, será o eixo central de nossa investigação. A partir de desassossegos e estranhamentos experimentados nesses tempos de cultura do ódio, retratamos a "paixão do ser" pelo ódio, a agressividade inerente e constitucional do ser humano e a angústia advinda do familiar.

Nesse sentido, o ódio, que compõe a intimidade de cada um, torna-se estranho no próximo civilizado, ou seja, o estranhamento ao ódio se articula ao impacto que se sente quando algo deveria se manter oculto, mas se revela brutalmente. A temática do "estranho", no atual cenário sociopolítico, marca o mal-estar na civilização e nos incita a refletir sobre a angústia que nos chega na clínica e clama por apaziguamento, impondo-nos o desafio de um tratamento ao fenômeno do estranho em uma análise. Diga-se de passagem, um estranho-familiar que nos habita e afeta.

Palavras-chave: angústia; estranho; familiar; ódio.

2) COMO PENSAR O ESTRANHO NO DISCURSO DO CAPITALISTA NEOLIBERAL?

Roberto Calazans

Partindo da noção de que o estranho é o estranhamento de si e uma possibilidade de o sujeito encontrar uma saída para a fixação do sintoma a partir desse estranhamento, nos questionamos sobre como pensar o estranho no discurso do capitalista em sua modalidade neoliberal. Este questionamento parte da proposição do psicanalista argentino Jorge Aléman, em que é afirmado que o dispositivo neoliberal do laço capitalista pretende moldar a própria subjetividade a partir do princípio de que o sujeito é o empreendedor de si mesmo – ou seja, sem alteridade que possa constituir o sujeito do inconsciente –, em que o sujeito trata a própria existência como uma empresa que deve gerar sempre mais produtos. A consequência disso é o que podemos chamar com Byung-Chul Han de sociedade do desempenho, em que o sujeito deve sempre estar apto a melhorar esse desempenho empreendedor até à estafa. Este imperativo do sujeito empreendedor de si, de certo modo, impede um estranhamento sobre si, o que nos leva, então, a nos perguntar como pensar ou localizar o estranho do sujeito nesse laço neoliberal, principalmente quando as formações sintomáticas tomam o corpo como o local privilegiado de manifestação, levando o sujeito muito mais ao silêncio sobre si e sobre o Outro. A nossa aposta é que afirmar o sujeito do inconsciente a partir da ética do desejo da psicanálise pode permitir um retorno do estranho sobre o sujeito para que ele possa dar outros caminhos para a libido frente ao mal-estar contemporâneo.

Palavras-chave: psicanálise; neoliberalismo; corpo.

3) *UNHEIMLICH* E FASCISMO: UM ESTUDO ACERCA DO ESTRANHO-FAMILIAR E SUA RELEVÂNCIA NA ANÁLISE DA ESCOLA DE FRANKFURT SOBRE O AUTORITARISMO

Rafael S. Shirakava e Gustavo H. Dionísio

Em 1919, no ensaio "O inquietante", Sigmund Freud definiu o *Unheimlich* como um estranho que não é alheio, desconhecido, mas familiar, que está associado aos conteúdos infantis recalcados que retornam na forma de angústia. Segundo Adorno e Horkheimer, em *Dialética do esclarecimento*, esse aspecto da constituição psíquica é um dos elementos que possibilitam a violência contra a alteridade, uma vez que a sociedade administrada, sedimentada pela razão instrumental, não tolera qualquer forma de diferença, não-identidade. Para estes pensadores, que lançam mão da teoria psicanalítica freudiana em suas produções teóricas, o ódio ao estranho remete a uma fúria contra a natureza recalcada, os gestos impuros e inferiores tornados tabus, mas ainda presentes na vida cotidiana, denotando que o repúdio direcionado ao estranho está associado, na verdade, à familiaridade com este, com aquilo que não foi formalizado pela razão instrumental. Tendo isto em vista, nosso estudo almeja pontuar os aspectos que constituem a categoria freudiana de *Unheimlich* e suas implicações políticas dentro da produção do psicanalista vienense, bem como suas possíveis articulações com as obras de Theodor Adorno e Max Horkheimer para a compreensão da emergência do autoritarismo.
Palavras-chave: *Unheimlich*; estranho; fascismo; psicanálise; Escola de Frankfurt.

4) O ÓDIO COMO AFETO POLÍTICO CENTRAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

Marcelo Fonseca Gomes de Souza

O presente trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre a emergência do ódio, pensado como um dos afetos políticos mais proeminentes da atual conjuntura política brasileira, a partir da análise psicanalítica do fenômeno do "estranho". Para tanto, percorreremos a seguinte trajetória: (i) em primeiro lugar, será realizada uma apresentação sintética dos acontecimentos políticos atuais, visando a mostrar como o ódio ocupa, aí, um lugar privilegiado. (ii) Em segundo lugar,

apresentaremos, tanto a partir de Freud quanto da retomada lacaniana do texto freudiano, algumas interpretações possíveis do fenômeno. Freud entende que o estranho se refere àquilo que é intimamente familiar, à medida que sua emergência determina, a partir de um evento eliciante, um desequilíbrio pulsional, desencadeado pelo retorno do recalcado. Este engendraria no Eu uma sensação de horror e estupefação que, muito amiúde, precisaria ser afastada. Lacan, por sua vez, tem uma compreensão ainda mais minuciosa do fenômeno. Ele estaria, em última medida, relacionado a uma interpelação do Outro, responsável por relançar o sujeito em direção a uma posição primária ligada à sua redução a um puro objeto de gozo. (iii) Concluiremos, por fim, analisando a hipótese de que o ódio é uma das vicissitudes possíveis, embora das mais danosas, que surge como resposta à emergência do estranho. O estranho será, aqui, elevado à condição de categoria política capaz de conferir inteligibilidade a certos fenômenos sociais. **Palavras-chave:** estranho; ódio; política; Brasil.

MESA 8

1) A LÓGICA DO INCONSCIENTE: A ESTRANHEZA COMO EVIDÊNCIA LÓGICA

Mardem Leandro Silva

Freud foi propositor do modo de funcionamento lógico do inconsciente. No entanto, em comparação à lógica científica de sua época, a lógica do inconsciente se ocupa menos do valor de verdade proposicional do que se enuncia do que do valor de estranheza, pois a estranheza implica no tropeço da lógica da fala. Assim, convém destacar que aquilo que funcionaria como evidência para o discurso lógico, a saber, a relação de igualdade entre o verdadeiro e o evidente, não poderia ser simplesmente transposto sem maiores consequências para o empreendimento da investigação freudiana, já que, nessa perspectiva, a relação de igualdade articularia a evidência ao estranho. Evidência antitética que, segundo Freud, no texto "O estranho" implicaria numa forma de estranhamento da parte do sujeito por fazer referência ao que seria ao mesmo tempo familiar e infamiliar. Trata-se, nesse sentido, de se pensar a evidência como um retorno do recalcado e, portanto, como um estranhamento, um oxímoro, capaz de produzir no espaço analítico um efeito de sujeito justamente em função dessa sua condição.

Haveria em Freud todo um trabalho que infere evidências, mas elas decorrem menos do que se propõe como verdade universal do que como uma verdade particular, por vezes obscura, mas que moveria o sujeito.
Palavras-chave: estranho; inconsciente; lógica; verdade.

2) A PALAVRA DO ANALISTA: UMA ESTRANHEZA DESDE FREUD

Douglas Félix de Oliveira e Ricardo Luiz Alves Pimenta

O presente trabalho discute o fazer do analista na atualidade. Muitos criticam a clínica psicanalítica, alegando-a ao estatuto de um analista silencioso, clínica em que o analista não fala. Para o senso comum e para pesquisadores de epistemologias diferentes, esta clínica traz o estigma e a estranheza do "uhum, aham", como se o analista não participasse ativamente do tratamento psicanalítico. Por esse motivo, pretende-se revisitar alguns textos técnicos de Freud e textos do ensino de Lacan para sinalizar o lugar da palavra do analista no percurso do tratamento. A psicanálise foi inaugurada pela reivindicação de uma histérica: "deixe-me falar do meu jeito". Entretanto, isso não significou que o analista não pudesse mais falar. Bem ao contrário, sinalizou que a palavra do analista tem um lugar e uma marca. O que Freud e o que Lacan sinalizam sobre a função da palavra do analista no percurso de um tratamento pela psicanálise? O convite à fala persiste e esta é a regra de ouro da clínica psicanalítica. Acredita-se que este estudo demonstrará que a psicanálise insiste em afirmar que entre a palavra do analisante e a palavra do analista há mal-estar, estranheza própria da clínica psicanalítica. Para isso, elucida-se a palavra "conversar", que também significa fazer versos, e é isso que se faz entre analista e analisante. E é a partir disso que a clínica da psicanálise persiste, ainda "con-versando" no horizonte de nosso tempo.
Palavras-chave: clínica psicanalítica; palavra do analista; condução do tratamento.

3) A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA E O ESTRANHO

Eliana Maria Delfino

Este artigo propõe uma discussão sobre a formação do psicanalista

não pela via da aquisição do saber acadêmico, mas pela lógica do inconsciente. O estranho orientará o sujeito do inconsciente e demonstrará que a formação analítica está em continuidade com a análise do analista. O analista surge como produto de sua análise, ou seja, da experiência com o inconsciente e aqui abre espaço ao estranho. O analista sofre do mesmo *phatos* que funda a experiência humana. Sofre com seus sintomas e é atormentado pelo gozo neles abrigado tanto quanto sofrem aqueles que o procuram com suas demandas de "cura". Freud apresenta o estranho como "aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que há muito conhecido, ao bastante familiar". Ele "seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu", enfim, o inconsciente. E o analista deve circunscrevê-lo em sua própria análise. Lacan coloca que não há formação do analista, mas formação do inconsciente. Então, algo do analista, apreendido em sua própria análise, decide de sua posição, o autoriza como analista e o permite analisar os outros. Assim, o analista está em permanente formação continuada que atesta sua capacidade de transmissor da psicanálise.

Palavras-chave: formação psicanalítica; estranho, pulsão; inconsciente.

4) A DIREÇÃO DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO: DO FAMILIARESCO AO MAIS FAMILIAR

Tamira Lisboa Bacha

Pretende-se, nesse trabalho, verificar como o percurso no tratamento psicanalítico se dá, perpassando no começo da análise por toda uma narrativa que envolve os assuntos de família, como uma construção mítica, para – numa derrelição progressiva da cobertura simbólica e imaginária – aproximar-se do que do real aí se destaca, o mais familiar, o parceiro-sintoma do analisante em causa. Para tal, partiremos do artigo "O estranho", em Freud, objeto de nosso interesse, no qual esse nos indica a antinomia (*Unheimlich/Heimlich*) desse termo, sendo que o que há de mais estranho pode ser concebido também como o mais familiar. Tentaremos fazer um paralelo com o conceito de extimidade, "êxtimo", neologismo criado por Lacan para designar isso que é o objeto "a", que carrega essa ambiguidade do mais exterior/mais interior. Propomos pensar aqui uma direção e um final de análise diferenciado, seja a partir do conceito de estranho em Freud ou tomando como fundamento o termo êxtimo em Lacan. Com Freud, é sabido,

que o final de análise tem seu "limite" no complexo de castração. Numa orientação lacaniana, Miller indica que a análise visa a um mais além/aquém da travessia da fantasia, em que o analisante, ao destacar na sua formulação o objeto "a", consegue cernir aquilo que lhe é mais familiar, seu "parceiro-sintoma", referido ao seu modo de gozo.
Palavras-chave: estranho; familiar; êxtimo; objeto "a"; psicanálise.

12/7/2019 – 17h

MESA 9

1) O ESTRANHO QUE EX-SITE NO ATO DE CONSUMO DA CONEXÃO VIRTUAL

Eduardo Henrique Ferreira Dias

Ao tratar *unheimlich*, Freud o define como "... aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito familiar". Desta forma, pelo simples fato de dar continuidade ao saber psicanalítico, não só enquanto intensão, mas, também, como extensão, que surge a questão do estranho na cultura em que estamos subjetivamente mergulhados. Como este estranho tem se manifestado? Sob qual posição o sujeito tem se relacionado com ele? Articulando, tal contexto, aos cinco discursos do liame social, em especial com o discurso capitalista (LACAN *Seminário XVII*) que se pretende discutir este ex-tranho. Certamente há algo, no contemporâneo, quanto ao consumo de inúmeras conexões virtuais vivenciadas através da rede web (internet) e a subjetividade do sujeito. Que, de forma inadimplente, mantém seu estranho familiar seguramente distante, mas a qual custo? Aqui se abrem as comportas do estranho no laço social contemporâneo e sua relação com sujeito do inconsciente neste ato (conectar-se). Este (novo) mestre, com uma faceta de bem-estar, inibe a subjetividade do sujeito e evita que seu estranho apareça, pois este pseudo-objeto sequer pode ser denominado como causa de desejo, pois não há relação entre sujeitos, e, sim, com produto de consumo, tornando o estranho, que é tão nosso foracluido nas relações sociais contemporâneas. Vamos discutir? Esta é a proposta.
Palavras-chave: o estranho; discurso capitalista; liame social.

2) O ESTRANHO LUGAR DO SINTOMA NO LAÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Magali Milene Silva

Ao usar o conto de Hoffmann como base para seu argumento, Freud (1919/1996) afirma que homem de areia é o pai enquanto castrador, o pai edípico, que aponta, ao mesmo tempo, a possibilidade de satisfação nas substituições culturais e sua impossibilidade plena. Será que não poderíamos aplicar ao sintoma a definição que Freud traz desse estranho familiar, quando ele afirma que "relaciona-se com o que é assustador – com o que provoca medo e horror" e remete "ao que é conhecido, de velho, e há muito, familiar" (FREUD, 1919/1996, p. 237-238)? A partir dessa articulação, proponho discutir o lugar do sintoma como estranho-familiar no laço social contemporâneo, utilizando a leitura lacaniana dos discursos. Ao propô-los como laços sociais, Lacan (1969-1970) traz o objeto "a" como "mais-de-gozar", função que articula o gozo como perda, o gozo possível aos falantes, elemento que é rechaçado e silenciado nos demais discursos, à exceção do discurso do analista, em que é o agente. Presenciamos, atualmente, a desconsideração da face real, interrogante, sem representação do sintoma, tomando-o pela vertente da classificação, da medicalização e do silenciamento, que tem como efeito o retorno em mal-estar, agenciado pelo discurso universitário e do capitalista. Freud propõe que deixemos o sintoma falar. Resta-nos resgatar a força subversiva de sua proposta.
Palavras-chave: sintoma; contemporaneidade; estranho.

3) ROBÔS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, INQUIETANTE ESTRANHEZA?

Alexandra Cavalheiro

Neste trabalho, proponho uma revisão da utilização das novas tecnologias, tais como jogos de vídeo e a inteligência artificial, com foco nas suas interações com a psiquê humana, através de suas utilizações lúdica, laboral e psicológica. Parto de uma pesquisa que reagrupa as informações mais recentes nestes domínios, passando pela utilização dos jogos de vídeo na psicoterapia e na psicanálise das crianças e adolescentes, o recurso a robôs no tratamento de crianças com necessidades específicas, sua função de companhia ou de auxílio na vida quotidiana,

sem esquecer aqueles que têm sido utilizados no mercado dos lovotics – os robôs de uso sexual. Assim, esta apresentação visa a indagar a pertinência deste tema, em articulação com a construção psicanalítica do sujeito. Com isto, retomarei a ideia deste estranho de que nos fala Freud, em *Das Unheilmliche*, tocando um ramo da estética no concernente às qualidades do sentir. Freud cita Ernst Jentsch sobre essa estranheza, dizendo que ela aparece quando há "dúvidas quanto a saber se um ser aparentemente animado está realmente vivo, ou, do modo inverso, se um objeto sem vida não pode ser na verdade animado e ele refere-se a esse respeito, à impressão causada por figuras de cera, bonecos e autômatos engenhosamente construídos". São estes robôs produtos banais da nossa sociedade, que mimetizam o corpo humano? O que deles nos fala da relação de objeto do homem e de sua articulação com a castração? Poderemos inferir que a dimensão do imaginário, tomando como suporte a fantasia, circunda a questão do fantasma que vem continuamente ancorar-se na estrutura do sujeito. Embatemos nos limites do real, do ideal do eu, tentando encontrar o emparelhamento do real com os mundos virtuais.

Palavras-chave: jogos de vídeo; inteligência artificial; robótica; sujeito; robôs humanoides; relação de objeto; castra-ção; limites do real; ideal do eu; imaginário; fantasma.

4) O ESTRANHO ATUAL

Ana Lúcia Bahia

Neste texto, pretendo trabalhar o conceito de *unheimlich* desenvolvido por Freud e retomado por Lacan sob a perspectiva da contemporaneidade. Freud desenvolve este conceito a partir do tratado da estética e nos aponta que pouco se diz sobre o sentimento de estranheza. Algo deste último nos indica que o que retorna para o sujeito não é da ordem do recalcado, e, sim, do real. Como pensar as situações de nosso tempo, o que vem acontecendo no mundo, com o advento da rapidez das informações e com o aumento da intolerância diante das diferenças? E a repercussão destes fatos para o sujeito? Podemos tomá-los via conceito de estranho, já que o familiar é imbricado a este? Quais são as saídas que se apresentam diante desta inundação de acontecimentos?

Palavras-chave: sinistro; real; contemporaneidade; gozo.

MESA 10

1) *UNHEIMLICH* IMPRUDENTEMENTE POÉTICO: A FERA INFAMILIAR DO ROMANCE *HOMENS IMPRUDENTEMENTE POÉTICOS*, DE VALTER HUGO MÃE, NO POÇO DE UM PROCESSO PSICANALÍTICO

Humberto Moacir de Oliveira

Laurentino Gomes, no prefácio de *Homens imprudentemente poéticos*, último romance do escritor português Valter Hugo Mãe, sugere que um dos capítulos do livro é uma aula de psicanálise. O capítulo narra o momento em que Itaro se encontra em um poço com um animal de grande porte, porém impossível de ser identificado. Partindo do comentário de Gomes, o presente texto visa a promover uma reflexão sobre como a lenda descrita no romance pode ensinar algo sobre a psicanálise. Para isso, foi feita uma comparação entre o *unheimlich* freudiano e a fera que divide o poço com Itaro, descrita como algo estranho, inquietante e indefinido, mas que vai se revelando aos poucos cada vez mais familiar ao artesão. A comparação crítica entre o conceito freudiano e a fera que divide o poço com Itaro nos convida, confirmando a hipótese de Gomes, a uma reflexão sobre os desdobramentos da experiência analítica, uma vez que, como Itaro, o analisando também acaba por "amigar-se ajuizadamente" do objeto inquietante que se esconde por trás do recalque e que se revela, para usar uma definição lacaniana do objeto de angústia, um hóspede hostil (*hôte hostile*).
Palavras-chave: *Homens imprudentemente poéticos*; Valter Hugo Mãe; psicanálise; *unheimlich*; objeto "a".

2) CRIAÇÃO LITERÁRIA: UMA FORMAÇÃO DO INCONSCIENTE?

Marcelo Gonçalves Campos

A proposta do presente trabalho é investigar, através do pensamento freudiano, em que medida a criação literária poderia ser considerada como algo similar às formações do inconsciente. Este é um tema que diz respeito à conexão da psicanálise com outro campo de saber, a literatura. Tal interlocução não é estranha à produção teórica

freudiana. Podemos mesmo afirmar que o diálogo com a literatura está disseminado em toda a obra de Freud: para ilustrar ou validar determinado ponto da teoria, para compreender algo deste processo de criação artística, para interpretar psicanaliticamente uma obra específica. A partir de algumas formulações freudianas sobre a literatura, nos questionamos se esta poderia ser considerada como algo similar às produções mentais do sonho e do sintoma e quais consequências poderíamos extrair daí caso esta hipótese se confirme.
Palavras-chave: literatura; formação do inconsciente; psicanálise.

3) "CADA VEZ MAIS ESTRANHO": O ESTRANHO E O FAMILIAR NAS OBRAS *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO*

Claudete Justino Correa

O presente trabalho busca analisar os aspectos através dos quais a narrativa da obra *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho* permitem a relação com o conceito psicanalítico de O estranho (*unheimlich*). Para tanto, articularemos elementos nas obras que atravessam o Inconsciente e discutiremos como Lewis Carroll elaborou sua obra com elementos de linguagem que permeiam o nonsense. Alice, ao entrar no País das Maravilhas, se depara com situações e criaturas bizarras, uma alusão ao absurdo e sensações de estranhamento naquilo que há de familiar, a saber, as suas próprias fantasias, uma vez que a menina despertou do sonho que permitiu a entrada ao mundo das maravilhas. Alice sente medo e inquietação diante dos acontecimentos de sua narrativa. Tais sentimentos podem ser relacionados ao fato de que as experiências vividas por ela no País das Maravilhas defrontam o absurdo, o que ocasiona um sombreamento da linha entre o real e o imaginário. Podemos observar o trabalho nonsense de Carroll através da linguagem que conduz a sua personagem principal e seus leitores à confusão e às dúvidas, o mundo nonsense é o mundo das palavras e não do real. Por fim, Alice indica que o País das Maravilhas é uma representação significativa do que se passa no Inconsciente, estranho e, ao mesmo tempo, familiar.
Palavras-chave: o estranho: inconsciente; *Alice no País das Maravilhas*; nonsense; psicanálise.

4) UM ESTRANHO DE CARÁTER POSITIVO

Edson Siquara de Souza

É-me estranho encontrar de forma recorrente Schiller sendo citado por Freud em seus textos. Neste artigo, pretendo defender uma concepção de "Estranho" que corrobora o entendimento de Schiller sobre a experiência estética, ligada a um conceito de liberdade que fundamenta sua filosofia e que destaca uma sensibilidade especial da humanidade. Para Schiller, quando o homem está ainda em formação, não tendo nem razão nem sensibilidade formadas, se encontra em um estado de liberdade, pois não é coagido por duas forças que, quando surgirem, estarão normalmente em oposição. Quando da primeira representação, em que sensibilidade e razão atuam simultaneamente, a primeira para entender e a segunda para dominar, é criada, a partir deste instante, uma divisão no homem que jamais o deixará. Para Schiller, a experiência estética, principalmente na apreciação da Bela Arte, dá oportunidade ao sujeito de sentir algo que lhe é estranho, mas prazeroso, que para Schiller é um sentido de liberdade que o sujeito já teve (daí sua universalidade), mas, no entanto, o faz declarar como Belo o objeto (segundo Kant uma experiência também de caráter universal). Acredito que o texto freudiano autoriza essa interpretação, principalmente no capítulo III do "O inquietante". Entendo que o fundamento da filosofia de Schiller (e creio também de Fichte) recebe o apoio teórico fruto da experiência psicanalítica neste texto especialmente, mas encontramos indícios deste "apoio" teórico também em outros textos freudianos.

Palavras-chave: estética; Schiller; psicanálise.

MESA 11

1) A ESTRANHA GAROTA DINAMARQUESA: O RETORNO DA VERDADE RECALCADA

Helena de Almeida Cardoso Caversan, Mardem Leandro Silva, Daniela Paula do Couto, Elizabeth Fátima Teodoro e Roberto Lopes Mendonça

Este trabalho faz parte da produção da pesquisa de iniciação científica "A arte imita a vida: articulações entre Psicanálise e cinema", desenvolvida na UEMG Divinópolis e que objetiva fornecer subsídios ao

alcance clínico da lógica conceitual analítica. Apresenta-se uma leitura psicanalítica do filme *A garota dinamarquesa* pelo viés conceitual do texto de Freud "O estranho" e de textos correlatos ao recorte temático do trabalho. O filme conta a história do pintor Einar, que passa a sentir um estranho e insuspeito desejo de se vestir como mulher. Os desencontros desse desejo o levam a experimentar um outro lado de sua sexualidade com o qual muito rapidamente se identifica a ponto de considerar a possibilidade de transformar seu corpo de homem em um corpo de mulher, com o auxílio de uma intervenção cirúrgica. Na tentativa de alcançar um conhecimento sobre a angústia de sentir-se um estranho em seu próprio corpo, afeto que atormenta Einar e que o leva a assumir a condição de mulher em meio à desordem da incompreensão social que o cerca, recorre-se à conceituação freudiana do estranho, que trata do retorno do recalcado como algo que pode ser assustador, mas que, paradoxalmente, guarda uma relação com o que é mais íntimo ao sujeito. Além de tal conceituação, recorre-se ao texto "Bate-se em uma criança" para tornar saliente a estranheza do teorema freudiano da constituição bissexual dos seres humanos e do recalcado como índice da sexualidade alienada ao desejo do outro.
Palavras-chave: estranho; bissexualidade; recalque; fantasia; desejo.

2) INFAMILIARIDADES ENTRE TEORIAS PSICANALÍTICAS E TEORIAS DE GÊNERO

Carla Rodrigues

O objetivo desse trabalho é circular em torno de três significantes – identificação, identidade e identitário – a fim de pensar suas infamiliaridades e seus usos tanto em teorias psicanalíticas como em certa filosofia de matriz pós-estruturalista. Em cada um desses campos, os termos estão destinados a designar noções distintas, porém próximas. Produzem, assim, pontos de aproximação e distância, numa experiência de infamiliar como a que nos fala Freud quando escreve: "o infamiliar é uma espécie de aterrorizante que remete ao velho conhecido, há muito íntimo" (FREUD, 2019, p. 33). Menos uma combinação de elementos opostos, mais complementos que podem marcar a nossa relação com objetos, haveria na noção freudiana uma espécie de gradação capaz de tornar cada vez mais estranho aquilo que nos é mais familiar. Minha intenção é delinear nuances e distinções entre o uso desses três termos a fim de argumentar que, sem que filosofia

pós-estruturalista e psicanálise explicite o que está pretendendo dizer quando usa significantes como "identificação" e "identidade" e "identitário", o que se produz é um conjunto de mal-entendidos que se reproduz no debate entre teorias psicanalíticas e teorias feministas de matriz pós-estruturalistas.

3) ESTRANHEZAS (EN)CORPADAS: A SEXUALIDADE COMO MAL-ESTAR

Roberta Ecleide de Oliveira Gomes Kelly

O trabalho aponta, a partir de duas situações clínicas, de transexualidade e homossexualidade, como o apoio (*Anlage*) do desejo do corpo sobre o real do organismo deixa, inevitavelmente, uma brecha de inadequação. Desta brecha, o mal de estar nesta ou naquela posição de orientação sexual e as justificativas que se utilizam para assegurar um lugar como posicionamento subjetivo. A sexualidade é uma das faces do processo que transcorre da "alienação" à "separação"; quais sejam a Sexuação, a Identificação e a Filiação. Deste processo, advêm estratégias de assentamento imaginário-simbólico de cada um em seu cada qual, como arremedos que não elidem, mas que sustentam o mal-estar da cultura que habita o humano, dissociado da natureza, do instinto e do sossego que a animalidade traria. Deficiente instintual, o humano claudica nas escolhas sexuais, de trabalho e de endereçamento pulsional que buscam objetos (em) vão(s). Dos vãos da busca (im)possível, o sonho de encontro e o apaziguamento do desejo trazem questões a esta contemporaneidade em transição histórica; quiçá transição das formas de constituição do sujeito.

Palavras-chave: psicanálise; estranho; transexualidade; homossexualidade; orientação sexual.

4) DO *UNHEIMLICHE* AO *QUEER*: A ESTRANHEZA DA VOZ EM PABLLO VITTAR

Vinícius Moreira Lima

Iniciaremos este trabalho discutindo algumas aproximações entre o conceito freudiano do estranho (*Unheimliche*), tal como elaborado no texto de 1919, e o surgimento do *queer*, que se transformou em um significante de resistência política ao longo da década de 1990. Desde

Freud, tal como relido por Lacan, o estranho se define pela inquietante aparição de um objeto – o objeto "a" – que o sujeito não pode reconhecer na imagem especular (QUINET, 2009). Por sua vez, a emergência do *queer* na cena da cultura se dá inicialmente não como um saber acadêmico ou universitário, mas, antes, como uma forma de contestação em relação à "identidade gay" que se formou ao longo da década de 1980 nos Estados Unidos, identidade que buscava normatizar a própria homossexualidade (SÁEZ, 2004). Dessa maneira, realizando uma crítica da normalização identitária, o *queer* orbita em torno de uma dimensão do sujeito que resiste a toda tentativa de captação ou regulação pelas normas sociais, buscando cernir esse estranho resíduo não-identitário que insiste na subjetividade. Seria possível pensar o *queer* como uma das formas contemporâneas de apresentação do *Unheimliche*? Como relacioná-lo à invenção lacaniana do objeto "a"? Tentaremos promover essa articulação a partir da forma como Pabllo Vittar se virou com sua voz, tomada como um objeto estranho ao corpo, para a construção de sua artista *drag*.

Palavras-chave: estranho (*Unheimliche*); *queer*; identidade; psicanálise; objeto "a".

MESA 12

1) O ESTRANHO DA BARRIGA

Marcilena Assis Toledo

Penso que tornar-se mãe é um processo constitutivo que passa inevitavelmente pelo mesmo processo de alienação/separação da constituição do sujeito. Alienado ao Outro materno, é dali que o sujeito partirá com seu referencial identificatório para edificar sua identidade maternal, sua posição subjetiva diante do significante mãe. Se uma menina encontra em sua mãe um tipo específico de maternagem que pode determinar conflitos nessa relação, quais os efeitos que esse ideal pode ter na relação desta futura mãe e seu bebê? A pergunta que o sujeito direciona ao Outro – *Che vuoi*? – indica um desencontro de desejos, marcando o ponto de falta inerente ao sujeito, da busca incessante da relação de completude sempre fadada ao fracasso, em que Lacan diz da impossibilidade da relação sexual e da mulher sempre castrada. Se o processo de constituição do sujeito tem no pai o terceiro que promove a separação dessa relação dual mãe/bebê, esta mãe,

enquanto mulher castrada, deverá estar referida a um homem como referencial fálico. Aquele que aponte para a diferença dos sexos e se torne um causador de desejos quando toma a mulher como objeto causa de seu próprio desejo. Se um bebê existe, antes do seu nascimento no psiquismo materno e paterno, tomando um lugar na vida dos pais, estes lugares têm a possibilidade de serem construídos em um processo analítico. O trabalho de significação e ressignificação do lugar da representação simbólica da mulher que se torna mãe e do lugar do homem que se torna pai resulta no lugar possível de ser oferecido ao bebê no desejo dos pais. Assim, através de um fragmento clínico de uma análise que passou por uma gestação, "o estranho da barriga" pode torna-se um rebento que chega ao mundo ocupando um lugar de objeto precioso.

Palavras-chave: maternidade; gestação; paternidade.

2) O ESTRANHO FAMILIAR NA CLÍNICA COM BEBÊS

Rosely Gazire Melgaço

De início, algo se constata: a chegada de uma criança nem sempre é sinal de total felicidade. As relações dos adultos com as crianças tomam formas e modalidades diferentes e específicas, e há algo universal: essa relação é fundamentalmente contraditória e ambivalente. Cada um vai ter algo particular a dizer sobre o que é o bebê. A Ciência pode ser colocada pela família como a mãe potente, e onipotente, aquela que tudo sabe, tudo pode e tudo tem para dar a um bebe, contrário àquela mãe real que ali se apresenta com todas suas inúmeras fragilidades e incompetências. Esse encontro com a criança, com o real, pode, assim, se produzir e se revelar maciçamente traumático, seja para pais, seja para profissionais. Uma história ali inicia seus traços com sulcos da herança, da transmissão, do desejo, dos segredos, do caos, do sonho e ilusão, do ideal, da angústia e das falhas. Pais, cuidadores, profissionais e os que estão ao redor vivem um confronto com o Infantil de si mesmos. O acontecimento "surgiu um bebê" remete-nos a pensar o "Estranho familiar", conceito proposto por Freud. Ele nos apontou este termo em seus estudos sobre o *Umheimlich* – tudo aquilo que é familiar, mas ao mesmo tempo causa estranheza. O Estranho é uma manifestação do Real, é o nome de tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz. Poderíamos dizer que, desde a gestação de uma criança, observa-se esse fenômeno:

"Estranho familiar", "Estrangeiro" ou, ainda, "Familiar estranho". E, nesse contexto do Real que se apresenta, uma série de desdobramentos vai se manifestar.

3) O ESTRANHO FAMILIAR NO SINTOMA DOS PAIS: UMA LEITURA DE "NOTA SOBRE A CRIANÇA" À LUZ DE "O ESTRANHO"

Daniela Paula do Couto e Ângela Maria Resende Vorcaro

Se tomarmos a ambivalência que Freud verifica no significado da palavr*a heimlich* a ponto de ela coincidir com o oposto *unheimlich,* podemos pensar o sintoma dos pais como um estranho familiar. Como Lacan nos ensinou, uma das formas do sintoma na criança é aquela que representa a verdade do casal parental, verdade essa recalcada que retorna nas manifestações da criança, por isso estranha a eles, mas, ao mesmo tempo da ordem do mais íntimo, por responder à lei do desejo. Nessa vertente do sintoma, a criança se dilui no fantasma do par parental, alienada que está ao significante que nomeia o desejo deles. Submetida à lógica dessa nominação, a criança terá que se haver com os significantes paternos, já que, para adentrar o campo da linguagem e do desejo, ela precisa se alienar ao Outro para depois constituir seu próprio fantasma. Aqui, a transferência ao analista pode oferecer suporte para que a criança escreva o seu sintoma, agora desalienado – ainda que parcialmente – do sintoma parental.

Palavras-chave: sintoma dos pais; sintoma da criança; estranho; fantasma.

4) A MATERNIDADE: UMA VESTIMENTA DO ESTRANHO?

Senhorinha Ribeiro de Oliveira Santos Silva

A saída edípica para menina, quase corriqueiramente, aponta na direção da maternidade como uma suposta solução diante da castração. Mas, efetivamente, a maternidade é uma experiência que universalmente experimentamos, seja na posição de filhos ou de fato, no lugar de mãe. E essa realidade nos afeta a todos, em cada particularidade. Todavia, apesar de ser um lugar comum e familiar, a maternidade se distingue em descortinar uma estranheza ímpar, tendo em vista que o puerpério se mostra peculiar nesse processo de transformação de uma

mulher em mãe. A chegada do bebê promove não somente a queda de ideais direcionados ao filho, o qual, até então, integrava o corpo da mãe, como um membro aderido, promovendo um impacto significativo na relação entre eles. Mas, além disso, promove uma transformação da imagem própria, frente a qual a mãe vai precisar ressignificar sua identidade e, ao mesmo tempo, precisará atribuir um novo significado à experiência da maternidade, que, a partir do nascimento do bebê, passa a acontecer em outra intensidade. A proposta deste texto é aventurar-se nas trilhas desse percurso obscuro da maternidade, tendo em vista que é um lugar a ser construído, desconstruído e reconstruído a cada momento com o bebê, considerando esse cenário a partir da leitura da obra freudiana "O estranho familiar".

Palavras-chave: maternidade; puerpério; estranheza; mal-estar; identidade.

13/7/2019 – 10h30

MESA 13

1) A ALTERIDADE E O ESTRANHO/FAMILIAR DA PULSÃO DE MORTE

Letícia Santos Cerqueira e Hugo Silva Valente

As vias de acesso ao inconsciente, de acordo com Freud, são abertas pelo que escapa ao controle da articulação consciente, pelo que falha nos fenômenos de linguagem, ou seja, pelos atos falhos, sonhos, chistes, esquecimentos e sintomas. Freud percebe também que há outra via de acesso às formações do inconsciente, sem dúvida ligada às primeiras: uma "demoníaca" compulsão à repetição que insiste em se atualizar na relação transferencial. Seguindo a lógica dos componentes comuns no sofrimento mental, a saber, a autorrecriminação, a culpa, a hostilidade, a punição e a repetição, Freud constrói o conceito de pulsão de morte oferecendo novas ferramentas clínicas de investigação sobre o mal-estar. A metapiscologia do supereu funciona como um recurso teórico para dar conta das relações entre pulsão de morte e mal-estar. Com o conceito de "complexo do próximo" – o jogo que ocorre na emergência do humano, percepção do objeto que simultaneamente representa o elementar objeto de satisfação e o primeiro objeto hostil, por meio do qual o humano aprende a discernir –,

Freud aponta para um aparelho psíquico que só existe a partir de sua relação com o mundo, com o outro. Essa ambiguidade fundamental da relação do sujeito com o outro deixa suas marcas de estranheza, fonte de angústia, como apresentado no texto *Das Unheimliche*. Neste trabalho, conduziremos uma discussão a respeito dos conceitos de sujeito, inconsciente, pulsão de morte, supereu e complexo do próximo como possibilidade de articulação entre "o estranho" e o mal-estar constituintes tanto do sujeito quanto da cultura em que ele habita.

Palavras-chave: pulsão de morte; estranho; complexo do próximo e cultura.

2) CORPOREIDADE E O TEMPO EM SUA ATEMPORALIDADE

Camila França Silva Simões, Fabiana da Silva Melo, Rogéria Araújo Guimarães Gontijo e Cláudia Ferreira Melo

O processo de envelhecimento é natural, progressivo e irreversível. Biologicamente, o envelhecimento é inevitável, a despeito de todos os esforços da ciência. O envelhecimento do corpo biológico, aquele sobre o qual não há palavra que imponha ordem, nos mostra uma imagem não mais condizente com o ideal que guardamos. Há o não reconhecimento do corpo velho. Ao se colocar frente a ele, o estranho se revela. O reflexo que se tem não é de algo desejado e não corresponde ao que realmente deveria ser contemplado. O sujeito não se reconhece como velho, nomeando, imediatamente, o outro como tal; a velhice está no outro e não no próprio que a nomeia. A despeito de um corpo envelhecido, existe um sujeito desejante, que não envelhece: o sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: velhice; corpo; psicanálise.

3) O HOMEM DA PÉRGOLA: PRECARIEDADE E ESTRANHEZA DO SUJEITO NA CONDIÇÃO TOXICÔMANA

Gilberto do Rosário Moreira e Juliana Marçal

O trabalho apresenta a articulação de aspectos da leitura d'"O estranho", de Sigmund Freud (1919), a um recorte clínico. Freud traça uma linha entre o pensamento mágico, a estética e o retorno do recalcado para indicar a inquietação causada por algo que deveria permanecer

oculto, mas que vem à tona. Interessa-nos, aqui, a dimensão precária daquilo que retorna e subverte repetidamente a lei do recalcamento e nos direciona à condição primitiva da constituição psíquica em que elementos duplos, tais como exterior/interior familiar/estranho, são primordiais (COELHO JR. e MARTINI, 2010). Este aspecto primitivo do *Unheimlich* é aqui sustentado através de fragmentos do atendimento de um homem internado para tratamento de adicção em uma Comunidade Terapêutica. Podemos sustentar que a toxicomania emerge como uma tentativa de resposta aos avatares do fracasso da satisfação sexual, favorecendo o curto-circuito na relação com o Outro sexo. No caso do sujeito em questão, a precariedade de suas relações primordiais e atuais, bem como o impacto delas sobre seus atos toxicômanos, indica que esses atos emergem como via de descarga das intensidades psíquicas não elaboradas que parecem eclipsar e anestesiar um sujeito dilacerado pela dor (RUTSATZ e MACEDO, 2015). Diante disso, a prática analítica é desafiada por este sujeito precário, relacionado a um modo de gozo exclusivo, a operar com sua intervenção pela palavra que resgate a possibilidade de articulação ao campo do Outro.

Palavras-chave: "O estranho"; toxicomania; precariedade; constituição psíquica; Outro.

4) AMOR NOS TEMPOS DA AIDS: O "ESTRANHO" DO DIAGNÓSTICO DE HIV QUE RETORNA NAS CANÇÕES DE RENATO RUSSO

Fabiana Cristina Teixeira e Jacqueline de Oliveira Moreira

A Aids esteve para os anos 1980 de modo semelhante à tuberculose para o final do século XIX. De forma análoga, a Aids trouxe à tona inquietações diversas, tornando inevitável a reflexão sobre a finitude, além de revelar algo da intimidade, até então no campo do privado. Em Psicanálise, o tema da Aids já fora associado ao fenômeno do estranho em Freud, sobretudo ao considerar o vírus como "estrangeiro", "invasor", produzindo efeitos de estranhamento e inquietude psíquicas, reativando processos infantis de castração, revelando limitações orgânicas e trazendo consigo a manifestação de outras doenças oportunistas. O tema da estranheza da Aids se presentifica em canções da Legião Urbana que tratam da morte e do estranhamento diante do viver, como *Feedback song for a dying friend, l'age d'or*, *Metal contra as*

nuvens e *A Via Láctea*, que sinalizam para o encontro com a possibilidade de morte, com versos como "não tem volta por aqui" e "a verdade assombra", "tudo está perdido", "hoje a tristeza não é passageira, hoje fiquei com febre a tarde inteira". Ao analisar as canções de modo textual, percebemos que a estranheza do HIV torna-se evidente nas produções que coincidem com o diagnóstico do compositor, destacado no álbum *V*, que já se inicia com o amor mortífero da faixa *Love song* e é finalizado com o silêncio da música instrumental de *Come share my life*. A morte iminente associada ao diagnóstico naquele contexto percorreu a obra a partir de então, destacando a marca da finitude e acenando ao desamparo frente à castração que se revela ali de modo implacável.

Palavras-chave: estranho, finitude; Aids.

MESA 14

1) O ESTRANHO FAMILIAR NA RESIDÊNCIA HILL

Janilton Gabriel de Souza, Michael J. Lopes Ferreira e Roberto L. Mendonça

Este trabalho busca analisar e exemplificar os termos acerca do sentimento de Estranho na ótica psicanalítica em Freud (1919/1996), como o estado animista, a onipotência dos pensamentos e o duplo, a partir na narrativa de cenas da série *A maldição da Residência Hill* (FLANAGAN, 2018). A palavra *Unheimlich*, tomada nesse texto com a tradução de Estranho, estudada etimologicamente em alemão por Freud para a definição de uma sensação específica: algo que amedronta, algo recalcado causador de angústia que retorna como um estranho que inquieta. Para o que Freud apresenta como uma superenfatização da realidade psíquica, em detrimento da realidade material, este trabalho pode proporcionar apreensão dos conceitos acerca do Estranho tratados na psicanálise. Outro conceito importante abordado na gênese do sentimento de estranheza, a castração, é levantado neste trabalho em sua relação estreita com o recalque, condição necessária para o retorno na forma de algo estranho. Na interface entre Psicanálise e a arte, busca-se um cenário para a leitura do Estranho e as implicações que o envolve, como o duplo, o estado animista, a magia, a crença na alma e a onipotência dos pensamentos. Em uma trilha já caminhada por Freud, em sua análise do conto "O homem da

areia", para a apuração desse sentimento que inquieta pelo medo, mas também pelo que tem de familiar.
Palavras-chave: estranho; duplo; onipotência dos pensamentos; arte.

2) A ESTÉTICA DO FASCISMO EM *AMARCORD*, DE FEDERICO FELLINI

Maria Barcelos de Carvalho Coelho

Amarcord, no dialeto da cidade natal de Fellini – Rimini –, significa *Io me ricordo*. O filme, um exercício de memória, não pode ser pensado apenas como um tema memorialístico. Ele vai além e entra na dimensão lógica do tempo do inconsciente. A reminiscência, desconexa e onírica, encadeia-se numa narrativa, na qual a nostalgia, o humor e o satírico, dão o tom da trama. Os habitantes, despertos de um longo sono invernal, festejam a primavera em que a personagem adolescente, Tita, e seus colegas encenam, em suas travessuras, o desejo inconsciente de liberdade. O pano de fundo da história é a década de 1930/1940, quando o fascismo do ditador Benito Mussolini entranha em cada poro da pequena vila. O lema "Deus, Pátria, Família" é o ideal que sacramenta as ações dos habitantes e permite ao diretor construir as belas alegorias que se sucedem numa montagem poética de grande beleza. Destaco uma alegoria, na qual, numa marcha cívica, Mussolini é representado através de uma pantomima – um grande rosto de papelão. No meio da multidão, alguém grita: "Duce, tu és a soma de todos nós". A fumaça, que obscurece a figura do ditador, pode estar aí metaforizada como a soma de todas as pulsões agressivas que se enlaçam aos indivíduos ou em qualquer grupo, independentemente da cor ideológica ou partidária. *Amarcord*, explorando o limite entre o trágico e o risível, mostra o fascismo (*fasce*) em sua expressão mais flagrante: o exercício da política como espetáculo, ritualizada e narcísica. Freud, em "O estranho", abre a possibilidade de incluir a semiótica do cinema no campo da criação ficcional, em que o espectador participa da "realidade poética" do diretor. Ao apresentar o *unheimlich* pelo imaginário do autor criativo, o mundo fantástico de Fellini nada teria de assustador. Suas criações alegóricas seriam a tradução estética dos códigos secretos da realidade psíquica, na qual a memória se desdobra e se expressa pela linguagem de um poema.
Palavras-chave*:* fascismo; memória; realidade poética; alegoria; *unheimlich*.

3) *BLUE VELVET* E A INQUIETANTE ESTRANHEZA

Nestor Lobo Lima Vaz

Este texto se originou de uma tentativa de elaborar algumas questões suscitadas por um filme de David Lynch, *Blue velvet*, a partir do campo psicanalítico em seus elos com a arte e a literatura. Destacamos, como ponto de conexão, o tema desenvolvido por Freud em 1919 sobre *Das Unheimliche*, significante único da língua alemã, traduzido para o português como "O estranho" e para o francês como "A inquietante estranheza", tradução que adotaremos por se aproximar um pouco mais do termo alemão. A questão que vai perpassar seu texto é como o familiar se transforma na inquietante estranheza e, de uma forma mais destacada, de como se conjugam e se separam os significantes *Heimlich* e *Unheimlich*. Freud reúne as várias significações de *Unheimlich*, derivando inicialmente de seu oposto *Heimlich* como o que pertence a uma casa, familiar, de confiança e intimidade, mas também como aquilo que permanece oculto, fazer algo de oculto. Contudo, o que importa para Freud é quando o significado de *Heimlich* se confunde com o significado de *Unheimlich*, passando do polo do familiar e do agradável para o outro polo do clandestino e o que se mantém oculto. O cinema também nos coloca defrontados com o tema da "inquietante estranheza" e nos oferece, no plano de consistência da imagem, um mundo multifacetado, tal como nos mostra David Lynch, onde se cruzam, ao mesmo tempo e na mesma cena, o neurótico e o perverso, o desejo e o gozo, o visível e o invisível.

Palavras-chave: *Heimlich*; *Unheimlich*; cinema; desejo; gozo.

4) A FANTASIA E O TESTEMUNHO: A INFAMILIAR NARRATIVA NO CINEMA AUTOBIOGRÁFICO

Ana Luisa Sanders Britto

A narração sobre uma experiência vivenciada remete ao lugar de dar testemunho sobre determinado evento. Essa posição de enunciação da testemunha coloca em questão a implicação de certo grau de ficcionalização na elaboração da narrativa sobre o acontecimento, decorrente da distância entre o fato ocorrido e do que dele pode se dizer. Para Freud, em seu texto (1899) contemporâneo ao período do nascimento do cinema, mesmo que haja um valor de recordação na lembrança

encobridora, esta pode ser considerada como fantasia. A imagem em psicanálise seria, então, essa lembrança encobridora, uma cena que se coloca para encobrir outra, da experiência traumática, mas que ainda permite "colocar em cena" os desdobramentos dos significantes da fantasia. Assim, pretende-se refletir sobre a experiência inquietante da fantasia em relação ao trauma, a partir do dispositivo da ficção inerente ao testemunho no cinema autobiográfico, pelo curta-metragem *Todas as casas menos a minha* (2017), da artista mineira Julia Baumfeld. O filme escolhido trata de uma produção artística feita a partir da recuperação de arquivos de família da cineasta, no qual a montagem das imagens do passado é acompanhada por seu presente testemunho sobre si mesma. Para tal análise, faz-se necessário evocar "O estranho" (1919) para discutir sobre o inquietante de se colocar diante de cenas tão familiares, que remontam às experiências traumáticas dos complexos infantis e às fantasias construídas no discurso, colocando em questão o lugar da construção de narrações *a posteriori* dos acontecimentos nos processos de temporalidade.

Palavras-chave: psicanálise; cinema autobiográfico; testemunho; fantasia; trauma.

MESA 15

1) ESTRANHO CORPO E UM CORPO ESTRANHO

Flávia Parizi Pedroso Coelho

Freud, no texto "O estranho", nos aponta que o que aparece como estranho ao eu tem relação com o que é familiar. Destaca a repetição involuntária como uma compulsão à repetição, que coloca em questão o domínio do eu. Freud, assim, desvela que há um descompasso entre a vontade do eu, sua imagem narcísica, e o corpo próprio, entendido como campo pulsional. Nesse sentido é que corpo, como substância de gozo, é um estranho-familiar, lugar êxtimo ao ser falante. Na atualidade, há uma grande tendência a tratar os aspectos subjetivos e éticos do ser falante como orgânicos, referidos a uma localização cerebral. Na contramão, muitas vezes, da proposta da psicanálise, que é a de fazer falar sobre esse estranhamento e não necessariamente silenciá-lo. Nesse sentido, buscou-se trazer uma vinheta de um caso para exemplificar que, apesar das promessas cientificistas articuladas ao discurso capitalista, algo do corpo falante, mesmo medicalizado, apresenta-se

como estranho aos discursos totalizantes, demandando a escuta do analista.
Palavras-chave: corpo; estranho; medicalização.

2) O RETRATO DE UM DUPLO

Ana Maria Fabrino Favato

Pretendo desenvolver o tema do duplo como manifestação do "infamiliar", como o retorno inesperado da imagem de si mesmo, a percepção de um *socius*, que provoca repulsa, resíduo da aparição do duplo, um outro que traz a marca da semelhança e da diferença. O exemplo clássico do fenômeno do duplo é buscado na literatura com o clássico de Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*. No romance, em vários momentos, nos encontramos diante de sentimentos de horror frente ao duplo, ou mesmo de angústia diante da onipotência das ideias e de estranheza pelo gênero fantástico da ficção. Além do mais, nos deparamos com um enredo que traz uma verdadeira exaltação à beleza e ao sublime, mas também a sua contrapartida – o horror, o demoníaco.
Palavras-chave: narcisismo; infamiliar; angústia; real.

3) O OUTRO, ESSE ESTRANHO FAMILIAR

Maria Cristina Martins Moura

Partimos de um vídeo que mostra uma pequena criança assustada, chorando, correndo e culminando com sua queda frente à presença de um estranho que a acompanha em todas as direções. A cena do bebê que vivencia muita angústia diante de sua própria sombra convoca-nos ao trabalho. Não se trata de uma interpretação, até porque aquela criança não se encontra em análise conosco. Mas, frente ao tema do X Fórum Mineiro de Psicanálise, *Das Unheimliche*, ocorreu-nos tomar a experiência do bebê como clínica e definir uma passagem da clínica à teoria tão importante na transmissão da psicanálise. Propomos pensar a partir do vídeo a divisão do sujeito, onde o $ inscreve dois campos distintos: Um Eu, representado pelo bebê que corre, e Um Outro, representado por sua própria sombra. Se por um lado o estádio do espelho representa uma antecipação jubilatória da imagem especular como formador da função do Eu, o *Unheimliche*, esse estranho familiar

procedente das moções pulsionais, instaura um campo: o campo do Outro. A ambiguidade do conceito de *heimiliche* e *unheimliche* reflete o quanto o susto da criança prenuncia que o secreto veio à luz. Isso não é sem angústia. Estranha condição de Sujeito!
Palavras-chave: estranho; estádio do espelho; sujeito.

4) O EU E O OUTRO – UMA ESTRANHA DUPLA

Viviane Gambogi Cardoso

A atração pelo fantástico, pelo sinistro e pelo desconhecido foi a mola propulsora para iniciarmos um trabalho que, paradoxalmente, remeteu-nos a algo tão familiar – o eu. Familiar? Talvez possamos considerá-lo tal em alguns momentos, ao passo que em outros nos apresenta como terrivelmente estranho. No contexto deste paradoxo familiar/desconhecido, tentaremos abordar o texto freudiano *Das Unheimliche*, via trilhamento da formação do eu em sua dialética com o outro. Este caminho nos conduzirá à questão do outro como semelhante, como sujeito, como o lugar a partir de onde o ego se constitui. Ao privilegiarmos esta *démarche*, inevitavelmente passaremos pelas vias da identificação, ou seja, "o processo de transformação de um sujeito à imagem e semelhança de um outro" (FREUD, 1974). É a identificação que possibilita a discriminação eu/não-eu, o que, consequentemente, despertara o fenômeno do duplo, teorizado por Freud em *Das Unheimliche*.
Palavras-chave: eu; Outro; identificação; *Das Unheimliche*.

MESA 16

1) FENÔMENOS ELEMENTARES DA PSICOSE: UM ESTRANHAMENTO DO MUNDO

Roberto Lopes Mendonça

O fenômeno elementar é um dos critérios principais de diagnóstico que Lacan extrai de Clérambault para dar conta da irrupção da psicose. É tido como o momento de perplexidade do sujeito frente a um desmoronamento inicial da realidade. Este é o momento que Maleval (2002) chama de deslocalização do gozo e perplexidade angustiada. Tomando como base o *Seminário 3* de Lacan (1955-1956/2002) e o

pensamento de Schreber (2006) de como deve ser belo ser uma mulher no momento do coito, pretende-se discutir como o retorno do recalcado (Freud) ou do que foi foracluído (Lacan) surge como um momento de estranhamento do mundo e pode ser tomado como a chave para o entendimento da construção do delírio de Schreber. Se para Freud (1924/1996) o segundo momento da defesa, tanto na neurose quanto na psicose, é caracterizado por uma rebelião do Isso contra o mundo externo, propomos buscar ligações entre a ideia de fenômeno elementar e a ideia de estranhamento apresentada por Freud (1919/1996). Supomos poder apresentar o retorno no Real daquilo que foi foracluído no Simbólico (psicose), com um mecanismo semelhante do que foi recalcado no Simbólico e retorna no próprio Simbólico (neurose). Ainda que sejam processos distintos devido à estrutura, o estranhamento frente àquilo que retorna se apresenta como fenômeno importante a ser observado na clínica, configurando-se para o sujeito como um momento de angústia que precisa ser sanado, seja pela via do sintoma, seja pela via do delírio.

Palavras-chave: fenômeno elementar; psicose; estranho.

2) NÃO TEM NADA QUE ME SIRVA: O SUJEITO ÀS VOLTAS COM O ESTRANHAMENTO DO CORPO

Juliana Marçal e Elaine Azevedo

Este trabalho pretende apresentar, tendo como referência um caso clínico, algumas considerações sobre o caráter de estranheza do corpo transformado a partir do acesso do sujeito a estratégias de intervenção sobre os corpos que ciência e tecnologia contemporâneas possibilitam. A partir do caso se faz possível perceber a insuficiência do semblante de corpo forjado a partir das referências imaginárias extraídas do discurso do mestre – seja através do imperativo proveniente do pai ou das ofertas contemporâneas da medicina – na construção de uma resposta definitiva diante do gozo apresentado no encontro com o Outro do sexo. Sustenta-se que está no próprio cerne da psicanálise, desde o tratamento dos sintomas histéricos empreendidos por Freud, passando pela emblemática delimitação do conceito de pulsão, que a experiência do corpo pelo sujeito não é sem estranheza, fazendo-se pertinente também considerar a vinculação do caráter de estranho ao que é familiar e íntimo e, ao mesmo tempo, estranho e exterior, conforme nos indica a temática do Estranho (FREUD, 1919). Neste sentido,

torna-se necessária para a constituição do corpo próprio a articulação do sujeito à referência proveniente do campo do Outro que possibilitará ao sujeito à assunção de um lugar no desejo do Outro. Assim, considera-se a que à perspectiva clínica da psicanálise importe favorecer que o sujeito busque saídas singulares e possíveis diante destes imperativos de forma a melhor localizar-se no campo do Outro.
Palavras-chave: clínica psicanalítica; corpo; estranhamento.

3) ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTISMO E A PSICOSE: UM ESTUDO DE PSICANÁLISE

Daiany Rhayra Furtado e Tânia Ferreira

O artigo tem como objetivo discutir as distinções presentes no autismo e na psicose, visto que são dois conceitos fundamentais em psicanálise e que se apresentam atualmente como um grande desafio para a prática clínica. Para alguns autores, na atualidade, essa distinção não tem sido objeto de estudo, mesmo no campo da psicanálise. Embora os dois tipos clínicos estejam em evidência na clínica particular, em grupos ou em instituições, é necessário o esclarecimento destes conceitos. Diversos autores têm se debruçado sobre este tema, questionando, a partir da prática clínica, qual seria a definição do autismo, se estaria incluído nas psicoses, ou mesmo sendo definido como uma quarta estrutura psíquica. Portanto, faz-se necessário nos atentarmos sobre estes conceitos a fim de pensarmos o tratamento de crianças autistas, um Real que nos desafia e do qual não podemos nos recuar.
Palavras-chave: psicanálise; estrutura clínica; autismo; psicose; sujeito.

13/7/2019 – 14h30

MESA 17

1) O DESEJO DO PSICANALISTA E A ÉTICA DA PSICANÁLISE

Júlio Eduardo de Castro

Trata-se da importância da ignorância na construção de todo saber, de fazer dela um saber estabelecido/esclarecido. A referência à douta

ignorância é tida por Lacan como um antídoto epistemológico contra tentativas de totalização do saber, alertando-nos a desconfiar dos saberes que se apresentam no horizonte da cultura como totais/totalizantes, pois normalmente esses saberes desconsideram o ponto de ignorância, o furo a partir do qual se estruturam. A apresentação desse furo estrutural/estruturante [S(Ⱥ)] nos saberes é o princípio topológico ao redor do qual se ergue o Simbólico, presença essa que, por decorrência, marcará qualquer saber possível elaborado por meio dos recursos do Outro. A verdade é que a psicanálise só pode encontrar sua medida nas vias da ignorância douta, na pressuposição do furo na estrutura. Afinal, todo tratamento psicanalítico traria consigo, já desde o seu início, o marco zero do saber. "Escutar atentamente sem se preocupar em saber" foi, por isso mesmo, uma recomendação freudiana feita com frequência aos psicanalistas iniciantes. Era mais favorável que o psicanalista nada soubesse/concebesse de um sujeito que estivesse por iniciar sua análise, para assim evitar a influência de preconceitos/preconcepções e mesmo de interpretações precipitadas. Afirmando que há sentido, mas não comum, Lacan nos evidencia que o objeto "a" é inteiramente estranho ao sentido e, por isso mesmo, consonante ao desejo do psicanalista no qual se sustenta a ética da psicanálise.

Palavras-chave: desejo do psicanalista; objeto "a"; ética da psicanálise.

2) *UNHEIMLICHE* E O DESEJO DO ANALISTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIREÇÃO DO TRATAMENTO EM INSTITUIÇÕES FRENTE À EMERGÊNCIA DE (NOVAS) DEMANDAS DE CUIDADO

Enzo Cléto Pizzimenti e Macla Ribeiro Nunes

Tem-se no trabalho em instituições um dos importantes campos de atuação do psicanalista. Supomos que há atualmente um movimento de retrocesso no que diz respeito ao lugar dado à ética da psicanálise junto àqueles que sustentam este trabalho, seja em instituições de saúde mental, como na escuta de outras camadas da população, como crianças desabrigadas, imigrantes, refugiados, etc., o que viabilizaria a construção de uma direção de tratamento que tenha como horizonte o real, e não a imposição daquilo que há "de melhor" para estes sujeitos. Frente a isso, o presente trabalho tem por objetivo propor uma discussão acerca dos destinos possíveis do tratamento em instituições, quando

sustentado tendo o desejo do analista como eixo condutor do tratamento, referido à ética da psicanálise como política, seja no que diz respeito à clínica em intensão como em extensão. Lançamos mão da diferenciação proposta por Lacan entre a busca pela felicidade, norteada pela ética aristotélica, de uma ética que tem como aposta o impossível inerente ao desejo, como solução para os impasses colocados por Freud em artigos como "Sobre a dinâmica da transferência" (1912) e "Caminhos da terapia psicanalítica" (1919[1918]), que se mostram tão atuais no que diz respeito à possibilidade de se repensar a clínica e seus desvios, sempre que o *unheimliche* se fizer presente na transferência, exigindo que o analista siga orientado por seu desejo analisado, por conseguinte, desejo de não desejar o impossível para, ao fim e ao cabo, sustentar um lugar possível para a diferença absoluta.

Palavras-chave: ética da psicanálise; desejo do analista; *Unheimliche*; clínica em instituições.

3) O ESTATUTO DO SUJEITO NA PRODUÇÃO DIALÉTICA DO OBJETO: UMA PROPOSTA DE LEITURA DO *UNHEIMLICH* A PARTIR DE HEGEL

Alexandre S. Barbosa

A noção do *Unheimlich* é apresentada por Freud no "Projeto para uma psicologia científica" (1895), quando analisa o confronto entre a percepção do objeto e sua representação. O objeto percebido é primariamente inscrito no registro imaginário, a partir do qual se estabelecem incidências simbólicas que modificam a primeira imagem inscrita. A imagem percebida é recuperada em um processo de síntese que introduz determinantes da memória autobiográfica do eu. Tais determinantes incidem sobre as representações da imagem, constituindo uma memória do objeto cada vez mais distante do objeto real. No centro do corpo de representações do domínio simbólico, Freud estabeleceu das Ding como domínio irrepresentável do objeto que permite a correspondência entre o objeto da percepção e da representação pelo efeito *Unheimlich*. Hegel, na sua principal obra, a *Ciência da lógica* (1813), apresenta, na Doutrina da Essência, instrumentos dialéticos consistentes na elaboração do destino das formações simbólicas, ao propor a progressão do conceito no domínio da essência pela mediação óptica em superfícies reflexivas. Nessa obra, Hegel contempla a aglutinação de figuras imaginárias com elementos simbólicos em

eventos de síntese de ambos os registros, conforme estabelecido posteriormente por Lacan no modelo óptico do estágio do espelho (1954). O fundamento da relação de objeto é determinado pelo lugar vazio de representações que constitui das Ding. Entre o objeto primariamente imaginário do eu e o vazio de das Ding se estabelece o sujeito.

Palavras-chave: *Unheimich*; das Ding; eu; sujeito; objeto; simbólico; imaginário; dialética.

4) O ATO ANALÍTICO E A VERDADE EM ALAIN BADIOU

Hugo Valente e Letícia Santos Cerqueira

Os dilemas éticos, na impossibilidade de encontrar respostas no campo científico, se apresentam como questões fundamentais da clínica psicanalítica. Se a Ciência lida com o verdadeiro ou falso, na psicanálise lidamos com o que é da ordem da verdade. O ato psicanalítico pode ser pensado como um equívoco significante que funciona como um empurrão para que o sujeito se declare, a partir dos pontos de junção entre o saber e a verdade que o constitui. Sobre este ato, não há cálculo. Alain Badiou sugere chamar a interpretação psicanalítica de "forçamento", termo que tenta explicar como age uma verdade, sempre inacabada, numa situação qualquer. Sobre a verdade, só temos o analisante como testemunha. Inclusive esse testemunho é condição de se afirmar uma ação qualquer do analista como tendo sido uma interpretação. O ato analítico se direciona a um alguém que tem se virado como pode, apontando para o traçado de uma verdade que, insistentemente, surpreende-nos "falando por ele". Essa fala, marcada pela repetição, evidencia os significantes de sua determinação enquanto sujeito. O alguém é aquele que se cristaliza na monoliticidade do sintoma e o ato analítico o fende. Pretendemos mostrar, neste trabalho, que, no campo da ética, o brotamento de uma verdade é sempre um acontecimento que, independentemente do seu local de incidência, produz estranheza, no sentido freudiano do termo. Estranho efeito do ato analítico.

Palavras-chave: psicanálise e ciência; ato analítico; interpretação psicanalítica.

MESA 18

1) "LALANGUE", O ESTRANHO NA LÍNGUA DE CADA UM

Flávia Drummond Naves

A partir de Freud e Lacan, a autora propõe a leitura da escrita de Marguerite Duras como um saber fazer aí, onde habita a estranha língua de cada sujeito. Em Lituraterra, a letra não é da mesma ordem do significante, mas a nuvem de significantes é essencial para passar à escrita. O mais de significante é o efeito poético que se faz no equívoco, nas ressonâncias das palavras e que constituem "lalangue", uma língua particular que diz do surgimento do sujeito do inconsciente, uma língua que suscita o gozo da palavra. "Lalangue" aponta para a estranheza da língua que escapa ao universo normativo. Tecida na linguagem pulsional da mãe, ela nos leva do mais íntimo ao mais estranho da experiência com o inconsciente. Nos textos de M. Duras, encontramos esse limite sustentado na escrita.
Palavras-chave: psicanálise; literatura; estranho; "lalangue".

2) ESTRANHA-ESCRITA: AS VICISSITUDES DO EFEITO DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL À LUZ DA PSICANÁLISE

Fernanda de Barros Campos

A escrita é um ato que singulariza a cultura, no sentido de que só há sobrevivência na posteridade se há registros da sua existência. Assim, escrever é marcar um papel vazio, que indaga ao escritor o que ele tem de relevante a dizer. Este não-saber, mesmo quando se parte de uma pesquisa, um caso clínico, um romance, um tema que aparentemente se sabe, inibe muitos a começar o trabalho escrito, enquanto o prazer de produzir algo pode angustiar quando o fim do texto se aproxima. Esta estranha-escrita tem como objetivo elucidar a incerteza do vazio, o fascínio da produção textual e a perda do objeto com a necessidade de colocar o ponto final, a partir da teoria freudo-lacaniana (pulsão, desejo, inibição, angústia, luto), perpassando pelo desejo de saber impulsionador da produção textual em busca de compreender os obstáculos presentes no estranho de uma linguagem que não

parece traduzir bem a ideia original do autor, de modo a esclarecer os processos psíquicos atuantes na arte de escrever.
Palavras-chave: escrita; linguagem; psicanálise.

3) O EX-TRANHO EM CLARICE LISPECTOR: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Regina Beatriz Silva Simões

Propomos apresentar articulações possíveis entre Psicanálise e a arte literária, apostando nesta como uma amarração viável para tratar o sintoma do sujeito. Se Freud postulou a linguagem como fundamental para a clínica e Lacan priorizou a inserção na linguagem como marca da constituição do sujeito, questionamos: Como o conto, a prosa e a poesia podem promover o discurso do inconsciente? A escrita de Clarice Lispector – pura arte – nos interessa, pois traz uma mistura de traços autobiográficos aos personagens que publica. Essa observação se torna clara em momentos substanciais de sua produção literária, compatíveis com sua existência: tédio, angústias, vazio, momentos de alegria, a inquietação com a Coisa (nomeada em letra maiúscula em sua obra), perseguida de forma enigmática em seus escritos. Reconhecida pela crítica literária como talentosa e genial, vista no convívio social como estranha, misteriosa, Clarice sai, através da escrita, em busca do preenchimento de seu ponto estrutural, que é dejeto, ponto irremediavelmente faltoso para a Psicanálise. A arte possibilita uma leitura dos modos de subjetivação que estão em jogo na clínica. Dessa maneira, embasados na vida da escritora, interrogamos: o estranho abordado por Freud pode ser lido na obra de Clarice como a Coisa inquietante que transborda e coloca o sujeito em movimento? Essa é a nossa proposta de trabalho destinada ao X Fórum Mineiro de Psicanálise.
Palavras-chave: psicanálise; literatura; arte; estranho; sintoma.

4) CORPO ESTRANHO

Ana H. Senra

O artigo abordará o estranho entre a experiência corpórea frente ao real e o que faz do corpo pura alteridade.
Palavras-chave: corpo; estranho; real.

MESA 19

1) UM ESTRANHO EM MIM: A DOR COMO (RE)VELADORA DO ESTRANHO

Abraão L. C. S. Moreira, Adriane O. Teixeira, Alice B. F. Benevides, Viviane Rocha Dias e Daniela R. G. Gomes

O presente trabalho é produto das experiências de um Projeto de Extensão realizado na Emergência Pediátrica do Hospital Geral de Vitória da Conquista – Bahia, em que são desenvolvidas atividades de contação de estórias e escuta flutuante por alunos de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. A partir de um relato de experiência, propõe-se uma análise de discursos e associações das crianças internadas, os quais apontam a dor como produtora ou indicadora de um objeto estranho no próprio corpo. O estudo tem o objetivo de analisar a relação com o estranho tal como preconizado na psicanálise na vivência hospitalar de crianças, a partir do diagnóstico biomédico e da experiência da dor física.
Palavras-chave: psicanálise; hospital; estranho.

2) A ESCUTA PSICANALÍTICA NUMA TRIBO INDÍGENA

Mônica Martins de Godoy Fonseca

Esse texto visa a relatar uma experiência junto aos índios Krenac. Através do trabalho com alguns sonhos, palavras importantes foram elevadas à condição de "significantes com a função de 'lalangue'" e puderam ser escutados. Isso possibilitou um encaminhamento para a dor e a tristeza, abrindo, assim, um espaço para que a morte e todo o estranhamento causado por ela pudessem se inscrever de outra forma, permitindo o trabalho de luto.
Palavras-chave: "lalangue"; luto; sonho; significante; estranhamento; tribo indígena.

3) A EX-TRANHA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: O LEMBRETE INTERMITENTE DA PERDA

Bruno Rodrigues Leite

O presente trabalho trata do sentimento de estranheza causado pela população em situação de rua e tem como objetivo perquirir suas origens, destinos psíquicos e implicações nas dimensões da cidade, corpos e no âmbito jurídico e social. O marco teórico utilizado é a teoria psicanalítica de Freud e a metodologia aplicada é a revisão bibliográfica, com a utilização de livros e artigos. Os resultados se referem à angústia de castração como uma das origens e ao ódio e à agressividade como soluções do sentimento de estranheza causado pela população em situação de rua no domiciliado.
Palavras-chave: estranho; população em situação de rua, narcisismo.

4) O ESTRANHO ATUAL

Ana Lúcia Bahia

Neste texto, pretendo trabalhar o conceito de *unheimlich* desenvolvido por Freud e retomado por Lacan sob a perspectiva da contemporaneidade. Freud desenvolve este conceito a partir do tratado da estética e nos aponta que pouco se diz sobre o sentimento de estranheza. Algo deste último nos indica que o que retorna para o sujeito não é da ordem do recalcado, e, sim, do real. Como pensar as situações de nosso tempo, o que vem acontecendo no mundo, com o advento da rapidez das informações e com o aumento da intolerância diante das diferenças? E a repercussão destes fatos para o sujeito? Podemos tomá-los via conceito de estranho, já que o familiar é imbricado a este? Quais saídas se apresentam diante desta inundação de acontecimentos?
Palavras-chave: sinistro; real; contemporaneidade; gozo.

MESA 20

1) "INIMIGA" DA MORAL SEXUAL CIVILIZADA E DOS BONS CONSTUMES: UM ESTRANHO RETRATO DA MULHER MODERNA

Elizabeth Fátima Teodoro e Wilson Camilo Chaves

Qual é a relação entre mulher e civilização? A partir desta indagação, objetiva-se investigar o papel da mulher na sociedade vienense na transição do século XIX para o XX. Utilizam-se, como leitura base, dois textos freudianos "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna" (1908) e "O estranho" (1919). A discussão tem como cerne os apontamentos de Paul-Laurent Assoun, posto que ele formula que a mulher, sob as vestes da histeria, assume não só a posição de sintoma da civilização, mas também se apresenta como destino desta. Parte-se do princípio de que a histeria é efeito do conflito entre a sexualidade feminina que insiste em se fazer desejar e as imposições da moral sexual civilizada que buscam dessexualizar a mulher para que ela possa exercer as funções oriundas da maternidade e do matrimônio. Com efeito, a histérica é aquela mulher que, ao não se conformar aos papéis de mãe e esposa impostos pela sociedade burguesa, expressa no próprio corpo o mal-estar fundante do processo civilizatório. De modo a evidenciar que, para além de sua problemática pessoal, ela aponta questões que circulam como representação de um coletivo.

Palavras chave: histeria; moral sexual civilizada; mulher; sexualidade feminina.

2) O CALDEIRÃO DOS AFETOS

Suzana Braga

Este trabalho é uma reflexão sobre os afetos e a situação política brasileira na atualidade. O texto de base para a reflexão é "Psicologia dos grupos e análise do eu", assim como as ponderações de Christian Dunker e Vladimir Safatle sobre o tema.

3) O INQUIETANTE DA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Bruno Curcino Hanke

O sentimento de cansaço perpassa relações afetivas e de trabalho. Relatos apontam uma mudança na forma como o cansaço se produz e quais são seus efeitos sociais. De maneira semelhante ao manejo social com a tristeza, entendemos que ocorre o rechaço do cansaço. Segundo o filósofo Byung-Chul Han (2017), um dos grandes fatores de sofrimento é a maneira como nos impomos a necessidade de conquistas.

Queremos ser os mais eficientes. O outro, o estranho, era colocado à distância para obtermos bem-estar. Hoje, nossa ação regula a nós mesmos. Ou seja, o mesmo estaria em guerra consigo. Assim, o trabalho objetiva discutir, junto a uma leitura de "O estranho" (FREUD, 1919) e de "O mal-estar na cultura" (FREUD, 1930), os meios como o mal-estar torna o sentimento de cansaço tanto uma consequência de nossa luta contra o desamparo quanto como uma inquietante estranheza para uma vida dita feliz e saudável.

Palavras-chave: psicanálise; sociedade do cansaço; desamparo; mal-estar; estranho.

***

RESUMOS DOS TRABALHOS DA SESSÃO INTERATIVA DE PÔSTER

1) *DAS UNHEIMLICHE* – O SINTOMA DA CRIANÇA E O SINTOMA NA CRIANÇA

Alessandra Cardoso Marques e João Carlos Ferreira Franceschi

Com a busca desesperada e desenfreada dos pais por respostas frente ao adoecimento de seus filhos e o crescente número de crianças chegando aos consultórios com diagnósticos como autismo, Transtorno Opositor Desafiador, Transtorno de Conduta, Transtorno de Déficit Atenção/Hiperatividade, entre outros, faz-se necessário repensar o lugar ocupado por cada familiar nessa conjuntura, assim como avaliar de que forma os sintomas observados em crianças na clínica podem estar associados às respostas dos filhos diante da demanda dos pais. O presente trabalho pretende, portanto, promover reflexões acerca da clínica psicanalítica, pautando-se nas experiências vivenciadas no Projeto Acompanhamento Pais-Crianças, do NEPE. Sabemos que, mesmo antes do nascimento, a criança já está inscrita num discurso e traz consigo o desejo de seus pais, ou seja, mesmo antes de ser concebida, já há um lugar preparado para ela na família. Contudo, como somos sujeitos históricos, não podemos ignorar que os pais também estão inscritos num discurso e ocupam um lugar no imaginário social, ou seja, para compreendermos o sintoma na criança e da criança, antes de mais nada, é preciso compreender quem são os pais de hoje. Vorcaro e Ferreira (2014) ressaltam que, no contexto atual, as funções

parentais estão perdendo terreno e a autoridade científica passa a preponderar sobre qualquer outro poder, ressignificando a criança, que deixa de ser filha(o) de seus pais para ser filho de pais anônimos, gerando grandes prejuízos a ela. Quando o desejo do Outro não é endereçado a essa criança – desejo anônimo –, podem ocorrer interferências no desenvolvimento infantil, manifestando-se por meio de sintomas, verificados na clínica, tais como atraso na fala, dificuldades de interação e prejuízos na autonomia, entre outros. Diante do *Unheimliche* (1919), o estranho familiar, que é o recalcamento de conteúdos inconsciente do casal, o saber científico ocupa o lugar no desejo dos pais, que procuram justificar os comportamentos dos filhos com uma série de diagnósticos. Neste sentido, nomear e classificar torna-se preponderante, já que alivia a angústia identitária gerada pelo estranhamento frente ao adoecimento de seus filhos. Neste cenário, muitos pais passam a ocupar o lugar de espectadores, na crença de que os especialistas detêm todo o saber e os filhos, por sua vez, passam a ter o nome da doença que os classificam, ou podemos dizer, reclassificam, já que estamos às vésperas da CID-11. Podemos dizer também que o sintoma na criança pode aparecer, por vezes, na falha da organização psíquica do sujeito. Assim, como resposta ao que há de sintomático na dinâmica familiar, a criança fica presa ao gozo do Outro e impedida de construir sua própria fantasia. A criança absorve as demandas inconscientes da família marcadas pelo não dito (MANONI, 1989) e respondem ao inconsciente de seus pais (KAMERS, 2015). O adoecimento do filho, embora pareça estranho aos pais, é algo bem familiar, pois denuncia as próprias questões do casal. Assim, há uma utilização perversa do adoecimento da criança por parte dos adultos para tamponar seus problemas. No entanto, cabe ressaltar que, mesmo que haja a demanda do Outro sobre a criança, ela poderá responder a isso ocupando o lugar de sujeito ou o de objeto. Enquanto posição de sujeito, a criança consegue responder de modo próprio às demandas do Outro e, assim, os sintomas podem advir do impasse na relação com esse Outro, pois a sua condição subjetiva está em risco de vir a ser. Já enquanto posição de objeto, a criança compõe com o agente do Outro ao qual está ligada uma relação de simbiose, ou então recusa a estrada no campo do Outro enquanto alteridade, ficando à margem da linguagem (KAMERS, 2015). Podemos observar os dois lados da questão, isto é, os filhos submetidos ao desejo do Outro como objeto ou sujeito, quanto ao seu avesso, ou seja, o lugar ocupado pelos pais nessa relação. Só assim poderemos discorrer sobre o trabalho e

compreender o papel do estranho na relação pais e filhos e os sintomas da criança e na criança.
Palavras-chave: estranho; criança; sujeito; pais; filhos; sintoma; diagnóstico; clínica psicanalítica.

2) O EU É UM OUTRO: REFLEXÕES SOBRE O *UNHEIMLICHE* E O INCONSCIENTE COMO POLÍTICA

Arthur Teixeira Pereira e Letícia Costa Leopoldino

Freud, em *Das Unheimliche* (1919), verifica que o estranho diz respeito a uma categoria inquietante, mas que remonta ao que é mais familiar. Ao relacionar o estranho à dimensão do recalcado que retorna para o sujeito, constata-se aquilo que Freud postulara ao afirmar que o Eu (*Ich*) não é senhor em sua própria casa. Em outras palavras, somos estranhos a nós mesmos. Lacan, por sua vez, afirma que o Inconsciente (*Unbewusst*) é o discurso do Outro (*Autre*), enquanto alteridade absoluta, representante da linguagem. Ademais, no seminário intitulado *La logique du fantasme*, estabelece que o Inconsciente é a política, donde se desdobra que este estaria correlacionado à formação do laço social, construído na relação com o Outro. A partir destes elementos, o presente trabalho tem como objetivo apontar e problematizar a relação entre o *Unheimliche* e a assertiva lacaniana do Inconsciente como política, por meio de revisão bibliográfica sistemática. Efetuou-se uma seleção seguida de articulação de textos e artigos cujo escopo tratasse de tal problemática. Política, alteridade e Inconsciente são termos que se articulam, à medida que, no contato com a diferença, emerge o estranho, o "in-familiar", que aponta o que há de mais familiar para um sujeito, provocando a angústia verificada por Freud. Portanto, pode-se compreender a referida proposição lacaniana no que tange à diferença, ou seja, ao sujeito cindido, não idêntico a si mesmo.
Palavras-chave: estranho; política; inconsciente; alteridade.

3) VAN GOGH: PINTANDO A AMBIGUIDADE

Carol Rabelo Guimarães e Carla Poliana Alves Soares

Nosso pôster tem como tema "Psicanálise e arte". Como foco principal,

escolhemos um personagem singular em suas obras e aparentemente perturbado por questões subjetivas, sendo descrito em algumas biografias como portador de Transtorno Bipolar: Vincent van Gogh. Em sua trajetória, não fica claro o ponto exato de sua história em que as questões psicopatológicas se iniciaram. Levantamos questionamentos em nossa pesquisa sobre a relação entre o adoecimento psíquico de Van Gogh e sua criatividade e genialidade. Van Gogh apresentava episódios de vivência depressiva e episódios eufóricos (mania). Sabemos que a psicanálise não confere à depressão o *status* de um diagnóstico, mas de uma consequência da posição do sujeito, que pode ser encontrado em qualquer estrutura clínica, enquanto relaciona a melancolia a um tipo clínico da psicose. Em uma análise de biografias e documentários, buscamos compreender como Van Gogh mescla sofrimento e genialidade. Nossas questões procuram compreender se ele buscou em sua pintura uma espécie de ancoragem emocional para conseguir lidar com suas crises ou se em momentos de apaziguamento é que emergia sua produção artística. A arte de Van Gogh reflete ainda sua inibição, o difícil laço com os outros, sua criação solitária, seus devaneios e autorretratos.

4) "EU NÃO QUERO QUE MEUS FILHOS PASSEM PELO QUE EU PASSEI": O DESEJO MATERNO E SUA RELAÇÃO COM O SUCESSO ESCOLAR

Claudinéa de Fátima Aguiar de Abreu Souza e Ismael Pereira de Siqueira

Este estudo é o recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre Fracasso e Sucesso Escolar. A pesquisa se baseou no estudo de caso de uma menina, em situação de vulnerabilidade social e matriculada no 5º ano do ensino fundamental numa escola pública. A importância que a mãe da menina atribui à alta escolaridade, somada aos esforços para ajudar a filha, foram fatores fundamentais para que a menina superasse as dificuldades de aprendizagem encontradas na sua vida escolar. Para isso, partimos da reflexão de Freud, em "Para introduzir o narcisismo" [1914], de que as atitudes de afeto e cuidado dos pais são projeções de seu narcisismo no narcisismo dos filhos. Tais projeções são fundamentais para que a criança possa existir enquanto sujeito e subsistir, pois é a partir delas que a criança terá um lugar no desejo inconsciente dos pais. Paradoxalmente, para que a criança possa

advir como sujeito desejante, deve se libertar dessas projeções, que, para Winnicott, no texto "Sobre objetos e fenômenos transicionais", envolve a criação de um espaço transicional entre a mãe a criança. O papel da mãe é garantir a sobrevivência e a diferença, para que a criança possa constituir o seu eu. Essas funções, aliadas ao cuidado materno e à apresentação dos objetos à criança, designam o que Winnicott denominou "Mãe Suficientemente Boa", e tais funções parecem ter vital importância para garantir o sucesso escolar da menina, cuja trajetória escolar será analisada brevemente neste trabalho, à luz do conceito freudiano de Narcisismo e das elaborações de Winnicott sobre o Self e sua relação com a Transicionalidade.

5) AS MACABÉAS DO SÉCULO XXI: NOVAS ATUALIZAÇÕES DAS PALAVRAS DESTRUTIVAS EM RELACIONAMENTOS TÓXICOS

Fabiana Cristina Teixeira, Karina de Araújo Ferreira e Carolina Lopes Santos

O presente trabalho emergiu da inquietude apresentada nos estudos de casos de mulheres atendidas pelo grupo ELAS – Estudos psicanalíticos, Literatura feminina e Atendimentos Sociais –, marcadas por relacionamentos que se assemelham aos de Macabéa, personagem de Clarice Lispector em *A hora da estrela* (1998), sobretudo pela passividade diante das palavras que as denigrem, causando impactos em suas imagens e produzindo mal-estar. Partindo do discurso proferido pela autora numa entrevista concedida em 1977, estamos às voltas com uma "inocência pisada" e uma "miséria anônima", que nos casos em questão todas as palavras difamatórias parecem ser suportadas e incorporadas no repertório que em alguma medida é "desculpado" por tais mulheres. Do ponto de vista de uma posição de passividade intensa diante do Outro, percebe-se que sua abnegação ao desejo se presentifica nos casos clínicos assistidos pelo grupo ELAS, cujos contextos envolvidos por agressividade não bastaram para que a posição dessas mulheres diante do Outro fosse de menos desamparo, apresentando convictas na posição de objeto de gozo do Outro, sem quaisquer questionamentos. Conforme apontado pelas críticas, a história de Macabéa narra "uma pobreza que não é pobre", mas lida com uma personagem passiva e impotente diante do Outro, entrando em conformidade com as mulheres atendidas pelo grupo ELAS, que se direcionam

a promessas feitas por seus parceiros amorosos, possibilitando engajamento em relacionamentos tóxicos.
Palavras-chave: estranho-feminino; relacionamentos tóxicos.

6) ADOLESCÊNCIA E FAMÍLIA: RELAÇÕES FAMILIARMENTE ESTRANHAS

Fabiane Beatriz dos Santos, Isabella Caetano Alves, Karine Aparecida Viana e Rogéria Araújo Gontijo Guimarães

Este trabalho tem por objetivo abordar o período da adolescência e seu processo de identificação, enfatizando as inquietudes e oscilações desta fase perante as novas configurações familiares. A adolescência é caracterizada por uma série de inseguranças e conflitos internos, em que o adolescente se despede de sua imagem infantil, mas ainda não é visto na posição de adulto perante a sociedade. A família neste período tem o papel fundamental na constituição do sujeito, influenciando a composição da personalidade, além do comportamento individual. No entanto, em nossa contemporaneidade, a configuração familiar se apresenta com uma diversidade de modelos que provocam um estranhamento entre o eu ideal e o ideal do eu. O adolescente, diante das exigências pulsionais, busca abdicar da onipotência infantil para construir um ideal próprio e, muitas vezes, o seu reconhecimento como sujeito de desejo é determinado pelo afastamento dos ideais paternos. Neste sentido, ele se posiciona como um estranho – familiar neste contexto, o que causa muitos conflitos e sintomas na família. Além disso, mediante as imposições da sociedade moderna, vivencia uma série de sentimentos, oscilando entre o afeto infantil vivido e o desejo de ser reconhecido pelo Outro. Buscaremos, portanto, destacar esses elementos à luz do estudo freudiano sobre esta hiância entre o familiar e o inquietante no adolescente.
Palavras-chave: adolescência; família; estranho.

7) O ESTRANHO NO CAPS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO RELATO DE UM AT

Geisilane Nogueira da Silva

O presente trabalho busca apresentar considerações sobre o que Freud chamou de *unheimlich*, traduzido como “o estranho”, no âmbito institucional.

É mostrado um fragmento de caso clínico de um usuário-funcionário do CAPS II de Itaúna (MG) que apresenta deficiência intelectual (F.71 conforme a CID 10) e que é atendido através de Acompanhamento Terapêutico. Tal prática iniciou-se em agosto de 2017, através de um projeto de extensão da UEMG Divinópolis intitulado "O acompanhamento terapêutico na rede de atenção psicossocial de Itaúna: ampliando as estratégias de inserção social, cidadania e protagonismo dos usuários". O acompanhamento terapêutico é uma prática clínica de território, realizada em diferentes espaços da cidade por onde o sujeito circula, sendo esse dinamismo o propiciador da dimensão terapêutica. Na construção desse caminho, surgiram questões relevantes sobre o lugar ocupado pelo sujeito acompanhado, não reconhecido como parte da equipe e negligenciado na assistência de saúde, no CAPS, sendo possível perceber o sentimento de estranhamento expresso em olhares e verbalizações direcionadas ao acompanhado e acompanhante. Entende-se o estranho como um sentimento que oculta algo que é familiar. Como aponta Freud, a insanidade causa um sentimento de estranhamento no espectador, pois ele tem vaga consciência da ação de forças ocultas em seu próprio ser.

Palavras-chave: acompanhamento terapêutico; estranho; território.

8) GRUPO DE ESTUDOS EM PSICANÁLISE – ITAÚNA (MG): DA ESTRANHEZA DO COLETIVO À POSSIBILIDADE DA INTERLOCUÇÃO

Carla Gomes Ferreira, Cezimara Karla Simões de Souza, Júlia Roberta de Oliveira Carvalho Caetano, Marcelo Gonçalves Campos e Ricardo Luiz Alves Pimenta

O presente trabalho discute a possibilidade de estudar a teoria e a prática psicanalítica por meio da modalidade grupo de estudos. Pretende-se narrar a experiência do Grupo de Estudos em Psicanálise (GEP), que acontece desde janeiro de 2013 na cidade de Itaúna (MG). Este traz em seu objetivo promover um espaço de interlocução da teoria e da prática psicanalítica. Estudar carrega o sinônimo de pesquisar, averiguar, instruir, compreender, dentre outros. Já a palavra grupo, na perspectiva freudiana, refere-se às características significativas capazes de realizar alterações psíquicas, emocionais e sociais no indivíduo, por meio da estranha força do coletivo. Quais as implicações ao se estudar em um grupo de orientação psicanalítica, no interior de

Minas Gerais? Quais os possíveis efeitos no singular do psicanalista e em seu fazer psicossocial? Não é de garantia que se trata. Sinaliza-se este espaço como sendo uma das possíveis saídas para sustentar a solidão da clínica psicanalítica por meio da interlocução com o coletivo. Este trabalho afirma a possibilidade de estudo em uma modalidade diferente da escola, instituição, associação, ou seja, em grupo; onde há produção e efeitos no interior do próprio grupo e de seu entorno. Constata-se, também, aprimoramento de temas específicos, implicações teórico-clínicas e consequências subjetivas. Afinal, Freud, em seu horizonte, advertiu sobre a importância do estudo permanente, caracterizando-o como uma das escoras do psicanalista.
Palavras-chave: grupo; estudo; psicanálise; Freud; Itaúna (MG).

9) SAÚDE MENTAL E POLÍTICAS PÚBLICAS: O SOFRIMENTO PSÍQUICO PREMATURO EM ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS

Giovana de Sousa Gaipo, Mireny Barbosa G. Fonseca e Cláudia A. de Oliveira Leite

O sofrimento psíquico prematuro de adolescentes traduz, implicitamente, um Estado doente e segregatório. Dessa maneira, podemos considerar que as vivências de inquietação na adolescência se associam e denunciam o caos das referências simbólicas vivido pela nossa sociedade. Cada vez mais, constatamos que os jovens são isolados e julgados por demonstrarem suas faltas. Suas condutas são prontamente diagnosticadas como transtornos (automutilação, tentativa de autoextermínio, TDAH e autismo). Entretanto, tais nomeações denunciam algo que deveria permanecer oculto e do qual os adolescentes, os estranhos, não se dão conta e revelam. Diagnósticos, medicalização, sintomatologia e capitalismo andam lado a lado para a produção de alienados. Nesse contexto social, o adolescente surge como um representante privilegiado do "Estranho" (*Unheimlich*), uma vez que o adoecimento psíquico na adolescência denuncia a precariedade das políticas públicas que não incluem esses jovens na rede de assistência em saúde mental. Partimos da hipótese de que o déficit de auxílio e escuta desses adolescentes favorece a "desordem social", uma vez que todo mal-estar em nossa cultura é considerado uma doença. Por essa perspectiva, buscamos o referencial psicanalítico, nesse presente estudo, para analisar os elementos por trás das atitudes massificadas dos adolescentes de

uma escola de uma cidade do interior de Minas Gerais, tensionando a visão do micro para o macro desse processo.
Palavras-chave: saúde mental; políticas públicas; adolescentes; psicanálise; estranho sofrimento psíquico.

10) O DISCURSO DE ÓDIO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018

Gizeli Cristina Alves Ricardo

Discursos políticos durante as eleições de 2018 trouxeram à tona um desejo até então reprimido de luta pela liberdade de alguns grupos. Nota-se uma mecha de descontentamento de algumas pessoas em relação a direitos e conquistas identitárias. O ódio se torna o principal afeto disseminado entre a mídia em relação às ideologias atuais. O mal-estar gerado por meio do ódio separa nações e promove disputas civis; a retórica do ódio impõe humilhações aos derrotados e ressentimento social. Objetivo: em decorrência da relevância de tal temática, pretende-se discutir sobre o discurso de ódio no Brasil, tendo-se como pano de fundo as eleições presidenciais de 2018, bem como a crescente onda pelo desejo ao retrocesso propagado por camadas da população em geral. Método: de forma a cumprir esse objetivo, emprega-se uma pesquisa bibliográfica complementada com dados midiáticos recentes. A Liberdade de Expressão sofre restrições importantes ao seu poder de autodeterminação, repudiando o discurso do ódio. Considerações finais: percebe-se que, diante da massificação da população, criam-se sujeitos incapazes de fazer julgamentos morais e, assim, aceitam ordens superiores sem maiores questionamentos. Eis a banalização do mal e os questionamentos sobre o que realmente se quer enquanto cidadão.
Palavras-chave: discurso de ódio; política; guerra civil; liberdade de expressão.

11) IMPASSES PARA UMA PRÁTICA ORIENTADA PELA PSICANÁLISE EM UMA INSTITUIÇÃO

Jacqueline Danielle Pereira e Daniela Dutra Viola

Este resumo decorre de uma experiência de estágio em equoterapia. A estagiária era orientada a partir da Psicanálise. Seu trabalho foi pautado na prática entre vários, que se refere a uma aplicação da Psicanálise

para muitos em contextos institucionais, especialmente aqueles que acolhem sofrimentos psicóticos, pois seu pilar é o esvaziamento do gozo do Outro para torná-lo menos invasivo. Há quatro sustentáculos preconizados para tal: desespecialização, formação, invenção e transmissão. Tendo-os em vista, organizam-se melhor os impasses ao desenvolvimento do trabalho vivenciados naquela instituição. Primeiramente, constatou-se, entre os profissionais, uma visão biológica acerca dos casos que eram atendidos baseada em um discurso psiquiátrico, além de uma atuação pedagógica, ao instruir alguns comportamentos às crianças. Essas condições se opunham aos eixos desespecialização, invenção e formação. Outra dificuldade era a falta de reuniões da equipe, impedindo diretamente a aplicação do eixo transmissão. Ademais, a desvalorização da figura do psicólogo como parte da equipe multiprofissional e o despreparo para oferecer a equoterapia eram empecilhos para além daqueles princípios, pois se esbarravam nos preceitos éticos de um trabalho da Psicologia orientado pela Psicanálise. Portanto, pretende-se aqui alertar estagiários e trabalhadores que virão e que tenham desejo pela Psicanálise e, ainda, ganhar abertura para essa orientação entre as instituições.
Palavras-chave: prática entre vários; instituição; psicanálise.

12) SILICONE, REPETIÇÃO E SUBVERSÃO: NOTAS SOBRE O CORPO COMO TEXTO NA PROSTITUIÇÃO DE MULHERES TRANS EM DIVINÓPOLIS

Jaqueline Cristina Azevedo Araújo, Josimeire Conceição Faria Gaipo, Matheus Augusto Pires de Sousa e Leonel Cardoso dos Santos

Este trabalho objetiva apresentar a discussão acerca da construção do corpo como um ato discursivo não finalizado que entrelaça política e desejo. Para tanto, partimos de uma etnografia realizada com travestis e mulheres trans que estão no trabalho da prostituição na cidade de Divinópolis (MG). Nos interessa discutir dois vetores de produção do corpo. O primeiro deles é marcado por uma necessidade constante de construção de uma corporalidade em direção a uma feminilidade heteronormativa já posta socialmente. Entra em curso uma reiteração de performatividades em busca de um feminino nunca finalizado, uma vez que as intervenções corporais nunca parecem ser suficientes. Nossa pergunta nesse instante passa a ser: como a psicanálise pode nos ajudar a compreender tal vetor de construção do corpo que se perfaz por

meio da repetição de um feminino que parece nunca se alcançar e por isso se está sempre em busca? Outro vetor que nos interessa discutir se origina na mesma construção do corpo anteriormente explicitada, porém em seu aspecto de produção, como apontam Giles Deleuze e Félix Guattari. O corpo como conexão de textos múltiplos com a potência de deslocamento do desejo e construção do gênero na cidade. A rua ou a "pista", para evocar um termo êmico, podem ser lidas como um evento de gênero que possibilita as intervenções corporais como forma de lidar com a demanda da transexualidade e seus efeitos no e com o corpo.

Palavras-chave: corpo; travestilidades; transexualidades; esquizoanálise, reiteração/subversão.

13) O ESTRANHO NA RUA: O DUPLO DOS CORPOS NÃO ENCARCERADOS

Jaqueline Duque Kreutzfeld Toledo,
Bruno Feital Barbosa Motta e Jefté Moraes Souza

Freud, em "O inquietante", diz da ambiguidade da palavra *heimlich*, a qual desenvolve seu significado até coincidir com seu oposto, *unheimlich*. Este não é apenas o não familiar, mas o que deveria ficar oculto, mas apareceu. O objetivo deste artigo é relacionar o conceito freudiano sobre *Unheimlich* com os corpos não encarcerados que insistem permanecer nos espaços urbanos. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica utilizando textos de orientação psicanalítica. O horror supostamente escondido, através dos corpos, não trata do que está no outro, mas o que o outro traz como imagem do horror. Imagem que cada qual não quer, ou não pode se deparar, e, num sentido ambíguo, o retira de diante dos olhos encarcerando. Se encarcero, não vejo, se não vejo, não existe, ou faz acreditar na inexistência. No entanto, essa inexistência opera numa espécie de suspensão que a qualquer hora faz retorno. Assim, busca-se perceber este retorno no Urbano, espaço de encontro com a imagem do horror num tipo específico de transgressão. Não se trata do transgressor no sentido jurídico, pois este sabemos nomeá-lo e tratá-lo. Trata-se aqui do pedinte, este corpo estranho, que precisa ser encarcerado para nosso conforto, mas que não nos autoriza a fazê-lo, permanece desafiando o "cidadão de bem" na sua alteridade.

Palavras-chave: psicanálise; corpos não encarcerados; *Unheimlich*.

14) INCIDÊNCIAS DO DISCURSO ANALÍTICO NO SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL

Karina de Araújo Ferreira, Luisa Mijolary Souza e Renata Viana Gomide

O presente trabalho foi elaborado a partir da experiência em estágio curricular obrigatório do curso de Psicologia desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II), localizado em uma cidade do interior de Minas Gerais. A partir disso, será relatada a construção de um caso clínico, baseado nos fundamentos teóricos do psicanalista italiano Carlos Viganó, referência internacional no tema, de uma mulher de 29 anos, que atenderá pelo nome fictício de Ana Laura e que apresenta sintomas relacionados à anorexia nervosa, abarcando uma concessão a um gozo mortífero, que bordeja a autodestruição. Será considerado um possível diagnóstico de melancolia associado a importantes sintomas alimentares. Esta experiência passou-se no período do segundo semestre de 2018, com visitas semanais ao CAPS. A possibilidade de realizar o estágio supervisionado na referida instituição, através do acompanhamento terapêutico com Ana Laura, possibilitou a aproximação desse mundo de "corpos frágeis" e muitas vezes amedrontados, em que o corpo mostra-se como palco em que são representadas as angústias sofridas que não haviam tido a oportunidade de serem expressadas.

Palavras-chave: caso clínico; anorexia; saúde mental; psicanálise.

15) POR QUE O PSÍQUICO HUMANO TENDE À SUA DESTRUIÇÃO? LUÍS DA SILVA NO ROMANCE *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS: UM ESTUDO DO CONCEITO FREUDIANO DO SENTIMENTO INCONSCIENTE DE CULPA

Leandro José Maria Silva

Luís da Silva é o protagonista da obra *Angústia*, de Graciliano Ramos. No romance, a sua condição de vida é extremamente pobre. Isso interfere em sua autoestima. Considera-se um homem bruto, ignorante, invisível e sem importância à sociedade; nas suas palavras, "um Luís da Silva qualquer". A jovem Marina, sua nova vizinha, aparece, e Luís apaixona-se por ela. Pede-a em casamento, começa a investir suas poucas economias para o enxoval, porém ela abandona-o e se enamora

por um burguês da cidade chamado Julião Tavares. Este engravida-a e depois a abandona. Luís, com seu orgulho ferido, vinga-se de Julião, enforcando-o em uma árvore. O que se passa logo depois é o sentimento de culpa por assassinar o seu oponente, por ter cometido o crime. Luís segue em estado de angústia, se autorrecriminando, com medo de, a qualquer momento, ser capturado pelas autoridades. Ele se isola e permanece assim até o seu definhamento. O propósito desta pesquisa é analisar psicologicamente a personagem Luís da Silva na obra em questão, explicitando o sentimento de culpa presente em sua psique, bem como analisar as nuances desse conceito que é tão recorrente na obra de Freud. Para justificar a culpabilidade em Freud, faremos um estudo da segunda tópica, mais propriamente o supereu, do assassinato do pai primevo pelos filhos em "Totem e tabu", do fenômeno dos criminosos que carregam o sentimento de culpa antes mesmo de cometer seus crimes e da análise do escritor russo Dostoiévski feita por Freud.

Palavras-chave: psicanálise; sentimento de culpa; angústia; Graciliano Ramos.

16) MANEJO DA TRANSFERÊNCIA E TRATAMENTO PSICANALÍTICO: A POSIÇÃO DO ANALISTA EM QUESTÃO

Luísa Aparecida Costa, Roberto Lopes Mendonça, Mateus Martins Ferreira, Carlos Eduardo Rodrigues, Daniela Paula do Couto e Mardem Leandro Silva

Este trabalho é fruto das atuais leituras do conceito de transferência proposto por Freud, tendo como textos principais "A dinâmica da transferência" (1912/1996) e "Observações sobre o amor transferencial" (1915[1914]/1996). Ambos os textos se encontram na série dos artigos sobre técnica, sendo o primeiro um artigo teórico e o segundo, mais técnico. A pesquisa tem como objetivo esmiuçar as ideias de Freud e realizar um estudo detalhado de seus textos, o que nos permite clarear conceitos e compreender de forma profunda e mais próxima o que Freud propunha. Toma-se como método a leitura comparada de diversas edições do texto freudiano, em vários idiomas, incluindo o original alemão. Tendo tais pontos como foco das leituras, busca-se construir uma base fundamentada acerca do manejo da transferência como manejo da posição do analista, um dos pontos centrais da pesquisa atual. No primeiro texto, mais teórico, temos a proposta da transferência

dividida em duas vertentes – positiva e negativa; e a primeira ainda dividida em outras duas – amistosa (ou afetuosa) e erótica. Somente a parte amistosa da transferência pode ser tomada pelo analista como móbil da análise. O segundo texto vem em auxílio, apresentando formas de lidar com a transferência enquanto resistência (demais formas que não a amistosa), e é neste ponto que sugerimos a leitura do manejo da transferência como manejo da posição do analista.
Palavras-chave: Freud; transferência; manejo; clínica.

17) A ESTRANHA FANTASIA DO OUTRO

Maria Isadora Cruz Fonseca, Mardem Leandro Silva e Elizabeth Fátima Teodoro

Ao reconhecer que a ficção seria condição de formulação da realidade de sua neurótica, Freud admite uma estranha noção de narrativa ao dizer que sua neurótica mente e, com isso, o psicanalista nos apresenta um conceito revolucionário de verdade. Trata-se do que Freud passa a denominar de "próton pseudos", de uma verdade comprometida com o desejo e, portanto, atramada às fantasias do sujeito. Entretanto, esta admissão não figura como obstrução de seu empreendimento teórico, já que permite modificar sua teoria do trauma e, com isso, reconhecer os elementos de ficção daquilo que de fato traumatizaria o sujeito. Nesse sentido, Freud nos apresenta a fantasia como o núcleo fundamental de nossa realidade psíquica como a mais íntima representação de nossos desejos recalcados. Mas como conciliar esta noção de fantasia com o fato estrutural de que esta operação psíquica implicaria em se alienar ao desejo do Outro? Como situar a resposta singular do sujeito com o fato estranho da outridade de seu desejo, ou seja, com o fato de que seu desejo admitiria ser descrito como o desejo do Outro? Pretendemos introduzir algumas respostas a estas questões à luz do texto freudiano "O estranho", do qual sustentamos uma articulação capaz de tornar admissível a extração de consequências da dimensão antitética de nossa posição desejante, por colocar em relevo o descompasso entre o familiar – núcleo irredutível da subjetividade do sujeito – e o estranho – a alteridade absoluta da estranha fantasia do Outro.
Palavras-chave: desejo; fantasia; Freud; neurótica; *Unheimliche*.

18) O MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Mônica de Aguiar Carvalho Destefani

Este trabalho aborda a ocorrência do "mal-estar docente na educação contemporânea". Tal abordagem se justifica devido ao fato de ser um assunto que vem suscitando inúmeras reflexões e estudos de diversas áreas, inclusive a da educação e da psicanálise, sendo que esse mal-estar do docente traz consigo desinteresse, apatia, desmotivação e seus sintomas psicossomáticos – angústia, fobias, crise de pânico. O objetivo é, a princípio, conhecer mais sobre as várias questões de queixas que o docente traz consigo, acometendo-o pelo mal-estar ao se deparar com os novos modelos de medição do conhecimento e de seus educandos. Queixas que também esbarram inclusive nas próprias questões do sujeito docente. O referencial teórico-conceitual usado se baseia na literatura psicanalítica de Freud, Marcelo Ricardo Pereira, Maria Cristina Machado Kupfer, dentre outros autores contemporâneos. A preocupação não tem sido somente a formação do docente como mediador do conhecimento, mas o de preparar para que ele esteja apto a ensinar lidando com situações adversas em sala de aula, as quais pode lhe trazer angústia, ansiedade, desmotivação, alunos desautorizando o professor, dentre várias questões que são derivadas do mal-estar social advindo pelo próprio declínio da função paterna e na qual o aluno é o sintoma da família. A relação com a castração é um sintoma que o aluno levará para a escola, e o professor irá se deparar com a necessidade de saber lidar. Assim, o docente se depara a todo o momento com a castração do seu aluno e com a sua, dentro do contexto escolar de sala de aula na qual terá vários momentos de trabalho redobrado. Neste contexto escolar contemporâneo, entende-se o quanto a máxima socrática do "conhece-te a ti mesmo" vem em auxílio do equilíbrio do professor. A análise desse estudo evidencia que o docente não está apto a receber esse aluno contemporâneo e adoece emocionalmente. Assim, temos um período no qual a histeria toma conta da maior parte do discurso dos nossos docentes. O professor da contemporaneidade, então, vem falando dos seus próprios medos e fracassos. Fala de si e de suas questões que esbarram nas de seus alunos. Está fracassando? Não! Apenas é importante olhar para as mudanças sociais. Os novos sintomas que vêm surgindo com o novo século. O docente sofre do mal-estar do encontro com o outro, que

traz consigo seus sintomas e sua cultura diversa. Estamos em um momento social no qual a família se encontra perdida do seu papel de formadora e a escola também quanto a ter o papel de transmitir o conhecimento ao aluno. E o que fazer? Repensar a formação do docente, na qual ele possa se haver com o seu papel de transmissor do conhecimento, estando emocionalmente preparado para se relacionar com seu aluno, com sua família? Como isso pode acontecer? Para esse fim, pedagogia e psicanálise podem caminhar juntas em prol do bem da educação.
Palavras-chave: mal-estar docente; apatia; desmotivação e seus sintomas psicossomáticos; angústia; fobias; crise de pânico; castração.

19) O REFUGIADO: UM ESTRANHO INCLASSIFICÁVEL

Naira Ludmila Gonçalves

O presente trabalho pretende, a partir da pesquisa bibliográfica, levantar uma reflexão sobre a atual condição dos refugiados sob a perspectiva paradoxal do *unheimlich*. Segundo o último relatório da ONU, em 2017, chegava a 6,8 milhões a população de refugiados no mundo. As estimativas oficiais indicam que a tendência é o crescimento desse número. Mas, por trás das estatísticas, estão ocultas histórias permeadas de violência explícita sofrida por aqueles que são forçados ao exílio. O indivíduo que é forçado a se tornar migrante, em sua estrangeiridade, é inclassificável: não é de lugar nenhum, não é cidadão nem é estrangeiro; está na fronteira entre o ser e o não-ser, pois quem ele era não existe mais. O termo *unheimlich* de Sigmund Freud destaca o estranho como ambivalentemente familiar, o que conduz à concepção psicanalítica da condição humana paradoxal do eu dividido, discordante, diferente de si mesmo, que se traduz no fato de que o objeto que é "estranhado" vive dentro de todos. Esse contexto de rejeição do "Outro" (o estranho) é evidenciado na seletividade da lei do exílio. O direito humano ao refúgio não é uma condição objetiva universal. Não há um consenso legal internacional, mas um posicionamento moral de quem o concede. Nesse sentido, retomaremos a experiência bem-sucedida da cidade italiana de Riace e articularemos a passagem do "outro" à estrageiridade, observando as considerações de Freud sobre o "Mal-estar na civilização".
Palavras-chave: refugiado; *Unheimlich*; violência; estranho; estrangeiridade.

20) O CONCEITO DE MASCULINO EM FREUD E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLHA DA NEUROSE

Rodrigo Martins e Magali Milene Silva

Este trabalho é parte da monografia apresentada ao programa de pós-graduação especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica da Universidade José do Rosário Vellano – Varginha (MG). Propõe investigar como o conceito de masculino é empregado no desenvolvimento da descrição etiológica das neuroses nos textos primeiros de Freud. Considera-se que essa pesquisa poderá contribuir para com reflexões acerca da constituição do sujeito que se situa do lado homem da partilha dos sexos. Os questionamentos iniciais foram: qual a concepção de masculino para Freud no passe em que elabora suas ideias sobre a causa das neuroses? O sexo do indivíduo determina ou lhe atribui prédisposição para uma ou outra neurose? Pode-se falar em neurose masculina? Assim, estão sendo analisadas publicações iniciais com o objetivo de identificar e esquematizar essa relação. O trabalho, ainda em andamento, pode localizar que a etiologia das neuroses é tema essencial nos primórdios e no decorrer da emergência da Psicanálise. Inicialmente, são divididas em dois grupos: neuroses atuais e neuropsicoses de defesa. Sobre o primeiro grupo, Freud estabelece uma etiologia distinta entre homens e mulheres, enquanto que o segundo, uma vez que são formas de defesa sobre representações incompatíveis relacionadas à vida sexual do sujeito, demonstra o masculino enquanto um posicionamento assumido durante uma experiência sexual, anterior à puberdade, de forma ativa, podendo ocorrer em ambos os sexos.
Palavras-chave: psicanálise freudiana; masculino; neuropsicoses de defesa; neuroses atuais.

21) A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DE FREUD A LACAN

Suzane Ramos Maritan, Janilton Gabriel de Souza e Roberto Lopes Mendonça

O presente trabalho constituiu uma revisão de literatura na qual se procurou abordar as relações do Complexo de Édipo com a castração e suas implicações no sentimento inquietante proposto por Freud (1919/2010). Nesse contexto, são apresentadas as teorizações de Freud

a respeito da sexualidade infantil e escolha objetal, assim como a leitura lacaniana dos três tempos do Édipo e do estádio de espelho. O Complexo de Édipo é um operador simbólico que ordena a diferença sexual através da articulação com o complexo de castração, sob a vertente da lógica fálica. Na teoria freudiana, vemos que o complexo de castração, momento em que ocorre a angústia devido à percepção da diferença sexual e da falta do pênis na mulher, traz à tona o retorno do recalcado e faz emergir o sentimento do inquietante, pois remonta a algo recalcado e há muito tempo conhecido. Em Lacan, temos o Complexo de Édipo dividido em três tempos: no primeiro a criança se identifica como aquela que é o objeto de desejo de sua mãe, ou seja, como sendo o falo, ficando presa nessa relação especular; no segundo, a criança se depara com a castração materna, desde que o pai se afirme em sua presença privadora, fazendo com que ela se questione entre ser ou não ser o falo; por fim, no terceiro tempo, muda-se da posição de ser o falo para a de ter, no qual o pai intervém com a metáfora paterna. Enfim, Freud e Lacan, com os seus trabalhos, demonstraram o caminho tortuoso da constituição de um sujeito desejante.

Palavras-chave: Complexo de Édipo; castração; constituição do sujeito.

22) DAS FRONTEIRAS DO DIVÃ: A POLÍTICA DA DIREÇÃO DO TRATAMENTO E A NOVA MODALIDADE DE ATENDIMENTO A DISTÂNCIA

Tatiane Regina Assis Sousa e Magali Milene da Silva

O presente trabalho tem por objetivo investigar implicações éticas e técnicas sobre o plano de fundo da Psicanálise, no que concerne à nova modalidade de atendimento a distância, liberada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em novembro de 2018. Atualmente, tendo em vista o amplo desenvolvimento tecnológico e seu instrumental crescentemente pragmático e imediatista, podemos nos questionar sobre o papel da clínica psicanalítica nesse contexto, isto é, sobre como a função de escuta inaugurada por Freud se faz necessária para as demandas que englobam a clínica hoje. Assim, buscaremos tecer o entrecruzamento entre a política da direção do tratamento proposta por Lacan e a concepção freudiana sobre a experiência psicanalítica do *Unheimlich*. Guiando-nos pela seguinte implicação: em que medida se pode considerar a modalidade de atendimento *on-line* um sintoma

de recuo diante do estranho na iminência da falta? Qual é o lugar que o ato analítico viabiliza nesse novo campo? Para tais construções, propomos percorrer alguns textos freudianos sobre a técnica, bem como o texto "A direção do tratamento e os princípios do seu poder" (1958/1998), de Jacques Lacan, tencionando discussões que integrem o eixo temático Clínica Psicanalítica: a direção do tratamento e a ética.
Palavras-chave: direção do tratamento; política; *Unheimlich*; atendimento a distância; atendimento *on-line*.

23) A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE-FILHO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA

Thais Aparecida Santos

O artigo tem como objetivo compreender como se constitui a relação mãe-filho na deficiência, na qual se articula o estranho e o familiar, pressupondo, ao mesmo tempo, algo tão familiar na condição de se tratar de um filho e algo tão estranho quanto ao descobrimento de alguma deficiência. Para tanto, é apresentada a interlocução entre o conceito "estranho familiar", elaborado por Freud em 1919, com o propósito de elucidar os desdobramentos decorrentes ao estranhamento da mãe diante de seu filho deficiente. Além disso, analisa-se como a nomeação da criança pelo significante deficiente pode inviabilizar a constituição de novos significantes que possam relativizar o significante criança deficiente e situá-la para além da deficiência num campo de possibilidades subjetivas.
Palavras-chave: relação mãe-filho; deficiência; constituição subjetiva.

24) UM ESTRANHO NO CRAS: A PSICANÁLISE ENTRE FRONTEIRAS

Thayane Bastos Moura Dias e Laura Resende Moreira

O tema do X Fórum Mineiro de Psicanálise nos convida a pensar sobre o desafio ético da implicação do sujeito do inconsciente nos espaços da cidade. Assim, nos deparamos com o conceito de *unheimliche*, que, em seu potencial teórico e, por que não político, pode ser explorado no campo do qual somos chamadas a falar. A noção do conceito diz de algo que é estranho e, paradoxalmente, nos é familiar. Algo que não foi ainda possível reconhecer como sendo próprio, o que nos remete a

algumas questões às voltas da instituição (FREUD, 1919/2010). Importante ressaltar aqui que essa reflexão é fruto de inquietações oriundas da prática nessa instituição, em interlocução com as pesquisas de mestrado das autoras, que tiveram como objetivo refletir sobre as possíveis contribuições da teoria psicanalítica para o campo das Políticas Públicas. Dessa forma, nossa reflexão é embasada fundamentalmente pela PNAS (suas diretrizes e objetivos), em consonância com uma abordagem profissional fundamentada nos conceitos psicanalíticos, principalmente de Freud e Lacan, no que tange à teoria do sujeito e da ética do desejo.
Palavras-chave: CRAS; Assistência Social; psicanálise.

25) O PAI EM FREUD: UMA VISITA AO CASO DO PEQUENO HANS

Vanessa Oliveira Silva Simoni e Magali Milene Silva

Atualmente, muito se tem dito sobre a falência da família contemporânea e, em especial, do pai em cumprir seu papel na transmissão. Mas a psicanálise nos autoriza a concordar com essas críticas? O que se transmite psiquicamente de pai para filho? Freud acessava esse pai através do discurso de seus pacientes, de forma que o pai que entra em análise é, antes de mais nada, o pai das fantasias inconscientes. Freud inventa a Psicanálise ao dar estatuto de realidade psíquica aos relatos de suas pacientes, e é como realidade psíquica que podemos escutar esse pai. Revisitando o caso do pequeno Hans, passando pelo "Totem e tabu" (1913/1973) e pelo Complexo de Édipo (1910/1996), é possível articularmos a função paterna em Psicanálise e como se opera a castração. Hans, uma criança que, passando pelo Complexo de Édipo, deseja se livrar do pai para dormir com a mãe. Um complexo que se fixou nas férias de verão, tendo o pai ausente, por diversas vezes, um desejo de não somente desfrutar da ausência do pai, mas de querer vê-lo morto. A espontaneidade do pequeno permitiu a Freud se aproximar das cenas sexuais que envolviam o Complexo de Édipo, o tema da fobia, as fantasias, o complexo de castração, o incesto. O pai entra na relação mãe-filho como o que intervém nesse incesto, como uma figura repressora, intervindo no incesto e o combatendo no plano da fantasia. No entanto, esse ideal de pai para Hans falha, pois esse pai é também castrado, um pai edípico, falha em interditar o incesto e castrar o pequeno, tendo como substituto o cavalo, um significante que funcionou como operador simbólico, permitindo a castração.

26) DOS (DES)CAMINHOS ENTRE AUTISMO E SUBJETIVIDADE À EXTIMIDADE DA SEXUALIDADE

Wericson Miguel Martins

É-nos estranho e angustiante estar diante de pessoas que parecem recusar o mundo humano e suas relações, algo que nos é tão íntimo e familiar. Angustiante, principalmente, porque não podemos ficar indiferentes a este quadro; visto que, "apesar de tudo", os acometidos por ele são humanos, assim como nós. O presente trabalho pretende propor reflexões acerca da clínica psicanalítica do autismo, do lugar do analista e dos descaminhos da subjetividade à extimidade da sexualidade. Extimidade que, em certo sentido, faz-nos lembrar do *Unheimliche* descrito por Freud em 1919; o qual nos permitirá situar este trabalho. Para tal, farei alguns recortes necessários quanto às proposições diagnósticas e medicamentosas (assim como suas implicações) que têm poder classificatório e decisório; sobre a direção do tratamento e a necessidade de escutar o inaudível, sobre as contribuições de psicanalistas que atuam na clínica do autismo e da proposta bullingeriana, quanto às representações corporais e aos aportes necessários para a interação do corpo com seu entorno, sobre a chegada da puberdade e, com ela, a sexualidade, vista de forma equivocada, soterrada por paradigmas e até mesmo negada, nos adolescentes que se encontram no Espectro do Transtorno Autista. Por fim, sobre a experiência clínica do Projeto Acompanhamento Pais-Crianças, do NEPE. Se somos seres de linguagem, a linguagem é o lugar onde existimos, onde somos. E é a partir desse lugar que se estranha.
Palavras-chave*:* autismo; estranho; inquietante; êxtimo; sujeito; diagnóstico; desenvolvimento; integração-sensorial; sexualidade; infância e adolescência; clínica psicanalítica; medicalização; patologização.

27) TRANSFERÊNCIA: UMA POSSIBILIDADE DE REINVENÇÃO DIANTE DA ESTRANHEZA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues, Lorena dos Reis Gonçalves e Ricardo Luiz Alves Pimenta

A transferência é um fenômeno universal e encontra-se nas diversas configurações e relações humanas, caracterizando-a como um dos

conceitos fundamentais que sustentam a teoria e a prática psicanalítica. Freud afirma que este fenômeno ocupa um lugar significativo no tratamento pela psicanálise, retratada na relação analista-analisante, o que faz da transferência uma das condições do tratamento. Por este motivo, o referente trabalho pretende abordar a ética da psicanálise, por meio do manejo da transferência na direção do tratamento. Freud, com assertividade, afirmou que, no percurso de uma análise, a transferência se coloca como uma possibilidade de reinvenção frente ao estranho familiar enquanto repetição do diferente que nos habita. Para tal, revisitaremos o conceito de transferência na clínica de Freud e de Lacan, utilizando também alguns comentadores contemporâneos para melhor compreensão desta pesquisa. Tal percurso se dará através das formulações de Freud sobre fenômeno da transferência, evidenciando a produção inconsciente a partir do conceito da repetição e realidade psíquica. Em seguida, faremos colocações a partir do ensino de Lacan sobre a função do analista e noção do sujeito de suposto saber, a fim de compreender como se dá o manejo da transferência e o lugar que ocupa o analista na análise, diante daquilo que é inquietante para o sujeito.
Palavras-chave: psicanálise; transferência; função do analista; contemporaneidade.

***

Este *e-book* foi composto na tipologia Adobe Text Pro, em corpos 9,5/10/11/12/16. A diagramação foi realizada em abril/maio de 2020, pela Assessoria de Comunicação da UEMG Unidade Divinópolis.